

de Santa Cruz
R185

BIBLIOTECA

DE LA UNIVERSIDAD DE VALLADOLID.

Estante n.º

Tabla

Número

185

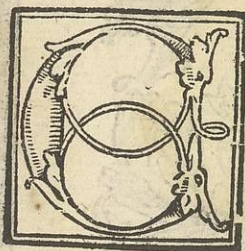


HO LIVRO PRIMEIRO

dos dez da historia do descobri-

mento & conquista da India pelos Portugueses. Agora emmedado & acrescentado. E nestes dez liuros se conté todas as milagrosas façanhas que os Portugueses fizeram em Ethiopia, Arabia, Persia, E nas Indias, dentro do Ganges & fora dele, & na China & nas Ilhas de Maluco, do tempo q̄ dom Vasco da Gama conde da Vidigueira & almirante do Mar Indico descobrio as Indias, ate a morte de dom Ioão de Castro que la foy gouernador & visorey. Em que se contem espaço de cinquenta annos,

Privilegio que ho muyto alto, & muyto poderoso Rey dō Ião ho terceiro deste nome deu a Fernão lopez de Castanheda pera os liuros da historia do descobrimento & conquista da India pelos Portugueses.



V el Rey faço saber a quãto este meu Aluaravirẽ q̃ Fernão lopez de castanheda, Bedel da faculda de das artes da vniuersidade de Coimbra me euiou dizer q̃ ele tinha feytos dez liuros da historia da India, q̃ começauão do descobrimẽto dela: dos q̃es tinha impressos à sua custa ho primeyro liuro, & queria imprimir os outros. E porq̃ auia mais de vinte annos q̃ andaua ocupado no fazer da dita historia: & tinha leuado nisso muyto trabalho, & feyto muyto gasto de sua fazenda me pe dia q̃ ouesse por bê, q̃ pessoa algũa não podesse imprimir os ditos liuros senão ele Fernão lopez, né os vender, né trazer de fora do reyno polo tempo, & sob as penas q̃ me bem pareceffe. E visto seu requerimento, & auẽdo respeyto ao trabalho q̃ tem leuado em fazer os ditos liuros, & a despeza q̃ nisso té feyta, me praz q̃ por tẽpo de dez annos q̃ se começarão da feytura deste em adiante, pessoa algũa de qualq̃r qualidade que seja, não possa imprimir, né mandar imprimir os ditos liuros da dita historia da India, né cada hũ deles: nem os possa trazer, nem mandar vir impressos de fora do reyno, se não ho dito Fernão lopez, ou quem seu poder pera isso teuer. Sob pena de qualquer impressor, ou liureiro, ou pessoas q̃ os ditos liuros ou cada hũ deles imprimir, ou vèder, ou teuer è sua casa, ou trouuer imprimidos de fora do reyno, perder os volumes q̃ lhe forem achados & pagar cincoenta cruzados, ametade pera os catiuos, & a outra metade pera quẽ os acusar. Este se imprimira no principio de cada hum dos ditos liuros. Pelo qual mãdo a todos os corregedores, iuyzes, & justiças, officiaes & pessoas de meu reynos & senhorios q̃ assi ho cõprão & goardem, & fação inteiramente cõprir & goardar, porq̃ a si ho ey por bê. E este me praz valha, & tenha força & vigor, como se fosse carta feyta è meu nome por mim assinada & passada por minha chãcelaria: posto q̃ este não seja passado pola minha chãcelaria, sem èbargo das ordenações do segũdo liuro, q̃ no contrairo dispõe. Ião de sey xas ho fez è Almerim, a quatorze dias de Junho de. M. D. L I I, Manuel da costa ho fez escreuer,

Prologo no primeiro liuro dos

dez da historia do descobrimento & conquista da India pelos Portugueses. Dirigido ao muyto alto & muyto poderoso Rey dō Ioão nosso Senhor deste nome ho terceiro Rey de Portugal & dos Algarues, da quem & dalem mar em Africa, senhor de Guiné, Da conquista, nauegação & comercio de Ethiopia, Persia, Arabia, & da India.

Per Fernão Lopez de Castanheda.



M grande obrigação sam os homês aos historiadores muito alto & muito poderoso Rey nosso Senhor, principalmente os princepes pera quem parece que é especial se fez a historia, cousa tão proueitosa pera a vida humana q̄ insina o q̄ façamos & do q̄ auemos de fugir, o q̄ conuê muito mais aos princepes q̄ aos outros homês, por q̄ qualq̄r homê priuado q̄ faça hũ erro não he nada pois não dana mais q̄ a si mesmo, & hũ princepe se ho faz dana a todos os q̄ tẽ debaixo de sua governaçã, por q̄ dela ser boa ou mã depẽde ho bem & mal de todos os de sua Republica. Pelo q̄ he muito necessario ser ho princepe mais virtuoso, mais sabedor & mais prudente que todos, & pera que aprenda estas cousas não tẽ melhor preceitor q̄ a historia, porque: que doutrina q̄ discricão q̄ prudẽcia ha pera boa governança da Republica assi na paz como na guerra que a historia não insine com experiẽcia de exemplos, que sam muito mais do que hũ homê pode ver em sua vida por mais comprida q̄ seja, & por isso todos esses princepes famosos assi Barbaros como Gregos & Latinos forão tão dados a ler historias. E por a historia ser tão necessaria aos princepes especial as de seus antecessores de q̄ muito melhor hão de tomar exemplo q̄ dos estrangeiros foy instituido q̄ nos reynos ouuesse cronistas que fiel & particularmente screuessem os feitos dos Reys assi na paz como na guerra & os costumes & qualidades que teuerão, pera que ficassem por regimẽto de seus subcesores que vissem no q̄ os auião de seguir & do que se auião de goardar, No q̄ eles se deuião ocupar algũas oras do dia pois tão importa a sua boa governança, & sem duuida q̄ isso abaustaua pera per si se conselharem melhor do que muitas vezes são conselhados, porque hi & nas historias acharão casos conformes aos em que se conselham, em que elas como pessoas desapassionadas dão mais verdadeiros conselhos que os conselheiros, que muitas vezes errão como humanos. Do que verdadeiramente se pode colegir que a historia he muyto mais proueitosa & necessaria pera os princepes que pera os homens priuados, & conhecendo eu estes seus proueitos, por servir a. V. Alteza tomey ho trabalho de fazer esta, do descobrimento & conquista da India que os Portugueses fizerão, assi por mandado do muito famoso & bem afortunado Rey dom Manuel vosso pay, como pelo de. V. A. & pera serem diuulgadas pelo mundo as notaveis façanhas que fizerão com ajuda de nosso Senhor neste descobrimento & conquista, de que não auia nhũa lembrança se não em quatro pessoas, com cuja morte se acabaria, & sendo scritas durarião pera sempre como as dos Gregos & Romãos que ho forão, a que estas dos Portugueses & ás dos Barbaros tem grande & conhecida auãrage, porque as suas cõquistas forão todas per terra, assi como a de Semiramis, de Ciro, de Xerxes do grande Alexãdre, de Julio Cesar & doutros Barbaros, Gregos & Latinos & indo eles cõ suas gentes. E a da India foy feita por mar & por vossos capicães, & cõ nauegação dũ anno & doito meses & de seis ao menos: & não avista de terra senão afastados trezentas & seiscentas leguas partindo do fim do Occidente & nauegando a

te ho do Oriente sem verem mais que agoa & ceo, rodeando toda a Sphera, coufa nun
ca cometida dos mortais, nem imaginada pera se fazer. Com imensos trabalhos de fo
me, de sede, de doenças & de perigos de morte, com a furia & impeto dos vêtos, & pas
sados estes se vem na India em outros despantofas & crueis bacalhas com a mais feroz
gente & mais sabedor na guerra & abastada das munições pela, q̄ outra nhã Dastia.
No que també inuictissimo Principe se conhece a muito grãde prosperidade del Rey
vosso pay & vossa, que sem vos bolir de vossas casas descobristes & conquistastes per
vossos capitães o que nhūs Principes poderão per si descobrir nem conquistar. E sin
tindo eu tamanha perda como fora perderse a memoria de feitos tão notaveis que os
Portugueses fizerão, & pelas mais rezões que digo me dispus a tamanho trabalho co
mo leuey é afazer, pera o que me ajudou muito ir à India, onde fuy cō Nuno da cunha
em companhia do licenciado Lopo Fernandez de Castanheda meu pay, que por man
dado de V. Alteza foy ho primeiro ouuidor da Cidade de Goa. Ea riqueza que lá tra
balhey por alcãçar, foy saber muyto particularmente o que ate aquele tempo fizerão
os Portugueses no descobrimento & conquista da India, & isto não de pessoas quaeis
quer, senão de Capitães & Fidalgos que ho tabião muyto bem por serem presentes nos
conselhos das cousas & na execução delas, & per cartas & summarios que examiney
coestas testemunhas. E assi vij oslugares em q̄ se fizerão as cousas que auia descreuer
peraque fossem mais certas: porq̄ muitos scritores fizerão grandes erros no que screue
rão por não saber em os lugares de que screuião. E não somente fiz esta diligência na In
dia, mas ainda despois em Portugal, por não achar nela quem me disesse tanta diuersi
dade de cousas & tão particularmente como queria saber. E alê de metodos affirmarẽ
cõ juramento o q̄ me disserão me derão licença pera os alegar por testemunhas. E estas
pessoas com que faley em Portugal andey buscado per diuersas partes, com muito tra
balho de minha pessoa & gasto disso pouco que tinha: no que gastey vinte años, que foy
ho melhor tempo de minha idade, & nele fuy tão perseguido da fortuna & fiquy tão
doete & pobre, que por não ter outro remedio com que me mantiuesse aceitei seruir hūs
officios na vniuersidade de Coimbra, onde no tempo que me ficaua desocupado do ser
uiço deles com assaz fadiga do corpo & do spirito acabey de compoer esta historia, que
reparti em dez liuros que offrego a V. Alteza, a que Deos nosso Senhor despois de muy
tos & prosperos annos ficando em seu lugar ho Principe nosso Senhor, leue do senhorio
da terra ao do ceo.

Ho primeiro liuro da historia do

descobrimto e conquista da India pelos Portugueses. Per mandado do inuictissimo Rey dom Manuel de Portugal de gloriosa memoria deste nome ho primeyro: em que se contem ho descobrimto da India per dom Vasco da Gama cõde da Vidigueira e almirante do mar Indico. E a guerra que fizeram os Portugueses a el rey de Calicut no tempo que forão capitães môres Francisco dalbuquerque e Duarte pacheco.

Feyto per Fernão lopez de Castanheda.

Capitolo .i. De como el Rey dom João de Portugal ho segundo deste nome mandou descobrir a India per mar e despois por terra.



Antes que a India fosse descuberta pelos Portugueses, a mayor parte da espiçaria, droga e pedraria dela se vazaua pelo mar roxo donde ya ter a cidade de Alexandria/ e ali a compra uão os Venezianos que a espalha uão pela Europa, de que ho reyno de Portugal auia seu quinhão, que os Venezianos leuauão a Lisboa em galés/ principalmente reynãdo nos reynos de Portugal el Rey dõ João ho segundo deste nome: que como fosse de muyto altos pensamẽtos/ e deseioso da crecentar seus senhorios e em nobrecelos a seruiço de nosso seõor/ determinou de proseguir ho descobrimto da costa dõ Guiné que seus antecessores tinhão começado: porque por aquela costa lhe parecia q̃ descobriria ho senhorio do Preste João das Indias de que tinha fama: pera que por ali podesse entrar na India, donde per seus capitães podesse mandar leuar a quelas riquezas q̃ os Venezianos lhe yão vender. E coesta determina

ção mandou nouamente continuar este descobrimto per mar / per hũ Bertolameu diaz que foy almoçari fe dos almazês de Lisboa/ que mãdou por capitão môr a este descobrimto/ em que descobrio aq̃le muyto grande e espantoso cabo dos antigos não conhecido: que agora se chama Cabo de boa Esperança/ e passou auante cento e corêta legoas ate ho rio do Infante/ e da hi se tornou pera Portugal sem achar nouas do Preste João nem da India: e naquela viagem pos em certos lugares algũs padrões q̃ leuaua com cruces e as armas reaes de Portugal. E ho derradeyro foy e hũ ilheo perto da terra firme quinze legoas atras desterio do Infante/ a q̃ pos nome ho ilheo da Cruz. E despois da partida deste Bertolameu diaz, como el Rey tinha muytos grãdes desejos de descobrir ho Preste João das Indias pera ho conhecer por amigo/ e por sua causa ter e trada na India/ determinou de ho mandar descobrir por terra: por onde ja tinha mandado hũ frey Antonio de Lisboa frade de sam Francisco e hũ

¶

leygo q̄ chegarão ate Jerusalê ⁊ da li setornarão por não saberê a ligoa Arabica. E pera este descobrimento da terra escolheo hũ criado seu que auia nome Alfonso de payua natural de Castelo branco ⁊ outro chamado Pero de couilhaã natural de hũa vila deste nome: ⁊ a este disse em segredo q̄ esperaua dele hũ grande seruiço / porq̄ sempre ho achara bõ seruidor ⁊ leal, ⁊ muyto ditoso nos seruiços q̄ lhe tínha feytos. E ho é q̄ queria q̄ ho seruisse, era irê ele ⁊ Alfonso de payua descobrir ⁊ saber do Preste João / ⁊ onde achauão a canela ⁊ a especiaria q̄ ya da India a Uenezza por terra de mouros: rogãdo lhe muyto q̄ lhe fizesse este seruiço / q̄ ele disse q̄ faria, ⁊ forão ambos despachados em Santarê aos sete dias de Mayo / de mil ⁊.ccc lxxvij. perante el Rey dõ Manuel q̄ então era duq̄ de Beja: ⁊ deu lhes el Rey hũa carta de marear q̄ fora tirada de hũ Apamundi, pera que possessem nela os lugares do senhorio do Preste, ⁊ assi o caminho por onde fossem. E pera sua despesa lhes deu el Rey quatro cêtos cruzados da arca das despesas da orta Dalmeirim: ⁊ tomãdo deles o q̄ podessê gastar / foy posto horesto no banco de Bertolameu florêtim, ⁊ assi lhes deu el Rey hũa carta de crêça pera serê socorridos em perigo ou necessidade quaesquer reynos q̄ se achassem, porq̄ em todos era el Rey conhecido. E partidos Pero de couilhaã ⁊ Alfonso de payua de Santarê chegarão a Barcelona e dia de corpo de Deos, dõde lhescãbarão ho cambo pera Napoles, ja q̄ chegarão

dia de sam João: ⁊ sendo lhes da do seu caminho pelos filhos dõ Como de medicis forão ter a Rhodes, em cuja religião não auia ainda mais de dous Portugueses / hũ chamado frey Gonçalo ⁊ outro frey Fernando com quẽ poustarão, ⁊ da hi passarão a Alexandria como mercadores, ⁊ dali se forão ao Cayro / ⁊ da hi em companhia de meuros de fey ⁊ de Tremecê em trajos de mouros forão ter ao lugar do Tozo ao pé de monte Sinay na costa Darabia no mar roxo: dõde per mar se forão a çuaquêna costa da bexia, ⁊ despois a Adê. E sabendo ja bê que aquelle rey Christão q̄ el Rey dõ João cuidaua q̄ era ho Preste João das Indias era senhor de Ethiopia, cõcertarão q̄ lhe leuasse Alfonso de payua hũa carta del Rey dõ João ⁊ se visse coele. E por ser a moução pera a India de q̄ sabião a verdade dõ esta ua, q̄ fosse lá Pero de couilhaã ⁊ q̄ a certo tempo se ajûtassem ambos no Cairo. E partidos cada hũ pera sua parte / Pero de couilhaã q̄ ya é hũa nao de mouros: foy ter a Cananor ⁊ dabi a Calicut / q̄ vio q̄ era naq̄le tempo a principal escala da costa da India / ⁊ dabi foy ver a ilha de Goa. ⁊ foy a çofala ⁊ á ilha que a goza chamão de sam Lourêço q̄ os mouros chamauão da lãua / ⁊ despois á Dormuz. E tornado ao Cairo achou noua q̄ Alfonso de payua era morto: ⁊ querêdose tornar pa Portugal cõ tão boas nouas como leuaua / soube como hi andauão em sua busca dous judeus Portugueses, hũ chamado Rabi habraão morador ê Beja, ⁊ outro Joseph morador

em Lamego e capateiro / q̄ esteuera em Babilonia e soubera nouas da ilha Dormuz / e do seu trato dōde fora ter a Portugal algũs dias depois da partida de Pero de couilhaã e Dafonso de payua. E cōtou isto a el Rey dom João, que logo ho tornou a mandar cō cartas a Pero de couilhaã, e coele Rabi habrã por seu companheiro: e dizia nelas que se Pero de couilhaã tinha visto e sabido tudo aquilo a q̄ ho mãdaua q̄ se tornasse a Portugal e q̄ lhe faria merce. E se não tinha tudo visto e sabido q̄ lhe escreuesse o que tinha feyto / e principalmente fosse ver ho Preste João. E alê desta carta requererão os dous judeus estreitamente a Pero de couilhaã da parte do Rey dō João q̄ fosse ver ho Preste João, e mostrasse Dormuz a Rabi habrã. E logo Pero dō couilhaã escreueo a el Rey tudo o q̄ tinha sabido do Preste / e dōde era seu señorio, e assi o q̄ virada India e Dormuz: e a carregaçõ q̄ se fazia e Calicut de especiaria / Droga e pedraria: e q̄ Calicut e Cananoz estauão e costa, e podia se nauegar pera lá pela sua costa e mar de Guiné, indo demandar çofala: dōde podião ir tomar a costa de Calicut. E mãdada esta carta per Joseph, partio se cō Rabi habrãõ pera Adê, donde foy a Dormuz, e bi ho deirou pera se ir a Portugal cō outra tal carta sua pera el Rey dō João como leuara Joseph. E determinãdo dir á corte do Preste João, foy ver a cidade dō Judá no estreito de Abeca: e Abeca, e Almédina e mōte Sinay. E embarcado no Toro foy ate a cidade de Zeila

na costa da Aleria: e dahi tomou seu caminbo pera a corte do Preste João, q̄ he como disse senhor da Ethiopia. E chegado á corte deu a carta del Rey dō João a Alexãdre q̄ então senhoreaua a Ethiopia / q̄ a recebeo cō muyto prazer por ser de rey Christão, e disse a Pero de couilhaã q̄ ho mandaria a sua terra cō muyta hõrra. E neste tẽpo morreu Alexãdre e reynou Mabu seu irmão que não quis dar licença a Pero de couilhaã pera se ir, nẽ menos seu filho Dauit q̄ despois reynou, em cujo tempo lá foy dō Rodrigo dō Lima por ebaixador, como direy no quinto liuro q̄ achou ainda Pero de couilhaã viuo de quẽ se tudo isto soube. E se el Rey dō João ouue as cartas q̄ lhe Pero de couilhaã mãdou pelos judeus eu ho não soube. E passados algũs meses despois da partida dō Pero de couilhaã, el Rey dom João falou cō hũ frade de terra do Preste q̄ lhe foy mandado de Roma, de quẽ se enformou largamente do señorio do Preste, e per ele lhe escreueo. E tambẽ quasi neste tẽpo chegou a Lisboa Bertolameu diaz do seu descobrimẽto: q̄ contou a el Rey ate dōde chegara e o q̄ vira. E determinando de proseguir este descobrimẽto / pera o q̄ ordenou de mandar fazer dous nauios: e a madeira de q̄ se anião dō fazer foy mãdada cortar per hũ João de Bragãça moço do mōte q̄ foy vedor desta obra / e foy leuada a Lisboa no anno de mil e ccccxxiiij. E querendo el Rey dom João mãdar fazer os nauios, sobreueolhe a morte no anno de mil e quinhẽtos e nouẽta e cinco a

vinte cinco Doutubro na vila Daluoz/ e succedeo lhe el Rey dom **A**nuel de gloriola memoria o primeyro deste nome: a que parece que a diuina prouidécia tinha escolhido pera este descobrimêto, com q̄ a fé catholica foy tão exalçada/ e a real casa de Portugal ganhou tâta fama e honrra.

Capit. ij. De como Vasco da gama com outros capitães foy descobrir a India.



Como quer que el Rey dō **A**nuel assi como succedeo nos reynos a el Rey dō João/ assi tâbêlhe succedeo nos desejos q̄ tinha de descobrir a India: logo aos dous annos de seu reynado entendeo no seu descobrimêto / pera q̄ lbe aproueitou muyto as instruções q̄ lhe fi carão del Rey dō João/ e seus regimêtos pera esta navegação: e mandou fazer dous nauios da madeira q̄ el Rey dō João mandara cortar. E hũ q̄ era de cêto e vîte toneladas ouue nome sam Gabriel: e outro de cento sam Rafael: e comprou pera ir coestes nauios hũa carauela de cincoenta toneladas a hũ piloto chamado Sirrio de q̄a carauela tomou ho nome. Estes tres nauios ania de mandar a este descobrimêto e cõ a capitania mór deles comereio hũ Paulo da gama causleyro de sua casa filho q̄ fora Desteuão da gama alcaey de mór da vila de Sinis no campo douriq̄jem q̄ tinha grande confiança por ele ser pera isso. Do q̄ se ele escusou por hũa doença que

tinha com q̄ não poderia sofrer os trabalhos de capitão mór. pedindo a el rey q̄ fizesse mercede daq̄le cargo a hũ seu irmão mais moço chamado Vasco da gama q̄ ho saberia muybêseruir / e q̄ ele iria tambêna armada por capitão pera o acõselhar e ajudar. Do q̄ el Rey foy contente por saber q̄ era assi, e que era Vasco da gama espremetado nas cousas do mar em q̄ tinha feyto muyto seruiço a el Rey dom João: e q̄ era homê de grandes spiritos: e muyto proprio pera dar fim a este descobrimêto / e assi lho disse quando lhe deu este cargo/ encomêdãdolhe muyto q̄ satisfizesse ao credito q̄ tinha nele, porq̄ se assi ho fizesse lbe faria por isso muyto grandes merces, que lbe logo começou de fazer de hũa comêda/ e de dinheiro pera o apercebimêto de sua viagê. E pera irem coele despachou tambê a Paulo da gama e a hũ Niculao coelho ambos criados del Rey e homês pera qual quer grande feyto. E poi quanto nos nauios da armada não podião ir mantimêtos q̄ abastassem a gête dela ate tres annos / cõprou el Rey hũa nao a hũ Ayres correa de Lisboa q̄ era de duzentos toneis/ pera q̄ fosse carregada de mantimêtos ate a agoada de sam Bras, e ali se despejaria e a queymarião. Despachado Vasco da gama em môte mór ho no uo onde el Rey estava / partiose cõ seus capitães pera Lisboa: õde feyta sua armada embarcouse a gente dela/ q̄ forão cento e corenta e oyto pessoas: e Restelo, q̄ sera hũa legoa de Lisboa/ hũ sabado oyto dias de Julho do anno de mil e ccccxxvij.

E ao embarcar sayrão todos e pro-
cissam de nossa senhora de Belê: que
he agora hũ mosteiro da ordẽ d' sam
Hieronimo: e hião em pelote e ci-
rios acesos nas mãos, e os frades
rezando: e ya coeles a mayor parte
da gête de Lisboa, e a mais dela cho-
raua com piedade dos q se yão em-
barcar crêdo q auirão todos de mor-
rer. Embarcados todos e Vasco
da gama cõ os outros capitães, lo-
go derão às velas e se partirão de
foz e fora. E Vasco da gama ya na
nao sam Gabriel: e leuaua por seu
piloto a hũ Pero Dalâquer q fora
piloto de Bertolameu diaz quando
foza descobrir horio do Ifante: e
Paulo da gama ya em sam Rafael,
e Miculao coelho na carauela ber-
rio: e hũ Gonçalo nunez criado de
Vasco da gama ya por capitão da
nao dos mantimêtos. E na sua cõ-
panhia ya Bertolameu diaz e hũa
carauela ate a ilha do cabo verde:
e dahi auia dir a mina. E Vasco da
gama mandou a todos q sendo caso
q se perdessem hũ dos outros que fi-
zesse seu caminho pera as ilhas do
cabo verde: e ali se ajuntarião. E se-
guindo sua viagẽ dali a oyto dias
ouue vista das Canarias. E indo
hũa noyte atraves do rio do ouro
foy de noyte a çarração tamanha e
a tormenta, q se perderão os nauios
hũs dos outros, e assi apartados
seguirão a rota das ilhas do cabo
verde per espaço de oyto dias. E se-
do ja jutos Paulo da gama, Micu-
lao coelho, Bertolameu diaz, e Gõ-
çalo nunez a hũa q̃rta feyza a tarde
toparão cõ Vasco da gama, e saluã-
do ho cõ muytos tiros d'arteiharia

e trôbetas lhe falarão. E ao outro
dia que forão, xxviij. de Fulho che-
garão todos a ilha de Santiago: e
surgirão na praya de santa Maria,
onde fizerão agoada em sete dias: e
forão cõcertadas as vergas dos na-
uios do dano q receberão na tormẽ-
ta passada: e hũa quinta feyza que
forão tres Agosto se partio Vas-
co da gama despedindose primeyro
dele Bertolameu diaz: q dali se foy
caminho da mina. E Vasco da ga-
ma seguiu por sua nauegação indo
caminho do cabo d'boa Esperança,
e cõ todas as naos de sua cõserua se
engolfou no mar, per õde nauegou
Agosto, Setembro, e Outubro cõ
muytas tormẽtas de vêtos, chuvas
e çarrações com q se todos virão e
assaz de perigo, vendo a morte dia-
te muytas vezes. E sendo ja tempo
de Vasco da gama ir demãdar a ter-
ra, ido na volta dela hũ sabado qua-
tro dias de Nouembro às noue ho-
ras foy vista, de q todos forão muy-
to ledos. E juntos os capitães sal-
uarão Vasco da gama vestidos to-
dos de festa: e os nauios embãdei-
rados: e chegarão bẽ: q̃to cõ terra
e porque a não conhecerão mãdou
Vasco da gama q tornassem a virar
na volta do mar: e forão nela ate a
terça feyza seguinte q virarão pera
terra ate q a virão: e forã ter a hũa
grande baya q por ter bõ pouso sur-
girão nela pera fazerẽ agoada, e po-
serã l'he nome a angra de santa Ele-
na. E segundo os nossos despois a-
charão, os homẽs q morauã no ser-
tão da q̃la angra: sam peq̃nos de cor-
po, e feos de rosto, de cooz baça, e
q̃ndo falauão parecia q saluçauão:

seus vestidos sam de peles dalimarias, feytos como capas francezas. Trazê por armas bûas varas dazã bujo tostadas, e nos cabos metidos bûs cornos dalimarias tostados, q̃ lhes seruê de ferros / e ferem coeles. Mantense esta gente de rayzes deruas / e de lobos marinhos, e baleas / de que aq̃la angra he muyto abastada / e assi de coruos marinhos e gaiuotas: e tambê comê gazelas / e rolas, e cotouias, e outras alimarias e aues que ha na terra em que tambê ha cães como os d' Portugal. Surta a armada mãdou Vasco da gama rodear a âgra pera ver se se metia nela algũ rio dagoa doce e achando que não mãdou Piculao coelho no seu batel ao longo da costa pera diante que ho fosse buscar, e achou hũ dali a quatro legoas a q̃ pos nome Santiago / e dele se proueo a frota dagoa. Ao outro dia sayo Vasco da gama em terra cõ os outros capitães e algũa gente pera ver que gente era a que moraua naquella terra / e se poderia saber quanto aueria dali ao cabo de boa Esperança / porq̃re ho não sabia que se não affirmaua ho piloto mór na certeza do q̃ seria / porque quando foy com Bertolameu diaz não ouue vista do cabo se não tornandose pera Portugal, e da ida fora de largo / e por isso nã conhecia a terra. E com tudo faziãse trinta legoas do cabo ao mais. Assi q̃ desembarcado Vasco da gama / e andando pela terra tomarão os nossos hũ homem dos seus moradores / que andaua apañhando mel aos pés das montas, õde ho as abelhas fazião sem mais

cortiços. E coele se tornou Vasco da gama muyto ledo ás naos cuidando que teria lingoa nele / mas não foy assi, que nenhũ dos lingoaes que leuaua ho pode entender / e mãdoulhe dar de comer, e comeo / e beo de tudo o que lhe derão. E vendo Vasco da gama que se não entendia, ao outro dia ho mandou poer em terra bem vestido / o que parece q̃ ele foy mostrar aos outros, por q̃ ao outro dia vierão obra de quinze onde estaua a nossa frota: e Vasco da gama lhes mostrou especiaria / ouro, e aliofar pera ver se teria aq̃la gente conhecimento dalgũa daquellas cousas. E na pouca conta que fizeram delas conheceo q̃ não tinhão nenhum / e etão lhes deu cascaueis, aneis de stanho / e ceitis: e coisto folgãrão muyto. E dali por diante ate ho sabado seguinte vinhão muytos onde estaua a nossa frota: e recolhêdose a gente da terra pera suas pouações, hũ dos nossos chamado Fernão veloso, que desejava muyto de ver a sua maneyra de vida pedio licença a Vasco da gama pera ir em sua companhia: que lhe deu mais por importunação que por vôtade. E indo Fernão veloso com eles tomarão hũ lobo marinho / que logo assarão ao pee de hũa serra / e ho ceirão todos. E segundo despois pareceo a gente da terra tinha ordenada treyção aos nossos, porque aq̃la com que Fernão veloso ceou, tanto que teue acabado de cear ho fez tornar pera a nossa frota q̃ estaua perto. E despois de partido forã a pos ele de vagar, e quando Fernão veloso chegou a borda dagoa estauão

os nossos ceado, e ouuindo ho Vasco da gama bradar / e vêdo a gente da terra que ho seguia / pareceolhe quelhe queria fazer mal, deixou de cear e cõ os d' sua nao se meteo logo ho batel e foyse a terra, e ho mesmo fizerã os outros capitães, e todos yão desarmados parecêdolhes que os negros não farião o que fizerão: e eles em aparecendo os nossos batéis deitarão a correr com grande grita, e assi sayrão outros que esta uão escondidos no mato. E em os nossos desembarcando derão sobrelles tirandolhes cõ suas azagayas: de maneyra que aos nossos lhe foy forçado tornarse a embarcar com muyta pressa, recolhendo todavia Fernã veloso. E vêdo os os negros embarcados tornaranse, mas Vasco da gama foy ferido e assi tres ho mês. E ainda que os nossos ali estiverão despois quatro dias não tornarão mais os negros: e por isso nã se pode Vasco da gama vigar õles.

Capit. iij. De como Vasco da gama dobrou ho cabo de boa Esperança, e do que lhe aconteceu ate passar ho rio do Ifante.



Eyta agoada e carnajem, partiose Vasco da gama hũa quinta feyza pela menbaã que forão dezaseys de Nouembro e fez seu caminho na volta do mar com sul susueste. E ao sabado a tarde ouue vista do cabo de boa Esperança / e por lhe ser ho vento contrayro que era susueste / e o cabo jaz nordeste sudueste tornou

a virar na volta do mar em quanto durou ho dia / e de noyte na volta da terra: e ho mesmo lhe aconteceu ate a quarta feyza seguinte q' forão vinte de Nouembro, em q' dobrou este cabo / indo ao longo da costa cõ vêto a popa / com muyto prazer de folias e tanger de trombetas em toda a frota, porque todos esperauão em nossosenhor de acharem o q' buscavão. E indo assi ao lôgo da terra vião andar nela muyto gado grosso e meudo, e todo muyto grande e gordo: e não parecião nenhũas pouoações, porque por esta terra não as ha ao longo do mar / se não metidas pelo sertão, e sam tudo casas d' terra e palhaças, e a gente he baça: e vestele como a da angra de sancta Elena / e assi falão e da mesma maneyra usam azagayas, e tem mais outras armas. A terra he muyto viçosa daruozedos e dagoas, e junto com este cabo da banda do sul se faz hũa angra muyto grande que entra pela terra bem seys legoas, e na bocatera bê outras tantas. Dobrado ho cabo de boa Esperança / logo ao domingo seguinte que foy dia d' santa Latherina chegou Vasco da gama a agoada de sam Bras / que he sessenta legoas auante do cabo. He hũa baya muyto grande a brigada de todos os ventos somete do norte: a gente he baça e cobrele com peles / peleção com azagayas de paos tostados / e cornos e ossos dalimarias por ferros e cõ pedras. Na terra ha muytos alifâtes e muy grandes / e assi boys que sam muyto mansos e gordos em estremo / e sam capados / e deles nã tẽ cornos.

A iij

Edos mais gordos se serue os negros pera andar neles, e trazênos albardados cõ albardas castelhanas de tabua e sobrelas hũs paos q̃ fazê feyção dādilhas e nelas adão. E aos q̃ querê resgatar metêlhe hũ pao desteua pelas vêtãs. Nesta angra está em mar tres tiros de bêsta hũ ilheo em q̃ ha muytos lobos marinhos / e deles sam tamanhos como vffos muyto grandes / e sam muyto temerosos e tê grandes dentes / e sam tão brauos q̃ se vão aos homens: e tê a peletã dura q̃ nenhũa lâça os pode passar por grãde força q̃ leue, e estes dã burros comolhões e os peq̃nos berrã como cabritos: e sam tâtos q̃ indo os nossos folgar hũ dia a este ilheo virã obra de tres mil âtre grãdes e peq̃nos. Ha tãbê hũas aues a q̃ chamão sotilicayros q̃ sam tamanhas como patos e não voão porq̃ não tê penas nas alas e azurrão como asnos. Surto Vasco da gama nesta angra, fez despejar a nao dos mantimêtos nas outras naos e mandouha queimar como leuaua por regimêto. E nisto e em outras cousas se vtene aqui treze dias. E logo a festa feyza seguite despois q̃ a armada chegou / estãdo os nossos nos nauios aparecerã obra de nouêta homens hũs ao lōgo da praya / outros pelos oyteiros. E vêdo os Vasco da gama se foy a terra cõ os outros capitães / e toda a gête ya armada / e os bateys com tiros dartebaria, porq̃ lhes nã acõtecesse como na angra de santa Elena: e chegados os bateis jũto cõ terra / lançaua Vasco da gama nela cascaueis, e os negros os tomayão / e

lhes yão tomar da mão outros q̃ lhes dauão: do q̃ se ele espantaua por saber d̃ Bertolameu diaz q̃ quando ali esteuera fugião dele. E vêdo a mansidão dos negros sayo em terra cõ os seus, e fez coeles resgate de barretes vermelhos por manilhas de marfim. E logo ao sabado vierão obra de duzentos negros antre homens e moços. que trouuerão doze boys e quatro carneyros: e como os nossos forão a terra começarão eles de tãger q̃tro frantas acordadas a q̃tro vezes da musica, q̃ pera negros cõcertauão bê: o q̃ ouuindo Vasco da gama, mādou tanger as trôbetas e bailaua cõ os nossos. E nesta festa e no resgate dos boys e carneyros se gastou aq̃le dia: e ho mesmo fizerão ao domingo em que veomuyto mais gête q̃ dantes / assi homens como molberes, e trouuerã muyto gado vacũ / e tẽdo resgatado hũ boy virão os nossos algũs negros peq̃nos q̃ estauão escondidos no mato e tinhã as armas a os grãdes, q̃ parecendo treição mādou Vasco da gama recolher os nossos e foyse a outro lugar mais seguro q̃ aq̃le / e os negros forão atela emparelhados coeles: e ali desembarcou Vasco da gama cõ os nossos q̃ yão armados. E os negros se começaram logo dajũtar como pera pelejar: o q̃ entêdendo Vasco da gama porq̃ lhes não q̃ria fazer mal se tornou a ebarcar, e por os espãtar lhes mādou tirar cõ dous berços, e eles fugirão tão desacordados q̃ deixarão as armas: despois disto mādou meter em terra hũ padrão cõ as armas de Portugal e hũa cruz, que

os negros tornarão a berribar está do ainda ali os nossos. Passados estes dias q̄ Vasco da gama aqui esteue / partiose caminho do rio do Iffante hũa festa feyza oytos dias de Dezembro, q̄ foy dia de M. S. da conceição. E indo por sua viagē dia de Santa Luzia lhe deu hũa grãde tormenta de vëto a popa com q̄ correo a frota todo o dia cõ os traq̄tes muyto baixos. E nesta rota se pdeo Miculao coelho da conferua / e na noyte seguinte se tornou a ajutar. Passada esta boziscada aos .xvi. de Dezembro / ouue Vasco da gama vista d̄ terra d̄ dese chamão os ilheos chãos / q̄ estão .lx. legoas da angra de Sam Braz / e cinco alem do ilheo da Cruz / d̄ Bertolameu diaz posho derradeyro padrão, e de leao rio do Iffante auia .xv. legoas / e a terra era muyto graciosa / e bẽ assombrada. e auia nela muyto gado, e de cada vez era melhor, e d̄ mais altos aruozedos, e yão os nossos tão perto dela q̄ tudo isto vião. E ao sabado passará a vista do ilheo da Cruz e por serẽ tanto auãte como ho rio do Iffante estueirão á corda a noyte seguinte, por q̄ ho nã escorressem. E ao domingo forão perlõgando a costa cõ vëto a popa ate oras de vespera / q̄ lhes saltou ho vëto ao leuãte q̄ era pelo olho / e por isso se fizerã na volta do mar, e andarã assi payrãdo hũa volta ao mar / outra a terra ate a terça feyza q̄ forão .xx. de dezembro, q̄ ao sol postolhes tornou ponete q̄ era a popa. E pa reconhecere a terra estueirão a q̄la noyte á corda / e ao outro dia ás dez horas chegarão ao ilheo da Cruz / q̄ era sessenta legoas a ré do q̄ se fazião, e disto fo

rão causa as grãdes corrétes q̄ alba. E neste mesmo dia tornou a frota a passar a mesma carreira q̄ tinha passada leuãdo muyto vëto a popa q̄ lhe durou tres ou q̄tro dias com q̄ rōpeo as corrétes q̄ auião grãde medo de não poderẽ passar e assi yã todos muyto alegres por passarem donde Bertolameu diaz tinha chegado, e Vasco da gama os esforçaua / dizêdo q̄ assi quereria Deos q̄ achassem a Índia.

Cap. iiii. De como Vasco da gama chegou a terra da boa gête, e despois foy ter ao rio dos bõs sinais.

Froseguinto por sua rota / achou dia de Natal q̄ tinha descuberto por costa setẽta legoas e leste, q̄ era ho rumo a q̄ leuaua em regimẽto q̄ a Índia jazia / e daqui andou tãto pelo mar se tomar terra q̄ lhes falecia a agoa pera beber, e faziãse de comer cõ agoa salgada. E sêdo ja a regra da agoa no mais q̄ a q̄rtilho por dia, hũa quinta feyza dez dias de Janeyro do ãno de mil ccccxcviii. foy nos bateis ao longo da terra pa auer vista dela. E adãdo assi virão muytos negros ãtre homens e molheres e todos de grãdes corpos q̄ andauã ao lõgo da praya. E vëdo Vasco da gama q̄ mostrauã ser gête mãsa mãdou sair eterra hũ dos nossos chamado Martim afonso q̄ sabia muytas ligoas de negros e coele outro homẽ / e forão ambos bem agasalbados da q̄la gête / e assi do senhor dela que ali andaua: a que Vasco da gama mandou hũa iaqueta, calças e carapucas vermelhas / e hũa manilha de cobre com que fol

gou muyto: e disse que daria da sua terra q̃nto Vasco da gama quisesse. Cõ cuja licença Bartim afonso por que entendia a lingoa/foya aq̃la noyte a pouoação deste senhor acompa nbando ho: e ele ya arrayado com a jaqueta, calças e carapuça: o que mostraua a muytos dos seus q̃ ho sayrão a receber e dadas batião as palmas por cortesia: e isto por tres ou quatro vezes. Assim andou pola pouoação de casa em casa mostrãdo aquelas peças cõ grande prazer, e por derradeyro mandou agasalhar os Portugueses muyto bem, e deu lhes hũa galinha pera cearem e papas de milho. E despois d' cea muytos do lugar os forão ver como a couisa noua. E ao outro dia mãdou com os Portugueses muytas galinhas a Vasco da gama, mãdãdo lhes dizer que ya mostrar as peças que lhe dera ao senhor daquela terra, cujo vassallo era. Aqui se detene Vasco da gama cinco dias: e a terra era muyto pouoada de gente/ e a mais dela molheres/ e os homẽs trazião arcos compridos/ e frechas/ e azaygayas com os ferros de ferro, e punhais com goarnições de stanbo e as bainhas de marfim, e nos braços e pernas manilhas de cobre, de que trazião pedaços de pedurados nos cabelos: pelo que parecia auer ali abastança de cobre e de stanbo. Prezava esta gente tanto ho pano de linbo que dauão por hũa camisa muyto cobre: e por esta gẽte ser muyto domestica com os Portugueses e lhes fazer agoada lhe foy posto no me a agoada da boa gente, e a hũ rio onde fez agoada ho rio do co

bre. E partiose daqui aos quinze de Janeiro, e nauegou ao longo da costa ate os vinte quatro que surgio na boca dũ rio muyto largo. E entrado neste rio pera saber nouas da Índia achou que de cada vez era mais cuberto de basto aruozedo. E indo assí, ex que apparecẽ certas almadias pelo rio abaixo carregadas de gente negra, e tudo homens de bõs corpos sem outra cobertura mais de hũs panos de algodão cingidos. E chegados aos nauios entrãdo nelles sã medo como q̃ conbecião os Portugueses, porẽ não falauão se não por acenos, por não entenderem nenhũ dos lingoas que Vasco da gama leuaua: que lhes fez bõ galbado, dandolhes calcaueis/manilhas e outras coufas com q̃ mostrauão folgar. E estes idos derão tão boa noua da conuersação dos Portugueses que ya muyta gente velos, assí por mar como por terra de que os nauios estauão perto. E auendo tres dias que estauão neste rio/ forão dous negros ver Vasco da gama, q̃ no aparato que leuauão parecião ser senhores: e os panos q̃ cingião erã mayores q̃ os dos outros e hũ dles leuaua na cabeça hũa touca cõ hũs vinos de seda, e o outro hũa carapuça de ceti verde. De q̃ Vasco da gama ficou muyto ledo vêdo q̃ aq̃les vsauão algũa policia/ e agasalhou os muyto bẽ, e mãdou lhes dar de comer/ e deulhes de vestir, e outras coufas: mas eles parecã q̃ não estimauão coufa algũa: e hũ pedaço q̃ esteuerão na capitaina. disse hũ dos negros q̃ yã coeles per acenos a Vasco da gama que

em sua terra / que era dali lóge vira
 nauos grandes como os nossos,
 com q̄ se acrecentou muyto ho pra-
 zer de Vasco da gama z de todos /
 parecendo-lhes q̄ se chegauão á In-
 dia: z muyto mais lho pareceo / por
 q̄ despois q̄ se estes dous senhores
 forão pera terra mandauão resga-
 tar á frota hūs panos dalgodão q̄
 tñhão hūas marcas dalmagra. E
 por estas nouas que Vasco da ga-
 ma achou neste rio lhe pos nome ho
 rio dos bõs sinaes: z mādou meter
 em terra hū padrãõ a q̄ pos nome
 sam Raphael, porque se chamaua assi
 ho nauio q̄ ho leuaua. E parecēdo-
 lhe a ele por todos estes sinaes que
 digo que ainda a India estaua dali
 longe / ouue por bem com conselho
 dos outros capitães que tirassem
 os nauios a monte, o que foy feyto
 em trinta z dous dias / z os concer-
 tarão muyto bẽ: z neste tempo pas-
 sarão os nossos assaz de trabalho
 com hūa doença que lhes sobreueo.
 (parece que do ar daquela região)
 que a muytos lhes inchauão as mã-
 os, z as pernas z os pees. E coisto
 lhes creciãõ tãto as gengiuas sobre
 os dentes que não podião comer z
 apodreciãlhe, de maneyra que não
 auia quem soportasse ho fedor da
 boca / z coestes males padeciãõ do-
 res muy grãdes / z morrerã algũs:
 o que pos a gente em grãde desma-
 yo. E em muyto mayor a posera se
 não fora por Paulo da gama q̄ era
 de tãõ boa condiçãõ que de noyte z
 de dia visitaua todos / z os consola-
 ua z curaua / z repartia coeles muy
 largamente dessas coufas de doen-
 tes que leuaua pera sua pessoa.

Capit. v. De como Vasco da ga-
 ma cõ toda a frota foy ter aa ilha
 de Moçambique.



Concertadas as naos de
 todo o necessario Vasco
 da gama tornou a seu des-
 cobrimẽto: z partio se hū
 sabado vinte q̄tro de Feuereyro, z a
 quele dia foy na volta do mar: z assi
 a noyte seguinte por se afastar da co-
 sta que toda era muy graciosa / z ao
 domingo a horas de vespera apare-
 cerão tres ilhas ao mar, z todas pe-
 quenas, z aueria õ hūa a outra qua-
 tro legoas z em duas auia grandes
 aruoredos / z a outra era calua: z
 Vasco da gama não quis que as to-
 massem, por não auer disso necessi-
 dade / z foy se na volta do mar, z co-
 mo foy noyte payrou, z assi ho fez
 seys dias. E hūa quinta feyr a tar-
 de que foy ho primeyro de Barço-
 vio quatro ilhas / duas perto da co-
 sta z duas ao mar / z por não ir de
 noyte dar nelas se fez na volta do
 mar, porque determinaua de ir por
 antrelas, como foy / mandando diã
 te Miculao coelho, por ser ho seu na-
 uio mais pequeno que os outros: z
 ido ele a sesta feyr a por dẽtro de hūa
 angra q̄ se fazia antre a terra z hūa
 das ilhas, errou ho canal / z achou
 baixo / o q̄ foy causa de virar atras
 pera os outros nauios que yãõ a-
 pos ele / z em virando vio que sayãõ
 daquela ilha sete ou oyto barcos á
 vela, z aueria deles ao nauio de Mi-
 culao coelho hūa grãde legoa: z os
 nossos que yãõ cõ Miculao coelho
 derão hūa grãde grita cõ prazer de
 ver aq̄les barcos, z forã saluar Vas-
 co da gama dizeõ Miculao coelho.

Que vos parece senhor ja esta he ou tra gente. E ele lhe respondeo muy to ledo, que se deixassem ir na volta do mar, pera que podessem aferrar aquela ilha donde sayrao os barcos, e que surgirão ali pera saberẽ que terra era / ou se acharião entre a quella gente nouas da India. E com tudo os barcos os seguirão sempre capeandolhes a gẽte deles q̃ os elpe rassem. E nisto surgio Vasco da gama com os outros capitães: e tãto que forão surtos chegarão os barcos a eles: e quãto mais se chegauã soauão neles atabales como q̃ hião de festa. A gente q̃ vinha dentro erã homẽs baços e de bõs corpos, vestidos de panos dalgodão listrados e de muytas cores / hũs cingidos ate bo giolho, e outros sobraçados como capas: e nas cabeças fotas cõ viuos de seda laurados de fio dourado, e trazião terçados mouriscos e adagas. Estes homẽs como chegarão aos nauios entrarã dẽtro muy seguramẽte como q̃ conhecerão os Portugueses / e assi cõuerlarão logo coeles, e falauão arauia: no q̃ se conheceo q̃ erão mouros. Vasco da gama lhes mandou logo dar de comer: e eles comerão e beberã: e perguntados per hũ fernão martinz q̃ sabia arauia / que terra era aq̃la: disserão que era hũa ilha do senhorio dũ grãdery q̃ estava a diãte: e chamauase a ilha Moçãbique / pouada de mercadores q̃ tratauão com mouros da India, que lhe trazião prata / panos / crãuo, pimenta / gengibre, aneys de prata, com muytas perlas, aliofar / e rubis. E q̃ doutra terra q̃ ficaua a tras lhe trazião ou

ro: e q̃ se ele quisesse entrar pera dentro do porto q̃ eles ho meterião, e lá veria mais largamente o q̃ lhe dezião. Ouuido isto por Vasco da gama / ouue conselho cõ os outros capitães q̃ seria bõ que entrassem: assi pera ver se era verdade o q̃ aqueles mouros dizião / como pera tomarẽ pilotos q̃ os guiassem dali por diante / pois os não tinhão: e q̃ Miculao coelho fosse sondar a barra: e assi se fez. E indo ele pera êtrar foy dar na ponta da ilha, e quebrou ho leme: e quis nosso seõhor q̃ assi como deu na ponta, assi tornou a sair pera o alto e não perigou: e achando que a bar era boa pa entrar foy surgir dous tiros de besta da pouoação da ilha: que como digo se chama Moçãbiq̃ e esta em quinze graos da banda do sul, e tem muy bõ porto: e he abastada dos mantimẽtos da terra. A pouoação he de casas palhaças / pouada de mouros, que tratauã dali pera çofala em grandes naos / e sem cuberta nẽ pregadura, cosidas cõ cayro: e as velas erão desteiras dõ palma: e algũas trazião agulhas genuiscas, por que se região por quadrates e cartas de marear. Coestes mouros vinhão tratar mouros da India e do mar roxo, por amor do ouro q̃ ali achauão. E quando eles virão os nossos cuydarão que erão turcos por a noticia que tinhão de Turquia pelos mouros do mar roxo: e aqueles que forão primeiro a nossa frota ho forão dizer ao coltão, que assi chamauão ao gouernador do lugar, que ho gouernaua por elrey de Quiloa / de cujo senhorio era esta ilha.

Capitolo. vi. De como ho çoltão de Moçambique fez pazcõ Vasco da gama cuydando que fosse Turco.

Sabido pelo çoltã a vida dos nossos: e como Miculao coelho estava surto no porto/ crêdo q̄ fossem turcos ou mouros doutra parte/ ho foy logo ver ao nauio acõpanhado de muyta gente / e ele atauiado de panos de seda. E Miculao coelho ho recebeo cõ grãde hõrra: e como não auia lingua por cujo meo se podessem falar/ não fez ho çoltão muyta detençã no nauio. Porẽ bem entrêdeo Miculao coelho que cuydaua ele q̄ os nossos erão mouros, e deu lhe hũ capuz vermelho de q̄ ho çoltão não fez muyta cõta / e ele deu a Miculao coelho hũas cõtas pretas q̄ leuaua na mão: e isto por seguro. E quando se ouue de ir pediõlhe ho seu batel pera ir nele: e ele lho deu/ e mandou coele algũs dos nossos q̄ ho çoltão leuou a sua casa, e os cõuidou cõ tamaras e outras cousas/ e mãdou a Miculao coelho hũa jarra de tamaras em conserua/ com q̄ depois cõuidou Vasco da gama, e seu irmão, a que ho çoltão mãdou logo visitar crêdo q̄ fossem turcos/ e lhe mandou muyto refresco/ e pedir licẽça pera ho ir ver. E Vasco da gama lhe mandou hũ presente de chapéos, marlotas vermelhas / coraays/ bacias de latão, cascaneis e outras cousas muytas, q̄ segũdo disse o quelhas leuou não teue em conta dizêdo/ que para q̄ era aquilo boõ, que porq̄ lhe não mandaua ezcarlata/ que isso era o q̄ queria. E cõ tudo

foy ver Vasco da gama, que sabêdo que ele auia de ir/ mandou embãdeirar e toldar a frota e escõder os doentes q̄ leuaua, e passar á sua nao todos os sãos: e todos armados secretamẽte pera estarẽ prestes se os mouros quisessem fazer algũa treição. E estãdo assi chegou ho çoltão acõpanhado de muyta gente e toda hẽ atauuada de panos de seda: e tangiãlhe muytas trõbetas de marfim e assi outros instrumẽtos. Ele era homẽ de bõ corpo e magro/ leuaua vestida hũa cabaya de pano dalgodão branco, que he hũa roupa apertada no corpo: e cõprida ate ho artelho: e em cima desta outra õ veludo de Beca: e na cabeça hũa fota de seda de veludo õ muytas cores e douro/ e cingido hũ terçado rico e hũa adaga: e nos pes hũas alparcas de seda. Vasco da gama ho recebeo ao portalo da nao/ e dali ho leuou para tolda: onde se lhe desculpou de lhe não mandar ezcarlata/ porq̄ a não trazia: se não cousas q̄ desse por mãtimentos quando deles teuisse necessidade. E disse lhe q̄ ya descobrir a India por mandado de hũ grãde rey/ cujo vassalo era. E isto lhe dezia pelo lingua Fernão martin: e a pos isto lhe mandou dar muy bẽ de comer dessas conseruas q̄ leuaua: e do vinho: e ele comeo e bebeo de boa võtade: e assi os q̄ hião coele/ q̄ todos forão cõuidados: e mostrauão grãde amor aos nossos. Ho çoltão preguntou a Vasco da gama se vinha de Turquia/ porq̄ ouuira dizer q̄ erão brãcos assi como os nossos/ e dizialhe que lhe mostrasse os arcos de sua terra/ e os liuros

de sua ley. El lhe disse q̄ não era de Turquia se não dū grande reyno q̄ confinava coela: z q̄ os seus arcos z armas lhe mostraria, z os liuros de sua ley não os trazia / porq̄ no mar não tinbão necessidade deles, z mostroulhe algũas bêstas com q̄ mandou tirar. De q̄ ho çoltão ficou espãtado, z assi dalgũas couraças q̄ lhe forão mostradas. E nesta vista soube Gasco da gama q̄ dali a Calicut auia nouecêtas legoas, z q̄ lhe era necessario piloto da terra: porq̄ auia dachar muytos baixos / z q̄ ao lōgo da costa auia muytas cidades. E mais soube q̄ ho Preste João estava dali lōge pelo sertão: z sabêdo q̄ tinha necessidade de piloto pediu ao çoltão q̄ lhe desse dous / porq̄ se hū morresse ficasse outro: z ele lhos prometeo / cō condiçãõ q̄ os contẽtasse. E outra vez q̄ ho çoltão ho tornou a ver lhe leuou os dous pilotos q̄ lhe prometeo, z ele deu a cada hū trinta miticaes, q̄ he hū peso doutro q̄ na terra serue por moeda, z pesa vinte hū vintês: z marlotas. E isto cō condiçãõ q̄ daq̄lle dia por dia te auião de star coele na nao / z quando quisessem ir a terra sempre ficasse hū na nao / porq̄ auia aida d̄ fazer algũa detençãõ naquele porto.

Capit. viij. De como o çoltão de Moçambique quis fazer treição a Gasco da gama: z do que succedeo sobrisso.



Eyto este concerto: auendo muyta comunicação antre os nossos z os mouros vierão eles a enten-

der que os nossos erãõ Christãos / pelo qual toda a amizade que tinbão coeles se lhe tornou em odio z desejo de os matarem / z de lhes tomarem as naos. E isto concertaua ho çoltão de fazer / o q̄ quis nosso senhor que hum dos pilotos mouros descobriu a Gasco da gama sendo ho outro em terra. E sabendo ele isto / z receandose q̄ ho possessem os mouros em afronta por serẽ muytos z eleter pouca gẽte, não se quis mais deter / z partiose logo hū sabado dez de Março / auêdo se tedias que chegara. E partido foy surgir cō toda a frota junto cō hūa ilha q̄ estava em mar hūa legoa da de Moçambique. E isto pera q̄ ao domingo se dissesse missa em terra, z se confessassem z comūgassem os nossos / porq̄ despois q̄ partirã de Lisboa nũca o mais fizerão. E despois desurta a frota / vêdo Gasco da gama q̄ a tinha segura delha não quei marẽ os mouros / q̄ era o q̄ tambem receaua: determinou de tornar a Moçambique nos bateys a pedir ho piloto mouro q̄ lhe ficaua em terra: z deixando na frota seu irmão com recado pera lhe acodir se disso teuel se necessidade, partiose leuãdo Nicolao coelho no seu batel / z leuaua tambẽ ho outro piloto mouro. E indo assi vio vir cõtreleseys barcos com muytos mouros armados d'arcos, frechas muyto cõpidas, z escudos z lâças / q̄ como virãõ os nossos comẽçarão de lhes capear q̄ se tornassem pera ho porto da vila. E ho piloto mouro dizia a Gasco da gama q̄ querião dizer os acenos q̄ os mouros fazião / z conselbaua lhe q̄ se tor-

nasse: porq̃ doutra maneyra nã lhe auia ho çoltão de dar ho piloto que ficaua e terra: do q̃ ele ouue grande menêcoria, parecêdo lhe q̃ ho piloto lhe acôselhaua aquilo pa lhe fugir / e porisso ho mandou logo prêder: e mādou tirar cõ as bõbardas q̃ hião nos bateis aos daa barcas. E ouuido Paulo da gama as bõbardas na frota / cuydãdo q̃ fosse outra cousa acodio logo no nauio berrio em q̃ se fez á vela: e vêdo os mouros vir / como ja dâtes fugião fugirão muyto mais / e acolherãse a terra: e não os podêdo Vasco da gama alcãçar tornouse cõ seu irmão onde as naos estauão furtas: e ao outro dia sayo cõ a gête em terra e ouuiu missa: e to dos comulgarão cõ muyta deuacã estãdo cõfessados da noite passada. E feito isto se embarcarão e partirã no mesmo dia: porq̃ Vasco da gama desesperou de poder auer ho piloto q̃ lhe ficaua em Moçãbique / e mandou soltar o outro q̃ leuaua, q̃ parece q̃ por se vingar dele, determinou de ho leuar á ilha de Quiloa q̃ era d mouros / e dizer ao rey dela como a quella frota era de christãos / pera q̃ os matasse todos: e disse a Vasco da gama q̃ se não agastasse por ho outro piloto porq̃ ele ho leuaria a hũa grãde ilha q̃ estaua dali cẽ legoas, q̃ era pouuada a metade de mouros a metade d christãos, q̃ tinhão guerra hũs cõ outros, e q̃ ali tomariã pilotos q̃ ho leuassem a Calecut: e ele lhe prometeo grãdes merces se ho leuasse onde dizia. E seguido por sua viagẽ cõ vêto muyto escasso á terça feira seguinte q̃ forã treze de março a vista de terra vinte legoas donde

partira lhe deu calmaria, q̃ durou a terça e q̃rta feira. E na noite seguinte cõ vento leuante e pouco se fez na volta do mar: e q̃ndo veio á quinta feira pola menhaã achouse cõ toda frota a ré de Moçãbiq̃ quatro legoas: e aq̃le dia adou ate a tarde q̃ foy surgir iũto da ilha onde ouuira missa ho domingo passado: e por lhe ser ho tẽpo por dauãte pera sua nauegação esteue ali esperãdo por vento oytto dias / e neles veio ter á frota hũ mouro branco q̃ era caciz dos mouros, q̃ em nossa lingoa quer dizer clérigo, e disse a Vasco da gama q̃ ho çoltão estaua muyto arrepedido da paz q̃ quebrara coele, e q̃ tornaria de muyto boa vôtade a confirmala e ser seu amigo. E ele lhe mādou dizer q̃ não faria paz coele, nẽ seria seu amigo ate lhenã tornar ho piloto q̃ lhe tinha: e coesta reposta se foy ho Caciz e nũca mais tornou. E depois de ido este Caciz veio hũ mouro q̃ trazia consigo hũ menino seu filho, e disse a Vasco da gama q̃ se ho quisesse leuar na frota q̃ iria coele ate a cidade d Belinde q̃ auia da char na q̃lla rota q̃ leuaua, porq̃ ele se queria tornar pera sua terra q̃ era iũto de Beça dõde vier por piloto e hũa nao a Moçãbiq̃ / e disse lhe q̃ não esperasse reposta do çoltão / q̃ nã auia d fazer paz coele / porq̃ era christão. E Vasco da gama folgou muyto coeste mouro: porq̃ ho eornasse do estreito do mar roxo / e assi dos lugares q̃ auia pola costa por õde aua de nauegar ate Belinde: e mādou ho agasalhar na sua nao. E por quanto o tẽpo tardaua pa fazer viagẽ, e a agoa da frota faltaua determinou

com os outros capitães dētrar no porto de Moçambique pera fazer agoada / e que estaria com grande vigia, porque lhe não possessem os mouros ho fogo á frota. Isto determinado entrarão no porto a hũa quinta feyza / e como foy noyte forão os bateys lançados fora pera ir em por agoa / que ho piloto mouro de Moçambique disse q̄ estava na terra firme / e que ele a iria mostrar: e por isso Vasco da gama ho leuou, e partio aa mea noyte indo coele Niculao coelho, e Paulo da gama ficou na frota. E chegado onde ho piloto dizia que estava a agoa nunca a pode achar: porque ho piloto como andaua mais pera ver se podia fugir q̄ pera mostrar a agoa, enleou se de maneyra que nunca pode dar coela. (du não quis) em todo aquele espaço que estava por passar da noyte. E vinda a manhaã vendo Vasco da gama q̄ nã achaua agoa / não quis mais esperar porque leuaua pouca gente / e temeose q̄ dessem os mouros sobrele, e quis se ir reforçar de mais gente á frota pera poder pelejar com os inimigos selhe quisessem defender a agoa / porque fez cõta que melhora acharia de dia que de noyte. E tornando se a reforçar á frota, tornou coele Niculao coelho a fazer agoada: e levando tã bem ho piloto mouro, que vendo q̄ não podia fugir, mostrou logo ho lugar onde estava a agoa / que era junto da praya: na qual andauão obra de vinte mouros escaramuçando a pé com azagayas, e fazēdo mostra de quererem defender a agoa: e Vasco da gama lhes mandou tirar tres

bombardadas pera darem lugar que os nossos podessem saltar fora. Espantados os mouros das bombardas se embrenharão logo no mato, e os nossos fizerão agoada pacificamēte / e q̄si sol posto se recolherã a frota, õde acharão q̄ fugira pera os mouros hũ negro de João de Coimbra piloto de Paulo da gama. E ao sabado que forão vinte quatro de Março, vespera da Anunciação de nossa senhora, logo pela manhaã appareceo hũ mouro em terra bem defronte da frota: e disse em voz alta / que se os nossos quisessem agoa que fossem por ela: e isto com hũ som que estava lá quem os faria tornar. E com a menencoria q̄ Vasco da gama ouue deste desprezo selhe acrecentou a que tinha da fugida do negro do piloto: de maneyra que determinou de esbõbardear a pouoação dos mouros por vingança. E dizendo ho a seus capitães se embarcarão todos nos bateys armados / e coessa gente q̄ tinham forão cõtra a pouoação / õde os mouros ao longo da praya tinham feyta hũa paliçada de tauoado tam basto que se não podião ver os que esteuellem detras dela: e por fora desta paliçada antrela e ho mar andauão obra de cem mouros armados de escudos, agomias, azagayas / arcos, frechas / e fundas. E sendo os nossos bateys a tiro de funda lhe começaram de tirar ás pedradas: e os nossos lhe responderão logo com muytas bombardadas / com cujo medo os inimigos deixarão a praya / e se recolherão pera dentro da paliçada que com as bombardadas foy

toda deffeyta/ fugindo os inimigos pera a pouoação, de q ficarão dous mortos na praya. Deffeyta a paliçada z despejada, Vasco da gama se tornou com os seus, z por ver q os mouros fugião daquela pouoação com medo que auião dos nossos z seyão por mar pera outra que estaua da outra banda, z depois de jãtar se foy nos bateys com seus capitães pera ver se podia tomar algũs mouros, cuydando que tomando os aueria por eles ho negro do piloto, z assi dous Indios que lhe disse ho piloto mouro que estaua catiuos em Moçambique. E nesta ida só Paulo da gama tomou quatro mouros em búa almadia/ z posto que muytas leuauão outros muytos/ vararão em terra/ z fugirão, sem os nossos os poderem tomar, z nas almadias acharão muytos panos finos dalgodão z liuros do alcorão de Afamede. E com quanto andou aquele dia ao longo da pouoação/ nunca pode auer fala de nenbũ mouro/ z não ouso de sayr em terra porque tinha pouca gente. E determinando ja dese partir sem ho negro nem os Indios, ao outro dia fez agoada sã lba ninguẽ contrariar, z a segũda feyza seguinte tornou a esbombardear a pouoação dos mouros z destruyoha de maneyra que eles se recolherão por dentro da ilha. E a terça feyza vinte z sete de Março se partio do porto de Moçambique/ z foy surgir junto dos ilheos desam Jorge, que assi lhe pos nome qndo ali chegou, onde ainda se detene por lhe ser bo vento contrairo pera sua viagem/

z depois de partido por ser ho vento fraco z as correntes serem grandes tornou atras.

Capit. viif. De como Vasco da gama se partio de Moçabiq, z ho nauio sam Rafael deu eos baixos / q agora tẽ ho mesmo nome.



Prosseguindo sua viagem muyto ledo/ porque achara que bũ dos quatro mouros q Paulo da gama tomara era piloto q no iaberia levar a Calicut/ bũ domingo primeyro Dabril foy ter a hũas ilhas que estauão bẽ junto da costa/ z a primeyra foy posto nome a ilha do açoutado. E a causa foy porque foy nela açoutado ho piloto mouro de Moçambique por dizer q aquelas ilhas erão terra firme. z como ja Vasco da gama ya inchado dele de quando lhe não quilera mostrar a agoada de Moçambique/ como ho acolheo na mẽ tira das ilhas / parecendo lhe que o leuaua ali pera se perderẽ as naos antrelas, mandou ho açoutar muy cruamente/ z ho mouro confessou q pera se pder ho leuaua. E as ilhas erão tantas z tão juntas que se não podião estreimar hũas das outras. E visto como erão ilhas fez se Vascode gama a lamar delas, z assi foy z a quarta feyza que forão quatro Dabril fez sua rota ao noroeste: z antes do meo dia ouue vista d hũa terra grossa, z de duas ilhas que estauaõ junto coela/ z derredor delas aua muytos baixos: z chegado jũto

com esta terra que os pilotos mouros a reconhecerão, disserão que a ilha dos Christãos (q̄ era a de Qui loa ficaua a ré tres legoas / de que Vasco da gama ficou muyto a gastado, cuydando verdadeyramente que era de Christãos, e quisera pingar os pilotos, parecendolhe que a cinte a escorrerão, porque a não tomasse. E elles se desculpauão cõ ho vento ser muyto, e as corrétes grãdes / e que singrarão as naos mais do que elles cuydarão. E pozem a elles peiou mais de a não tomarem que a elle, porque esperauão de se vingar ali dele e dos nossos, com morte de todos: de que os nosso senhor liurou milagrosaméte / que se lá forão nenhũ escapara: porq̄ Vasco da gama cuydando q̄ a terra era de Christãos ouuera de say: fora: e cõ ho pesar que tinha de a escorrer quis tornar atras pera ver se a poderia tomar: no que se trabalhou bẽ a quele dia, mas nunca paderão por lhe ser pera isso ho vento contrario e as correntes serem grandes. E então ouue Vasco da gama conselho com os outros capitães que arribassem á ilha de Bombaça, que os pilotos mouros lhe dizião que era pouuada de mouros e de Christãos em duas pouoações apartadas / o que dizião por enganarẽ os nossos, e os leuarem a matar, que a ilha era de mouros como ho era toda a quella costa. E sabendo que dali a Bombaça erão setenta e sete legoas fez seu caminho palá, e acerca da noyte viu bũa ilha muyto grande que lhe demoraua ao norte, em que os pilotos mouros dizião q̄ auia duas

pouoações bũas de Christãos / outra de mouros. E isto por fazerem crer aos nossos q̄ auia por aq̄la terra muytos Christãos / e indo assi cõ vento tendéte dahi a certos dias duas horas ante menhaã deu ho nauio sam Raphael em seco, em bũs baixos q̄ estauão duas legoas da terra firme: e como deu naq̄les baixos fez sinal aos outros nauios pera q̄ se goardassẽ: e eles surgirão a tiro de bõbarda dos baixos / e lançando os bateis fora forão acodir a Paulo da gama: e virão q̄ a agoa vazaua: pelo que conhecerão que tomando a encher nadaria ho nauio / e logo lhe lançarão muytas ancoras ao mar: e nisto amanheceo: e acabãdo a maré de vazar ficou ho nauio de todo em seco na praya, q̄ era darea, que foy causa de e não receber nenhũ dãno / que varou por ela e estaua dereyto com as ancoras q̄ tinha ao mar: e os nossos sayrão na praya em quanto a agoa não enchia. E por se ho nauio chamar sam Raphael poderão nome aos baixos, os baixos de sam Raphael, e a bũas grandes e altas serranias que estauão na costa defrõte destes baixos / as serras de sam Raphael. Estando ho nauio em seco vierão de terra duas almadias, em q̄ vinhão mouros da terra a ver os nossos nauios, e leuarã muytas larãjas doces e muyto melhores q̄ as de Portugal / q̄ derão aos nossos. E disserãlhes que efforçassem / q̄ como fosse preamar ho nauio nadaria e farião caminho: e Vasco da gama lhes deu algũas peças, assi pelo que dizião, como por vir em a tal tempo: e dous deles sa-

bêdo q̄ ele ya pera **M**ôbaça lhe pedirão q̄ os leuassela, z ficarã coele/ z os outros se tornarão pera terra/ z vida a prea mar sayo ho nauio do baixo/ z tornarão todos a seu caminho com toda a frota.

Capit. ix. De como Vasco da gama chegou aa cidade de **M**ôbaça/ z do que lhe hi aconteeo.

Seguindo sua rota / hũ sabado sete **B**abril a horas de sol posto foy surgir de fora da barra da ilha de **M**ombaca/ q̄ está junto cõ a terra firme/ z he muyto farta de muytos mantimentos. s. milho, arroz/ gado, assi grosso como meudo/ z todo muyto grande z gordo, principalmete os carneyros, q̄ todos sã derrabadas z tẽ muytas galinhas. **H**etambẽ muyto viçosa de hortas em q̄ ha muyta ortaliça, z muytas fruytas. s. romaãs, figos da India, laranjas doces z agras, limões z cidrões/ z muy singulares agoas. **N**esta ilha está hũa cidade q̄ tem ho nome da ilha em quatro graos da banda do sul/ he grãde z situada em alto õde bate ho mar, fũdada sobre pedra q̄ se não podeminar: tẽ na entrada hũ padrãu/ z áêtrada da barra hũ baluarte peq̄no z baixo jũto do mar. **H**e a mór parte desta cidade de casas de pedra z cal/ sobradadas z lauradas de macenaria, z toda bê arruada. **T**ê rey sobresi, z os moradores dela sam mouros / hũs brãcos outros baços / assi homẽs como molheres: z prezanse de bõs caualeyros, z andãu muyto bê tra

tados: z assi as molheres cõ panos de seda z joyas douro z pedraria. **H**e cidade de grãde trato de todas as mercadorias: tẽ bõ porto õde ha sempre muytas naos/ vêlhe da terra firme muyto mel, cera z marfim. **C**hegado Vasco da gama aa barra desta cidade, não entrou logo pera dentro por ser ja quasi noyte quando acabou de surgir/ z mandou embãdeirar z toldar as naos por festa, z fazer em todas grãdes alegrias. **E** assi estauão todos muyto ledos crendo q̄ na ilha auia pouoação de **C**ristãos, z que ao outro dia auião vir ouuir missa a terra z q̄ ali curariã os doêtes q̄ leuauão q̄ erãu quasi todos os q̄ escaparão da viagẽ, porq̄ a mayor parte dos q̄ partirão de **P**ortugalerãu mortos de doencas geradas do muyto trabalho q̄ passauão. **E**stando Vasco da gama aqui furto, forãu bẽ noyte obra de cẽ homẽs e hũa barca grãde/ z todos com terçados z escudos. **E**m chegado aa capitaina quisserão entrar todos cõ as armas: z Vasco da gama não quis, nẽ deixou êtrar mais de quatro. z estes sem armas, z disse lhe pelolingoa que lhe perdoassem porq̄ como era estrangeiro não sabia de quẽ se auia de fiar: z mandou os cõuidar cõ algũas conseruas de q̄ eles comerão / z disserãlhe que lhe não tinhãu a mal o q̄ fazia / z q̄ eles ho vinhãu ver como a cousa noua naq̄la terra, z q̄ se não espantasse de trazerẽ armas/ porq̄ se acostumaua naq̄la terra trazerẽnas na guerra, z na paz. **E** disserãlhe q̄ el rey d **M**ôbaça sabia de sua vida, z por ser noyte ho não mãdara visitar, mas q̄ ho

faria ao outro dia, porque folgava muyto cõ sua vinda, e folgaria mais de ho ver: e lhe daria especiaria cõ que carregasse as naos. E differã mais q̃ apartado dos mouros auia muytos Christãos q̃ morauão sobresi/ com que Vasco da gama folgou muyto/ e então acabou de crer q̃ auia Christãos naq̃la ilha, vêdo q̃ concertauão aqueles mouros cõ o q̃ lhe tinhão dito os pilotos. E cõ tudo ele não deixou de ter algũa sospeita q̃ aqueles mouros vimbão ver se poderião tomar algũ dos nauios. E assi era porq̃ el rey de Moçabaça bẽ sabia que os nossos erã Christãos: e o q̃ fizerão em Moçambique, e desejava de se vingãr deles: e era sua tenção matalos a todos/ e tomar lhe os nauios. E cõ este fundamento ao outro dia q̃ foy dia de ramos lhe mandou dizer por dous mouros muyto aluos/ q̃ ele folgava muyto cõ sua vinda/ e se quisesse entrar pera ho seu porto lhe daria tudo ho de q̃ reuesse necessidade/ e e por seguro lhe mandou hũ anel e de presente hũ carneyro/ e muytas larãjas, cidrões e canas daçucar. E disse aos mouros q̃ lhe dissessem q̃ erã Christãos, e que os auia na ilha. E q̃ eles fizerão cõ tanta dissimulação q̃ os nossos cuydarão que erã Christãos. E Vasco da gama lhes fez muyto galhado e lhes deu gũas peças/ e mãdou agradecer a el rey ho offerecimento q̃ lhe fazia, dizendo q̃ ao outro dia entraria pera dentro/ e mãdou lhe hũ ramal de coraes muyto finos. E pera mais confirmar a paz cõ el rey, mandou coeles dous dos nossos. E estes fo-

rão dous degradados dalgũs que trazia pera auêturar coestes recados, ou pera os deixar em lugares õde visse q̃ era necessario pera que foubessem o q̃ ya neles/ e os tomasse da volta q̃ fizesse. Chegados os nossos a terra cõ os dous mouros ajuntouse logo muyta gẽte a velos, e foy coeles ate os paços del rey/ onde entrados antes q̃ chegassem a el rey passarão quatro portas/ e a cada hũa estaua hũ porteyro cõ hũ terçado nu na mão, e el rey estaua cõ pouco estado/ mas fez muyto galhado aos nossos/ e mandoulhes mostrar a cidade pelos mesmos mouros com q̃ vierão. E indo eles pela cidade virão a dar por ela muytos homes presos cõ ferros: e como não entendião a lingoa, nẽ os mouros a sua: não pregũtarão q̃ presos erã aqueles: e cuydarão q̃ serião Christãos que os auia por aquelas partes, e q̃ tinhão guerra com os mouros. Tãbẽ estes nossos forãõ leuados a casa de dous mercadores Indios/ parece q̃ Christãos de sam Thome: q̃ sabendo q̃ os nossos erã Christãos mostrarão coeles muyto prazer, e os abraçauão, e cõuidarão: e mostrarãlhe pintada em hũa carta a figura do Spirito sancto a q̃ adorauão. E perãteles fizera sua adoração em giolhos cõ geito dõmês muyto deuotos, e q̃ tinhão dentro o que mostrauão de fora. E os mouros differão aos nossos por azenos que outros muytos como aq̃les morauão em outra parte dall lõge, e por isso os não leuauão laa: mas despois q̃ fosse pera ho porto os irião ver. E isto dizião polos en-

ganar/ e os acolher no porto onde
determinauão de os matar. E vista
a cidade pelos nossos/ forão torna-
dos a el rey: q̄ lhe mādou mostrar pi-
mēta/gingibre/crauo/ e trigotre-
mes/ e de tudo lhe deu mostra q̄ le-
uassē a Vasco da gama: a q̄ mandou
dizer por seu messageiro q̄ de tudo a
quilo tinha muyta abastāça, e lhe
daria carrega se a quisesse. E assi de
ouro/prata, ambar, cera/ e marfim
e outras riquezas em tanta abastā-
ça q̄ sempre as ali acbaria de cada
vez q̄ quisesse por menos q̄ em outra
parte. E q̄ndo ele vio a especiaria/ e
q̄ el rey lhe mādaua prometer carre-
ga/ foy muyto ledo/ e muyto mais
da enformação q̄ lhe os nossos de-
rão da terra e dos dous Christãos
q̄ acharão: e ouue conselho cō os ou-
tros capitães, e acordarão q̄ entra-
sem no porto e tomassē a especiaria
q̄ lhes dessē: e despois se irião a Ca-
licut/ onde se a não podessē auer fi-
carião cō a q̄ ali ouessesem/ e assenta-
rão de trar ao outro dia. E neste tē-
po vinhão algũs mouros á capitai-
na e estauão cō os nossos etãto asse-
sego e concordia q̄ parecia q̄ os co-
nheciação de muyto tēpo: e vindo ho
outro dia em começado a maré de
repōtar/ mādou Vasco da gama le-
uar ancoza pera entrar no porto. E
não querēdo nosso senhor q̄ os nos-
sos ali acabassē como os mouros ti-
nhão ordenado desuiuou ho per esta
maneyra, q̄ leuada á capitaina nũca
quis fazer cabeça pera entrar de tro-
e ya sobre hũ baixo q̄ tinha por po-
pa. O q̄ visto p̄ Vasco da gama por
não se perder/ mandou surgir muy
depressa/ o q̄ tambẽ fizeram os ou-

tros capitães. E vêdo algũs mou-
ros q̄ estauão na nao q̄ surgia pare-
ceolhes q̄ não é traria aq̄le dia a fro-
ta no porto e recolherãse a hũa bar-
ca q̄ tinhão a bordo pera se irē á ci-
dade. E indo por sua popa/ os pilo-
tos de Moçambiqlãçarãse á agoa
e os da barca os tomarão e forãse/
posto q̄ Vasco da gama bradou que
lhe dessē os pilotos. E q̄ndo vio q̄
lhos não dauão, disse aos seus que
lhe parecia q̄ nosso senhor permitira
aquilo pera os goardar dalgũa trei-
ção q̄ lhe estaua ordenada. E como
foy noyte pingou dous mouros
dos q̄ trazia catiuos de Moçabiq̄,
pera q̄ lhe dissessem se lhe tinhão or-
denada treição: e eles confessarão o
q̄ disse/ e q̄ os pilotos se lãçarão ao
mar/ parecēdo lhes q̄ eles sabia a trei-
ção: e por isso não quiserã étrar no
porto. E querēdo ele pingar outro
mouro pa ver se cōcertaua coestes/
deitou se ao mar cō as mãos atadas
e outro se deitou ao q̄rto da lua. Sa-
bido p̄ Vasco da gama este segredo
deu muytos lououres a nosso seño-
r por os liurar tão milagrosamēte: e
differã todos a Salue na capitaina.
E receādo q̄ os mouros os cometes-
sē de noyte ordenou se q̄ a vigiassem
toda todos armados: e a este tēpo
se achauão ja os doētes melhor / q̄
como forão de frōte desta cidade se a-
charão sãos, o q̄ parece q̄ foy mila-
gre de nosso senhor pela necessidade
q̄ tinhão de saude. E nesta mesma
noyte á mea noyte sentirão os que
vigianão no nauio Birrio bolir ho
cabre de hũa ancoza que estaua sur-
ta/ e logo cuydarão que erão tont-
nhas, se não quãdo atentando bem

virão queerão os inimigos/quea na do estauão picando ho cabre cõ terçados, pera que cortado desse ho nauio á costa e se perdesse/ ja q̃ doutra maneyra ho não podião tomar. E logo os nossos bradarã aos outros nauios, dizêdolhes o que passaua pera que se goardassem. E nisto os do nauio sam Raphael acodirão, e acharão que algũs dos inimigos estauão pegados nas cadeas da enxarcia do seu traquete. E vendo eles q̃ erão sentidos calarãse abaixo e cõ os outros que picauão ho cabre do Berrio fugirão a nado pera duas almadias q̃ estauão de largo em q̃ os nossos sêtrão rumor de muyta gente, e remando as cõ muyta pressa se tornarão aa cidade, donde aa quarta e quinta feyza/ q̃ ainda despois disto Vasco da gama ali estueyão os inimigos de noyte a nado ver se podião picar os cabres das ancoras: mas não poderão por a grãde vigia que tinhão os nossos: e com tudo derãlhe assaz de trabalho/ e os poserão em muyto temor delhes quey marem os nauios. E foy muyto não sayzem os mouros a eles nas naos, o que parece que foy com medo da nossa artelbaria, que sabião q̃ vinha na frota: por em ho mais certo he que nosso senhor lhe pos este medo pera liurar os nossos, q̃ saindo os inimigos a eles ouuerão de ser todos mortos.

Capit. x. De como Vasco da gama chegou á cidade d' Belinde.

Vasco da gama se deixou estar ali aqueles dous dias pera ver

se podia auer pilotos que ho leuassem a Calicut, porque semeles auia de ser muy difficuloso poder lá ir/ porque os nossos pilotos não a conbecião, e despois que vio que não podia auer pilotos, partio se a sesta feyza dendoenças pela menhaã, vêtandolhe pouco vento: e ao sair da barra lhe ficou hũa ancora por os nossos estarem muyto cansados de leuar as outras, e não a poderem leuar: e achãdoa despois os mouros a leuarão aa cidade/ e a poserão jũto dos paços del rey onde a achou dõ Francisco dalmeida ho primeyro visorrey da India/ quando tomou esta cidade aos mouros como direy no segundo liuro. E partido Vasco da gama de Bombaça, sendo auante dela oyto legoas surgio hũa noyte junto com terra por lhe acalmar ho vento: e em amanhecendo aparecerão dous zambucos (q̃ sam nauios pequenos) a julauento da frota tres legoas ao mar. E como Vasco da gama desejava dauer pilotos pera que ho leuassem a Calicut, parecendolhe que os tomaria nos zãbucos em auendo vista deles leuou e arribou sobreles com os outros capitães, e seguiu os ate oras de vespera q̃ tomou hũ deles, e ho outro se acolheo a terra onde foy varar e nestoutro se tomarão bẽ dezasete mouros/ãtre os quaes auia hũ velho que parecia senhor de todos/ que trazia consigo hũa moça sua molher: e assi se acharã muytas moedas d'ouro e de prata, e algũs mantimêtos que Vasco da gama repartio pelos outros nauios. E neste mesmo dia ao sol posto che-

gou a frota defronte da cidade de Melinde que estaa dezoyto legoas de Bombaça em tres graos da bnda do sul. Não tem bõ porto por ser quasi costa brava, e estar de dentro dũ arrecife em q̃ arrebeta ho mar: e por isso he ho surgidouro das naos lonje da terra/estã assentada em hũ campo ao longo do mar e parece-se com Alcouchete: tem ao derrador muytos palmares e arequaeis que todo ho anno estã verdes/ e assi muytas hortas com nozas em que ha todo ho genero do talica e de fruytas, principalmente de larãjas doces que sam muyto grandes e gostosas: he muyto abastada de mantimẽtos, milho / arroz, gado grosso e meudo/ e galinhas e tudo muyto gordo e barato: he grande e bẽ arruada, e de muyto fermosas casas de pedra e cal/ de muytos sobrados, e eyrados com muytas genelas. A gẽte natural dela he gẽtia preta e bem desposta, e de cabelo reuolto: os estrangeiros sam mouros arabios/ que se tratão muyto bem, especialmente os nobres / da cinta pera cima adão nuus / e pera baixo se cobrẽ cõ panos de seda e algodã muyto fino: e outros como capelhares sobraçados, e nas cabeças fofas de panos de seda e ouro. Trazẽ adagas ricas cõ grãdes bozlas de seda de cores, e terçados bẽ goarnecidos, e todos sam esquerdos / e trazẽ arcos e frechas / e sam grandes frecheiros, e presumẽ de bõs caualeryros. Posto q̃ se diga comũmente caualeryros de Bombaça / e damas de Melinde / porque as molheres daqui sam fermosas e andão todas

ricamente ataviadas. Aborão tam-bẽ nesta cidade muytos Suzarates gẽtios do reyno de Cambaya, que he na India, que sam grandes mercadores, e tratão em ouro de q̃ ha algũ na terra/ e assi abar / marfim, breu e cera, que dão aos mercados que ali vem de Cambaya, com cobre azougue, e panos de algodão, e hũs e outros ganhão. Ho rey desta cidade he mouro / e seruese com mōz estado e cõ mais policia que os outros reys q̃ atras ficão. Chegando Vasco da gama defrõte desta cidade, foy grãde prazer em todos os da frota porque vião cidade como de Portugal, e derão por isso muytos lououres a nosso senhor. E querendo Vasco da gama ver se por algũ modo poderia auer dali pilotos que ho leuassem a Calicut, mãdou surgir: porque ate então não podera saber dos mouros que tomou no zambuco/ se auia antreles algũ piloto que soubesse ir a Calicut, e sempre dizião q̃ não / ainda que foyrão metidos a tormento.

Capit. xj. De como Vasco da gama mãdou recado a el rey de Melinde, e do que lhe respondeo.



Outro dia que foy dia de Pascoa e resurecção a aquele mouro velho casado/ q̃ foy catiuo cõ os outros mouros disse a Vasco da gama que em Melinde estão quatro naos de Christãos Indios e se ho quisesse mãdar a terra cõ os outros q̃ darião por si pilotos Christãos/ e mais lhe darião todo quanto lhe

fosse necessario: do que ele foy muyto contente. E mandando levar ancora foy surgir mea legoa da cidade donde não veo ninguê aa frota / por auerem medo de os tomarem / que bem sabião do zambuco que os nosos tomarão que erão Chriſtãos: e cuydauão que erão nauios dar armada. E a segunda feyza pela menbaã mandou Vasco da gama levar ho mouro velho no seu batel a hũa baxa que estaua defrõte da cidade, dõ defazia conta que virião por ele. E assi foy que afastado ho nosso batel, veo de terra hũa almadia e leuou o mouro a el rey: a quem deu ho recado de Vasco da gama. E como nosso senhor queria que a Índia se descobriſſe / folgou el rey muyto coeste recado / e deſpois de comer mãdou ho mouro em hũa almadia e coele hũ seu criado / e hũ caciz: por quem mandou dizer a Vasco da gama q̄ folgaria muyto dauer paz antreles, e quel he daria os pilotos que queria, e mais qualquer outra couſa de que teueſſe necessidade: e coisto mãdou tres carneyros e laranjas e canas da çucar. Vasco da gama reſpõdeo a el rey pelo meſmo meſſejeiro / agradecendolhe a paz que queria q̄ ouueſſe antreles / e pera se aſſentar entraria ao outro dia pera dẽtro do porto, e que ſoubelle que era vassallo dũ rey Chriſtão muyto poderoso da fim de occidente que deſeãdo de ſaber onde ſtaua a cidade de Calicut a mandaua descobrir, e lhe mãdara que de caminbo aſſentasse amizade com todos os reys q̄ a quiſeſſe coele. E que auia dous annos que partiria de ſua terra. E q̄ el rey seu

senhor era tal príncipe que ele auia de folgar de o ter por amigo. E mãdoulhe de presente hũ balãdrão vermelho que era trajo daq̄le tempo, e hũ chapeo / e dous ramaes de corais e tres bacias d'arame, e cascaueis / e dous alambcis. E ao outro dia q̄ foy a ſegũda oytava de Pascoa ſe chegou a frota mais á cidade, e logo el rey tornou a mandar viſitar Vasco da gama cõ mór aparato: porque ouyndo de quão longe era, e o que buscava, teue a el Rey de Portugal por grande animo em ho mandar, e Vasco da gama em lhe obedecer: e eſtimou ho muyto / e veolhe grãde deſejo de ver homẽs que auia tanto tempo que andauão no mar / e assi lho mandou dizer, e q̄ ſe queria ver coele ao outro dia: e a viſta ſeria no mar. E mandoulhe ſeys carneyros / e muytos crauos e cominhos, gengibre / pimenta, e noz. E cõſentindo Vasco da gama que ſe viſſem / entrou mais pera dẽtro e ſurgio perto das quatro naos dos Índios que lhe ho mouro diſſera: e ſabendo os donos das naos q̄ os nosos erão Chriſtãos forão logo viſitar Vasco da gama que a eſte tempo eſtaua na nao de Paulo da gama, e erã homẽs baços, e debõs corpos / e bem deſpoſtos: veſtião hũas roupas cõpridas de pano dal godão branco de pouca fralda: trazião barbas grandes, e os cabelos da cabeça compridos como molhetes, e entrançados de baixo de foltas que trazião nas cabeças. Vasco da gama lhes fez muyto gaſalhadõ, pregutãdolhe primeyro ſe erão Chriſtãos / e iſto pelo lingoã q̄ lhe

falaua arauia / de q̄ eles sabião al-
gũa coufa / z disserão q̄ não era aq̄la
a sua propria lingoa, se não q̄ sabião
dela algũa coufa pela cõmunicaçãõ
q̄ tinhão com os mouros / de que a-
conselharão a Vasco da gama que
não se fiasse / porq̄ sempre auião de
ter nas võtades outra coufa do que
mostrãõ. E ele por espremetar se
erão Chriştãos z tinhão algũa no-
ticia de nosso senhor / mãdou trazer
hũ retauolo de nossa senhora do prã
to em q̄ estauão també pintados al-
gũs dos apóstolos: z mostroulho s̄
lhes dizer o q̄ era. E eles ê ho vêdo
lãçarãse no chão z adozarão ho re-
tauolo z rezarão hũ pouco. E Vasco
da gama folgou etãõ muyto ma-
is coeles / z preguntoulhes se erão
de Calicut: z eles disserão q̄ não, z
q̄ erão doutra cidade mais a diante
chamada Cranganor: z não soube-
rão dizer nada de Calicut. E dali
por diãte em q̄nto a frota ali esteue,
yão eles cada dia ao nauio de Pau-
lo da gama a fazer suas orações diã-
te daqueleretauolo / z offereciãõ ás
imagẽs crãuo / pimenta / z outras
coufas. Estes indios nã comiãõ va-
ca segũdo os nossos souberã deles.

Capit. xij. De como el rey de Be-
lindese vio, cõ Vasco da gama z
assentou coele amizade, z lhe deu
piloto que ho leuasse a Calicut.



A derradeyra oytãua de
Pascoa despois de co-
mer foy el rey, de Belin-
de embũa almadia grã-
de jũto da nossa frota / z leuaua ves-
tida hũa cabaya de damasco carme-
sim, forrada de ceti verde: z na cabe-

ça hũa touca muyto rica. Vinha af-
lêtado ê hũa cadeira despalda ao
modo antigo / z era daramẽ muyto
bêlaurada z fermosa / z nela hũa al-
mofada de seda: z outra tal como es-
ta jũto coele: cobria se cõ hũ sombrei-
ro de pé de ceti carmesim / z ya jũto
coele como pajê hũ homẽ velho que
lhe leuaua hũ terçado rico cõ a bai-
nha de prata. Trazia muytos ana-
fis / z duas bozinas d marfim de cõ
primẽto doyto palmos cada hũa, z
erão muyto lauradas: z tãgiãse per-
bũ buraco q̄ tinhão no meyo: z cõ-
certauão cõ os anafis. Vinhãõ cõ
elrey obra de vite mouros fidalgos
atauiados todos ricamẽte. E em el
rey querêdo chegar aos nauios sa-
yo Vasco da gama no seu batel em-
bãdeirado z toldado, z ele vestido d
festa cõ doze homẽs dos mais hõ-
rados da frota / õde deixãua seu ir-
mão. E ê chegãdo el rey perto dele /
disselhe q̄ lhe queria falar no seu ba-
tel pera o ver de mais perto: z logo
se meteo no batel / z fez lhe tamanha
cortesia como se fora rey como ele, z
oulhãua parele z pa os outros / co-
mo pera coufa estranha. E disselhe
q̄ lhe dissesse o nome de seu rey, z mã-
dou ho escreuer: z preguntoulhe muy-
to meudamẽte por ele z por seu po-
der. E ele lho disse: z q̄ mãdãua des-
cobrir Calicut pa auer de lá especia-
ria: porq̄ a nã auia ê sua terra. E des-
pois d̄ lhe el rey dar algũa eforma-
çãõ dela z do estreito do mar roxo,
z lhe prometer piloto q̄o leuasse lá,
lhe rogou muyto que fosse coele pe-
ra a cidade, z que folgaria nos seus
paços / z q̄ descãlaria do trabalho
do mar / z q̄ ele iria tãbẽ folgar aos

seus nauios. Vasco da gama lhe disse q̄ não trazia licença del rey seu senhor pera sair e terra/ e q̄ se ho fizesse daria de si muyto má conta. Ao q̄ el rey respõdeo que se ele fosse aos nauios q̄ cõta daria ao seu pouo ou q̄ dirião: e pozem q̄ lhe pelaua muyto de não q̄rer ir ver a sua cidade/ que estava a seruiço do seu rey, a que mandaria seu embaixador/ ou escreueria se ele quisesse tornar por ali de Calicut: e ele lhe prometeo de tornar. E e quanto ali estiverão mandou Vasco da gama pelos mouros q̄ trazia catiuos e deu os a el rey/ dizendo q̄ se lhe podera fazer outro mayor seruiço q̄ lho fizera: do q̄ el rey foy tão contente q̄ disse/ que mais ho estimaua q̄ lhe dar outra cidade como a sua. E despois de acabar e de falar e cõfirmar amizade antre eles, adou el rey folgãdo por antre a nossa frota, do de tirauão muytas bõbardadas, q̄ ele folgaua muyto douuir tirar: e Vasco da gama andaua coele: e el rey lhe dizia q̄ nunca vira homẽs q̄ folgasse tãto de ver como os Portugueses: e q̄ folgara de os ter consigo/ pera ho ajudar e em guerras q̄ tinha às vezes cõ seus inimigos/ porq̄ lhe parecião homẽs pa muyto. E Vasco da gama lhe disse q̄ se os espremetara q̄ muyto mais lho parecerão/ e q̄ eles ho ajudariã se el rey seu senhor mãdasse suas armadas a Calicut/ como esperava em Deos q̄ mandaria: se lha deixasse descobrir. E despois q̄ el rey assi adou folgãdo/ pediu a Vasco da gama q̄ pois não queria ir ver a sua cidade/ q̄ mãdasse lá dous dos nos

los a ver e os seus paços, e q̄ ele deixaria dous dos seus na frota pera q̄ a visse/ e deixou bũ seu filho, e bũ caciz, e alli se fez: e leuou cõsigo dous dos nossos/ deixãdo cõcertado cõ Vasco da gama, q̄ ao outro dia fosse no seu batel ao lãgo da terra/ e q̄ veria seus caualeyros a caualo. Ele ho fez ao outro dia q̄ foy quinta feira: e foy coele Riculao coelho e nos bateis q̄ yão artilhados, forão ao longo da praya, onde adauã muytos homẽs, e antre eles dous dõ caualo escaramuçãdo: e como Vasco da gama chegou perto da terra chegou se toda a q̄la gente ao pé de bũ escada de pedra dos paços del rey q̄stauão a vista/ e ali tomarão el rey em hũas andas/ e leuarão ao batel dõ Vasco da gama/ a q̄ disse palauras dõ muyto amor: e tornou lhe a pedir q̄ fosse a terra: porq̄ seu pay que estava entreuado desejava muyto de ho ver: e q̄ em q̄nto fosse ele e seus filhos ficarião nos nauios. E cõ tudo isto ele se escusou dõ ir a terra/ e despedindose del rey adou bũ pedaço ao lãgo dela. E das naos dos Indios tirauão muytas bõbardadas por festa: e quando eles vião passar os nossos levantauão as mãos/ dizẽdo com muyta alegria Christe/ Christe. E com licença del Rey/ lhe fizeram aquela noite grãde festa de foguetes e tiros: e dauão grandes gritas. E estando Vasco da gama ainda neste porto ao domingo q̄ forão vinte dous de Abril foy bũ priuado del rey visitalo/ e ele estava bẽ agastado por auer dous dias q̄ não vinha ninguẽ da cidade a frota: e temose q̄ el rey

estaria agrauado dele porque não quisera ir a terra: e quereria q̄brar a amizade que tinhamo assentado/ e pesaualhe disso/ porque ainda não tinha pilotos. E quando vio q̄ a q̄le seu criado lhos não leuana teue má sospeita del rey, e por isso lho deteu. E sabendo el rey a causa disso, mādoulhe logo hū piloto guzarate chamado Canaqua/ desculpãdose delho não ter mandado: e assifigarão amigos como dantes.

Cap. xiiij. De como partido Vasco da gama de Belinde chegou a Calicut, e da grãdeza e nobreza desta cidade.



Couido Vasco da gama d todo ho necessario pa sua viagem, partio se d Belinde pa Calicut hūa ter ça feira . xiiij.

Dabril, e dali começou logo da trauessar hū golfão de setecetas e cincoeta legoas/ porq̄ faz ali a terra hūa muyto grãde enseada, e corre a costa de norte a sul: e Vasco da gama foy em leste a demãdar a Calicut. E logo ao domingo seguinte virão os nossos ho norte/ que auita muyto q̄ deixarão de ver, e vião ho sul. E deulhes Deos tão boa vettura que fazendo ja rosto ho inuerno da India/ pelo q̄ faz naq̄le golfão grãdes tozmetas, ele não achou ne nhūa, antes vëto a popa. E hūa sexta feira q̄ forão dezasete de Mayo, auêdo vintetres q̄ era partido de Belinde, e q̄ não vião terra/ ouuerão vista dela/ indo a frota oyto legoas ao mar, e a terra era alta: e lo

go Canaqua deitou ho prumo e achou corêta e cinco braças e por se arredar desta costa/ como foy noyte se fez hocaminho ao sueste, e ao sabado a foy demãdar: e não se che gou tâto a ela que podesse auer perfeyto conbecimêto dela, e isto pelos muyto chuelros que acharão depois q̄ virão terra, que era ja inuerno na India, cuja costa esta era. E ao domingo vinte d Mayo vio ho piloto hūas serras muyto altas q̄ estã sobre a cidade d Calicut, e che gou se tâto a terra que as conbeco e com muyto prazer pediu aluisaras a Vasco da gama: dizendo que aquela era a terra q̄ desejava de chegar, e ele lhas deu/ e logo mādou dizer a Salue, dde todos derã muytos lououres a nosso Senbor, e forão feytas grãdes alegrias nos nauios: e no mesmo dia a tarde forão surgir duas legoas abaixo de Calicut, legoa e mea da costa, defrõre d hū lugar chamado Capocate, com que se ho piloto enganou, cuy dãdo q̄ era Calicut. E surta a frota acodio logo gente de terra em quatro almadias a saber q̄ naos erão aquelas, porq̄ nūca virão outras daq̄la feição/ nê ir em tal tẽpo a aq̄la costa. Esta gẽte vinha nua/ salvo q̄ cobzião suas vergonhas com hūs pequenos panos/ e erão bacos/ e algũs êtrarão na capitaina. E ho piloto Guzarate disse a Vasco da gama que aquela gente erão pescadores/ e que era gente mezquinha / que assi chamam na India a gente baixa e pobre. E toda via elle fez gasalhado e lbes mandou comprar pescado q̄ trazião: e deles

se soube que ho lugar não era Calicut que era mais a diante / e offereceram se a leuar lá a frota / o q logo Vasco da gama quis q se fizesse / e as almadias ho leuarão a Calicut / que he hũa cidade situada na costa do Malabar / hũa prouincia da segunda India. Esta prouincia começa no môte Deli / e acaba no cabo de Comorim que he espaço de setenta e duas legoas de comprimento / e tem doze / e quinze de largo / he toda terra baixa / e alagadiça / e de muytas ilhas / esta antre ho mar Indico e hũa serra muy alta q põe termo antrela e hũ grande reyno chamado Marunga. E dizẽ os Indios q esta terra do Malabar foy mar em outro tempo e que chegaua ate a serra / e que correo pera onde agora sam as ilhas de Aldina q então era terra firme / e a cobrio / e descobrio estoutra do Malabar : e que ha muytas e muy viçosas cidades / e ricas por trato : principalmẽte a de Calicut que em viço e riqueza precedia a todas neste tẽpo : cuja edificação foy desta maneyra. Antigamẽte ho Malabar era todo de hũ rey que tinha seu assento na cidade de Coulaõ : e reynando ho derradeyro rey q ouue nesta terra que se chamaua Sarranaperima (q a este tempo aueria seys centos annos q era falecido) descobrirão os mouros de Aeca a India / e forão ter ao Malabar por amor da pimenta e outra especiaría, e carregarão suas naos na cidade de Coulaõ q era neste tẽpo a principal de todo Malabar pouuada de gentios : e ho rey era gẽtio. E desta vinda dos mou-

ros tomarã eles a sua era como nos tomamos do nacimiento de nosso senhor Jesu christo. Coeste rey tomaraõ os mouros tanta conuersação, e ele coeles que se cõuerteo a sua seita / e deixou a q tinha. E foy tanto ho amor q teue a seita de Aamede / que determinou de ir morrer a casa de Aeca : e antes que partisse partio todo ho seu senhorio cõ seus parentes : e tendo o dado todo q lhe nã ficauão mais de doze legoas de terra q estauão ao derrador do lugar donde se auia de embarcar / que era hũa praya despouuada deu ho a hũ moço seu sobrinho que ho seruia de pajẽ : e mandoulhe que fizesse po noar aqle lugar em memoria de sua embarcação / e deulhe a sua espada e hũa tocha mourisca q trazia por estado. E mandou a todos esses senhores com quem repartira seu senhorio que lhe obedecessem / e ho teuessẽ por seu emperador / saluo aos reys de Coulaõ e de Cananor / e mãdou que nẽ eles nẽ outro neuhũ senhor no Malabar podesse mãdar laurar moeda saluo el rey de Calicut. E coisto se ebarcou ali õde agora esta Calicut / em q os mouros tomarão tamanha deuacão por se a qle rey ali embarcar pera a casa de Aeca / q nunca depois quiserão fazer sua carregação senão naqle porto, e deixarão ho de Coulaõ q por isso se desfez / principalmẽte depois q Calicut foy edificada / e muytos mouros assentarão nela de viuẽda. E como erã grãdes mercadores e de muy grosso trato / veose a fazer a mayor escala e a mais rica de toda a India / porque nela se achaua to-

da a especlaria, droga, noz / e maça q se podia desejar todo genero de pedraria / perlas, e aliofar / canfoza, almizquere, sandalos / e aguila, lacre, porcelanas, cestos dourados, cofres, e todas as lindezas da China / ouro, ambar, cera marfim, e alaquecas / muyta roupa dalgodão delgada / e grossa, assi branca como pintada / muyta seda solta e retros e todo genero de panos de seda e dourado / e brocados / brocadilhos / chamalotes, graãs, ezcarlatas / alcatifas, tafeciras, cobre, azougue, vermelhão, pedra hume, coral, agoas rosadas / e todo ho genero de cõferuas. De modo que nenhũa cousa de mercadoria de todas as partes do mundo se podia pedir q não se achasse nela. E fora isto era muyto praziuvel por ser situada na costa ao lógo dũ arrecife qsi costa braua, cercado de muytas ortas em q ha muytas fruytas da terra e muyta ortalica e muyto singulares agoas: e muytos palmares e arecais: na terra ha pouco arroz q he ho principal mãtã mêtõ assi como antenos ho trigo, e este lhe vê de fora e muyta abastança, e assi tê de todos os outros: he muyto grande / e espalhada e toda de casas palhaças: se não as casas dos idolos / mezquitas e casas del rey q sam de pedra e cal e telhadadas: porq por ley outrẽas não pode ter desta maneyra. Era pouoada de gẽtios de diuersas seitas e de mouros grandes mercadores: e tão ricos q auia algũs q tinhão cincoẽta naos, e não auia anno q não viessem a este porto seys cẽtas naos e dahi para cima.

Capit. xliij. Do grãde poder del rey de Calicut, e de seus costumes: e assi dos outros reys do Malabar / e da maneyra q viuem os Maires.



Desta cidade ser õ tamanho trato e tão pouoada, e assi a terra ao derredor crecerão as rendas de seu rey e tãta maneyra q veio a ser o maior rico rey do Malabar de dinheiro: e mais poderoso de gẽte: porque e hũ dia ajuntaua trinta mil homẽs de peleja, e em tres cẽ mil / e chama uase camozim q em sua lingua quer dizer emperador: porq assi ho era ele antre os reys do Malabar que não erãõ mais õ dous a fora ele. I. el rey de Coulão / e el rey de Cananoz: q posto q outros se chamauão reys não ho erãõ. Este rey õ Calicut era bramene, como tambem ho sam os outros: q antre os Malabares sam sacerdotes / e por isso hãõ todos de acabar sua vida em hũ pagode que he casa de oração dos seus idolos q tem deputado pera isso: e sempre nella ha dauer hũ rey q os sirua: e este morto põe logo em seu lugar o que reyna: e no reyno põe outro q lhe succede / e ainda q o que reyna não queyza entrar no pagode: morto o q está nele hãõ no de fazer êtrar por força. Estes reys do Malabar sam homẽs bacos e andão nus da cinta pera cima e pera baixo se cobrẽ com panos de seda, e dalgodão, e às vezes se vestem dhuãs roupas curtas q chamãõ bãjus de seda ou brocado e de graãcõ muyta pedraria, principalmẽte el rey de Calicut. Fazem as barbas aa naualha e deixão

hūs bigodes compridos a maneyra de Turcos / ser uense com pouco esta do / mórmete no comer que he muy pouco: Mas el rey de Calicut se ser uia então com muyto grãde. Estes reys não casam nem tem ley de casa méto: porê tê húa mãeba de linha gê de naires q̄antre os Malabares fidalgos: e esta tem em casa aparta da perto dos paços / e danlhe certa cousa por mes pera seu gasto: com q̄ viuem muy abastadamente: e cada vez que os descontentão a deixão: e os filhos que fazê nelas não os tem por filhos, nem herdão ho reyno / nem outra cousa sua: e como sam ho mēs não tê mais valia que a da parte da mãy: sam seus herdeiros seus irmãos se os tem / e senão seus sobri nhos filhas de suas irmaãs / as quaes não casam, nem tê maridos certos / e sam muyto liures em esco lherê quê lhe melhor parece, e sam muy estimadas e tê muy grandes rendas: e como chega algũa a dez annos que he a idade pera conhece rem homens mandão seus parentes chamar fora do reyno algũ mance bo Mairé, e rogarlhe cõ presentes q̄ lhe vá leuar a virgindade: e quando chega ho recebem com muyta festa. E despois de a corromper atalhe húa ioya ao pescoço / que ela traz to da sua vida em muyta estima por si nal da liberdade que lhe foy dada pera fazer de si o que quiser / porq̄ sem aquela cirimonia não podia co nhecer homê. Estes reys tem ás ve zes guerra hūs com os outros / e eles mesmos entrão nas batalhas e pelejão se he necessario: quando morrê queimãnos fora dos paços

em hũ ressiocõ muyta lenha de san dalo e aguila / e ao queimar se ajun tão todos seus irmãos e parentes mais chegados: e todos os grãdes do reyno, e ate serê todos jutos se espera tres dias âtes de ho queima rê, pera verê se faleceo de sua morte, ou se ho matarão / porq̄ matãdo ho alguê sam obrigados a vigalo. Des pois q̄ os queimão e que enterrão a cinsa rapãie todos sem ficar cabelo nenhũ / ate ho mais pequenino me nino que seja gentio, e geralmente deixão de comer betele, que he hũa erua de q̄ gostão muyto: e isto por treze dias: e ao q̄ ho come cortãlhe os beiços por justiça. E nestes dias ho p̄ncipe não manda nê governa pera ver se acodira alguê que cõtra diga ser ele rey: e acabado este ter mo os grandes do reyno lhe fazem jurar todas as leys e costumes do rey passado: e de pagar todas suas diuidas: e de trabalhar por ganbar algũa cousa que estê perdida do rey no. E este juramento lhe tomão tê do ele a sua espada na mão ezquerda e a dereyta sobre hũa cãdea acesa, metido nela hũ anel douro em que toca com os dedos e ali faz seu jura mento, e feyto lhe lanção hũ pouco darroz, e fazêdo lhe grãdes cirimo nias em q̄ lhe dizê muytas orações: e ele adora tres vezes ao sol / e logo os Caimaes q̄ sam senhores de tito lo lhe jurã na mesma cãdea de lhe se rêleaes. Acabados os treze dias tor não todos a comer betele / e carne e pescado como dâtes / saluo el rey q̄ toma dô por seu âtecessor: e o dô he q̄ por espaço de hũ año nã come carne nem pescado nem betele / nem ha

de rapar a barba, nê fazer as vnhas nem ha de comer mais q̄ hũa vez no dia, e lauasse todo antes q̄ coma e reza certas horas do dia: e despoys de acabado ho anno faz hũa cerimonia pela alma do rey passado a maneyra de saymento em que se ajũtarão cem mil homẽs / em q̄ da muytas esmolas: e acabada esta cerimonia confirmão ho principe por herdeyro do reyno, e despoys se vay toda aquela gente. El rey de Calicut, e assi todos os outros reys do **A**labar tem hũ regedor que tẽ cargo da justiça / e assi manda em outras muytas cousas como el rey propria mente. A gẽte de peleja q̄ tem el rey de Calicut / e assi os reys do **A**labar sam Maires, q̄ sam todos fidalgos / e não tem outro officio se não pelejar quando he necessario, e sam gentios: trazẽ continuamente as armas com q̄ pelesão que sam arcos / frechas, lâças, agomias, e escudos, e tem que andão coelas muyto hõr rados e galãtes: pozem andão nus sõmente com hũs panos dalgodão pintados q̄ os cobrem da cinta ate ho giolho: e descalços com toucas nas cabeças. Viuem todos com el rey ou com senhores de terra de que tem moradia / e sam tão isentos em sua fidalguia e tão escoimados / q̄ se não tocão com nenhũ vilão / nem lhe hão dêtrar em casa. E os vilãos sam obrigados quando vão polas estradas de ir bradando que vão / porque se os Maires virem lhes digão que se afastem do caminho: e se ho assi nã fazẽ matãnos os Maires. Nem os reys podẽ fazer Maires se não forẽ de linhagẽ de Maires: serue

muyto bemaq̄les com que viuem / assi de dia como de noyte, e não estĩ mão deixar de comer e dormir por seruir bẽ: fazem tão pouca despesa que duzentos reaes que tẽ de moradia por mes lhes abasta pera cada hũ e hũ moço q̄ ho serue. Estes per ley do reyno não podẽ casar / e por isso não tẽ filhos certos, porque os que tem sam de mancebas com que dormẽ tres e quatro, per concerto que fazẽ hũs cõ os outros pera ho fazerẽ sem auer briga antreles: e cada hũ ha de star coela hũ dia certo e meyo dia a meyo dia: e aq̄le ido vẽ outro. E assi passão sua vida sem os ouir ninguẽ, e mantẽna muy hõr radamẽte: e q̄lquer deles q̄ a quer deixar a deixa / e ela a eles: e estas molheres ham de ser Mairas porq̄ não podẽ dormir cõ vilaãs / e estas tambẽ não casam / e porq̄ eles sam tantos a hũa molher não tem por seus filhos os que hão nelas / ainda que se pareçã coeles, e os filhos de suas irmaãs sam seus herdeyros. Esta ley de não poderem casar os Maires fizerão os reys: porque não tendo eles molheres nem filhos a que teuessem amor podessem aturnar a guerra. E por eles seruirẽ tãbẽ e serẽ fidalgos são priuilegiados de nã poderẽ ser presos, nẽ morrer por justiça. E quando algũ mata outro: ou mata vaca q̄ antreles he grande peccado porque as adorã: ou dorme com molher baixa: ou come em casa de vilão, ou diz mal del rey, se ho el rey sabe certo, daa hum escripto seu em que diz a hũ Mairẽ que com outros dous ou tres mate tal Mairẽ porque pecou, e eles ho matão aas

cutiladas õde ho achão / e depois de morto põe sobrele ho escrito del rey pera que saiba ho porque ho matarão. Estes Maires não podem tomar armas / nem entrar em desafio antes de serẽ armados cauleyros: e como sam de sete annos logo os põe a deprêder a jugar de todas as armas, e pera serem nisso muyto destros seus mestres os desconsuntão / e depois lhes insinão a jugar daquelas armas a que os vẽ mais incrinados. E as que se mais costumão a treles são espadas e scudos. Os mestres que os insinão sam graduados naquele jogo d'armas em q̃ insinão / e chamamse pancais na sua lingua: e sam muyto venerados entre os Maires, e qualquer seu discipulo, posto que seja velho / ou seja grande senhor ho ha d'adorar em ho vendo, e isto por ley: e mais sam obrigados a tomar licença dous meses do anno em toda sua vida / pelo que sam muyto desenuoltos nas armas e prezamse muyto disso. Quando algũ quer ser armado cauleyro vay se a elrey bẽ acompanhado de seus parentes e amigos, e primeyramente lhe offerece sessẽta fanões d'ouro, hũa moeda assi chamada que serã tres cruzados pela nossa. E logo elrey lhe pregũta se quer goardar ho costume e ley dos Maires: e dizẽdo ele que si, mandalhe cingir hũa espada, e poẽdo lhe a mão d'ereyta na cabeça diz certas palauras como que rezam ho ninguẽ ouuir: e depois ho abraça / dizendo em sua lingua hũas palauras que na nossa querẽ dizer, goardaras os bramenes e as vacas. Isto dito ho Maire adora el

rey / e dali por diãte fica cauleyro. Estes quando assentão viuenta cõ alguem / obrigamse a morrer coeles e por eles, o que goardão de maneyra que se matão seu senhorem algũa guerra pelejão tanto ate que os matão / e senão sam presentes vão depois matar a quẽ os matou / ou mãdou matar: sam grandes agoireyros, e tẽ dias bõs e maos / adoraõ ho sol e a lũa / e a cãdea, e as vacas e qual quer cousa que se lhe offrece e la indo pela menbaã de casa: e cre leuemente qualquer vaidade. Metesse ho diabo neles muytas vezes / e dizem que he hũ dos seus deoses, ou pagodes, que assi lhe chamão / e faz lhe dizer cousas espantosas que elrey cree, e ho Maire em q̃ ho diabo entra vay se cõ a espada nua diãte delrey tremendo todo, e dando cutiladas em si / e diz. Eu sou tal deos e venho te dizer q̃ faças tal cousa, e isto bradãdo como doudo: e se elrey duuida de ho fazer então dá muyto mões brados e gritos / e muyto mões cutiladas ate q̃ ho cre elrey. Ha tãbẽ outros generos de gentes no Malabar de diuersas feituras e costumes q̃ leria prolixidade dizelas, que todos obedecẽ aos reys, senão os mouros, q̃ sam deles muyto estimados pelos grandes d'ereytos q̃ lhe pagão de suas mercadorias.

Capit. xv. De como Vasco da gama mandou recado a elrey de Calicut que lhe queria falar.



Urto Vasco da gama fora do arrecife de Calicut nas mesmas almadias que ho ali troue.

rão mandou hũ dos degradados q̄ leuaua a Calicut: assí pera que visse que terra era como pera fazer experiencia nele do gasalhado que lhe farião por ser Chriſtão: porque cuidaua que auia Chriſtãos em Calicut a cuja praya chegado ho degradado/começou logo dese ajuntar a gētea velo como a homem estranho: e perguntauão aos Malabares que yão coele que homem era. E eles dizião que lhe parecia mouro q̄ vinha com outros naquelas tres naos q̄ vião/de que os de Calicut se espantauão/ por ser ho seu trajo muyto differente do q̄ trazião os mouros que vinhão do estreito/ e yão muytos apos ele/ e algũs q̄ sabião arauia lhe falauão/ mas ele não respõdia/ por que não entendia: do que se eles espantauão, que sendo mouro não entendesse arauia. E indo assi crendo que fosse mouro/leuarão a pousada de dous mouros naturais de Tunesem Berberia/ q̄ forão ter a Calicut/ e erão hi estantes. E hũ deles q̄ auia nome Bõtaibo sabia falar castelhano, e conhecia muyto bẽ os Portugueses/ segundo despois disse que os vira em Tunesem tẽpo del rey dom João em hũa nao chamada a Raynha, q̄ el rey lá madaua muytas vezes buscar cousas de que tinha necessidade. E entrando ho degradado em sua casa/ disselhe logo Bõçaide: e este nome foy corruo pelos Portugueses/ e mudarãno em Bõtaibo como lhe chamauão todos os q̄ forão nesta viagẽ/ conhecẽdo ho por Portugues. Al diablo que te doy quiẽ te traxo a ca: e despois lhe perguntou de que ma

neyza viera ali ter. Ho degradado lho disse/ e quantas naos yão. Espantado Bõtaibo de irẽ por mar/ lhe perguntou que yão buscar tão longe: e ele lhe disse que yão buscar Chriſtãos, e especearia. E perguntoulhe mais porque não mandauão lá tambem el rey de França e el rey de Castela/ e a senhoria de Veneza. respondeu ele/ que porque lho não consentia el Rey de Portugal: ao q̄ Bõtaibo disse que fazia muyto bẽ de lho não consentir. E agasalhou ho, e mandoulhe dor de comer hũs bolos de farinha de trigo, a que os Malabares chamão apas, e coeles mel. E despois que comeo, disselhe Bõtaibo q̄ se tornasse pera as naos, e q̄ iria coele a ver Vasco da gama/ e assi ho fez. E trado na capitaina, começa de dizer a Vasco da gama em castelhano. Boauentura/ boauentura, muytos rubis, muytas esmeraldas, muytas graças deueis de dar a Deos: porque vos trouue a terra onde ha toda a especiaria, pedraria e toda a riqueza do mundo. E quando assi ho ouuirão falar estauão todos pasmados, que não crião q̄ ouesse homem tão lõge de Portugal que entendesse a nossa lingoa: e dauão graças a nosso senhor chorãdo de prazer. e Vasco da gama ho abraçou, e ho fez assentar a par de si/ perguntandolhe se era Chriſtão: e como fora ter a Calicut: ele lhe disse donde era, e que fora ter a Calicut pela via do Cairo, e contoulhe de q̄ maneyra conhecera os Portugueses/ e que sempre fora seu amigo por lhe suas cousas parecerem muyto bem, e que assi ho seria ao presente/

L

e que ho serviria em tudo o que po-
 desse. E q̄ lhe Vasco da gama agra-
 deceo muyto, prometêdolhe de ho
 fazer coele muyto bem: certificâdo-
 lhe questaua ho mais ledo homem
 do mundo em ho achar ali e telo de
 sua parte: e que cria que Deos lho
 deparara pera dar ho fim que dese-
 jaua a seu descobrimento: porq̄ sem
 ele pouco fruyto ouuera de tirar de
 seu trabalho, rogandolhe que lhe
 dissesse que homem era el rey de Ca-
 licut, e se ho receberia de boa vonta-
 de por embaixador del rey de Por-
 tugal. E ele lhe disse q̄ el rey de Ca-
 licut era a bõ homem e muyto vão / e
 que ho receberia bem por embaixa-
 dor de rey estrangeiro: porem que
 muyto melhor recebido seria se dis-
 sesse que era vindo a assentar trato
 em Calicut / e leuaua mercadoria
 pera isso, porque do trato resultaua
 a el rey grande proueito pelos de-
 reytos que tinha, que era sua princi-
 pal renda: e q̄ estaua então em Pa-
 nane hũa vila cinco legoas de Cali-
 cut ao longo da costa, que lá lhe mã-
 dasse dizer como estaua ali: o q̄ pare-
 ceo bẽ a Vasco da gama / e pela võ-
 tade que achou em Bõraibo lhe deu
 algũas peças, e rogoulhe que fosse
 com Fernão martinz ho lingoa, per
 quem mandou recado a el rey de Ca-
 licut: o que ele fez de boa võtade. E
 chegados diante del rey / Fernão
 martinz lhe disse per outro lingoa
 que hi estaua, q̄ Vasco da gama lhe
 trazia cartas del Rey de Portugal
 que ho não mandara a outra cousa
 se não a isso / que se mandasse q̄ lhas
 leuaria. El rey antes de lhe respõ-
 der mandou dar a ambos de dous

senhos panos dalgodão e de seda
 dos que ele cingia / que erãõ muyto
 bõs. E despois de lhe terem dados
 os panos / pregũtou a Fernão mar-
 tinz que rey era a quele que lhe man-
 daua as cartas / e quão lõge era seu
 reyno. E ele lho disse, dizendo tam-
 bem como era Christão e a sua gête
 Christã: e ho trabalho que tinbão
 passado no mar e chegar a Calicut.
 E de tudo el rey mostrou espantar-
 se: e mostrou que folgaua muyto de
 tão poderoso príncipe como el Rey
 de Portugal e Christão lhe mãdar
 embaixada / e mandou dizer a Vas-
 co da gama q̄ fosse muy bẽ vindo /
 e que ele fosse ancorar suas naos a
 Pandarane hũa vila a baixo dõde
 primeyro surgira: que tinha porto
 mais seguro que Calicut / onde as
 naos corrião risco de se perderem: e
 de Pandarane se fosse por terra a
 Calicut õde ja estaria pera lhe falar,
 e mandoulhe hũ piloto que ho leua-
 se a Pandarane: que ho leuou lá / e
 quando foy ao entrar dẽtro na bar-
 ra, Vasco da gama não quis tanto
 entrar dentro como ho piloto qui-
 sera / porque não sabia o que sucede-
 ria despois.

Capít. xvi. De como el rey de Ca-
 licut mãdou por Vasco da gama
 a Pandarane.

Bstando neste porto verá
 lhe hũ recado do Catual
 de Calicut, que he como
 corregedor da corte / que
 ele era vindo a Pandarane com ou-
 tros homẽs nobres por mandado
 del rey pera ho acompanharem ate

Calicut q̄ podia desembarcar quã-
do quisesse. E por ser ja tarde se escu-
sou Vasco da gama de ir a q̄le dia, e
mais pera auer conselho com seus
capitães acerca d̄ sua ida aos q̄es, e
assi a outros homẽs principaes da
frota: disse que queria ir ver se com
el de Calicut e assentar coele trato e
amizade. O q̄ seu irmão contrariou
dizendo que não deuia de ir a terra,
porque posto q̄ fosse de Chriſtãos
auiã nela muytos mouros, de que
se deuia de crer que auião de procur-
rar sua destruyção pois erão seus
mortaes inimigos: porque quando
os de Moçambique e de Bomba-
ça por somẽte passar por seus por-
tos os quiserão matar / que farião
os de Calicut sabendo que querião
estar coeles de mestura e ter trato
onde ho eles tinhão, e diminuir he
coisso seus ganhos e proueitos / q̄
era de crer que com todas suas for-
ças trabalharião polo destruyr / e
crêdo que ho começo e cabo de sua
destruyção estaria e sua morte / não
he auião de faltar manbas pera
lha dar / e ele morto por mais que
el rey ho sintisse não ho poheria re-
suscitar: quanto mais que como eles
erão naturaes, e ele estrangeiro quẽ
sabia quanto daria a el rey de sua
morte / e o que seria deles despois
dela: e se se perderião todos e fica-
ria seu trabalho perdido. E pera se
isto escusar e eles estarem seguros /
era bem que não fosse a terra: mas
que mandasse hũ deles ou outrem
que fizesse o que ele faria. porque os
capitães mōres não se auião de auẽ-
turar em perigos se não com tanta
necessidade que se não podesse al fa-

zer. E coeste parecer se forã todos /
ao que Vasco da gama respondeo.
Eu ainda que saiba morrer não ey
de deixar de me ver com el rey de
Calicut pera ver se posso assentar
coele amizade e trato e auer especia-
ria: e outras cousas de sua cidade
pera q̄ seião testemunhas em Por-
tugal que ho descobrimento de Ca-
licut foy verdadeyro / porque indo
sem elas a cabo de tanto tempo se
nos Deos laa tomar seria duro de
crer que descobrimos Calicut: e
estaria suspenso ho credito de nossa
honrra ate virem ca peſsoas sem sos-
peita que dissessem como era verda-
de o q̄ diziamos. Pois parecemos
que esperaria eu antes a morte que
esperar de sofrer tanto tempo como
temos gastado e auemos de gastar
que viessem descobrir a verdade de
nosso merecimeyto, e entre tanto sul-
garẽ os enuejosos como quisessem.
certo que antes me deixaria morrer
que esperar o que digo: quanto ma-
is senhores que me não auenturo a
tamanho perigo de morte como vos
parece / nem vos ficais em risco de
vos perdedes, porque eu vou pera
terra o de ha Chriſtãos: e negociar
com rey que deseja de irem muytas
mercadorias a sua cidade pelo pro-
ueito que he delas resulta / porque
quantos mais mercadores tanto
mayor crescimento de suas rendas /
e não vou pera me deter tãtos dias
que tenhamos os mouros tẽpo de me
fazer treição / porque ho assento q̄
ey de tomar com el rey se acabara
de tomar ate tres dias: e nestes esta
rey sempre a recado. E a honrra dei-
te assento se nosso senhor quiser que

ho eu tome não darey eu por nenhũ preço, z el rey não ho podera tomar com outrem melhor q̃ comigo, por que mais honrra me ha de catar z mais vergonha ha dauer de mim sabêdo que sam capitão mór desta frota z embaixador del rey de Portugal que a outra pessoa qualquer que seja: quanto mais que qualquer que vá não sendo eu auer se ha el rey por injuriado / z parecerlhe ha que ou me desprezo de lhe ir falar, ou descõfio de sua verdade, z cada hũa destas lhe fara não ter nenhũ credito em nos outros. E deixadas estas cousas não posso eu dar tão largas instruções a quem lá for pera que faça tambem o que he necessario como eu: z se por meus peccados me matasem / ou prendessem melhor se ra acontecer me por fazer o que deuia: que ficar viuo sem ho fazer / z que me acontecesse, vos senhores ficais no mar / z em bõs nauios como ho souberdes acolheiuos, z leuareis nouas de nosso descobrimento. E nisto se não fale mais / porque eu prazêdo a Deos ey dir a Calicut z verme com el rey. Quando todos virão sua determinação disserão q̃ fosse: z alise assentou q̃ fossem coele doze pessoas. s. Diogo diz seu escriuão z fernão martinz ho língua, z ho seu veador, z João de saa que depois foy tesoureyro da cala da India, z hũ marinheiro chamado Bõçalo pírez que fora de sua criação / z hũ Alvaro velho / z Alvaro de Braga que depois foy escriuão dalfandega do Porto / z assi outros a que não soube os nomes que coele erão treze: z que ficasse na frota por capi

tão mór seu irmão; z que durando sua ausencia não recolhesse nela pessoa algũa, z todos os que fossem a bordo esteuessem e suas almadias: z q̃ cada dia ho fosse Niculao coelho esperar a terra nos bateys. Isto assentado / ao outro dia que foy segūda feyza vinte oyto d' Mayo embarcouse Vasco da gama com os doze q̃ digo todos atauitados ho melhor q̃ poderão: z os bateis muyto crespos com artelharía, z bandeiras, z trombetas / que sempre forão tangêdo ate ele chegar a terra õde ho Catual ho estaua esperando acompanhado de duzentos Maires, que ho acompanhauão continuamente / z assi outros muytos que nã erão de sua companhia, z toda a gente do lugar. Desembarcado Vasco da gama / foy recebido do Catual com muyto prazer / z assi dos que ho acompanhauão, como que folgauão coele: z depois de recebido foy tomado em hũ andor que lhe mandaua el rey de Calicut pera ir nele, por que na q̃la terra não se custuma andar a cavallo / z andão nestes andores que sam como leytos dandas se não q̃ sam descubertos, z quasi rasos tão baixas tẽ as goardas. Cada andor destes quãdo ha de servir be leuado por quatro homẽs aos hombros / z isto assi por nã auer bestas na terra / como por estado: por que em outras partes em que ha bestas não os leuão se nã homẽs, que tambem correm a posta coeles se os reys ou senhores vão caminbo lãgo, z se querẽ andão muyto em breue tempo. Podem ir assentados ou deitados como lhe vem á vontade,

z cubertos com sombreiros de pé/
 que lhe tambem leuão homês a que
 chamão boys/z assi vão êparados
 do sol z da chuua. Ha tambem ou-
 tros andores que tem por cima hũa
 cana em arco, que por serem muyto
 leues os podê leuar dous homês.
 Tomado Vasco da gama neste an-
 dor / partio-se com ho Catual que
 ya em outro pera hũ lugar a q̃ não
 soube ho nome / z os nossos yão a
 pé / z leuaualhes ho fato essa gente
 baixa da terra que lhes ho Catual
 mandou dar / z no lugar que digo
 comerão ele ê hũa pouxada / z Vasco
 da gama em outra, z os nossos
 comerão pescado cozido z arroz
 com manteiga z fruytas da terra/
 que sam diferentes das nossas / po-
 rem muyto saborosas / z chamão a
 hũas jacas, a outras mangas / z a
 outras figos: z beberão agoa muy-
 to singular como a ha por aq̃la ter-
 ra / que não deue nada a dantre dou-
 ro z minho. Acabando de comer fo-
 ranse embarcar / porque auão dir
 por hũ rio acima que ali se ya meter
 no mar. E Vasco da gama se embar-
 cou com os nossos em duas alma-
 dias juntas hũa com a outra / que
 naquela terra se chama jangada: z
 ho Catual com os seus embarca-
 rão em outras muytas. E a gente
 que acodia ás prayas do rio a ver
 os nossos era sem conto, porque a
 q̃la terra he muyto pouxada. Friaõ
 por este rio obra de hũa legoa / z ao
 lôgo dele estauão varadas muytas
 naos grossas. E desembarcados
 torna ranse aos âdores z prosegui-
 rão seu caminho / z a cada passo lhe
 sayão milhares de gente: z tão enle-

nados yão em ver os nossos q̃ assi
 como as molheres sayão com os
 meninos nos colos, yão apos eles
 sem sentir ho caminho. Deste lugar
 que digo leuou ho Catual Vasco
 da gama a hũ pagode dos seus ido-
 los, dizendolhe que era hũa igreja
 de muyta deuacão: z assi o cuydou
 ele mais porque lhe vio sobrea por-
 ta principal sete sinos pequenos / z
 diante dela hũ padrão d'arame dal-
 tura dũ masto de nao z no capitel
 hũa grande aue do mesmo arame q̃
 parecia galo, z a igreja era do tama-
 nho dũ grande mosteiro laurada to-
 da de cataria z telhada de ladrilho,
 que prometia ser de dentro hũ fer-
 moso edificio. E Vasco da gama se a-
 legrou muyto de a ver, z pareceo-
 lhe que estaua antre Christãos: z en-
 trado dentro com ho Catual / rece-
 berânos certos homês nus da cin-
 ta pera cima, z pera baixo cubertos
 com hũs panos ate ho giolho, z cõ
 outro sobraçado / z sem nada na ca-
 beça / com certo numero de linhas
 per cima do ombro esquerdo, z lan-
 çadas p baixo do ombro d'ereyto /
 assi como os Diaconos trazem a es-
 tola quando seruem á missa: z estes
 homês se chamão Cafres z sam gê-
 tios / z seruem no Malabar nos pa-
 godes. Estes deitarão agoa de hũa
 pia com isope a Vasco da gama / z
 ao Catual / z aos nossos: z despois
 lhe derão sandolo moido para poe-
 rem nas testas, como ca se põe a cin-
 za, z assi pera poerem nos buchos
 dos braços / ôde os nossos os não
 poserão por irem vestidos / mas po-
 serão nas testas. E indo por esta
 igreja virão muytas imagês pinta-

das pelas paredes, e delas tinham tainhos dentes que lhe sayão fora da boca hũa polegada, e outras tinham quatro braços e erão feas do rosto que parecião diabos: o q̃ pos algũa duuida nos nossos d̃ cre rem que era igreja de Christãos: e chegados diante da capela que estava no meyo do corpo da igreja/virão que tinha hũ curucheoa modo de se/ também decantaria: e em hũa parte deste curucheo estava hũa porta darme per que caberia hũ homem, e sobião a ela per hũa escada de pedra/ e dentro nesta capela que era hũ pouco escura estava metida na parede hũa imagem / que os nossos enxergarão de fora / porque os não quizerão deixar entrar dentro: acenandolhe que não podião lá entrar senão os Cafres: os quaes acenando pera a imagẽ nomeauão sancta Maria, dando a entender que aquella era a sua imagem. E parecẽdo assi a Vasco da gama, assentouse em giolhos, e os nossos coele e fizeram oração. E João de saa que estava duuidoso de ser aquillo igreja de Christãos por ver aquella fealdade das imagẽs que estauão pintadas nas paredes / em se assentando em giolhos disse. Se isto he diabo eu adoro a Deos verdadeyro. E Vasco da gama que ho ouuiu oulhou parele forindole. E ho Catual e os seus como forão diãte da capela deitarã-seno chão de bruços com as mãos por diãte/ e isto tres vezes, e depois leuãtarãse e fizeram oração épé.

¶ Capit. xvij. De como Vasco da gama deu a el rey de Calicut a embaixada que lhe leuaua.



Aqui prosseguirã seu caminho ate chegarẽ a Calicut, a cuja entrada leuara Vasco da gama e os nossos a outro tal pagode como este: e quando foy ao entrar da cidade/era a gente tãta assi da que saya dela a ver os nossos como da q̃ ya coeles / que não cabia pela rua. E Vasco da gama ya espãtado de ver tanta gente: e quando se ali vio deu muytas graças a nosso senhor por ho deixar chegar a esta cidade / pedindolhe q̃ ho encaminhasse de maneira que tornasse a Portugal com ho recado que desejava. E depois de ir hũ pedaço por aquella rua por onde entrou, por a gente ser tanta q̃ não podião romper os que ho leuauão no andor se meteo ho Catual coele em hũa casa: e ali foy ter coele hũ irmão do Catual que era grão senhor / e vinha por mandado del rey pera ho acompanhar ate ho paço/ e leuaua consigo muytos Maires / e diante muytas trombetas e anafis que yão tangendo, e assi hũ Maire que leuaua hũa espingarda com que tiraua de quando em quando. E depois de se receberem Vasco da gama e este senhor com muyto prazer abalarão pera os paços del rey com grande estrondo de tangeres e arroido da gente, q̃ depois da vinda do irmão do Catual deu lugar e se afastaua / e yão com tãto acatamento como que fora ali a pessoa del rey de Calicut / e iriãci bem tres mil homens darmas, e pelos telhados, e pelas portas das casas não tinha conto a gente que estava. E Vasco da gama ya tãto li: do de se

ver assi receber q̄ disse aos seus rindo. Quão fora estão agora de cuidar e Portugal q̄ nos fazem tamanho recebimento: e coisto chegou aos paços del rey cō mais de hũa ora de sol. Os paços tirado serẽ terreos erã muyto grãdes/ e parecã ser hũ fermoso edificio, polos muytos aruozedos q̄ parecão perãtre as casas/ e estes erão de muytos e fermosos jardins q̄ auia dentro, e q̄ auia muytas froles e ervaas cheirosas, e tanques dagoa pera recreação del rey/ q̄ nũca sae dos paços se não quãdo vay fora de Calicut. Dos paços sayrã muytos caimais e outros senhores a receber Gasco da gama: e êtrarão coele em hũ terreiro muyto grande: e dali passarã quatro patios, e á porta d̄ cada hũ estauão dez porteiros: e estas portas passarão por força de muytas pancadas que os porteiros dauão na gente pera fazerẽ afastar, q̄ não entrasse. E chegãdo á derradeira porta q̄ era da casa onde el rey estaua/ sayo de dentro hũ homẽ velho e baixo de corpo/ que era ho brame nemõr del rey, e abraçou Gasco da gama/ e leuouho dẽtro cō os seus. E nesta êtrada carregou a gẽte tanto em demasia q̄ se afogarão algũs. E não aproueitaua darẽ os porteiros muytas pãcadas de q̄ muytos forão feridos: e coisto teuerão os nossos lugar d̄ entrar. Deste terceiro patio êtrarão na casa onde el rey estaua q̄ era grãde e cercada ao derredor d'assentos de pao hũs acima dos outros a modo de teatro: e ho chão estaua cuberto de veludo verde de pelo/ e as paredes aparamẽ-

tadas de panos de seda de muytas cores. El rey era homẽ baço e grãde de corpo e de boa idade/ estaua lâçado em hũ catele cuberto de hũ pano branco de seda e douro: e per cima hũ ceo muyto rico. Tinba na cabeça hũa carapuça d̄ veludo, feyta ao modo de celada antiga, cuberta de pedraria e perlas, e nas orelhas hũas arrecadas do mesmo: tinba vestido hũ baju branco/ de pano d'algodão finissimo / cō botões d̄ perlas muyto grossas e as casas de fio douro: tinba cõgido hũ pano brãco do mesmo algodão, que lhe chegaua ao giolho, e os dedos das mãos e dos pés cheos d'aneis douro com muyto fina pedraria, e nos braços muytos braceletes ricos, e nas pernas manilhas douro. Junto coeste catele estaua hũa batega d̄ pé alto toda douro, que são d̄ feiçã de copos de Frandes chãos/ se não q̄ são mayores e menos couos. E nesta estaua ho betele q̄ el rey mastigaua cō cal e areca, que são hũs pomos d̄ tamanho d̄ nozes noscadas: e comesse isto e toda a Índia porq̄ faz bõ bafo, e êruga muyto ho estomago, e mata a sede: e como he mastigado lançãno fora / q̄ não ho egolem e tomão outro. E pera lâçar este betele mastigado e cospir, estaua ali hũ cospidor douro, tamanho como hũa bacia meaã tãbẽ d̄ pé, e assi estaua hũ guinde douro q̄ he da feiçã d'agomil ou quasi / e estaua cheo dagoa pera el rey lauar a boca quãdo acabasse de mastigar ho betele q̄ assi se costuma. E este betele lhe daua hũ homẽ velho que estaua junto do catele/ e os outros que estauão

na casa tinham as mãos ezquerdas diâte das bocas porq̄ não fosse ho seu bafoter a el rey / o q̄ hã por grã de descortesia / e assi cospir ou escarrar / e por isso nã ho faz niguê na casa onde está el rey. Entrãdo Vasco da gama nesta casa fez a el rey reuerencia segũdo ho costume da terra, que he abaixarse todo tres vezes cõ as mãos juntas como quẽ louua a Deos estêdidas pera diâte: e el rey lhe acenou logo q̄ se fosse perto dele, e mādou ho assentar naq̄les assentos q̄ disse. E assentado êtrarão os seus e adozarão el rey assi como ele fez: e el rey os mādou tãbẽ assentar defronte dele: e mādoulhes dar a goa as mãos pera defencalmarẽ / porq̄ posto q̄ fosse inuerno não deizava de fazer calma. E lauadas as mãos mandoulhes dar figos e jascas pera q̄ comessem logo / o q̄ eles fizeram de bõa vontade e sem pejo, o q̄ el rey folgaua d' ver porq̄ oulbanua pareles e riase, e despois falaua com ho velho q̄ lhe daua ho betele. E muyto mais mostrou folgar quando os nossos pedirão d' beber, q̄ lho derão por guides: e como sabião q̄ se costumaua beber dalto por auerẽ os Malabares por çugidade tocar cõ os beiços no vaso por õde bebẽ quizerão beber dalto: e não sabẽdo ainda aq̄le modo de beber daualhes a agoa no goto e tussião e outros errauão a boca, e cayalhes a agoa pelo rosto / entornãdofelhe pelos peitos, do q̄ el rey muyto gostaua: e oulbando pera Vasco da gama, disselhe por hũ lingoa q̄ falasse com aq̄les homẽs honrrados q̄ ali estauã: e q̄ dissesse o q̄ quisesse q̄ eles

ho dirião. Do q̄ ele não foy nada cõtete, porq̄ lhe pareceo aquilo desprezo: e respõdeo pelo lingoa / q̄ ele era embaixador del Rey de Portugal / hũ rey muyto poderoso: e q̄ os reys Christãos costumauão de não receber as ebaixadas por terceyras pessoas se não por si mesmos: e inda perante muyto poucas pessoas / e estas de muyta cõfiãça. E por se isto assi costumar nas terras donde ele vinha, não auia de dar a embaixada a outrẽ se não a ele. Do q̄ el rey disse q̄ era bẽ, e q̄ assi se fizesse. E logo mādou leuar Vasco da gama com Fernão martinz pera outra casa q̄ estaua com outro catale como aq̄le e assi apamentada: e despois q̄ lá esteue foyle el rey parela ficãdo os nossos na casa de fora / e isto seria sol posto. E el rey como foy na camara / lançou se no catele não estãdo hi a fora Vasco da gama e Fernã martinz mais que ho lingoa del rey / e ho bramene mór / e ho velho q̄ lhe daua ho betele, e mais hũ seu vedor da fazenda. El rey preguntou a Vasco da gama de que parte do mũdo era, e q̄ queria: ao que ele respõdeo q̄ era embaixador dũ rey Christão do cabo do occidẽte / senbor dũ reyno principal chamado Portugal, e assi doutros muytos / pelo q̄l era muyto poderoso de gẽte, e muyto mais rico de todas as cousas necessarias pera hũ rey ser muyto mais rico que nenhũ outro daquelas partes: e que auia sessenta annos que os reys seus antecessores tẽdo fama que na India auia reys Christãos e muyto grandes senhores principalmente el rey de Calicut /

mandaua descobrir per seus capitães aq̃la cidade pera terê amizade com os reys dela / e os terê por irmãos como era rezão: e visitarênos por seus embaixadores: e não porq̃tinessem necessidade de sua riqueza porq̃ a q̃ auia em suas terras / ouro / prata e outras cousas de preço lhe sobejaua: e q̃ os capitães q̃ yão a este descobrimento andauão nele hũ anno e dous / ate q̃ lhes falecia ho mantimento: e sem acharê o que buscavão se tornauã pera portugal o q̃ tinha custado muyto. E q̃ elrey dõ Manuel q̃ então reynaua, desejando de dar fim a esta empresa que auia tâto tẽpo q̃ duraua, por lhe nã faltar ho mantimẽto como dâtes lhe dera tres nauios carregados d'elles, e ho mãdara por capitão mór de todos tres / dizêdolhe q̃ não tornasse a Portugal ate q̃ lhe não descobrisse aquele rey dos Christãos q̃ era senhor de Calicut / porque se tornasse sem isso lhe mãdaria cortar a cabeça: e q̃ se ho achasse q̃ lhe desle duas cartas suas / q̃ lhe daria ao outro dia por ser então ja tarde, e q̃ lhe dissesse que ele era seu irmão e amigo / q̃ lhe pedia muyto q̃ pois mandaua de tão longe buscalo que quisesse aceitar sua amizade / e lhe mandasse seu embaixador pera a confirmar / e que dali por diante se visitassem por seus embaixadores, como se costumaua antre os reys Christãos. Elrey mostrou q̃ folgaua cõ a embaixada, e assi ho disse a Gasco da gama, e q̃ ele fosse muyto bê vindo: e pois elrey de Portugal q̃ria ser seu amigo e irmão, q̃ ele ho seria seu / e lhe mãdaria sobriisso seu em-

baixador: ho q̃ Gasco da gama lhe pediu muyto q̃ fizesse: porq̃ nã oularia d'aparecer diante del rey seu senhor sem ele. Elrey lhe porzmeteo q̃ ho mãdaria, e q̃ logo ho despacharia. E despois de lhe pergũtar polo estado d'el rey d' Portugal, e quanto auia d' sua terra a Calicut, e quanto se deteuera na via sem / por ser ja muyto noyte lhe disse q̃ se recolhesse: e pergũtoulhe se q̃ria pouisar cõ mouros se cõ Christãos, e ele disse que cõ nenhũs se não sã, e elrey mãdou a hũ mouro seu feytoz q̃ o fosse apouentar / e lhe fizesse dar todo ho necessario.

C Capit. xviii. De como Gasco da gama quiserã mandar hũ presente a elrey / e lhe nã foy cõfêtido.



Espedido Gasco da gama pa se ir a pouxada, posto que seria passadas quatro oras da noyte, ho Calicut e os outros q̃ ho acõpanharão se forão coele / indo todos a pé / e nisto sobreueo hũa chuuã tamanha q̃ as ruas yão todas cheas d'agoa. E por isso Gasco da gama mandou algũs criados seus que ho leuassẽ as costas: e assi pola agoa, como pola grande detença que fazião em chegar a pouxada le agastou / de maneyra que se queixou com ho feytoz del Rey. Dizendo que se ho auia ele de trazer pela cidade toda aquela noyte: e ele lhe disse q̃ se não podia mais fazer porque a cidade era grande e espalhada: e leuouho a sua casa pa des-

cançar hũ pouco / e daualhe hũ caualo pera ir nele, e por ser sem sela o não quis, dizendo que antes iria a pé: e assi foy ate chegar á pouxada onde aqueles que ho acompanhauão ho deixarão bê apouentado / e ja lá os seus tinhão todos seu facto. Aquí descansou aquela noyte com muyto prazer de ver tão bõ começo naquela negoceação. E ao outro dia que era terça feyza determinãdo de mãdar presente a el rey, porque sabia de Bontaibo que se não podia mandar sem ho seu feytoz e ho Catual ho verem primeyro / mostroulho, e erão quatro capuzes de graã: e seys chapeos, quatro ramaes de corais, doze alambéis / hũ fardo de bacias de latão, em que auia sete peças / hũa caixa daçucar / dous barris dazeite, e dous de mel. Vendo ho feytoz e ho Catual estas peças começaram se de ir / dizendo que não era aquilo nada pera mandar a el rey / que ho mais pobre mercador que ya a seu porto lhe daua muyto mais / que a quilo que se lhe queria fazer presente, que lhe mandasse algũ ouro: por q̃ el rey não auia de tomar aquilo. Do que Vasco da gama ouue menẽ coria / e assi ho mostrou, dizendo q̃ se ele fora mercador ou fora tratar que leuara ouro: porẽ que não era mercador, se não embaixador por isso ho não leuaua / e que aquilo q̃ queria mandar a el rey de Calicut era do seu / e não do del rey seu senhor, porque não tendo ele certeza se acharia el rey de Calicut, lhe não dera nada parele / e que quãdo tornasse a mandar outra vez pela cer-

teza que teria de ho achar e lhe mãdaria ouro, prata, e outras cousas muyto ricas. Eles disserão que aquilo seria assi: pozem que ho costume daquela terra era que todo ho estrangeiro que ya falar a el rey lhe auia de fazer presente, e este conforme á grandeza de seu estado. Ao q̃ Vasco da gama reprecou, dizendo que era muy bem que se goardasse seu costume / e ele por se goardar fazia aquele presente, que não era de mór preço por as causas que lhe dizia, q̃ ho deixassem leuar a el rey, e quando ho não quisesse que ho mandarião pera os nauios: e eles disserão que logo ho poderia mãdar / porque ho não auião de leuar a el rey, nẽ consentir que lho leuassem. E dado este desengano de que Vasco da gama ficou assaz agastado / disselhes q̃ pois eles não querião que mandasse aquele presente a el rey, que lhe queria ir falar pera se tornar a seus nauios (e isto era cõ determinação de dar conta a el rey do q̃ passaua acerca do presente) e eles disserão que era bê: pozem q̃ por quãto se auião de deter coele no paço / e era muyto necessario irẽ fazer hũ pouco, q̃ ho irião fazer e logo tornarião pera irem coele / porque el rey não queria que fosse sem eles / por quãto era estrangeiro, e auia muytos mouros na cidade. E cuydando Vasco da gama q̃ lhe falauão verdade no tornar logo / disse q̃ esperaria por eles / mas eles não tornarão em todo aq̃le dia.

¶ Capit. xix. Do q̃ os mouros ordenarão cõtra Vasco da gama.



Dimo quer q̄ neste tẽ
 po os mouros d̄ Ca
 licut tinhão trato e
 Quiloa/ Mõbaça z
 Moçãbiq̄ por amor
 do ouro q̄ se achaua
 nestes lugares: que lhes y a de çofa
 la por as naos q̄ lá tinhão mādado
 que tornarão inuernar a Calicut z
 chegarão primeiro q̄ Gasco da ga
 ma/ souberão quãto lhe acõtecera
 des q̄ chegou a Moçãbique ate q̄
 partio: z no caminho/ ate Bomba
 ça z ate Belinde: z como dizia que
 ya buscar calicut por amor da espe
 ciaria q̄ hi auia, pera el rey de Por
 tugal mandar hi carregar suas na
 os dela. E quando eles virão Gas
 co da gama: z souberão q̄ a causa d̄
 sua vinda z a sustãcia de sua embay
 xada era sobre o q̄ lhes tinhão dito:
 z que el rey de Calicut ho ouuira' a
 parte z mostrara contentamẽto de
 sua embaixada ficarão muy saltea
 dos, porque sabião q̄ el rey auia de
 folgar de irẽ muytos mercadores
 a Calicut, por q̄ quanto mais fossẽ
 tanto mais baratas auião de ven
 der suas mercadorias, z tanto ma
 ys cara auião d̄ cõprar a especiaria
 o q̄ sintirão muyto por q̄ vião clara
 mente quãto perdião do muyto q̄
 ganhauão tendo sós ho trato da es
 peciaria: z mais ho desgosto gran
 dissimo q̄ terião vêdo mesturados
 coeles Christåos, a q̄ tinhão odio
 mortal: z mais que os auião de ter
 por cõpetidores em seus tratos. E
 isto bẽ cõsiderado z examinado por
 todos juntos em consulta, acorda
 rão q̄ trabalhassẽ todo ho possiuel
 cõ ho catual z cõ ho feitor del rey

de Calicut q̄ lhe fizessem crer q̄ Gas
 co da gama q̄ era colfairo z não vi
 uia se não deroubos/ z q̄ ya espia
 a terra pera saber, q̄ naos yão a ela
 pera como fosse verãõ as ir esperar
 ao mar z roubalas: por isso q̄ ho nã
 deixasse ir de Calicut. E isto a fim q̄
 ficãdo ele na cidade cõ os q̄ leuaua
 os matarião poucos z poucos por
 que não tornassem a sua terra cõ no
 uas do descobrimẽto de Calicut z
 lhes impedissem ho trato q̄ tinhão
 E pera q̄ ho catual z feitor persua
 dissẽ a el rey q̄ cresse que Gasco da
 gama era colfairo cõtarãlhe o que
 fizera e Moçãbique cõtra os mou
 ros, z d̄ spois q̄ partira ate chegar
 a Belinde. Eles por amor da peita
 contarão logo tudo a el rey: z assi o
 presente q̄ lhe Gasco da gama qui
 sera fazer: no q̄ se parecia bẽ que nã
 trazia mercadoria/ nem era merca
 dor: se não colfairo. E como el rey
 era homẽ inconstãte: z vêdo q̄ Gasco
 da gama lhe não daua presente co
 mo os mercadores lhe costumauã
 de dar/ começou de crer o q̄ lhe dif
 serão ho catual z feitor/ z esteue pa
 ho mandar prender: mas parece q̄
 nosso seõor ho estoruou pera se a In
 dia descobrir/ z selhe fazer lá tâto
 seruiço como he feito polos irmãos
 da cõpanhia de Jesu: cõuertẽdo tã
 o numero de infieis a nossa sctã fé.
 E por isto em q̄ o catual z feitor an
 dauão não querião q̄ Gasco da ga
 ma mādasse ho presente a el rey/ z
 trabalhauão q̄ não lhe tornasse a fa
 lar/ por q̄ não ho ouuindo se indi
 gnasse mais cõtrele. E de tudo isto
 derão conta aos mouros/ que lho
 agardecerã muyto, pmetẽdo lhes

muyto mais do q̄ lbes tinbã dado se leuassẽ aquilo auãte. E por dissimularẽ forãse a pouxada de Vasco da gama leuãdo cõsigo Bõtaibo: fingidose seus amigos mostrarão q̄ ho querião insinar no q̄ auião de fazer. E disserãlbe que quẽ queria negociar cõ el rey q̄ lbe auia õ fazer presente, porisso q̄ lho fizesse se q̄ria ler despachado: z Bõtaibo como amigo lhe disse ho mesmo: z que não somente ho auia de fazer a el rey/ mas aos officiaes q̄ ho auia de despachar/ se não que nunca seria despachado. E Vasco da gama se lbes queixou que ao dia dãtes quisera fazer hũ presente a el rey: z q̄ ho seu feytoz z ho Catual lho não cõsentirão z se forão/ z q̄ nunca mais tornarão. E mostroulbe as peças do presente. E os mouros lhe disserão que não erão aq̄las peças pera dar a hũ rey tão poderoso como ho de Calicut/ nem lhas desse/ porq̄ lhe pareceria q̄ fazia escarnio dele. E o mesmo lhe disse Bõtaibo: z estranhoulhe muyto não trazer outras cousas de preço/ pois as auia em Portugal: z ele se lbes desculpou cõ não ser certo de descobzir Calicut: z Bõtaibo lhe cõselhou q̄ posto q̄ não desse presente a el rey, que trabalhasse por lbe falar z auer licença dele pera se tornar aos nauios porq̄ lbe não fizessem os mouros algũ mal/ que começaua dẽtender neles q̄ lbes pesaua cõ sua vinda/ z coisso se foy coeles.

Capit. xx. De como Vasco da gama ouue licença del rey pera se tornar aos nauios.



Cydãdo Vasco da gama mano q̄ lbe Bõtaibo disse, z vendo q̄ ho Catual z feytoz tardauão determinou se não fossem coele ate ho outro dia a horas de comer de se ir sem eles ao paço: mas eles vierão: z ele sem mais falar na tardança lbes pediu que fossem falar a el rey. E parece q̄ nosso seõor andaua abzindo caminho pera se descobzir a India, porq̄ cõ quanto eles q̄ria estoruar a Vasco da gama q̄ não fãsse a el rey/ forãose logo coele aos paços: z mandarão dizer a el rey q̄ estauão ali cõ Vasco da gama. E el rey por estar trãstornado algũtãto ho não mãdou entrar se não despois dobra de tres horas q̄ chegou, z q̄ não entrassem coele mais q̄ ho seu lingo: do q̄ ele ficou muyto descontente, porq̄ lbe não pareceo bẽ aquele apar tamẽto. Entrado onde el rey estaua, não foy recebido dele cõ ho galbado da primeira: z disselhe secamente q̄ ho esperara ho dia pasado/ z q̄ não fora aele. Ao q̄ Vasco da gama disse q̄ deixara de ir por se achar muyto cansado do caminho. E não quis dizer ho porq̄, por não dar causa a el rey de lbe falar no presente, q̄ bẽ lbe parecia que lbe não estoruarã ho catual z ho feytoz de ho mandar a el rey se não por saberẽ que ho aueria por cousa baixa: z mais q̄ lbe auião de dizer como ho virão. Porẽ não se pode escusar de lbe el rey falar nele: dizẽdolhe logo que ele lbe dissera q̄ era de hũ rey muyto poderoso z rico, z que lbe nã trazia nenhũa cousa, trazẽdolhe embaixada damizada/ que nã sabia

que amizade queria coele quem lhe não mandava nada. Ao que Vasco da gama respondeo, que senão espantasse delhe não trazer nada, porque não tinha certeza de ho achar / e agora que ho achara veria o q̄ el rey seu senhor lhe madaua / se ho Deos deixasse leuarlhe as nouas de seu descobrimento: e que se ele quisesse dar credito a suas cartas q̄ ali lhas leuava, e que nelas veria o que lhe dizia. El rey e vez de lhe pedir as cartas / disselhe que ou ho madaua ho seu rey descobrir pedras ou homens, e se madaua descobrir homens como lhe não mandava algũa cousa: e pois a não trazia que lhe disserão q̄ tinha hũa sancta Maria douro quelha desse. Vasco da gama se achou muy afrontado de lhe el rey estranhar tanto não lhe levar presente, e mais de lhe pedir tão sem vergonha aquela imagem. E respondeolhe que a sancta Maria que lhe disserão era de pao dourada e não douro: e posto que ho fora que lha não ouuera de dar por quanto ela ho goardara no mar: e ho leuara a sua terra. El rey não reprimou a esta resposta, e pediu lhe as cartas que leuava del rey: e ele lhas deu / hũa em lingoagem Portugues outra em arabigo. E disselhe que vinhão assi porque não sabia el rey senhor qual daquelas lingoas se entederia em sua terra. E pediu lhe que pois a lingoa Portuguesia se não entedia senão a arabiga / e auia hi Christãos Indios que a entendião que as mandasse ler por hũ deles, porque por os mouros serẽ inimigos dos Christãos receaua que mudassem

as palauras da carta. E el rey ho mandava assi: e porẽ não se achou Indio que soubesse ler a letra mouisca ou foy feyto acinte. E vendo Vasco da gama que a auião de ler mouros, pediu a el rey q̄ fosse Bôtaibo hũ deles / e isto por lhe parecer que falaria mais verdade q̄ os outros pelo conhecimento que tinha coele: e el rey mandou que a lesse com outros tres: e lida por eles primeyro antre si, a lerão alto declarãdo a el rey o que dizia: Que era q̄ sabendo el rey de Portugal como ele era hũ dos mais poderosos reys da India e Christão desejava de ter coele amizade e trato, pera auer de sua terra especiaria que sabia q̄ auia nela muyta / e que de muytas partes do mundo a yão ali comprar. E que se ele lhe quisesse dar licença pera mandar por ela quelhe mandaria de seus reynos muytas cousas que no seu não aueria / as quaes lhe daria aquele seu capitão mór e embaixador. E quando daquelas cousas não fosse contente / mandaria moeda douro ou de prata pera a cõprarem. E que assi das mercadorias como das moedas lhe daria ho seu capitão mostra. El rey ouuindo estas palauras, como desejava que pera acrecentamento de suas rendas fossem muytos mercadores a Calicut, mostrou se cõtente cõ a carta / e fez melhor rosto q̄ dantes: e perguntou lhe q̄ mercadorias auia e Portugal. Ele nomeou muytas, e disse q̄ de todas trazia mostra, e assi das moedas: q̄ lhe desse ele licença pa ir por elas aos nauios, e que deixaria na pouxada quatro ou cinco homens dos seus

em quanto lá fosse. El rey crendo mais o que lhe ele dizia / que o que lhe os mouros tinbão dito / disse-lhe q̄ fosse emboza, e que leuasse os seus consigo que não era necessario ficar nenhũ em terra / e que trounessesua mercadoria, e que a vendesse ho melhor que podesse. Coesta licença ficou ele muyto ledo, porque segundo viu el rey mal assombrado no começo da pratica / pareceolhe que lha não desse. E coisto se foy pera a poufada / acompanhando ho Catual por mandado del rey. E por ser aq̄le dia ja tarde se não quis partir.

Capit. xxj. De como tornandose Vasco da gama pera os nauios ho detene ho Catual em Pandarane.



No outro dia que foy ho derradeyro de Mayo mandou ho Catual hum caualo emosso a Vasco da gama pera ir nele a Pandarane. E por ho caualo vir daquelle maneyra não quis ir nele, e pediu hũ andor ao Catual, q̄ lhe logo mandou dar / e nele se partio pera Pandarane / e todos os seus coele, e assi muytos Maires q̄ ho acompanhauão. E quando os mouros ho virão ir / parecendo-lhe que se ya de todo / ficarão tão magoados que se forão ao Catual, e peitarão-lhe muyto dinheiro porque fosse apos ele e q̄ ho prendesse de dissimuladamente, e que eles terião maneyra como ho matasem pera que ele ficasse sem culpa. E posto que lhe el rey quisesse dar algũa pelo prender, que eles lhe aue-

rião perdão. E fizerão partir logo, e andou tanto que passou pelos nossos que ficauão atras de Vasco da gama por ele ir depressa / e eles não poderem andar tanto que fazia calma e afrontauão. E chegado ho Catual a ele, disse-lhe que porque andaua tão de pressa que parecia que ya fugindo: e isto por acenos. E q̄ ele bem entendeu: e disse-lhe também por acenos que fugia da calma. E chegados a Pandarane, porque os nossos não parecião ainda / disse Vasco da gama que não auia dentro sem eles no lugar, e meteo-se em hũ estao (que auia muytos poraquele caminho pera se acolherem das chuvas) e hi esperou por eles ate quasi sol poito / que tudo isto tardarão por errar e ho caminho. E Vasco da gama se queixou coeles / dizendo que não era aquilo tempo pera ho deixarem, e que ja fora nos nauios senão fora sua tardança. E pediu logo hũa almadia ao Catual pera se ir aos nauios: e ele pelo que esperaua de fazer lhe disse que era ja muyto tarde / e que os nauios estauão longe e como fizesse escuro que os poderia errar que melhor se iria ao outro dia. No que ele disse q̄ se lhe logo não desse almadia pera se ir que se tornaria a el rey, porque el rey ho mandara ir pera os nauios e que ele ho queria deter / e que era muyto mal feyto sendo ele Cristiano como eles. E isto disse muyto menecozio / e mostrãdo que se queria tornar pera Calicut. E ho Catual por dissimular disse q̄ lhe daria. xx. almadias se tãtas quisesse, q̄ ele lhe aconselhaua por bẽ q̄ ficasse, q̄ se se qui-

fesse ir que se fosse: e fez que mandava buscar almadias, e dissimuladamente mandou esconder os donos delas, porq̃ as não dessem. E entre tãto que as yão buscar leuou Vasco da gama ao longo da praya: e como ele ja tinha mã sospeita desta gente pelo q̃ lhe fora feyto em Calicut, disse a Gonçalo pirez ho marinhairo/ que cõ outros dous dos nossos fosse diante ho mais q̃ podesse: e se achasse Niculao coelho com os bateis/ lhe disesse que se escõdesse por que auia medo q̃ ho Catual lhe tomasse os bateis com a muyta gente que leuaua: Gonçalo pirez e os outros forão fazer isto. E ho Catual se deu tanto de vagar cõ a almadia por mais q̃ se Vasco da gama apresaua/ q̃ se çarrou a noyte de todo/ e erão passadas dela bem tres horas. E assi por isto/ como por não tornarem mais os q̃ leuarão ho recado a Niculao coelho/ se deixou Vasco da gama ficar ali aq̃la noyte/ e foy apouentado e casa de hũ mouro. E ho Catual os deixou, cõ dizer que ya buscar Gonçalo pirez e os outros dous/ e foyle: e nã tornou se não pola menbaã. E tanto q̃ tornou logo lhe Vasco da gama pediu almadias pera se ir: e ele lhe disse que mandasse chegar mais pera terra os nauios, e que etãto se iria: do que se ele agastou muyto/ parecendo lhe quelho dizia, pera com a muyta gente que tinha/ lhe ir tomar os nauios em almadias: e por isso não quis. E respondeo cõ grande animo, que não auia de mandar tal cousa estando em terra/ porque se ho mandasse, que pareceria a seu

irmão que ho tinham preso/ e que ilho fazião fazer por força/ e que se iria pa Portugal sem ele. Ho Catual e os outros falãdo todos juntamete muyto rijo lhe disserão q̃ se ho não fizesse honão deixarião ir: ao q̃ ele mostrandose muy desagastado: respondeo que se ho não deixassem ir/ que se tornaria a el rey de Calicut/ e lho diria, e quando ho ele quisesse deter em sua terra, que folgaria muyto d̃ mozar nela. Ho Catual disse que se fosse queixar. Porem não lhe daua lugar pera isso, porque as portas da casa estauão todas fechadas/ e ela toda chea de faires com suas armas/ e não deixauão sair nenbhum Portugues. E quis Deos que ho Catual não ousou de matar Vasco da gama nem os seus, que bem quisera fazelo/ por amor dos mouros que lhe peitarão: e sendo ele muyto grande priuado del rey/ tomoulhe tamanho medo dele que não ousou. E ho porq̃ dizia a Vasco da gama que mandasse chegar os nauios pera terra/ era porque chegados os poderião os mouros tomar, e matar quantos estauão d̃etro: e vendo q̃ Vasco da gama não q̃ria mãdar chegar os nauios pera terra/ por ter causa d̃ ho ter e darlhe opressão/ ja q̃ ho nã oulha d̃ matar, cometeo lhe q̃ lhe desse as velas dos nauios e os lemes: do q̃ se Vasco da gama começou d̃ rir, dizẽdo q̃ nã auia d̃ dar hũa cousa nem outra/ pois el rey ho deixaua ir sem nenbũa condição/ que fizesse ho que quisesse, porque el Rey ho saberia e lhe faria justiça.

Ecõ tudo estava muyto agastado. Estando assi chegou gonçalo pirez com recado de Alculao coelho q̃ ho esperaua com os bateis: a q̃ logo Vasco da gama mandou dizer que se tornasse aos nauios, noteficando lhe como ficaua, e assi ho fez Alculao coelho, e acolheose com grande afronta, porque forão apos ele muytos inimigos em almadias por mādado do Catual pera ho tomarem, mas não poderão. O que sabido pelo Catual tornou a cometer Vasco da gama que escreuesse a seu irmão que fizesse chegar os nauios pera terra: e ele não quis, com dizer que ho fizera: mas que seu irmão não auia de querer, e posto que quisesse: q̃ sabia muyto certo q̃ a gente ho não auia de consentir. Ao q̃ ho Catual reprecou que não dissesse aquilo por que se auia de fazer o que ele mandasse. E com tudo Vasco da gama não quis escreuer a carta, porque receaua de mandar chegar os nauios pera terra pela rezão que ja disse.

Capit. xxiij. De como Vasco da gama se foy pera os nauios, e do que se passou despois disto.



Isto se passou todo este dia em q̃ os Portugueses esteuerão em grande agonia: e vinha a noyte os meterão em hũ patim ladrilhado, e cercado de paredes baixas, e veu ho dobro da gente q̃ os goardou de dia, pera os goardar de noyte. E Vasco da gama os esforçaua porque sentio q̃ receuaõ de os

apartarem bũs dos outros no dia seguinte: e ele tambem receaua ho mesmo, mas não ho daua a entender: e mostrauase muyto confiado que como el rey de Calicut soubesse que eles assi estauão, que os mādaria logo soltar. E por se mostrar de sagastado ceou coeles galinbas, e arroz que mandou comprar de dia. E ho Catual estava espantado de ver quão pouco lhes daua de os terem assi, e da constancia de Vasco da gama não querer mādare chegar os nauios a terra, nem conceder em nenhũa das outras cousas que lhe pedia: e pareceo lhe que era por de mais telo preso pera o fazer: e quis Deos que determinou de ho soltar com medo del rey saber q̃ ho tinha preso, sobre ho mādare ir liure mēte. E ao outro dia q̃ foy sabado dous de Junho, disse lhe que pois dissera a el rey que tiraria sua mercadoria em terra que a mandasse tirar, por que ho seu costume era: q̃ qualquer mercador que vinha a Calicut punha logo em terra sua mercadoria e gente: e não tornaua aos nauios se não despois de a ter vendida: e que como a mercadoria viesse ho deixaria tornar aos nauios. E ainda que pareceo a Vasco da gama q̃ lhe não falaua verdade, disse lhe q̃ logo mādaria pola mercadoria, que lhe desse almadias pera a trazerem: porq̃ seu irmão não quereria que os seus bateis viessem a terra ate ele não ir aos nauios. Do que ho Catual foy contente, porque esperaua de se entregar na mercadoria, cuydando q̃ erão cousas de muyto preço como Vasco da gama dizia, q̃ despachou

hũ dos seus cõ carta a seu irmão/ q̃ dizia como ficaua/ e q̃ não tinha outra má vida se não estar metido em bũa casa/ q̃ do mais a tinha muyto boa/ e q̃ lhe mãdasse algũa pouca d mercaderia pa contentar ho catual que ho deixasse ir: e q̃ teuesse sua prisa por: verdadeira se ho não visse nos nauios despois da mercaderia ser em terra: e se assi fosse q̃ não agardasse mais e se partisse logo pera Portugal/ e contasse a el rey o q̃ tinha feito e como ficaua, porq̃ cõfiava em sua alteza q̃ lhe desse tal armada de gẽte com q̃ tornasse a liuralo: q̃ não ouuesse medo q̃ ho matassem neste tpo porq̃ ele estava d isso seguro. E vista esta por Paulo da gama mãdou lhe logo a mercaderia cõ outra carta/ em q̃ dizia q̃ nunca deos q̃ fosse q̃ tornasse sem ele a portugal/ que q̃ndo os inimigos ho não quisessem soltar, que esperaua em nosso senhor d dar tãto efforço a esses poucos q̃ estauão na frota/ q̃ cõ a arte-lharia q̃ tinhão ho fossem liurar/ e que d isto fizesse conta e não doutra cousa. E chegada a mercaderia a terra/ e entregue ao catual/ e assi Diogo diaz q̃ ficaua por feyto: e Aluaro de braga por seu escriuão: e foise Gasco da gama aos nauos, e não quis mais mandar nenhũa mercaderia ate ver como se vendia aq̃la/ nẽ quis mais ir a tãra por não se ver noutra afronta/ do q̃ pelou muyto aos mouros por desesperarẽ de ho poderẽ matar. E não lhe podendo fazer outro mal zombauão da mercaderia que deixara e terra e fazião que não se vendesse: do q̃ se ele mandou queixar a el rey, e assi do q̃ lhe

ho catual fizera/ dizendo q̃ por essa causa não fora mais a terra: porẽ q̃ estaua a seu seruiço cõ aq̃la armada: e el rey se mostrou muyto menẽcorio do q̃ lhe fora feyto/ dizẽdo q̃ castigaria aq̃les q̃ lho fizerão: e q̃nto á mercaderia mãdou sete ou oytto mercadores gentios guzarates q̃ a cõprassem. E mãdou a hũ naire hõrado pera q̃ esteuessse na feitoria/ e q̃ se hi chegasse algũ mouro q̃ ho matasse. Mas ou por isto ser fingido/ ou por os mouros peitarẽ os mercadores, eles não cõprauão nenhũa cousa, ates a abaterão, de q̃ os mouros andauão muyto ledos e dizião que agora verião se eles sós erão os que não querião cõprar a mercaderia dos portuguezes: e cõ tudo não ousarão mais de ir á feitoria, sabendo que hi estaua ho naire por mãda do del rey. E se dãtes querião mal aos portuguezes muyto mais lho quiserão dali por diãte: de maneira q̃ como algũ ya a terra, parecendo-lhes q̃ ho injuriãuão nisso cospiãno chã, dizẽdo Portugal, Portugal. Eles q̃ ho entẽdião riãle, porq̃ vissem quão pouco lhes daua d isso e assi lho mandaua Gasco da gama que ho fizessem. E vendo ele q̃ não cõpraua ninguẽ a mercaderia/ pareceo-lhe q̃ era por estar naquele lugar e q̃ em Calicut se venderia milhor/ e ho mãdou assi dizer a el rey pedindo-lhe licença pera a mandar lá: que ele logo deu/ e por seu mandado e a sua custa foy la leuada: e cõ tudo nõca Gasco da gama q̃s tornar a tãra pola offensa q̃ lhe ho catual fizera. E porq̃ Bõtaibo q̃ ho ya ver muytas vezes lhe dezia q̃ ho fizesse assi/

porq̃ el rey era homẽ mudauel/ e po-
deria ser que os mouros bo muda-
riaõ da vôtade q̃ tinha pelo muyto
credito q̃ tinham coele. Era Vasco
da gama tão recatado que por ser
mouro se não fiaua de/ nẽ lhe daua
conta de nenbũa cousa q̃ ouuesse de
fazer. porẽ por ho ter de sua mão e
lhe dar auisos lhe daua muytas pe-
ças e dinheiro.

Cap. xxiij. De como Vasco da ga-
ma quisera deixar em Calicut hũ
feitor e escriuão e el rey nã quis.

Desta a mercadoria em Ca-
licut ordenou Vasco da
gama que todos os da ar-
mada fossem a terra pera
verẽ a cidade e comprarẽ o que qui-
sessem, e cada dia mandaua de cada
nauio hũ homẽ, e vindos aq̃les yã
outros. E quando fazião este cami-
nho os gẽtios poresses lugares por
onde yã os chamauã a casa/ e lhes
dauão de comer: e cama se era tarde
pera passarẽ dali, e ho mesmo lhe fa-
zião em Calicut e dauãlhe do q̃ ti-
nhão/ e os nossos a eles do q̃ leua-
uão/ que erão manilhas de latão e
decobre, estanho e roupa de vestir:
e andauão tão seguros como e Lis-
boa: e muyta gẽte da terra pescada-
res e outros gentios yão cada dia
aos nauios veder pescado/ e figos,
cocos e galinhas, que dauão a tro-
co de biscoito e por dinheiro. E ou-
tros muytos vinbão cõ os filhos
pequenos sem trazerẽ nada a ven-
der/ senão a ver os nauios. E Vasco
da gama os recebia a todos cõ muy-
to gasalhado, e lhes mandaua dar

de comer: e tudo isto por fazer paz
e amizade cõ el rey de Calicut, e ser
deles bem quisto: e coisto erão eles
muytos nos nauios, e se deixauão
tão dẽ vagar estar neles q̃ se çarrua
a noite e não se acabauão de ir ate q̃
os nossos lhe dezião q̃ se fossem. E
nisto se passou ate dez dias de agosto
que era começo do tempo q̃ podião
partir da costa da India, e se ya aca-
bãdo ho inuerno dela. E vêdo Vasco
da gama ho asselego da gente da
terra cõ os nossos, e a comunicaçã
que auia antre eles, e quã seguros an-
dauão por Calicut sem receberẽ es-
candalo dos mouros: nẽ dos naires
creo q̃ todo aquilo vinha por el rey
querer amizade cõ el rey seu senhor
que sem sua autoridade não fora pos-
sivel q̃ em perto de dous meses q̃ a-
uia q̃ os nossos conuersauão em Ca-
licut lhe não fizerão os mouros ou
os naires algũ escandalo: e por isso
determinou de deixar em Calicut o
feitor que la estaua coessa merca-
ria que tinha/ posto q̃ a menos dela
era vendida: porq̃ estaria ja ho alice-
ce feito pera outra boa que el rey seu
senhor mandaria/ deixando lhe nos-
so senhor levar nouas daquele des-
cobrimento/ e não seria necessario
tornar de nouo a fazer assento de fei-
toria: e cõ conselho de seus capitães
e principais da armada mãdou hũ
presente a el rey dẽ Calicut dalãbeis
corays e outras cousas/ mandãdo
lhe dizer por Diogo diaz que lho le-
uou, que lhe perdoasse ho atreuíme-
to delhe mãdar aq̃le presente/ porq̃
desejo delhe mostrar quãto era seu
seruido: lho fizera mandar, e não
parecerlhe que cousas tão baixas

erão pera se apresentar a hū rey tão poderoso como ele era. E que se ele teuera as que se lhe podião apresentar, que cō muyto melhor vontade lhas mandara do que lhe mandava aquelas. E por quanto dali por diã te se chegaua ho tēpo pera se poder partir pera Portugal / ele queria ordenar sua partida. E se auia de mandar embaixador a el Rey seu senhor pera confirmação de sua amizade coele / ho podia mandar fazer prestes. E mais que confiãdo ele na que tinha assētada com. S. A. z assi nas merces que tinha dele recebidas queria deixar em Calicut aqle feytor com seu escriuão com a mercaderia que tinhão / assi pera testemunho da paz z amizade / q̄ deixaua assentada com. S. A. como pera penhozes da verdade de sua embaixada / z do q̄ el rey seu senhor auia de mandar despois que soubesse no uas dele. E tãbē pera testemunho de seu descobrimento / z ter credito em Portugal, lhe beijaria as mãos mandar a el Rey seu senhor hū bañar de canela (que sam q̄tro quintais do peso de Portugal) z outro de crano z doutra especiaria, z como ho feytor fizese dinheiro q̄ lho pagaria, porq̄ não tinha ao presente pera o pagar. E primeiro q̄ Diogo dias desse este recado se passarão q̄tro dias sem elrey querer q̄ entrasse a lhe falar indo cada dia ao paço. E quando ho mādou entrar diã de le olhou ho muyto carregado / z perguntou lhe que queria tão mal assōbrado / que Diogo dias ouue medo q̄ ho mandasse matar: z dandolhe o recado / quando lhe quisera dar ho

presente não ho quis ver: z mādou que ho dessem a seu feitor. E a resposta que deu pera Vasco da gama foy q̄ pois se queria ir q̄ se fosse: mas que primeiro lhe auia de dar seys cētos xerafins (que val cada hū. ccc. rs) q̄ assi era costume da terra. Tornãdo Diogo dias cō esta resposta acōpanharãno muytos naires / q̄ ele cuidou q̄ era por bē: mas chegãdo á feitoria eles se poserão á porta / guardando q̄ não saisse ele nē outrem. E forão logo dados pregões pela cidade / que sopena de morte nenhũa almadia não fosse abordo da nossa frota. Porē antes disto Bôtaibo foy dizer a Vasco da gama em segredo, q̄ não fosse a terra nē mādasse / porq̄ ele sabia certo dos mouros q̄ se fosse ele ou os seus lhes auia el rey de mādard cortar as cabeças: z q̄ todos aq̄les cōprimentos que ateli fizera coele assi de lhe dar casa de feitoria em Calicut, como d̄ bõ tratamēto dos nossos forã dissimulações pera ho acolherē coeles ē terra / z os matar a todos: z isto por induzimēto dos mouros / q̄ tinhão feito crer a elrey q̄ erão ladrões, z andauão a furtar, z que não forão a seu porto se não pera roubar os mercadores q̄ fossē a ele / z espiarē a terra: z irē despois tomala cō grãde armada, z ho mesmo disserão a Vasco da gama dous malabares. E estãdo ele cuidando no q̄ faria por este auiso q̄ tinha por verdadeiro, ex q̄ muyto de noite chegou á capitaina hū escrauo d̄ guiné de Diogo dias q̄ era Christão / z sabia bē a lingua Portuguesa: z disse como ele z Aluaro de braga ficauão presos / z a resposta que elrey dera

ao seu recado: e do mais que fizera a cerca do presente: e dos pregões q mandara dar: e que Diogo diz teue ra maneyra como ho mandara/ dâdo dinbeiro a hū pescador que ho le uasse a bordo em anoytecêdo e por não ser entendido não escreuera. Vasco da gama q isto ouuio ficou muy agastado/ e esperou pera ver e q aquilo paraua, e passouse hū dia sem ninguê ir a bordo. E ao outro dia que foy quarta feyza quinze de agosto/ foy hūa só almadia a bordo da capitaina em q forão quatro moços que leuauão a vender pedras finas/ e parecendo a Vasco da gama que yão por espias pera verem o quelbe fazião, e pera se saber como estauão cō el rey/ os agasalhou como dantes, fazendo que não sabia nada da prisam de Diogo diaz, e nã quis lançar mão destes porque viessem outros mais e de mais preço em que faria represaria/ ate cobrar os seus que estauão presos em terra a quem escreueo hūa carta por estes moços com palauras dissimuladas, que querião dizer como ele sabia sua prisam / porque se fosse ás mãos doutrem que a não entendessem. E os moços lhe derão a carta, e contarão a el rey ho bõ gasalhado que lhes fora feyto: quelbe fez crer que Vasco da gama não sabia da prisam dos nossos / cō que folgou muyto/ e tornou a mandar que fossem a bordo: e com grãde auiso que não descobrissem como ho feyto e os outros estauão presos, porque fazia cōta de deter assi Vasco da gama a poder armar sobrele, ou que viessem as naos de Abeca e que ho

tomarião. E dali por diante forão os malabares a bordo, e Vasco da gama lhe fazia bõ tratamento sem lançar mão de nenhū, porq não via homē de preço/ ate q ao domingo seguinte forão seys homēs honrrados com dezanoue que leuauão consigo em hūa almadia. E parecendo a Vasco da gama que por estes aueria ho feyto e ho escriuão, fez neles represaria, somente deixou dos remeiros na almadia/ porquē mādou hūa carta escrita em lingoa Malabar ao feytoz del rey: em que lhe dizia que lhe mandasse ho seu feytoz e escriuão e que lhe mādaria os seus. E vendo ho feytoz del rey a carta deulhe disso conta: e ele lhe mādou que fizesse logo levar os presos a sua casa, pera ali os mandar chamar e fazer que não sabia nada de sua prisam/ e dali os mandar a Vasco da gama/ porque lhe desse os Malabares, cujas molheres lhe yão chorar a prisam de seus maridos: e por isso ele queria soltar os nossos, que ainda estauerão algūs dias em casa do feytoz.

Capit. xxiiij. De como el rey de Calicut mandou Diogo diaz e Aluaro de Braga, e do mais que passou.



Vendo Vasco da gama que lhe não mandauão os presos/ quis ver se com fazer que se partia lhos mandauão, e quarta feir a vinte tres de agosto mandou levar ancora e dar ás velas/ e por causa do vento q lhe era por dauante foy surgir quatro legoas a la mar de Calicut, e ali se deteu esperando ate ho

ho sabado pera ver se lhe madauão os presos. E vêdo q̄ não auia disso memoria foysena volta do mar / e surgio tãto a ele q̄ quasi q̄ não vião a terra. E estãdo surto ao domingo esperãdo pela viração foy ter coele hũ Lone cõ certos Malabares / q̄ lhe differão q̄ andauão e sua busca pera lhe dizer como Diogo diaz e os outros ficauão e casa del rey pa lhos mada e q̄ eles ficauão d lhos levar ao outro dia, e q̄ lhos não levarão logo por se não deterẽ e o poderẽ alcançar: e não vêdo ele os presos pareceo lhe q̄ erão mortos / e q̄ os Malabares lhe metião e dizião, lhe aquilo pera ho deter / e armarẽ em Calicut contrelle e tomarẽno / ou q̄ esperauão pelas naos de Abeca q̄ ho tomarião, e disselhes que se fossem e q̄ não tornassẽ mais a bordo se os seus homẽs, ou cartas suas se não q̄ os meteria no fundo às bordadas, e q̄ se logo não tornassẽ cõ recado que cortaria as cabeças aos q̄ tinha tomados. Coeste recado se partirão / e vinda a viração Vasco da gama deu às velas / e perlõgando ao lõgo da costa foy surgir diante de Calicut e se poêdo ho sol: e ao outro dia chegarão a bordo da capitaina sete almadias e e hũa vinhão Diogo diaz e Alvaro de Braga / as outras cõ muyta gente / de q̄ nenhũa não ousou dêtrar nos nauos. E poserão Diogo diaz e Alvaro de Braga no batel da capitaina / q̄ ainda estaua por popa / e afastarãse logo esperando reposta de Vasco da gama: a q̄ Diogo diaz disse q̄ como el rey de Calicut soubera q̄ era partido mada e logo por ele

a casa do seu feytoz / e lhe fizera grã de galbado como q̄ não sabia nada de sua prisam / e q̄ lhe pregutara a causa da prisam dos Malabares q̄ tinha presos e sabida lhe differa q̄ fora bẽ feyto. E q̄ lhe pregutara se lhe pedira ho seu feytoz algũa couza, dizẽdo cõtra ho mesmo feytoz q̄ estaua presente q̄ bẽ sabia ele q̄ auia pouco tẽpo q̄ mada e matar outro feytoz / por q̄ leuara peytas a hũs mercadores estrangeiros: e despois disto lhe differa / q̄ lhe dissesse q̄ lhe mandasse ho padrã q̄ dizia q̄ queria q̄ se posse em terra / q̄ tinha a Cruz e as armas reaes de Portugal, e q̄ se fosse cõtente podia deixar a ele Diogo diaz por feytoz em Calicut. e q̄ sobre isto lhe dera hũa carta per a el Rey de Portugal affinada por ele e escrita por Diogo diaz em hũa ola q̄ he folha de palmeyra, em q̄ costumãdo de escreuer as couzas q̄ hão de durar muyto / e dizia.

Vasco da gama fidalgo de vossa casa veo a minha terra / com q̄ folguey muyto: e minha terra ha muyta canela / muyto crauo, gingibre / muyta pimenta, e pedraria: o q̄ eu quero da vossa he ouro, prata, coral, e zcarlata. Vasco da gama que ja não se fiaua del rey, não quis responder a seus offrecimẽtos / e mandoulhe os seus Maires e os outros deixou, dizẽdo q̄ ficauão ate lhe trazerem a mercadoria que ficaua em terra / e mandoulhe ho padrã que lhe mada e pedir: e coisto se forão aqueles q̄ levarão Diogo diaz, e ao outro dia foy ter Bontaibo com Vasco da gama / e disse q̄ fugia de Calicut por q̄ ho Catual lhe toma

ra per mandado del rey toda sua fazenda dizendo que era Chriſtão e q̄ fora por terra a Calicut por mada do del Rey de Portugal pera ho espiar e disse mais q̄ tudo aquilo vinha pelos mouros: e porq̄ assi como lhe tomauão a fazêda lhe farião mal na pessoa se acolhera antes que lho fizesse. Vasco da gama folgou muyto coele, e disse q̄ ho leuaria a Portugal e lá cobriaria em dobro a fazenda, a fora outras merces que lhe el rey seu senhor faria: e mandou logo dar muyto bo galalhado. E após isto ás dez oras do dia chegarão a bordo da capitaina tres almadias carregadas de gente e encimadas de tostes vinhão algũs alambes dos nossos, como q̄ vinha ali a mercadoria, e a pos estas tres vinhão outras quatro que se poserão de largo: e das tres em q̄ yão os alambes disserão a Vasco da gama que ali vinha a sua mercadoria, q̄ a porião no seu batel: que mandasse ele tambẽ poer os Malabares q̄ tinba presos, e q̄ dali os tomarião. E pa recendo lhe a ele que isto era engano disse q̄ se fossem porq̄ não queria mercadoria se nã leuar pa Portugal aqueles Malabares pera testemunhas de seu descobrimẽto. E q̄ se vivesse q̄ ele tornaria muy cedo a Calicut, e então saberião se erão os frãgues ladrões como os mouros fizeram crer a el rey de Calicut, e por isso lhe fizera tantas cousas mal feytas. E acabado de dizer isto mandou lhes tirar as bõbardadas e os fez fugir. E q̄ el rey sentio muyto q̄ndo ho soube: e se as suas naos estauerão no mar ele mandara sobre

Vasco da gama, mas estauão varadas por ser inuerno: o q̄ he de crer q̄ nosso senhor ordenou q̄ os nossos fossem lá neste tempo porq̄ podesse escapar, e dar nouas do descobrimẽto desta terra pera se restaurar nela a sancta fé catholica: o q̄ não fora se os nossos forão no verã, por q̄ podera el rey de Calicut ajuntar seu poder que era tamanbo como ja disse, e mandar sobreles, e tomalos a todos q̄ nenhũ não tornara cõ nouas a Portugal, ou tambẽ os mouros de Aeca q̄ estauerão e Calicut os matarão a todos segundo erão muytos e lhes querião mal.

Capit. xxv. De como Vasco da gama se partio pera Portugal, e do que lhe aconteceu ate a ilha de Sanjadua.



Inda q̄ Vasco da gama estava cõtete de ter descoberto Calicut, nã ho podia ser d' todo por nã ficar em amizade cõ el rey pera tornar seguramẽte a frota q̄ el rey seu senhor madaſse. E vendo q̄ não era mais em sua mão, contentouse com ter descoberto o q̄ tinba, e ter sabido da India e sua nauegação quanto abastaua pa poder tornar a ella. E cõ leuar mostras d' speciaría, d' oroga, e pedraria, e doutras cousas q̄ auia nela, como agora vemos: q̄ tudo lhe ouue d' otaibo. E nã tendo mais q̄ fazer, partio se leuando os Malabares q̄ tinba, porq̄ por meo deles se fizesse a paz cõ el rey d' Calicut q̄ndo tornasse outra armada. E logo a quita feyza ao meyo dia adãdo e calmaria hãa legoa abaixo de

Calicut forão ter coele obra de setenta tones grãdes carregados de gente de guerra / com que parece q̄ el rey de Calicut cuydou de ho tomar / e vendo os mādoulhes tirar com a artelharía: e se ela não fora sempre eles chegarão aos nossos e os meterão em trabalho / porque andarão obra de bora e me aladrãdo apos eles, e por hũa trouoada que sobreueo / que por força leuou os nossos pera ho mar, os deixarão os inimigos / e se forão: e os nossos seguirão seu caminho pera Melinde com grandes calmarias. E indo coelas ao longo da costa sem andar quasi nada / pareceo bẽ a Gasco da gama, que posto que el rey de Calicut lhe fizesse tantas roindades / q̄ pola necessidade que os nossos que tornassem despois dele a Calicut / auião de ter de sua amizade / pera se poder auer carrega de especiaria, q̄ seria bõ fazer coele algũ comprimento, e mais pois lhe não podia ja em pecer, e que el rey folgaria coele segundo ho vira amigo de honrras. E hũa segunda feyza dez dias de Setebro lhe escreueo hũa carta em arabigo feyta per Bontaibo / em q̄ dizia que lhe perdoasse de lhe leuar os Malabares, porque os não leuaua se não pera testemunhas do que tinha descuberto como lhe mādara dizer / e se não deixara feyto e Calicut (do quelhe pesaua muyto) fora por recear q̄ ho matassem os mouros / por amor de quẽ não fora muytas vezes a terra / mas nem por isso deixaua de ser muyto grãde seu seruidor / e que el rey seu senhor auia de folgar muyto com sua amizade /

e mandaria muy cedo sua armada em quelhe mandasse muyta abastança do quelhe mandaua pedir, e que ainda ho trato dos Portugueses em sua cidade lhe auia de acresentar muyto suas rendas. E esta carta deu a hũ dos Malabares que leuaua pera que a leuasse por terra onde ho mandou deitar: e despois se soube que a dera a el rey de Calicut. E continuando Gasco da gama dali sua viagem indo a vista de terra no sabado seguinte a duas legoas dela foy ter com a frota a hũs ilheos e dũ deles que era pouoado acodirão logo muytas almadias com gẽte a vender pescado e outros mantimentos. E Gasco da gama lhe fez muyto gasalbado, e lhe mandou dar camisas e outras cousas com que mostrarão muyto contentamẽto: e pregũtoulhes se folgarião de deixar ali metido hũ padrão com hũa Cruz e armas del Rey de Portugal em sinal que os Portugueses erã seus amigos. E eles disserão que si / e q̄ coele affirmarião que erã os nossos Christãos: e então ho mandou meter / e chamauase ho padrão de sancta Maria: e por isso se chamou a q̄le ilheo do mesmo nome. Daqui como foy noyte q̄ ventou ho terreno se fez a vela, e indo sempre ao longo da costa a quinta feyza seguinte dezanoue de Setebro foy ter cõ hũa terra alta muyto graciosa e de bõs ares, e estauão jũto de la seys ilhas peq̄nas e ali surgio: e indo a terra pa fazer agoada achou nela hũ homem mancebo / q̄ preguntado se era mouro se Christão / disse q̄ christão e isto deuta de ser cõ medo q̄ ho não

matastem, que por aq̃la terra não auia nenhũs Christãos: e este leuou os nossos por detrás de hũ rio e lhe foy mostrar hũa fermosa agoada que nacia antre hũs penedos, e por isso lhe foy dado hũ barrete vermelho. Ao outro dia pela manhã vierão de terra q̃tro homens em hũa almadia abordo da capital na que trouuerão a vèder muytas aboboras e pepinos: e preguntados se auia naq̃la terra canela ou pimẽta, disserão que não auia mais que canela. E pa Vasco da gama auer mostra dela, mandou coeles dous dos nossos, q̃ lhe trouuerão dous grandes ramos daruozes de q̃ se ela tira, e dizia q̃ auia ali hũa muyto grande mata delas / por em que era brava: e quando tornarão coela vierão em sua companhia vinte homens da terra cõ muytas galinhas aboboras e leite de vacas: e disserão a Vasco da gama / q̃ mandasse coeles algũs dos nossos / porque dali a hũ pedaço tinhão muyta canela seca, e q̃ tornarã ao outro dia coela / e com vacas porcos e galinhas: porẽ ele não lhe quis dar ninguẽ / porq̃ recebeu de ser aquilo treição. E ao outro dia antes de jãtar indo os nossos cortar lenha a terra / enxergarão lõge do lugar onde estauão dous nauios pegados cõ terra. Estando Vasco da gama pera ir saber q̃ nauios erão / mandou ver da gavia se parecião outros, e foilhe dito q̃ obra de seis legoas ao mar parecião oytos nauos grãdes q̃ andauam em calmaria: e coesta noua deixou de ir saber que nauios erã os dous / e posse apique

a esperar as naos se ho fossem cometer / e elas como lhes igoalou a viração tomarão de ló quãto poderão: e sêdo duas legoas dos nossos q̃ os podião ver, foisse Vasco da gama a elas: ho que vêdo a gête q̃ ya nelas começarão logo darri-bar pera terra a popa. E indo assiquebrou bo leme a hũa antes d chegar la / e a gente dela se passou logo ao paraõ e se acolheo a terra, e Riculao coelho que ya mais perto da nao a foy logo abalroar / cuydãdo dachar nela algũa riqueza / e não achou mais q̃ cocos e jagra q̃ he açucar de palmeiras, e tãbẽ achou muytos arcos frêchas espa das lâças e escudos, e as outras sete de rão è seco / e porq̃ nas naos os nossos lhe não podião chegar, passarã se aos bateis e forãonas esbõbar-dear / e os imigos fugirão deixandoas: e vendo isto Vasco da gama tornou se pera os nauos. Estando furto ao outro dia chegarão a bordo sete homens da terra è hũa almadia, e disserãlhe q̃ aquelas oytos nauos erão de Calicut / q̃ as mandaua el rey pera ho tomar e / e q̃ isto souberão da gente que fugira delas.

C Cap. xxvj. De como Vasco da gama foy fazer agoada / a ilha Daniadua / e de como prendeo hi hum mouro:



Abido isto p Vasco da gama nã quis ali estar mais, e foi surgir na ilha Daniadua, que era dali dous tiros de bõ-

bar da em q̄lbe differão que auia a goa. He ilha pequena, z está hũa le goa da terra firme / ha nela muyto aruozedo / z tê dous tâques dagoa doce naduel / z são muyto grãdes z todos de cantarã / z hũ deles era daltura de quatro braças. Ha no mar desta ilha muyto pescado z marisco. Antes que os mouros viesse aa Índia era pouoada de gētios z auia nela grandes edificios / princi palmente hũ pagode / z despois da nauegação dos mouros do mar ro xo que aqui tomauão agoa z lenha, forão deles tão mal tratados que ho não poderão sofrer / z a despo uoarão: z antes que se fossem derri barão q̄si todo ho pagode de q̄ lhe não deixarão mais que a capela / z assi os outros edificios. E cõ tudo ainda os gentios da terra firme (q̄ he del rey de Marsinga) tinhão ta manha deuação neste pagode que yão fazer nele suas orações a tres pedras negras q̄ estauão no meyo da capela. Esta ilha foy chamada Anchediua q̄ na lingoa Malabar quer dizer as cinco ilhas / porq̄ ao derrador dela estão outras q̄tro, z os Portugueses corrôperão este nome z ficou em Anjadiua como lhe chamão. Surto aqui Vasco da gama mãdou Miculao coelho a terra a descobzir: z ele foy armado cõ os seus, z achou tudo assi como digo, z mais hũa praya muyto boa pera espalmar os nauios. E porq̄ Vasco da gama tinba ainda muy to caminbo pera ádar / z não sabia quando acharia outra praya tam boa, ouue conselbo com os outros capitães q̄ espalmassem ali. E ho

primeyro nauio que tirarão a mon te foy ho berrio: z cada dia vinha gente da terra a vender mantimē tos aos nossos. E estando nisto vi rão vir duas atalayas que sam co mo fustas z vinhão ebandeiradas, z com estendartes nos topos dos mastos z dentro soauão atambo res z trombetas como coufa de fel ta z vinha nelas muyta gente, z elas vinhão a remos, z é sua goar da ficauão cinco ao longoda costa. E dos Malabares que Vasco da gama leuaua, soube q̄ aquelas fustas erão de ladrões de q̄ era capitã hũ gentio chamado Timoja moza do em hũ lugar dali perto chama do Honoz, z andaua a furtar com manha de mostra que era de paz, z despois que entrava nos nauios se via que os podia tomar os toma ua. E por isso chegando os paraós a tiro de bombardalhes mãdou ti rar dos dous nauios que estauão no mar ás bombardadas: z a gête começou de bradar. Tambarane, Tambarane / porque assi chamão a Deos / z dizião q̄ erão Christãos. E não lhe deixando os nossos de ti rar fugirão pera terra. E Miculao coelho que estaua no seu batel foy a pos eles ás bombardadas: z se guio os tanto que mandou Vasco da gama levantar hũa bandeira pe ra que se tornasse / z tornou se. E ao outro dia estando os capitães em terra com quasi toda a gête da fro ta trabalhando no berrio / chega rão dous paraós pequenos em q̄ virião ate doze homens da terra, q̄ é seus trajos parecião bõrrados / z derão a Vasco da gama hũ feixe

de canas da çucar / e logo elle dâdo lhe pedirão que lhe deixasse ver os nauios porque nunca virão outros: do que se ele agastou muyto / parecendo lhe que erão espias: e nesta pratica chegarão outros dous para os com outros tantos homens. E os que vierão primeyro vendo q̃ Gasco da gama se agastaua coeles disserão aos que chegauão que não desembarcassẽ e q̃ se tornassẽ / e tornaranse todos. E espalmado bo berrio estando a capitaina a morte / e todos os capitães em terra / veio ter coeles hũ homem em hũ paraõ e seria de idade de coarenta annos / e não parecia daquela terra porque trazia hũa cabaya de pano branco dalgodão que lhe chegaua ate bo artelho, e na cabeça hũa touca muyto foteada, e na cinta hũ terço do: e como desembarcou foy logo abraçar Gasco da gama como q̃ ho conbecera / e ho mesmo fez aos outros capitães, dizendo que era Chrião leuantisco e que fora trazido aquela terra em idade muyto pequena, e que viuia com hũ mouro chamado çabayo senhor de hũa ilha chamada Boa que estaua dali doze legoas e de muyta terra no sertão / e que tinha coarenta mil homens de caualo. E por quãto andaua antre os mouros goardaua de fora a sua ley, mas dentro em sua alma era Chrião. E estando em casa do çabayo soubera que forão ter hũs homens por mar a Calicut em naos de feyção nunca vista na Índia / e que ninguem entendia a sua lingoagẽ / e que andauão todos vestidos. E quãdo ele aquilo ouuira

logo lhe parecera que erão Chriãos e pedir a licença ao çabayo pera os ir ver, a quem dissera tanto bem deles que desejava muyto de os ver, e lhe mandaua dizer q̃ lhe daria tudo o que quisesse de sua terra: e se andasse enfadado do mar, e quisesse mozar nela lhe daria renda de que fosse contente. E por derradeyro lhe pediu hũ queijo, dizendo que o queria pera mandar a hũ companheiro que trazia, q̃ com medo não quiser a passar da terra firme / e pera que ho não ouuesse e soubesse que era viuo lhe queria mandar aq̃le queijo por final. E Gasco da gama lho deu e mais dous pães moles: e atentando Paulo da gamanisto, e no muyto q̃ aquele homem conbecio que era espia: pelo q̃ preguntou a esses homens da terra q̃ bi estauão se ho conbecião. E sabendo deles que era capitão das oytto naos que auia pouco que forão cometer Gasco da gama / disse lho. E ele ho mãdou logo meter na capitaina, onde por tormetos confessou q̃ era espia do çabayo / e ya saber como estaua apercebido: por q̃ estauão muytos nauios dar armada por esses rios da costa pera irẽ sobrele, e detinhãse por corêta naos grossas que esperauão porque lhes não podesse escapar. E sabido isto por Gasco da gama mãdou ho prender pera ho levar a Portugal por testemunha das cousas da Índia. E receando que aquella armada fosse sobrele, partio se logo a hũa festa feira cinco d'outubro. E dali a duzentas legoas confessou aquele homem que ya preso a Gasco da gama

que era mouro, e ya por parte do çabayos pera lhos levar: porq̃ lhe differão q̃ andauão perdidos ao lōgo da costa. E este se tornou despois Christão, e Vasco da gama q̃ foy seu padrinho lhepos nome Gaspar a hōrra dū dos tres Reys magos, e deulhe ho seu apelido da gama, e despois se disse que este Gaspar da gama era judeu por se achar q̃ fora casado com hūa judia que moraua em Cochim.

Cap. xxvij. Do q̃ acōteceo a Vasco da gama ate a ilha Santiago.

Continuando Vasco da gama sua viagē pera Belinde despois de bē engolfado achou grandes calmarias q̃ dāo no mar muyto grãde fadiga como eu tenho visto na viagē da India. E passados muytos dias de calmarias sobreuerão ventos cōtrairos com q̃ lhe foy forçado pairar e andar ás voltas quãdo nã podião pairar no q̃ passauão timenso trabalho: e cessando estes ventos tornarão as calmarias, e a pos elas tornarão os vêtos, e hora hūa cousa hora outra durou isto quatro meses com que a gēte andaua pasmada crêdo que aqueles tempos erã ali naturais, e q̃ nã auião de poder passar auante, e mais por adocerem os mais deles de lhe incharem as gengiuas e lhes apodrecerẽ assi como no rio dos bõs finais e fazia selhe medonhas chagas nas pernas e nos braços de que morrerão trinta pessoas e os outros tanto montauão como mortos q̃ nã

se podião bolir, e coisto ya faltãdo a agoa e aperta uase a regra. E pera mayor descōsolação affirmarão os pilotos q̃ aqueles tempos erão ali gerais e por isso durauão tanto, que se ho nã forão ja se acabarão: e assi ho cria a gēte pelo q̃ desmaya rão de todo e se derão por mortos, e bradauão todos a grãdes brados que arribassem a Calicut ou ao outro lugar da India q̃ melhor seria morrerem em terra que no mar: e requerião a Vasco da gama e aos outros capitães que arribassem, e tambem ho requerião os pilotos e os mestres em muytos conselhos q̃ Vasco da gama fazia sobriisso: e respōdia com muyto efforço que nã podia ser que aqueles tēpos ali fossem gerais porque se ho forão nã se podera nauegar por aquele golfão como nauegaua pera Belinde e outras partes, por isso q̃ cressem que aqueles tēpos auião de ter fim: e dizialhes outras muytas cousas pera os efforçar, porẽ os pilotos nã ficarão nada cōtentes, e fizeram todos cōjuração cō os mestres, e marinheiros, e outra gente algũa, q̃ como tornasse vento q̃ arribasse cō ele a Calicut. Ho q̃ sendo descuberto a Vasco da gama prēdeo os pilotos, e ele tomou ho cuydado dẽ mandar a via, e ho deu aos outros capitães em quãto andassem naq̃le trabalho. E auendo nōsso Senhor piedade dele: mandou vêtõ q̃ em obra de dezaseis dias pos a frota a vista da outra costa diante da cidade de Madagaxo, q̃ virãoa dous de Feuerreyro: e por ser de mouros, e passando ao longo dela, lhe mandou

Uasco da gama tirar muytas bõbardadas. E a hũ sabado cinco de feureyro defronte de hũa vila chamada Patelhesayrão oyto nauios darmada que com medo da artelharialhe fugirão/ e dali foy surgir a Belinde onde se detene cinco dias por amor dos doentes que leuana/ e com licença del rey mādou meter em terra hũ padrão com hũa Cruz e armas reais de Portugal: e partio se a dez de feureyro leuādo hũ embaixador que el rey mandaua a el Rey dõ Manuel, e aos dezafete de feureyro queimou ho nauio sam Rafael nos baixos deste nome assy por fazer muyta agoa como por não ter gente que podesse marear mais de dous nauios: e Paulo da gama foy coele, e dali com Miculao coelho foy ter á ilha de Zanzibar q̃ está em altura de seys graos dez legoas da terra firme. He grande e muyto viçosa, e abastada de mantimētos/ e os matos sam larāfais: he pouuada de mouros, gēte fraca pera armas/ tratante bem de suas pessoas sam os mais mercadores e tratão na terra firme: tem rey sobre si que tambem bemouro. E sabēdo el rey q̃ Uasco da gama estava no seu porto assentou coele amizade. E partido dali Uasco da gama foy surgir ho primeyro de Março aos ilheos de sam Jorge, e mandando meter hũ padrão naquela, em que a ida ouuio missa separtio e aos tres de Março fez agoada e carnagem nãgoada de sam Bras de lobos marinhos e sotilcairos que não auia outra carne, e esta leuou pera ho resto da viagē per que prosseguio sem

nenhũ contraste nem tomar mais terra ate a ilha de Santiago.

Capit. xxviii. De como Miculao coelho deu noua a el rey dõ Manuel que a India era descuberta.



Auegādo Uasco da gama e Miculao coelho pera esta ilha de Sãtiago/ apartouse Miculao coelho hũa noite e foise caminho de Portugal pera ir diante dizer a el rey dõ Manuel como a India era descuberta, e ganhar as aluifaras de tamboa noua como sabia q̃ aquella auia d ser pera el Rey. E aos dez dias de Julho do āno de mil e quatrocentos e nouāta e noue cbegou á vila de Cascays. E sabendo hí como el rey dõ Manuel estava na vila de Sintra desembarcou e se foy logo laa e contou a el rey quanto acõtecera a Uasco da gama despois q̃ partira de Portugal e cbegara a Calicut e se tornar, do que el rey ficou tão contente como a quem se daua hũa noua de tamanho prazer como aquela era/ e fez lhe por isso muyta merce da crecentamento de hõrra e de tēça: posto q̃ muytos nã podião crer que a India era descuberta/ e mais não vendo nenhũa mostra de peçaria nē de nenhũa cousa da India/ porque tudo trazia Uasco da gama que crião que era morto pois não chegara com Miculao coelho/ nem cbegou se não da hí a dous meses. E auião todos por muyto impossível este descobrimēto por auer sessenta annos que se andaua a pos

elesem se poder saber nem rastejar: e parece que por inspiração diuina começou ho Infante dom Anrique este descobrimento por mar mais q̄ outro nhũ príncipe da Europa q̄ erão senhores de muyto mayor estado que ele, porque dele herdassem os reys de Portugal que forão dali por diante este descobrimento, principalmente ho inuictíssimo Rey dō Manuel, pera quem a diuina prouidência tinha goardado ho effeyto dele que era a Índia/ cujo descobrimento estava profitizado dantes pola Sibila Cuma segũdo se cõta em hũ autentico liuro que anda impresso em latim que se intitula da sagrada antiguidade, em que se contẽ muytos letreros antigos, q̄ forão buscados e achados e muytas partes da Asia, da Africa e de Europa, per mãdado do Papa Niculao quinto e dalgũs señores ecclesiasticos tão curiosos destas antiguidades, que com muyto grande despesa as mãdarão buscar polo mũdo. E antretas foy achado hũ letreiro segũdo no mesmo liuro conta hũ Galétino morauio: que diz q̄ no anno de mil e quinientos e cinco que foy seys años despois deste descobrimento/ aos nouedias de Agosto nas rayzes do monte da lãa a que chamamos agora a rocha de Sintra junto da praya do mar forão achadas debaixo da terra tres colũnas de pedra quadradas, e cada hũa tinha e hũa das q̄dras cortadas nas mesmas pedras hũas letras romanas, das quaes em hũa das colũnas se poderão ler por as outras estarẽ gastadas do tempo/ e ainda estas que se

lerão forão as pedras em q̄ estauão cozidas com grande arte.

E estava hũa regra como titulo que dizia em latim.

Sibile vaticinium occiduis decretũ.
Que na lingoã de Portuguesa quer dizer. Proficia da Sibila de terminação aos do occidente.

E abaixo desta regra estauão quatro versos latinos que dizião.

Voluentur saxa literis Et ordine rectis,

Cum videas oriens occidentis opes, occidens ori-

Ganges, Indus, Tagus erit mirabile visu,

Merces comutabit suas vterque sibi.

Que querẽ dizer na nossa lingoã.

Serão renoltas as pedras com as

letras dereytas e em ordem/

Quando tu occidente vires as riquezas do oriente.

Ho Ganges/ Indo e ho Tejo sera cousa marauilhosa de ver.

Que cada hũ trocara cõ ho outro as suas mercadorias.

E ainda dizem alguĩs que poucos dias antes de Niculao coelho chegar a Sintra forão achadas estas colũnas, e foy dito a el Rey dō Manuel por cujo mãdado Ruy de Pina que a esse tempo era cronista tirou em lingoagem estes quatro versos e ho titulo. E quando el Rey dom Manuel viu o q̄ dizião ficou muyto espantado com todos os de sua corte/ e ouue sobriſso diuersos pareceres, porque hũs ho crião outros dizião que por nhũ modo podia ser/ e que aquilo erão gentildades a que não se deuia de dar nhũ credito. E estando a cousa assi em duuida, dizem que chegou Niculao coelho que a dessez com a noua que

deu do descobrimento da Índia. E foy a profecia auida por verdadey-
ra: e como quer que os Portugue-
ses sabem melhor pelejar que grã-
suar antiguidades / não ouue quẽ
fizesse mais caso daquela, e as pe-
dras ficarão na praya do rio de ma-
cãs / e querem dizer que aquele Va-
lérino morauito que diz q̃ as achou,
vendo que os Portugueses não fa-
zião caso disso: quis attribuir assi a
gloria de ele ser o que achara aquela
antiguidade. E como quer que foy
ela se achou / e os versos sam muy-
celebrados em Italia e auidos por
autenticos / e que forão achados
da maneyra que digo.

Capit. xxix. De como Vasco da
gama chegou a Lisboa.



Achãdo Vasco da gama
menos Riculao coelho/
esperou por ele hũ dia e
vendo que não vinha se-
guiu seu caminho pera a ilha de Sã
tiago / onde chegado fretou hũ ca-
rauelo pera ir nela a Portugal ma-
is asinha que na nao em que ya / assi
por fazer muyta agoa com que coz-
taua pouco / como por levar muyto
doente seu irmão Paulo da gama,
e deixou por capitão da nao a João
de Sá seu eicrião. E partido Vasco
da gama desta ilha por ir a doença
de seu irmão em crecimẽto / lhe foy
forçado tomar a ilha terceyra / e ti-
ralo ẽ terra: e hí faleceo como muy-
to bõ Christão que era. E ele faleci-
do / partiose Vasco da gama pera
Portugal / e chegou a Belẽ em Se-
tembro do año de mil e quatrocẽ-

tos e nouenta e noue / auẽdo dous
annos e dous meses q̃ dali partira
com cento e coarenta e oytto homẽs
de quenão tornarão mais que cin-
coenta e cinco / e ainda forão muy-
tos pera os immensos trabalhos q̃
passarão / de brauas tormẽtas e ter-
riueis doenças / e daqui mandou
Vasco da gama recado a el Rey dõ
Manuel que era chegado. E recebẽ
do el Rey contentamento grandis-
simo coesta noua / mandou a dom
Diogo da silua de meneses conde
de Portalegre que fosse por ele com
muytos fidalgos / como foy / e ho-
leuou ao paço onde não podião che-
gar cõ a multidão da gẽte q̃ acodia
a ver cousa tão noua como lbes pa-
recia Vasco da gama, assi por ter fet-
ta hũa cousa tamanha como era des-
cobrir a Índia / como por cuydar ẽ
todos q̃ era morto, e el Rey lhe fez
tanta honrra como merecia quem
com aquele descobrimẽto daua tã-
ta gloria ao eterno Deos e a ele im-
menso louuor e fama por todo ho-
mundo / e proueito aos reynos de
Portugal. E em galardão de ser u-
cotãssinado como este foy lhe fez
el Rey mercede dom, e lhe deu por
armas as armas reais de Portu-
gal / e de trezentos mil rs de tença-
na dezima do pescado na vila de Si-
nis cõ promessa de ho fazer senhor
dela / por quanto era da hí natural:
e em quãto lba não podesse dar lhe
daria quatrocentos mil rs de tẽça.
E despois que ouue em Lisboa ca-
sa da Índia lhos passou a ela: e que
assentandose trato em Calicut po-
desse lá carregar duzentos cruza-
dos despeciaria sem pagar nhũs de

m. de
Don

reytos em Portugal, e deulbe hũ aluara de lembrança de ho fazer cõ de: e assi lhe fez outras merces que serião largas de contar. E por este nouo descobrimento, acrecentou el Rey dom Manuel a seus titulos outros muyto famosos / como sam senhor da conquista / nauegação e comercio de Ethiopia, Arabia / Persia e da India.

Capit. xxx. De como Pedralua rez cabral foy por capitão mór de hũa armada a Calicut.



Endo el rey dõ Manuel a muyto grãde merce que lhe nosso senhor fizera em descobrir a India, determinou logo dõ mãdar lá hũ fidalgo com hũa grossa armada pera que assentasse amizade cõ el Rey de Calicut, e assi hũa feytoria naquella cidade onde ho feytor tenesse a fazêda que fosse necessaria pera se hi gastar / e lhe carregasse despecearia as naos que a leuassem: e assi determinou de mandar quẽ lá pregasse a ley euangelica / assi pera reformação dos Christãos q̃ lá ouesse / como pa trazerem em conbecimẽto dela os gentios. E pera assentar esta amizade com el rey de Calicut e feytoria escolheo a hũ fidalgo chamado Pedralua rez cabral, que fez capitão mór da armada que auia de mãdar a Calicut q̃ foy de dez naos e tres nauios redõdos, cujos capitães a fora ele forão Sãcho de toar q̃ y a na sua subcessam / Niculao coelho, Aires gomez da silua, Simão

de miranda dazeuedo / Vasco datai de / Pero dataide. Simão de pina. Munõ leytão. Bertolameu diaz, e Diogo diaz seu irmão: que auião dõ ficar em çofala com hũa feytoria q̃ se auia hi de fazer: de que auia de ser feytor hũ Alfonso furtado. Ya mais por capitães hũ Gaspar de lemos e hũ Luys pirez. E hia tambẽ cõ Pedro alua rez cabral hũ frey Anrique frade da ordẽ de sam Francisco grãde letrado na sancta Teologia pera pregar: e yão coele cinco frades outros pera ho ajudarẽ. E hia por feytor desta armada hũ Ayres correa que tãbẽ leuaua a feytoria q̃ se auia de fazer em Calicut. E hião por seus escriuães Gonçalo gil barbosa de santarẽ / e pero vaz caminha. E forão feitos pera esta armada mil e quinhentos homẽs: e chegado ho tempo de sua partida estando em restelo por el rey dom Manuel fazer honrra a Pedralua rez cabral foy e procissam a nossa senhora de Belẽ leuandobo consigo e ho teue na cortina em quãto ouuio missa, em que pregou dom Diogo ortiz bispo de viseu. E a mayor parte da pregaçã forão louuozes de Pedralua rez cabral por aceitar aquella ida: e acabada a missa ho bispo que a disse bẽzeo hũa bandeira das armas reaes de Portugal q̃ el rey deu por sua mão a Pedralua rez: e assi lhe pos na cabeça hũ barrete bẽto que ho Papa lhe mandara. E deitandolhe ho bispo a bẽção ho leuou el Rey a embarcar, falãdo sempre coeleate ho mar: e hi lhe bey sarão Pedralua rez e os outros capitães a mão: e dãdolhes el Rey a bẽção de deos e a sua se em

barcarão nos bateis / desparando toda a artilheria da frota cõ grãde arroido: e el rey se tornou a Lisboa por não poder a armada partir aq̃le dia polo estoruo do tempo, e ao outro q̃ forão noue de Barço de mil e quinhētos fez a capitaina final as outras que se leuassem, o que logo fizeram: e posta toda a frota á vela saio aquele dia de foz em fora, e pro seguiu sua viagem / e aos quatorze d̃ Barço ouue vista das Canarias e aos vinte dous passou pola ilha d̃ Santiago / e aos vintequatro se apartou dela com tormenta Luis pirez que arribou a Lisboa.

Cap. xxxj. De como se descobrã quatro naos.



Esaparecida a caravela de Luis pirez esperou Pedraluauez cabral por ela dous dias, e aos vintequatro Brazil q̃ foy deradecyra oytava da Pascoa foy vista terra, e q̃ era outra costa oposta á de Africa, e demoraua a loeste / e reconhecida a terra pelo mestre da capitaina que lá foy / mandou Pedraluauez surgir pera fazer agoada e a descobrir / e por bo porto em q̃ surgio ser bom, lhe pos nome porto seguro. E em terra forão tomados dous homens dos naturais dela / q̃ por não se entenderẽ com nhũ dos lingoas que Pedraluauez leuaua os mandou soltar vestindo os primeyro á Portuguesa, pera q̃ os outros soubessem q̃ era gente de paz / e folgassem de ir a frota como forã

dali por diante, levando muyto refresco, e sem nhũ medo entrão nas naos, e por isso Pedraluauez se detene aqui algũs dias / e dia da Pascoela ouuo missa em terra / q̃ foy dita em hũa tenda cõ grande solenidade, e pregou frey Henrique, e em quanto ho officio diuino foy celebrado se ajuntou muyta gente da terra e fazião grandes festas, e depois de comer resgatarão em terra cõ os Portugueses dos mantimentos que auia na terra / e barretes / e chapeos de penas daues muyto firmosias / e algũs Portugueses forã ver as suas pouoações, e virão a terra muyto viçosa daruozedo / e fresca com muytas agoas / e abastada de muytos mantimentos / e de muyto algodão / e por esta terra ser a que agora se chama Brazil, que he de todos bem sabida não digo dela mais: e õyto dias que Pedraluauez aqui fez de detença foy visto hũ peixe que ho mar deitou fora, q̃ era da grossura dum tonel / e era de cõprimẽto de tres varas e mea, e era redondo, tinha a cabeça e os olhos como de porco / e as orelhas dallante, não tinha dentes, e tinha rabo do cõprimẽto dũ cavallo. Nesta terra mandou Pedraluauez meter hũ padrão de pedra cõ hũa Cruz, e por isso lhe pos nome terra de santa Cruz, e depois se perdeu este nome e lhe ficou ho do Brazil por amor do pao brasil: desta terra mandou Pedraluauez a Gaspar d̃ lemos na sua caravela com cartas a el Rey d̃ Emanuel, em q̃ dizia ho que lhe ate li tinha acontecido / e mandou lhe hũ homẽ daquela terra / e ao outro

día q̄ forão tres de Mayo partiose Pedralvarez cabral cō toda a frota, leuãdo a rota do cabo de Boa esperança / q̄ fazião dali a mil e duzentas legoas, e he hū golfã muy temeroso / por amor dos brauos vêtos q̄ quasi ali sempre cursão. E nauegando por ele aos doze d̄ Mayo appareceo no ceo da parte do oriẽte hūa cometa q̄ durou dez dias, e sempre de cor d̄ fogo: e despois a hū sabado vete tres de Mayo deu e toda a frota hūa trouoada de nordeste / cō q̄ todos tomarã as velas, e correrã q̄si todo a q̄le dia aruozeseca cō ho mar muyto grosso / e sobre a tarde alargou ho vêto, cō q̄ derão algūas velas e fizerã caminbo, e assi forã ate ho dia seguinte, q̄ tornou ho vêto a efforçar, cō q̄ todos mesurarã as velas e agarrucharão os papafigos, e àtre as .xj. e doze oras do dia começo se dar mar hū bulcã da parte do noroeste / com que acalmou ho vento que cairão as velas sobre os mastos. E como ainda os pilotos não sabião os segredos daqueles bulcões / cuydarão que era calmaria verdadeyra e deixauão se estar / se não quando sobreuem hū peganho de vento tão furioso, que não deu tempo pera amainarem, e çoçobrou quatro naos sem escapar de las pessoa algūa / de que erão capitães Bertolameu d'iaz / Aires Gomez da silua, Simã de pina, e Vasco dataide / e as sete ficarão meas alagadas, e ouuerão de çoçobrar selbenão rompera ho vento as velas / e saltandolhes logo ho vento ao sudueste arribará coele / e por ser muyto correrã aruozeseca ate o ou-

tro dia / q̄ abriãdãdo ho vento se ajuntará as naos q̄ yão espalhadas, e porêto: tornou logo a trometa com q̄ ho mar se ebrauceceo muyto mais q̄ dantes / e durou vinte dias cōtinuos cō q̄ a frota correo aruozeseca, e andaua ho mar tã grosso q̄ parecia impossível escapar e as naos de serem comidas, por q̄ as ôdas se leuãtaua tã altas q̄ parecia q̄ as punhão nas nuuẽs e despois no abissimo: cō os vales q̄ se abrião, e de dia era a agoa d̄ cor de pez / e de noyte d̄ cor de fogo, e o arroido q̄ fazião as êrarcias era muy medonho, e tudo era tã espãtofo q̄ ho nã pode crer se não que ho vir / e com a força do vêto se apartará as naos, e cō Pedralvarez foy Simã de miranda, e Perodataide / e Riculao coelho. E Auno leytão / com Sancho de tboar, e Diogo d'iaz arribou só / e o que lhe aconteceo direy a diante.

C Capit. xxxij. De como Pedralvarez Cabral se vio com el Rey de Quíloa.



Rossegúndo Pedralvarez Cabral, cō aqueles dous capitães que arribarão coele passando ainda muytas tromentas / se achou com ho cabo de Boa esperança dobrado / e escorredõ çoçofala, ouue vista das ilhas p^oimeyras. A cuja sombra estauão duas naos de mouros que leuauão ouro de çoçofala / que despois de tomadas pelos capitães da armada / soube Pedralvarez que eram

E

dum primo del Rey de Belinde /
 que yanelas, e por isso lhas tornou
 sem tomar delas nada / antes por
 ser primo del Rey de Belindelbe
 fez muyta hõrra. E partindo da-
 qui aos vinte de Julho chegou a
 Moçambique / e feyta agoada e to-
 mado piloto, tornou a sua viagem
 caminho de Quíloa / que he hũa
 ilha na costa de Ethiopia cem lego-
 as auante de Moçambique, he ter-
 ra muyto viçosa de ortas que dam
 muyta fruyta e ortaliça / e em que
 ha muy boa agoa / colhe nela muy-
 tos ligumes, e assi muyto milho /
 tem grande criação de gado grosso
 e miudo / e ho mar lhe da muyto e
 bom pescado, está em noue graos
 da bãda do sul, tem hũa cidade cha-
 mada Quíloa / grande e populosa
 pera aquelas partes, de casas de pe-
 dra e cal de muytos sobrados, e po-
 uoada de mouros. Os naturays
 da terra são pretos / e os estrangei-
 ros brancos, todos falão arauia, e
 tratamse bem no vestido, principal-
 mente as molheres / que andão muy
 arraiadas de peças douro / sam os
 mais mercadores de grosso trato,
 que a este tempo era a mayor parte
 dele em ouro que auião de çofala / e
 dali se espalhaua por Arabia felix
 e outras partes, de que aqui aco-
 dião muytos mercadores, de cujos
 nauios ho porto estaua sempre muy
 occupado / e estes são cosidos com
 cairo / e breados com encenço bra-
 uo, por não auer na terra breu. Ho
 inuerno desta terra começa e Abril
 e acaba em Setembro. Chegando
 Pedraluarez ao porto desta cidade

chegarão tambem os outros capi-
 tães que se apartarão dele, com ho
 grande temporal que disse atras / e
 despois d' chegado, vio se Pedral-
 uarez com el rey de Quíloa. Ele es-
 taua em hũa batel toldado e emban-
 deirado e cõ suas trõbetas / acom-
 panhado dos capitães da frota / e
 outra gente nobre / todos vestidos
 de festa. E el Rey foy muyto acom-
 panhado em muytas almadias / cõ
 grande arroido de trombetas / bo-
 zinas d' marfim / e anafis, e em che-
 gando ao batel de Pedraluarez /
 desparou a artelbaria da frota, de
 que el rey e os seus ouuerão gran-
 de medo / polo não terem em costu-
 me / e despois de ele, e Pedralua-
 rez sereceberem / e ele ver a carta da
 mizade, que lhe el rey dom Manu-
 el escreveu, e sobre ter trato em sua
 terra / disse que era contente / e que
 ao outro dia fosse a terra quem lhe
 disesse as mercadorias que queria.
 Este foy Alfonso furtado / que ya
 por feytoz pera çofala. Mas el rey
 induzido pelos mouros estrangei-
 ros, a que pesaua de os Portugue-
 ses ali tratarem, não quis comprir
 nenhũa cousa do que assentara com
 Pedraluarez / escusandose com di-
 zer que não tinha necessidade d' su-
 as mercadorias. E por Pedralua-
 rez leuar por regimento que lhe não
 fizesse guerra / não lha quis fazer, e
 partio se pera Belinde.

Capitulo. xxiiij. De como
 ho capitão mór Pedralua-
 rez Cabral se vio com el
 Rey de Belinde.



Partido daqui foy surgir no porto de Belinde aos dous dias dagosto, e por a mor del rey de Belinde não quis tomar tres naos de mouros de Cãbaya que hí estauão carregadas de muyta riqueza. E sabendo el rey q̄ estaua ali, ho mādou visitar por dous mouros honrrados, mandādo lhe muytos patos, galinhas e carneiros, e outros refrescos, mandādo selhe offrecer pera tudo ho de q̄ teuesse dele necessidade, porque era tamanho amigo del rey de Portugal, que tnhapoz suas as suas coulas. Pedralvarez lhe mādou logo por Aires correa hũa carta del Rey dom Manuel, e hũ arréo de gínetas que lhe leuaua de presente com outras peças ricas, e foy com grande magestade de trombetas diante, e acompanhado d̄ muytos homens vestidos de festa. E el Rey ho mandou receber com grande solenidade com que foy leuado ao paço, onde foy recebido del rey com muyta honrra. E dandolhe Aires correa ho presente que lhe leuaua, esteue ho vendo peça e peça, e preguntando polo nome de cada hũa, e despois mandou ler a carta q̄ lhe Aires correa deu del rey dom Manuel, escrita de hũa parte em arabigo, e da outra em Portugues: e com liçença d̄ Pedralvarez ficou Aires correa cõ el rey a seu rogo, e em tres dias que lá esteue lhe preguntou el rey muy largamente por el rey dom Manuel, e pelo modo de sua governaçã, e polos costumes de seus Reynos.

E el rey quísera que Pedralvarez fora a terra folgar pera ho ter por seu ospede, e por se ele escusar disso el rey ho foy ver ao mar, ate onde foy em hũ caualo ageazado do arreo que lhe leuou Aires correa. E nesta vista du el rey hũ piloto a Pedralvarez que ho leuasse a Calicut, e ele lhentregoo dous degradados pera que se enformassem do sertão daquela terra ate ho estreito, e hũ deles foy João machado, que aproueitou despois tanto aos Portugueses como se conta no Viuro Terceiro.

Capit. xxxiij. De como ho capitão mór Pedralvarez Cabral chegou a Calicut.



Aqui se partio ho capitão mór Pedralvarez cabral pera Calicut aos sete dagosto e aos vinte dous chegou a Anjedina, e hí se deteu algũs dias com esperança de tomar naos de mouros de Abeca, que ali yão fazer naquele tempo agoada, e aqui se confessarão e comungarão todos os da armada. E partindo daqui foy surgir ao mar, hũa legoa de Calicut, atreze de Setembro: e os da terra lhe forão logo vender mantimentos. E el Rey ho mandou logo visitar, com palauras damizade, rogandolhe que entrasse. E como ele nam podia assentar amizade com el Rey sem falar coele, determinou de ir a terra, pera o que lhe mandou

E ij

pedir por Afonso furtado arrefês logo nomeados. s. ho Catual, e hũ naire chamado Araxamenoca / e outro. Etãta foy a difficuldade em os dar que se gastarão tres dias antes de consentir nisso. Porque os mouros a que pesaua muyto desta vista pelo efeito dela / trabalhauão quanto podião com el rey que não desse os arrefens / dizendolhe que não fizesse tal cousa / que se os desse ficaua nisso desonrrado / porque pa recta que Pedraluares não se fiaua dele / o que era grande abatimẽto de sua pessoa. E com tudo el rey deu os arrefens / pondo primeyro em condiçãõ / que auião de partir e es de terra em Pedraluares abalando da frota. Isto cõcertado aos dezoyto de Setembro se foy Pedraluares a terra leuando consigo trinta desses principays da armada todos vestidos de festa que auião de star coele em quanto estuefse em terra, e leuaua sua cozinha / copa e cama / porque auia de star com grande estado, e conforme ao cargo que leuaua, e acompanhauã no todos os capitães da frota em seus bateys / que yão todos de festa. E ao mar ho forão receber por mandado del rey de Calicut muytos nayres com muytas trombetas e outros instrumentos alegres e era todo ho mar cuberto de bateys / tones e almadias. E nisto forão leuados os arrefens á nao de Sancho de thoar / que chegados entrarão com grande difficuldade pelo receo que tinhão de os catiuare, e cbegado Pedraluares a terra achou gente sem conto que ho esta

ua esperando: e do batel foy tomado em hũ andor que el rey mandou pera isso, e foy leuado a hũ çarame, que he casa terrea de madeyra que el rey mandou fazer perase verem / por Pedraluares não ir aos seus paços que era longe. Ho çarame estaua todo alcatifado, e no cabo estaua hũa capela pequena em que el rey estaua assentado em hum estrado rico com hũ dossel de veludo carmesim. Tinha cingido hum pano dalgodão branco finissimo, com muytas rosas douro que ho cobria da cinta ate os giolhos, e todo ho mais estaua nũ / tinha na cabeça hũa cousta de brocado feyta a modo de capacete antigo / nas orelhas tinha arrecadas de diamães e perolas finas / os braços cheos de manilhas douro dos cotue los ate as mãos com pedraria sem cõto de muyto preço / e ho mesmo tinha nas pernas / e cubertos da neis os dedos das mãos e dos pés de fina pedraria. E por grandeza tinha no dedo polegar de hum pé hũ anel com hũ robí grande / que luzia como brasa. E toda esta pedraria não era nada em comparação da que tinha em hũa cinta que era cousta sem preço. E de todos os membros de seu corpo em se bolindo reberuerauão rayos. Estaua junto coele hũa cadeira real antiga toda de prata e douro laurada de pedraria / e da mesma maneira era hum andor em que el rey fora leuado ao çarame / ho cospidoz em que cospia era de ouro / e do mesmo ouro esta uão ali muytos perfumadozes, de que saya muyto suaue cheyro.

E por estado tinha acelas seys to-
chas mouriscas douro. Estauão
no çarame vinte trombetas/ de q̄
dez e sete erão de prata e tres dou-
ro. Seys passos deste lugar em que
el rey estava, estauão dous irmãos
seus que se chamão príncipes/ por
que herdão horeyno: e mais afasta-
dos estauão Caymaeis Panicaeis
e outros grandes/ e todos em pé.

**Capit. xxxv. De como Pe-
draluares Cabral falou a
el rey de Calicut.**



Patrado Pedralua-
res cabral neste çara-
me onde el rey esta-
ua foy espantado de
seu grande estado/
e feyta sua reuerêcia

aonosso modo/ fezhe el rey muy-
to galbado com ho rosto/ e man-
douho assentar junto dos Prínci-
pes/ que era a mayor honrra que
selhe podia fazer. E assentado deu
hũa carta ao lingoa que a desse a el
rey, que lha mandaua el rey dom
Manuele escrita em lingoa Arabi-
ca, e em Portugues/ feyta por hũ
fidalgo chamado Duarte galuão.

E dizia.



Grande e de muito poder
Príncipe çamorim/ per-
merce rey de Calicut.

Nos dom Manuel por
sua diuina graça rey de Portugal
Daquem e dalem/ mar em Africa
Senhor de Guiné. etc. Uos enuia-
mos muyto laudar/ como aquele

que muyto amamos e prezamos.
Deos todopoderoso, começo/ meo
e fim de todas as cousas / por cuja
ordenança cursam os dias, tempos
e feytos humanos, assi como por
sua infinita bondade criou ho mũ-
do e ho remio per Christo Jesus nos-
so saluador. Assi em seu grande e in-
finito saber ordenou muytas cou-
sas pera os tempos que auião de
vir/ pera bem e proueito da gera-
ção humana, inspirando polo Spi-
rito sancto nos corações dos ho-
mẽs, quando aquelas cousas q̄ por
homẽs auã de ser feitas fossem po-
stas em obra em tempos por ele li-
mitados, e não antes nem despois.
E por isto ser assi verdade e conbe-
cida por experiencia, se com são e
verdadeiro iuyzo quiser des confi-
derar a grandeza e nouidade e mi-
sterio da ida de nossas gentes e na-
uios que forão a vos e a essas vos-
sas terras. Deueys de fazer nes-
sas partes Oriente/ o que todos
fazemos nestas do ponente/ que he
darmos muytos louvores ao se-
nhor Deos, porque em vossos dias
e nos nossos fez tanta merce ao mũ-
do/ que por vista nos poderemos
saber e ver e conbecer, e ajuntar e
vizinhar por conuersação, estãdo
as gentes dessas terras e destas
tão afastadas hũas das outras do
começo do mundo ategora, e tão
sem cuydado nem esperança disto,
que ho senhor Deos quis que fos-
se, inspirando auera sessenta annos
em hũ nosso tio vassalo nosso, cha-
mado ho Iffante dom Anrique/
Príncipe de virtuosa vida e san-

ctos costumes, que por seruiço de Deos tomou proposito inspirado porele de fazer esta nauegação/ e polos Reys nossos antecessores foy ategora prosseguida. E querendo nosso senhor darlhe ho fim por nos desejado, quis que estes nossos que ora la forão de hũa só viagem fizessem outro tanto caminho ate chegar a vos, quanto estaua feito nas viagens passadas de sessenta annos, Sendo eles os primeiros que perala mandamos tanto que por graça de Deos tomamos ho regimento de nossos Reynos e senhorios. Assi que ainda que esta cousa seja feyta per homens/ não se deue de julgar se não por obra de Deos a cujo poder he possível o que os homens não podem fazer. Porque do principio do mundo ouueem oriente e em occidente muy poderosos reys e principes/ de que contão estoriadores terem grandes desejos perafazerem esta nauegação: e leuarão nisso muyto trabalho: e não quis nosso senhor darlhe poder pera isso como agora nos deu/ por ser assi sua vontade/ E poys emquanto deos não quis que isto fosse não teuerão os passados poder pera ho fazerê/ não deue ninguê de cuydar que agora que ho ele quis ho possam homens contrariar/ sendo agora muyto mayor injuria contra Deos querer resistir aa sua vontade tam manifesta do que dantes era perfiar contraela/ que não era sabida/ e antre as causas porque principalmente damos muytos louvores a nosso

senhor neste feyto/ he por nos ser dito que ha nessas partes gentes Christaãs, que foy e he ho nosso principal desejo/ pera nos concertarmos com vosco em amizade, amor e conformidade, como ha antre os reys Christãos/ porque bẽ he de crer q̃ não ordenou ho senhor deos tã maravilhosa cousa como he esta nossa nauegação pera ser somente seruido nos tratos e proueitos temporays dantre nos: mas tambẽ nos spirituacis e saluação das almas que mais deuemos de estimar e de que ele he mais seruido/ pera que a sua sancta fé seja comunicada antre nos como ho foy por todo ho mundo bẽ seyscentos annos despois da vinda de Jesu Christo seu filho ate q̃ por peccados dos homens nacerão algũas seytas e heresias contra a fé Christãã, que Jesu Christo disse primeiro que viessem/ pera proua dos bõs e pera cõdenação dos maos que não auião de crer a verdade pera serem saluos. Estas seytas e heresias occupará antre essas vossas e nossas terras muyta parte da terra/ por onde se impedio a auer por terra communicação das gẽtes de ca com as delã, que agora se podeter coesta nauegação/ que foy descuberta por Deos a que nada he impossivel. E conhecendo nos tudo isto, e desejado de prosseguir e comprir como deuemos o que nos ho muy alto deos todo poderoso mostra ser tanto sua vontade/ mãdamos agora lá nosso capitão cõ naos e mercadorias/ e nosso feyto: pera q̃ la fique, e estê

com vosso aprazimento. E mandamos pessoas religiosas e doutrina das na fee e religião Christãã, pera que celebrem ho officio diuino/ e menistrem os sacramentos, pera que possais ver a religião e fé q̄ temos, que foy instituydo per Jesu xpo nosso saluador: e dada a doze apostolos e a seus discipolos/ per q̄ foy geralmente pregada despois de sua sancta resurreição e recebida e todo ho múdo. E dous destes apostolos. s. sam Thome e sam Bertolameu pregarão nessas vossas partes da Índia/ fazendo muytos grandes milagres, tirando essas gentes do erro da gentilidade e idolatria e que todo mundo estaua dâtes, e convertendoas á verdade da sancta fé Christãã/ que tambẽ ca foy pregada por algũs de seus apostolos: e consideradas estas cousas e as rezões q̄ ha pera crermos que esta nossa nauegação e ida d̄ nossas gẽtes a vos foy por vontade do muyto alto d̄s: vos rogamos como irmão q̄ vos queirais conformar cõ seu querer e vontade/ e por fazer des vosso proueito e de vossas terras assi spiritual como temporal tenhais por bẽ de receber nossa amizade, e de ajuntar a vossa com nosco, e assi trato e conuersação que vos tão pacificamẽte apresentamos: pera seruiço de nosso senhor: e queirais receber e tratar a nosso capitão e gẽte cõ aquele sã e verdadeiro amor que volos mandamos: por q̄ em rezão domẽs cabe folgardes muyto cõ gente q̄ detão longe vay buscar vossa amizade, cõ uersação e trato/ e q̄ vos leua tâto proueito de nossas terras/ que não

podereis auer mais doutras ne nãas/ posto que por algũas vontades danadas/ que nunca falecem achassemos em vos ho contrario: o que per toda rezão não podemos esperar de vossa virtude. E com tudo nosso proposito he seguir a vontade de nosso senhor Deos todo poderoso/ antes que a dos homẽs, e não deixarmos por ne nãas contrariedades de prosseguir e cõtinuar esta nauegação/ trato e conuersação nessas terras/ tendo esperança em nosso senhor que nosso trabalho não seja de balde/ porque firmemente cremos e esperamos, que pois ele fez essas terras e volas deuia possuir e a gente dela/ ele ordenará como no seu se faça sua vontade. E como não faleça quẽ nelas acolha e receba nossa amizade, e nossas gentes que la vão tanto por sua vontade, e aque maravilhosamente abriu caminho e deu poder pera ir e a elas e ele mesmo he sabedor quanto desejamos que seja antes por boa paz e amizade, e a ele praza dar uos sua graça pera conhecerdes e obrardes as cousas de sua vontade e sancto seruiço. E acerca desto crede e day fee a Pedraluarez cabral/ fidalgo d̄ nossa casa, e nosso capitão mōz em todo o que de nossa parte vos falar/ requerer e com vosco tratar. De Lisboa ho primeiro de Março de mil e quinhentos.

Dada esta carta a el rey foy lbe logo lida pelo lingoã/ e despois lbe deu Pedraluarez hũ presente que lbe mandaua el Rey dom Manuel/ q̄ era destas peças.

E iiii

Hũ bacio de prata dagoa as mãos de bestiaes dourado, e hũ agomil e hũa copa cõ sobrecopa. Duas macas de prata. Quatro almofadas de brado/ duas de brocado e duas de veludo carmesim, Hũ esparauel de brocado broslado de veludo carmesim. Hũ tapete muyto fino/ e dos panos darimar deras/ hũ de figuras/ outro de verdura. Elrey mostrou q̃ folgaua muyto coestas peças/ e pregütou de que seruia cada hũa. E despois disse a Pedraluares que se fosse pera sua pousada ou pera a frota se quisesse: porq̃ era necessario mandar polos arrefês que estauão no mar pera comerẽ em terra/ por seu costume lhe defender q̃ ho não fizessem lá. E pedraluares lhe disse que ainda que mandasse pedir os arrefens os não auiaõ de dar porq̃ auiaõ de cuydar q̃ era recado falso. Ao q̃ elrey disse que se tornasse á frota e que lhe mãdasse os arrefês: e que ao outro dia tornaria pera assentarẽ ho trato que elrey de Portugal queria ter em Calicut. Do que Pedraluares ficou muyto agastado porque lhe pareceo aquilo desprezo/ e teue a elrey por homẽ inconstante.

Capít. xxxvi. Do que aconteceu a Pedraluares cabralem Calicut.



Q uanto Pedraluares esteve falando cõ elrey de Calicut desejado os mouros de auer reuolta átreles/ porq̃ não ouuesse effeito ho trato q̃ Pedraluares

queria assentar em Calicut: fizeram com hũ escriuão da fazenda delrey que fosse á frota a pedir os arrefês da parte de Pedraluares: e Ayres correa não os quis dar, porq̃ ele dei para dito que posto q̃ lhos pedisse da sua parte que os não desse. Estando nesta pratica ho escriuão do mar em hũa almadia e Ayres correa do bordo da nao/ os arrefês polo q̃ lhes ho escriuão disse lançarãse ao mar pera se acolherẽ na almadia e fugirẽ/ o que fora se lhe Ayres correa não acodira muyto prestes no equife da nao com algũs marinheiros que tomarão Araxamenoca e outro/ e assi q̃tro malabares: mas ho catual fugio. Eẽ Pedraluares saindo do çarame soubeo q̃ passaua por hũ Portugues: e com ho agastamento que trazia delrey, e com o q̃ isto lhe deu não teue acordo pera recolher o fato que tinha na sua pousada/ nem Alfonso furtado que lá estaua com sete Portugueses/ e embarcandose cõ grande pressa tirou caminho da frota a força de remo, e entrado na capitalna mãdou logo meter Araxamenoca e ho outro debaixo de cuberta/ porq̃ não fugissem/ e mãdou fazer queixume a elrey do escriuão pola reuolta q̃ fizera: mandandolhe dizer que lhe não auia de mandar os arrefens se lhe não mandasse os Portugueses e ho fato q̃ deixara em terra. E por ser noite quando este recado foy a elrey ficou a cousa assi. Dorem elrey não deu nenhũ castigo ao escriuão, nem mandou nenhũa desculpa a Pedraluares/ se não mandoulhe ho seu fato com os Portugueses.

E os que lhos leuauão nunca oufa-
 rão de chegar á frota cõ medo que
 os tomassem, pelo que ao outro dia
 mandou Pedraluarez os arrefês
 por Aires correa/ que os entregasse
 aos Malabares afastados da fro-
 ta/ e estando juntos hũs, e outros
 pera fazerẽ esta ètrega/ saltou Ara-
 xamenoca nagoa pera fugir, mas
 não pode, que hũ marinheiro bo a-
 panhou pelos cabelos e deu coele
 no batel, e ho outro fugio nesta vol-
 ta, e acolheose aos Malabares. E
 Afonso furtado com cinco Portu-
 gueses teue tẽpo de fugir pera Ai-
 res correa, que setornou á capitaina
 e contou a Pedraluarez ho q̃ passa-
 ua, q̃ estava muy espantado da pou-
 ca verdade dos Malabares e mais
 del rey, a que os mouros não deixa-
 uão de matinar com repetirẽ muy-
 tas vezes os males que lhe tinhã di-
 to dos Portugueses: e fazendolhe
 crer que se forão pera a paz/ q̃ não lhe
 pedirão arrefês, e se hiarão dele co-
 mo fazião todos os mercadores/ e
 sem mais cautela fora Pedraluarez
 a terra e assentara trato, mas por ir
 de guerra pedía arrefês pera se segurar.
 E coisto passarão tres dias sem
 el rey mãdar nhũ recado a Pedral-
 uarez, que auẽdo dó Daraxa meno-
 ta por auer tantos dias que não co-
 mia ho mandou a el rey liuremente,
 e el lhe mandou os dous Portu-
 gueses que ainda estauão em terra/
 e ho seu fato. E despois cõ prazme
 del rey, q̃ deu e arrefês dous mou-
 ros honrrados netos dum mouro
 Guzarate/ foy Aires correa a terra
 pera assentar feytozia, que assentou
 com licença del rey / a que disse que

el rey de Portugal teria sempre ne-
 la outras tais mercadorias como
 os mouros de Abeca leuauão a Ca-
 licut: e nesta pratica lhe prometeo
 el rey de lhe fazer carregar as naos
 em vinte dias/ e que a sua carrega
 seria primeyro q̃ a de nenhũs estrã-
 geiros, porque deixaria todos por
 dar auiamẽto a el rey d' Portugal,
 e mãdou apouentar Aires correa
 e hũas casas do guzarate auõ dos
 arrefês/ a que rogou q̃ fosse lingoa
 e correto: Aires correa/ e ho in-
 struisse no modo de comprar e ven-
 der daquela terra/ ho q̃ ele não fez,
 porque logo os mouros de Abeca
 ho fizerão da sua parte cõ muytas
 peitas que lhe derão/ e lhe fazião cõ-
 prar a especiaria mais cara do q̃ se
 vendia aos mouros/ e fazialhe vẽ-
 der a mercadoria de Portugal por
 menos do que valia: e quando Ai-
 res correa auia de falar a el rey fa-
 zia ho saber aos mouros pera q̃ fos-
 sem presentes, e ho estrouassem no
 que podessem, e ho q̃ Aires correa
 queria dizer a el Rey, mudauo ele
 ao reues, e coisto não podia Aires
 correa aproueitar a fazenda da fey-
 tozia ates perdia muito: e tudo isto
 veo Aires correa a saber, per hum
 mouro chamado Cojebequim, ho-
 mẽ muyto principal e Calicut, por
 ser cabeça dos mouros naturais
 da terra, que tinhão bando contra
 os do Cairo/ e do Estreito de A-
 beca, de que era cabeça outro mouro
 do Cairo q̃ auia nome Coje çamece-
 rim/ que governaua as cousas do
 mar de Calicut/ e por esta diuisã
 que auia antre estas duas nações d'
 mouros/ e ser Cojebequim cabeça

de hũ dos bandos/ quis ele tomar amizade com os Portugueses pera se fauorecer coeles/ e por isso tinha conuersação cõ Aires correa/ e lhe descobrio a treição q̃ ho Suzarate lhe fazia/ e mais que Coje camece-ri a rogo dos outros mouros d̃ Aeca por cuidarem que fazião mal aos Portugueses, não deixaua ir a frota nhũ dos que estauão na feytozia: dizendo que assi lho mãdaua el Rey que ho fizesse, e coessa cor não deixaua tornar á frota nhũ dos que dela yão a terra. Ho que sabido por Aires correa ho escreveu a Pedralua- rez, affeãdolhe muyto ho caso, e dizendo que lhe parecia q̃ os mouros querião fazer algũa treição: e cuidando Pedralua rez q̃ seria assi, por se segurar se leuou do porto cõ toda a frota/ e se afastou hũ pouco pera ho mar onde surgio, do q̃ se el rey espãtou muyto/ e sabido Daires correa ho por q̃ ho fazia: disselhe q̃ ele proueria como os mouros não fizel sem mais ho que fazião dâtes / por q̃ folgaua muyto de os Portugueses terem trato em sua terra: e segurando Aires correa quanto pode se tornou Pedralua rez ao porto, e el rey tirou de corretor e lingua Daires correa ho mouro Suzarate pelas falsidades q̃ fazia/ e deu ho mesmo carregio a Cojebequim, por saber que era amigo Daires correa/ a quem pera que vendesse melhor a fazenda da feytozia deu hũas casas d̃ Cojebequi q̃ estauão junto do mar: e fez delas doação pera sempre a el Rey de Portugal pera ter ali sua feytozia: e a escritura disso foy feyta e hũ folha douro batido. E por

que todos soubessem q̃ ali era a feytozia del Rey de Portugal/ mãdou a Aires correa que posesse sobzela hũa bandeira das armas Reais, e assi se fez: e dali por diante ho fauorecia muyto, e por isso os da terra tinhão grãde amor aos Portugueses/ e tinhão coeles muyta conuersaçam.

Capit. xxxviij. De como Pedralua rez cabral, mãdou tomar hũa nao pera el Rey de Calicut.



Quando esta conuersação antre os Portugueses e os Malabares, mãdou el rey dizer a Pedralua rez cabral/ q̃ ele mandaua comprar hũ Alifãte a hũ mouro de Cochim chamado Patemarcar/ e não lho quísera vender dandolhe por eletanto quanto outrem lhe podia dar/ e afoza não lho q̃rer vender lhe mandara dizer algũas descortesias/ e antrelas fora q̃ mãdaua ho Alifante a Cãbaya, e auia de passar a vista de Calicut q̃ lá lho podia mandar tomar polos Portugueses em que confiava muyto: pedindolhe q̃ pois a nao auia de passar a vista de Calicut que lha mandasse tomar/ porque compria muyto a sua hõrra tomarse. Pedralua rez como tinha a el rey por incõstante, receaua que não lhe desse a carga como lhe tinha prometido, fazia cõta de ir carregar a Cochim, e por isso desejava de star bem cõ el rey de Cochim, pelo que se lhe fazia graue de tomar a nao, receãdo de ho anojarse nisso, e assi ho disse aos capitães

em hũ conselho que sobriſſo teue: e elles lhe conſelharão que com tudo era neceſſario tomarſe a nao/ pera el Rey ter credito nos Portugueſes. E por iſſo mandou Pedralua- rez fazer preſtes a Pero dataide no ſeu nauio/ e deu-lhe ſeſſenta homẽs, e mãdou a hũ fidalgo chamado Du arte pereyra pacheco q̃ foſſe coele/ e a outro que auia nome Vasco da ſilueira/ ãbos valentes caualeiros. E hũ ſabado ao meo dia appareceo ao mar a nao d' Cochim que leuaua ho Alifante que era muyto grãde/ e leuaria trezentos mouros de peleja. El rey de Calicut q̃ ainda não ſabia como os Portugueſes peleja- uão, quando ſoube que vinha a nao ſaio á praiã pera ho ver/ cuydando que auia dir toda noſſa frota a pele- jar com a nao. E quando viu ho na- uio de Pero dataide q̃ era muyto pequeno, e ſoube que aquele ſó auia de pelejar com a nao teueo por eſcar- nio, e cuydando q̃ Pedralua rez ho fazia dele. Lhe mandou dizer, que ſe lhe auia de mandar tomar a nao co- mo lhe tinha prometido/ que man- daſſe outras naos, e não aquela ta- manina: ao que Pedralua rez reſpõ- deo que ele ſabia bem ho q̃ fazia, e q̃ aquela abaſtaua pera tomar outra muyto maior q̃ aquela, e pera ſaber ho que os Portugueſes fazião / e como pelejauão/ q̃ mandaffe coeles algũs mouros pera que os viſſem/ e ainda q̃ el rey não ficou ſatisfeito coeſta repoſta/ mandou hũ mouro cõ Pero dataide, q̃ ya á vela apos a nao/ e por ſe deter e tomar ho mou- ro/ ſe alongou a nao muyto dele: a q̃ tornou a ſeguir ate a noyte q̃ lhe

deſappareceo/ e perdendoa da viſta pareceolhe que ſurgeria junto da terra e por iſſo foy coſteando, e ao quarto dalua foy dar com a nao, q̃ eſtaua dando a vela, e arribando ſo- bzela poſto a ſotauento mãdou aos mouros que amainasſem, e eles co- mo que zõbauão dele derã hũa grã- de grita/ e tocarão ſeus inſtrumen- tos, e tirarãlhe frechadas ſem con- to: e os Portugueſes vêdo iſto lhe- derão hũa ſurriada de bombardas, e hũa dũ camelolhe fez na proa ao lume dagoa hũ buraco cõ q̃ lhe- ê trou muyta agoa, e as outras ma- tarão algũs mouros/ e os nauios cõ medo doutra tal arribarão a Ca- nanor/ e meteranſe ja bem de dia e hũa baya que tem, e poſſerãſe antre quatro naos outras, a que chamão meter em concha: Pero dataide en- trou na baya e mandou eſbõbar de- ar as naos, e quaſi que as tinharẽ- didas ſe lhe não valerão certos pa- raõs de mouros, com que pelejãdo os Portugueſes deſixarão as naos e os paraõs tãbem forão deſbara- tados ſe lhe não anoitecera: do que os mouros de Cananor e outra gẽ- te que forã ver a peleja eſtauão eſpã- tados, Pero dataide como foy noſ- te de todo que não pode pelejar / ſa- io ſe da baya pera ho mar/ por q̃ lhe- não queimãſſem d' noyte ho nauio/ e achou que lhe nã tinhão feridos mais de noue homẽs/ pelo q̃ deter- minou com conſelho/ que pois não podia meter a nao no fundo d' a afer- rar/ poſto que foſſe contra ho regi- mento que leuaua/ que era não afer- rar a nao mas metela no fundo, e co- mo foy manhãa tornou a entrar na

baya / e achado que os mouros da-
uão a vela pera se acolherem / man-
dou desparar sua artelbaria, cõ que
arrombou a nao ao lume dagoa / e
vendo os mouros que não tinham
saluação renderão-se / e a nao ficou e
poder dos Portugueses: do que a
gente d' Canano: q'estaua na praya
ficou muyto triste, e os Portugue-
ses os fizeram despejar as bombar-
dadas. Feyto isto partio-se Pero
dataide pera Calicut leuado a nao
e chegou lá ao outro dia. E el Rey
foy a praya auer a nao, que teue por
muyto grãde façanha tomar-se por
tam poucos Portugueses, e ficarẽ
todos viuos. E Pedraluarez mã-
dou dar a el rey a nao cõ ho Alifãte
que ele queria e outros que se acha-
rão nela, e assi todo ho mais: man-
dandolhe dizer / que não teuesse por
muyto tomarẽ tão poucos Portu-
gueses aquela nao / porque outras
 cousas mayores farião por seu serui-
ço: do que lhe el rey mandou muy-
tos agardcimentos / e por seu ro-
go lhe mandou Pedraluarez, Pe-
ro dataide, Duarte pacheco, Vasco
da silueira / e outros dos que forão
na tomada da nao porque desejou d'
os ver, e a todos fez muyta honrra
e merçe. E vêdo el rey que tão pou-
cos Portugueses tomarão tão asi-
nhã nao a tãtos mouros / lhes
ouue dali por diante tamanho me-
do que desejou de os ver fora d' Ca-
licut, receando que lha tomassem.

Cap. xxxviii. Do q' passarão os
mouros de Aeca cõ el rey d' Ca-
licut, e de como se leuatarã cõtra
os Portugueses q' estauã e tãra.



Em a tomada desta
nao se ouuerã os mou-
ros d' Aeca por muy-
afrontados / e ficarã
muy descõtentes del
rey, porque fazia tan-
ta conta dos Portugueses que os
tomaua pera vingadores de suas
offensas / ho q' era em seu desprezo /
e temerão que teuessem os Portu-
gueses tanta valia com el rey q' lhes
fizessem perder a sua que era muyto
grande / em tanto q' mandauão os
Gentios como senhores da terra, e
lhes tomauão a pimẽta pelo preço
que queriã, sem eles ousarem d' lhes
cõtradizer: e tão fogueitos lhes erã
que muytas vezes não ousauão de
sair das casas com medo deles /
e por estas oppressões q' tinham que-
rião mayor bem aos Portugueses
que a eles / e folgauão de lhes ven-
der antes a especiaria q' a eles, mas
não ousauão com medo: e os mou-
ros que ho entendião, e vendo que
tãbem el rey fazia conta dos Por-
tugueses, e mãdaua q' carregassem
primeyro que todos os estrangei-
ros, derã-se por desualidos e desa-
creditados na terra / e mais vendo
que os Portugueses leuauão tan-
tas mercadorias como eles e tão
boas / e que comprauão tãta pimẽ-
ta: e por isso determinarão destor-
uar por quãtas vias podessem que
Alres correa não podesse comprar
nãua pimenta / e dauão por ela ma-
is do que valia, e porque abatessem
as mercadorias da feytozia dauão
as suas por menos preço, e coestas
manhas de q' vsauão, não pode Al-
res correa em tres mezes que auia

que estaua e Calicut auer carrega mais que pera duas naos, ho q̄ Pedralvarez sentia muyto, porque bẽ sabia as roindades q̄ faziã os mouros de Aeca / e as manhas que tinhão pera não auer carrega / e que tudo fazião cõ atreuimento del rey de Calicut: e polo fauor q̄ lhes daua ho q̄ se parecia e quã remisso era em os castigar polos queixumes q̄ lhe mandaua fazer deles, e se nã fora ho rico presente que lhe tinha dado, e ho muyto tempo que ali tinha despeso ele se fora a Cochim, e assentara amizade com el rey / de q̄ tinha fama q̄ era muyto melhor homẽ q̄ el rey de Calicut: por em ho gasto q̄ tinha feyto em Calicut ho constrangia a não se ir a Cochim. E por ser tarde pera carregar as outras naos q̄ podesse partir pera Portugal na moução / determinou de mãdar aquelas duas que estauão carregadas / e escrever a el rey dõ Banuel a verdade del Rey de Calicut / e quanto melhor se faria a carrega e Cochim / e ele ficaria e Calicut ate ver seu recado, ou ver se podia auer carrega pera as outras naos. E cõ tudo mandouse queixar a el Rey de Calicut do mau auaiamento que lhe tinha dado / e de quã mal comprira a promessa q̄ tinha feyta de dar carrega a todas as naos em vinte dias e primeyro q̄ a todos os mercatores, e q̄ era dos derradeiros / e os mouros tinhão leuado tudo / sem querer obedecer a seu mandado. E mostrando se el rey muyto espantado, respondeo a Aires correa q̄ lhe deu este recado q̄ tomasse Pedralvarez a pimenta q̄ achasse aos mou

ros ainda q̄a teuessem carregada, e quelha pagasse como a tinhão comprada. Ho q̄ foy logo sabido pelos mouros de Aeca / e como eles não desejaũo mais q̄ ter causa perapelejar com ho feytoz / e matar quantos estauão coele, parecendo lhes q̄ daqui naceria imizade antre el Rey e os Portugueses pera q̄ se fossem e não tornassem ali mais / concertarão de fazer e Aires correa mãdasse dizer a Pedralvarez q̄ por virtude do que el rey tinha mãdado tomasse hũa nao de Loge çameceri q̄ estaua carregada de pimenta, e que coela carregaria algũas das naos de Portugal / e ho mesmo Loge çameceri q̄ mostraua ser amigo Aires correa lho disse e segredo, mostrando q̄ folgaria de tomar a nao, não dizendo que era sua / nẽ Aires correa ho soube: e muyto ledo cõ o ardil ho mãdou dizer a Pedralvarez cabral, q̄ como sabia a inconstãcia del rey, e ho credito que os mouros de Aeca tinhão coele, e quãto valião e podião na cidade / temeo q̄ se tomasse a nao q̄ se escandalizaria e levantaria contra os Portugueses / e como erão muytos mataria logo os q̄ estauão na feytozia / e por isso não queria tomar a nao mãdado dizer a Aires correa a rezão por que. E não auẽdo ele por boa mandou fazer tantos requerimentos a Pedralvarez q̄ tomasse a nao porq̄ seria grãde perda pera el rey e Portugal não se tomar, que lhe foy forçado satisfazer a seu requerimento, e com quanto estaua doente dõ quartã q̄ auia ãnos q̄ tremia e sangrado daquele dia, mãdou os capitães

da armada nos bateis e com gente que deteu a nao que não partisse e quando não quisesse por bem/ que a deteu sem por força, e a descarregassem. E Logeçameceri e os outros mouros que estauão prestes e lhe fazêdo hũ sinal q os Portugueses querião deter a nao, dão rebate hũs aos outros, e saẽ como cães danados cõ suas armas caminho da feytoria, e matarã logo esses Portugueses que acharão pola cidade. E tinhão ordida esta treição tão secreta mête q nunca Loge bequi nem outros amigos dos Portugueses ho poderão saber: e sairão tão de supito/ que não ouue tempo pera Aires correa ser auisado: se não ê trou muyto depressa na feytoria hũ veneziano chamado Adicer benauiuto estante em Calicut que conhecia Aires correa/ e disselhe q que queria fazer mercadoria, nã tomava a nao e deixava a partir, e isto pola nao q os Portugueses estauão tomãdo/ e acabando de dizer isto tornou se a sair cõ apressa q entrou sem esperar resposta. E Loge bequi que soube o impito com q os mouros yão contra os Portugueses/ foy correndo pera auisar Aires correa/ e os mouros lhe yão tanto nas costas/ q entrando ele muyto depressa na feytoria todo enfiado/ não pode mais dizer q Aires correa/ Aires correa, leuantãdo as mãos como homẽ agastado. E nisto chegarão os mouros com grãdes gritas, e erão muytos armados todos darcos, e frechas, lâças/ terçados/ e cofos. E na feytoria estauão setenta Portugueses com os frades/ e tinhão suas espa-

das, e ate oyto bestas, sem mais outras armas defensiuas, nem offensiuas/ tamanba era a confiança no seguro del rey de Calicut/ e tão pouco ho cuydado do q compria a suas vidas: e cõ quanto os Portugueses erão tã poucos e tinhão tã poucas armas/ defenderão se hũ pedaço sem os mouros os poderem entrar/ e nele mãdou Aires correa aruozar hũa bãdeira sobre a feytoria, pera q lhe acodisse a armada como acodirão os bateis que tinhão tomada a nao mas não prestou/ porq ja Aires correa e os mais dos Portugueses erão mortos, e os outros fugirã per hũa porta q laya á praya indo os mouros apos eles onde acabarão de matar algũs, e outros que forão ate vinte escaparão muyto feridos lançandose ao mar e tomãnos os bateis/ e atrestes foy hũ Antonio correa filho Aires correa que seria moço donze ãnos/ que despois em homẽ fez na India cousas muy notauẽs/ como direy no liuro quinto, e assi escapou frey Anriq, q despois foy bispo de Ceita. E acabada de fazer esta destruição pelos mouros, saluou Loge bequi dous Portugueses q escõdeo e sua casa: hũ auia nome Fernão peiroto natural de Vila franca/ e outro João roiz. E el rey de Calicut folgou dos mouros fazerẽ isto aos Portugueses, pera tomar a fazêda que estaua na feytoria que era muyta/ e toda a ouue.

C Capit. xxxix. De como Pedraluarez cabral se vingou do que os mouros fizerão,



Sabida por Pedralvarez a morte daires correa, vio quã mal fizera em mandar tomar a nao dos mouros / e ficou muy agastado de lhe acontecer tamanho desastre a que nã pode fugir vendoho primeyro: e por ser tã tarde, e não ter onde carregar nem onde inuernar se não em Calicut / não quis logo vingar aquela offensa, mas têporizar cõ el rey ate ver se lhe mandaua algũa disculpa do q os mouros fizeram, porq coisso ficaria satisfeyto por não ficar desauiado / e esperou todo aqle dia por este cõprimimento, que el rey não fez, porque lhe não pelou do q os mouros fizeram, ates ho ouue por proueito por amor da fazêda q ouue. E vêdo Pedralvarez passar aquele dia, e que el rey não mandaua nhũa disculpa, ao outro q forã deza sete de Dezembro / mãdou por seus capitães tomar dez naos d mouros q estauão no porto carregadas de fazenda e de gente, e forão tomadas por força d armas / e forão mortos seis cêtos mouros, e outros feridos / sem morrer nhũ Portugues. Tomadas as naos foy achada nelas algũa especiaria / e outra fazenda, e tres Alifantes q Pedralvarez mandou salgar pera mantimento da gête: e despejadas ficarão nelas os catiuos atados de pés e de mãos / e assi forão queimadas a vista de muyta gente da cidade q estaua na praya pa lhes acodir mas não oufarão cõ medo da nossa artelbaria. Era espantosa cousa d ver arder dez naos todas juntas /

e fazerem se caruões, e ouuir a grande grita dos mouros q estauão dentro, e nisto se gastou todo aqle dia. E ao outro têdo Pedralvarez chegadas as naos a terra ho mais que pode / mandou desparar a artelbaria q em todo ho dia não fez outra cousa, e fez muyto grãde dano por toda a cidade / derribando casas / qbrando aruozes / e matando gête sem conto. E a el rey de Calicut lhe foy forçado sair se da cidade, porque jũto dele espedaçou hũ pelouro hũ Maire seu priuado: e da banda do mar não ficou nhũa casa e pé nem a gente ou souo desperar / e passouse da banda do sertão, pelo que Pedralvarez não teue ao outro dia em q os danificar: e vendo que ali não tinha remedio, determinou dese ir a Cochim auer se podia fazer amizade cõ seu rey, de q tinha em formação que era muyto bom homẽ. E estãdo pe rapartir, vinhã duas naos de mouros pera entrar no porto / e ele as se guio ate hũ porto chamado Fundarane, onde vararã em terra / e por isso as não po de tomar.

Capit. xl. De como Pedralvarez cabral assentou amizade com el Rey de Cochim.



Este porto de Fundarane / proseguiu Pedralvarez sua viagem pera Cochim com toda a armada e no caminho tomou duas naos carregadas d arros / que yão pera Calicut e os que yão nelas escaparão deitandose ao

mar. E despejadas as naos forão queymadas: e despois disto aos vinte quatro de Dezembro chegou a Cochim/ que he bũa cidade na costa do Malabar dezanove legoas a uante de Calicut pera ho sul: e está em noue graos da banda do norte situada ao longo d'urío que se mete no mar cõ que a cidade fica em ilha/ e muyto forte, porque não se pode entrar se não por certos passos. Tê bõ porto e limpo q̃ se faz na foz desterio: a terra ao derredor he alagadiça e feyta em ilhas/ viçosa e fresca/ mas dá poucos mantimentos. A cidade he de casas como as d' Calicut, e pouxada de gétios e d' mouros estrangeiros que sam grandes mercadores por amor da muyta pimêta q̃ ha na terra e muyto mais que em Calicut. Seu rey era gentio e tinha os costumes do de Calicut: era pobre e senhor de pouca terra e de pouca gente/ nem podia laurar moeda, e mais de cada vez que aua rey nouo em Calicut despunha de rey ho de Cochim, e estava em sua mão darlhe ho reyno ou nã: e mais era el rey de Cochim obrigado dir a seus parás que sam batalhas que dão a outros reys. Chegado pedralvarez cabral ao porto desta cidade, não quis mandar recado a el rey por Gaspar por recear de não tornar mais/ e mandou ho por hũ gétio que se tornara Christão estando em Calicut, e queria ir coele a Portugal/ q̃ se chamaua Adiguel e por sobre nome Fogue que era antes de ser christão. E Fogues sam homens que tem hũa certa religião antre os gentios, e andão polo mundo fazê-

do romarias a pagodes e casas do-ração da sua seyta. Por este Adiguel mandou Pedralvarez offerer a el rey amizade del Rey dõ Anuel, e rogarlhe da sua parte q̃ lhe mandasse dar carrega de pimenta e doutra especiaria pera q̃tro naos a troco de mercadorias ou comprada por dinheiro. O q̃ el rey outorgou/ mostrãdo pesarlhe muyto da treição que em Calicut fora feyta aos Portugueses/ de que mostrou estar bẽ enformado e estimalos muyto. E pera q̃ Pedralvarez mãdasse a terra quem negociasse a carrega das naos/ mãdou em arrefês dous Maires principais / com cõdição q̃ se auião de reuezar cõ outros dous que ficarião em quanto aqueles fossem comer/ porque não podião comer no mar. E Pedralvarez mandou logo a terra por feytoz da carrega Gonçalo gil barbosa de Santarê/ e por seu escriuão hũ Lourço moreno, e por lingoa hũ Adet ra cõm quatro degradados que os seruissem/ e nã quis q̃ fossem mais porque se perdessem poucos se acõtecesse algũ desastre como em Calicut. E ho feytoz foy recebido com muyta honrra per muytos Maires que holeuarão a el rey q̃ estava nũ, saluo q̃ tinha cingido hũ pano branco q̃ lhe chegaua ate ho gíolho. E asentado ê hũs de graos a modo de teatro/ e acompanhado d' pouca gente. Ho feytoz lhe apresentou da parte de Pedralvarez cabral hũ bacio de prata dagoas mãos cheo da çafraõ/ e hũ grande barnegal de prata cheo dagoa rosada e certos ramais de corais/ pedindo lhe perdão.

de lhe não mandar mais / porque aquilo lhe ficara do despojo / e que não lho mandava se não por final damizade. E que el rey agardeceo muyto / e depois de falar hum pedaço com Gonçalo gil sobre el Rey de Portugal ho mandou apousentar / e dali por diante ho fauoreceo muyto e lhe deu todo auimento quanto pode ser pera fazer a carga: a que os gentios da terra ajuda uão com tanto amor q̄ parecia permittam diuina a mudança de Calicut a Cochim pera a igreja catholica multiplicar na India como multiplicou / e ho estado del Rey dom Manuel se acrecentar tanto / com proueito de sua fazenda.

Capitolo .xlj. De como Pedralvarez cabral se partio pera Portugal. *de Cochim y fue a canan*



Como em Calicut se ouue por muyto estranha aida dos portuguezes por irem de tão lôge loou muyto por toda a terra / e assi ho rico presente que el Rey de Portugal mandara a el rey de Calicut, e as mercadorias que mandava pera a feytozia / pelo que não ouue nhũ rey do Malabar que não ouesse enveja a el rey de Calicut por tal gente ir carregar a seu porto / pelo grande proueyto que sabião que auia dauar / e todos deseja uão que fossem carregar aos seus portos / e estranharão muyto a treição que lhes fez el rey de Calicut, e sabêdo que era de lá desauindo / e que esta-

ua em Cochi mandar alhe logo embaixadores el rey d' Coulaõ e el rey de Cananor reys principais do Malabar depois del rey de Calicut: ofrecendolhe amizade e carga em seus portos. E Pedralvarez aceitou a amizade e escusouse de ir lá carregar por q̄nto tinha começado em Cochi dandolhes esperança que doutra viagem ho faria. E isto soube el rey de Cochi e ho estimou muyto. E tendo Pedralvarez as naos q̄si carregadas / foy auisado por el rey de Cochi que el rey d' Calicut mandava cõtrele hũa armada de vinte cinco naos grossas e muytos paraõs em que vinhão quinze mil homẽs pera ho tomarẽ porque lhe queimara as naos e lhe destruiu a cidade, ofrecêdolhe gẽte pera ho ajudar / o q̄ Pedralvarez não quis, porq̄ el rey visse q̄ não tinha necessidade de sua ajuda. E auendo vista da armada q̄ ya contrelle / seletou do porto cõ toda a frota pa ir pelejar coela no mar afastado da terra: e por vêtar a viração nã lhe pode chegar, e adou as voltas ate noyte. E os mouros como lhe auia medo / posto q̄ a viração lhes seruia a popa não se chegarão muyto: e ao outro dia querendo Pedralvarez chegar a eles cõ ho terreno q̄ ventana achou q̄ a nao de Sãcho d' thorar estava muyto afastada dele por descair aq̄la noyte / e como ela era a principal da cõserua e q̄ leuaua mais gẽte depois da sua, cõselharãlhe os outros capitães q̄ nã pelesasse se ela porq̄ eles leuauã muy pouca gẽte e essa doẽte. E vêdo Pedralvarez q̄ nã podia pelejar cõ os inimigos e

que ho vento lhe seruia a sua viagem pera que estava prestes / não quis tornar a Cochim e fezse na volta do mar pera ir a Cananoz tomar algũa canela que lhe falecia pera acabar de carregar / e assi se partio levando os arrefens del rey de Cochim e deixando em terra Gonçalo gil barbosa e os outros. E os inimigos vendo que se ya mostrarão que querião pelejar coe le e ho seguirão ate noyte / e aos quinze de Janeyro de mil e quinhentos e hum foy surgir no porto de Cananoz / que he hũa cidade na costa do Malabar trinta e hũa legoa de Calicut da banda do norte: tem hũa baya muyto boa que lhe faz ho porto muyto seguro / a terra he viçosa e fresca / e de muyto boas agoas / e de poucos mantimentos / salvo de pescado de que ha grande soma. Tem pimenta em abundança, muyto gengibre / grãde multidão de tamarindos / mirabolanos / canafistola e cardamomo que sam mercadorias que se gastão bem: ha nela grandes tanques da goa em que se crião lagartos como os de sam Thome, e comem homens / ho seu bafocheira como algalia: nos matos ha cobras tão peçonhentas que matão com ho bafõ, e outras não tão peçonhentas mas muyto grandes / e ha morcegos tamanhos como minhotos que tem ho focinho como raposa, e sabem tambem que os gentios dão galinhas por eles. A cidade de Cananoz he como a de Calicut / salvo que não he tamanha, he pouxada de gentios e de mouros

estrangeiros. Seu rey he gentio, goarda os costumes do de Calicut, não he tão poderoso de gente nem senhor de tanta terra / nem tẽ tanta renda. Neste porto tomou Pedralvarez cabral quatrocentos quintais de canela, e por lhe el rey mandar mais e ele a nã querer por não ter necessidade dela, cuydou el rey que seria por não ter dinheiro pera a comprar, e q̃ lho tomarião todo quando fora a treição de Calicut: e como desejava muyto a amizade del Rey de Portugal / e que mandasse carregar em sua cidade, mandou dizer a Pedralvarez / que se deixava de tomar a canela que lhe mandava por falta de dinheiro ou de mercadorias, que ele lhafiaria ate tornar aa India. E que lhe Pedralvarez mãdou agradecer e dizer a causa porque não tomava a canela / e mostrou ao messegero muyto dinheiro que ainda tinha pera a comprar se teuera necessidade. E el rey polo desejo que tinha da amizade cõ el Rey de Portugal / mandou lhe hum embaixador com Pedralvarez cabral, que dali escreveu a el rey de Cochim desculpandose de se partir sem lhe falar / e de lhe levar os seus arrefens, encomendandolhe muyto os Portugueses que ficauão em Cochim, a que escreveu tambem. E os arrefens escreverão a el rey que folgauão muyto de ir a Portugal / e que Pedralvarez lhes fazia boa companhia. E cõ tudo el rey ficou muyto agrauado de Pedralvarez por se ir sem lhe falar e levar lhe os arrefens / e dizia que ho engana-

ra, pozem tratou sempre Bonçalo gil e os outros muyto bem.

Capit. xliij. Do que aconteceu a Pedralvarez cabral tornando pera Portugal.



Este porto de Cananor / se partio Pedralvarez cabral pera Portugal / e ho derradeyro dia de Janeyro tomou naçle golfão hũa grandenao de mouros carregada de mercadoria que deixou ir sem bolir nelapoz saber que era del rey de Cambaya e assi lho mandou dizer / porque sua ida a quelas partes não era pera fazer guerra como dizião os mouros de Aeca se não pera fazer amizades e tratar, e se fizera guerra a el rey de Calicut fora pola treição q̄ lhe fizerão os mouros de Aeca por seu cõsentimento. E estes comprimentos fazia Pedralvarez porque não esquivassem na India os Portugueses: e despois disto deu a nao de Sancho de thoar em hũa baixo por má vigia e perdeose / e escorrendo Pedralvarez Belinde foy ter a Moçambiç, donde mandou Sancho de thoar em hũa nao das da armada a descobrir a ilha de çofala, mandandolhe que descuberta se fosse pera Portugal / pera onde se ele partio despois de dar pendor ás naos, e ate ho cabo de boa Esperança correo muytas tormentas com que se apartou de sua conserua hũa nao que nunca a mais vio em toda a viagem / e

passados muytos e grandes perigos dobrou ho cabo a vinte dous de Mayo. E continuando daqui sua navegação foy aferrar ho cabo verde / onde achou Diogo diáz hum dos capitães que partio coe le de Portugal que se apartou de le com a tormenta com que çoçobrarão as quatro naos / e este lhe contou como por erro do seu piloto se metera no mar roxo / e hi andou muyto perdido, e perdera ho batel / e lhe mozzera muyta gente. E não se atreuendo ho seu piloto ao levar aa India, se tornou pera Portugal / e no caminho lhe mozzera tanta gente de fome e de sede que lhe não ficarão viuas mais de sete pessoas que auia muytos dias que milagrosamente mareauão a nao / e a trouuerão ali com ainda de nosso senhor / porque doutra maneyra não podera ser / e daqui se partio pera Portugal / e chegou a Lisboa ho derradeiro de Julho de mil e quinhentos e hum e foy recebido com grande solenidade. E el Rey dom Manuel lhe fez muyta honrra / e despois chegou Sancho de thoar que descobrio çofala, de cujo sitio direy a diãte: e coesta derradeyra nao tornarão seys a Portugal de doze que forão na armada de Pedralvarez cabral / e as seys se perderão.

¹⁴³
Capitolo xliij. De como foy por capitão moor da segunda armada da India João da no-
ua,

f ij



Antes de Pedralua-
rez cabral tornar de
Calicut / não sabêdo
ainda el Rey dō A
nuel nada do que lhe
acontecera, e cuydando que tudo
estaua assentado mandou quatro
naos as mais delas de armadores
que mandauão fazenda, e deu a ca-
pitania mór delas a hum João da
nova alcaide pequeno da cidade de
Lisboa homem esforçado. E dando
lhe ho regimento do que auia de fa-
zer, separtio de Lisboa coesta arma-
da de quatro naos, de que a fora ele
forão capitães Frâncisco de nouais,
Diogo barbosa e outro / e hião ne-
las oytenta homens com a gête do
mar / porque como el rey cuydaua
q̄tudo na India estaua em paz não
quis mandar mais gente. E parti-
do João da nova de Lisboa sem lhe
acontecer cousa que seja de contar
foy ter a agoada de sam Braz / on-
de se achou em terra hū çapato de-
pendurado em hūa aruore cō hūa
carta dentro que dizia que passara
por hi Pero dataide que fora com
Pedraluarez cabral, e contaua ho
que lhe acontecera em Calicut / Co-
chim e Cananor / porq̄ soubessem
os capitães Portugueses que não
auião dir a Calicut se nã a Cochim.
E vêdo João da nova esta carta nã
quis por conselho dos outros capi-
tães deixar Aluaro de Braga e ço-
fala cō ho nauio q̄ leuaua por lhe fi-
car muy pouca gente, e desta agoa-
da foy ter a Quilloa / onde soube
de hū Portugues degradado que
hi deixou Pedraluarez ho mesmo
que dizia na carta de Pero datai-

de / e outro tanto soube despois
del rey de Abeline / a cujo porto
foy ter. E tendo estaua por cer-
ta / atraueffou ho golfão e foy sur-
gir em Angediuua: e estando hi pas-
sarão setenaos de mouros de Cam-
baya que não oufarão de pelejar
coele com medo de sua artelharia /
e daqui se foy a Cananor / onde vê-
dose com el rey foy por ele certifi-
cado de todo o que acontecera a
Pedraluarez em Calicut / e do ma-
is que despois fez: el rey lhe offre-
ceo carrega pera as naos que leua-
ua, que ele não quis tomar sem ir a
Cochim e ver se com Gonçalo gil
que Pedraluarez cabral deixara
por feytoz, e logo separtio: e de ca-
minho tomou por força hūa nao
de mouros de Calicut e queyma-
da chegou a Cochim / e Gonçalo
gil barbosa ho foy ver ao mar / e
lhe disse que el rey de Cochim fica-
ra escandalizado de Pedraluarez
cabral por lhe leuar os seus arre-
fens, porem que sempre tratara bẽ
os Portugueses que lá ficarão / e
porq̄ os mouros lhe poserão hūa
noyte fogo na casa onde pousauão
os recolhera aos seus paços / e se
de dia yão fora mãdaua coeles Mai-
res que os goardassem dos mou-
ros que desejaũo de os matar / e
assi lhe disse que não tinha carrega
despeciaria pera lhe dar, porque a
mercadoria da feytozia não se ven-
dia que estoruauão os mouros a
venda / e tambem aconselhauão
aos gentios que lhe não dessem
nhūa pimenta se não a troco de
vinheiro, por isso que não pode-
ria carregar se ho nã leuaua. E por

que João da noua nem os outros capitães ho não leuauão se não mercadorias não se quis mais de ter / e tornou-se a Cananoz pera ver se poderia hí tomar carrega a troco delas. E sabendo el rey como ele nã leuaua dínheiro / disselhe q̄por não tornarem as naos vazias de todo a Portugal ficaria por fiador d̄ mil quintais de pimenta e de cincoenta de gengibre / e de quatrocentos e cincoenta de canela ate se vender a mercadoria que leuaua / com condição que a deixasse em Cananoz cõ hũ feytoz e hũ escriptuão : e assi foy feyto, e mais deixou com ho feytoz algũs Portugueses. E carregada esta especiaria que digo, aos quinze dias de Dezembro apparecerão ao mar oytenta paraõs que passauão pera môte Deli: e estes erã de hũa grande armada que el rey de Calicut mandaua pera tomar João da noua / e os que estauão coele carregando em Cananoz. E que el rey mandou dizer a João da noua / e porque ele não tinha gẽte com que se defendesse que seria bõ desembarcar essa que tinha, e a artelharía, e que em terra se defenderia melhor. E ele não quis / dizendo que esperaua em nosso senhor de se defender dos mouros com aquela pouca de gente que tinha. E ao outro dia dezaseys de Dezembro amanheceo a baya de Cananoz cercada da armada del rey de Calicut, que era de cento e tantas velas assi naos como paraõs tudo cheo de mouros bem apercebidos, de frechas / del anças / e despadas e de muytos arremessos. João da noua tan-

to que viu esta armada e chamou logo os capitães / e disselhes. Se os mouros nos aferrão segundo sam muytos e nos poucos, não temos saluação : e pera nos saluarmos he necessario com a esperança em nosso senhor resistir lhes com a artelharía que nos não cheguem, por isso senhores tendecny dado / e ponhamos as naos hũas apar das outras em proporção que todas juntamente possam jugar com sua artelharía : o que logo foy feyto. E nisto começa a nossa artelharía de desparar com hum brauo estrondo cubrindo tudo de fumo / e desaparelhando / e espedaçando muytos nauios dos mouros / e metendo outros no fundo / e matando em todos muyta gente / o que os mouros não podião fazer aos Portugueses por não terem artelharía / e toda sua peleja era com frechadas com que perfiaũão dêtrar os Portugueses como que esperauão de ho fazer, e assi perfiarão ate ho sol posto. E vendo que de cada vez recebião mais dãno, e leuantarão hũa bandeira branca em sinal de paz, que se tenerão vento pera fugirem bem ho fizerão segundo estauão destrocados : e João da noua que tambem tinha a sua gente cansada e algũa ferida / e a mayor parte da artelharía arreben-tada, e folgou muyto quando viu a bandeira / e por em receou que os mouros farião aquilo pera verem como estauão os Portugueses, e receou tambẽ que respondẽdolhe ele com bandeira de paz cui-

darião que estauão desbaratados / e por isso a desejauão, pelo que trabalharião polos aferrar pera os tomarê: e coeste receyo mandou levantar ho seu guião não deixando de tirar sua artelharía. E os mouros q̄ tinhão necessidade tornarão a levantar a bandeira branca: e parecendo a João da noua que a paz era de verdade, mandou levantar outra. E despois disto assentarão treagoas ate ho outro dia com cõdição que os mouros descercassem a baya: e ela descercada sayose João da noua pera ho mar e por vêtar a viração surgio pto dos mouros sem poder ir mais auante: e de noyte lhe quizerão os mouros queimar a frota indo em almadias: o q̄ sintido pelos capitães mandarão alargar as amarras e yão se afastãdo: e os inimigos os yão seguido: o q̄ eles vêdo tirarãihes cõ a artelharía e os fizerão afastar. E desesperados os mouros de poderê fazer dano aos Portugueses, em ventãdo ho terrenho derão ás velas e foranse pera Calicut. E João da noua deu muytas graças a nosso senhor por lhe escapartanto a seu saluo. E deixando ho feytoz que disse com feytozia em Cananoz / se despedio del rey e partiose pera Portugal / onde chegou a saluamento sem mais carrega q̄ a q̄ disse. E el rey de Calicut quando vio q̄ a sua armada não pode tomar a dos Portugueses por força / atentou de a tomar por manha, e per hũ Fernão peixoto dos catiuos q̄ ficarão em Calicut de Pedraluarez cabral, mãdou dizer a João da noua, que lhe pesara

muyto do q̄ os mouros de Abeca fizerão aos Portugueses sobre o q̄ dera grãde castigo aos culpados, e q̄ faria disso toda a satisfação q̄ lhe bẽ parecesse / por q̄ desejaua muyto deser amigo del Rey d' Portugal / e q̄ teuesse trato em sua cidade, e se lá quisesse ir carregar q̄ lhe daria carrega. E quando se Fernão peixoto partio coeste recado, lhe disse Coiebequim secretamente que dissesse ao capitão mór dos Portugueses, que por nhũ modo fosse a Calicut, porque el rey ho queria matar, e a quantos yão coele: e por isso Gonçalo peixoto se deixou ficar em Cananoz.

Capít. xliiij. De como dõ Vasco da gama tornou á India por capitão mór de hũa armada.



Sabido por el rey dõ Manuel o q̄ el rey de Calicut fizera a Pedraluarez cabral, de terminou de mãdar hũa grossa armada pera se poder vingar dele: e tendo dada a capitania mór dela a Pedraluarez cabral lha tirou por algũs justos respetos e a deu a dom Vasco da gama, que com ho regimento do que auia de fazer se partio de Lisboa a dez de Feureyro, de mil e quinhentos e dous levando em sua conserua dez naos grossas / das quaes a fora ele forão capitães dom Luys continho / Pero dataide, Francisco da cunha, João lopez perestrelo, Antonio do campo, Pedrafonso daguiar / Sil matoso, Ruy de cast

nheda, Gil fernandez, Diogo fernã
 dez correa que ya por feytoz da ar-
 mada e de Cochim / e cinco nauios
 redondos que auião de ficar na In-
 dia em goarda da feytozia / de que
 forão capitães Nicêtesodré, Brias
 sodré seu irmão / Antonio fernan-
 dez / Pero rafael, Diogo pirez e
 João rodriguez badarças a quem
 se auia de dar na India hũa caraua-
 la que ya laurada na mesma arma-
 da, e lá se auia dar mar / e a fora es-
 tas quinze velas se ficauão apare-
 lhando cinco naos de que ya por ca-
 pitão mór hũ Esteuão da gama pri-
 mo de dom Vasco da gama que par-
 tio aos cinco do Mayo seguinte / a
 q̃ não soube o que acôteceo na via-
 gem. E dõ Vasco da gama despois
 que partio de Lisboa que dobrou
 ho cabo de boa Esperança / mādou
 a Pedrafõso da guiar do cabo das
 corêtes com a mayor parte da ar-
 mada pera Moçâbique, e ele ficou
 com quatro nauios em q̃ foy a ço-
 fala e vio ho sitio da terra que era
 pera fortaleza, e resgatou algũ ou-
 ro em vinte cinco dias que hi estuee
 em que assentou amizade cõ el rey
 de çofala. E partindo pera Moçâ-
 bique se perdeu ao sair do rio ho na-
 uio d'antonio fernãdez com se sal-
 uar a gente. E chegado a Moçam-
 bique / e deixando hi feytozia pera
 as naos que ali fossem acharẽ mātĩ
 mētos, se partio pera Quilloa, cujo
 rey leuaua em regimēto q̃ fizesse tri-
 butario a el Rey dom Manuel pois
 nã queria sua amizade. E chegado
 a seu porto, chegou tãbẽ Esteuão
 da gama com as cinco naos: e dom
 Vasco teue maneyra como ho rey dõ

Quilloa lhe foy falar ao mar / e co-
 mo sabia q̃ era mētiroso não se quis
 fiar em sua palaura / e prendeo ho e
 com ho mandar meter debaixo da-
 goa / lhe prometeo de se fazer tribu-
 tario del Rey dom Manuel e lhe
 pagar de pareas cadãno dous mil
 mitecais douro, e polos daq̃le dei-
 xou e arrefens hũ mouro principal
 que auia nome Afamedealconez,
 a que queria mal secretamente por
 se temer dele que lhe auia de tomar
 ho reyno que e letinha vsurpado ao
 proprio rey / e não mandando ele
 as pareas por cuydar que dõ Vas-
 co matasse Afamedealconez, que
 vendo q̃ tardauão as pagou aa sua
 custa / e assi se liurou.

C Capit. xlv. De como dom Vasco
 da gama chegou ao porto de Ca-
 licut, e do que fez.



E Quilloa se partio
 dõ Vasco da gama
 pera Melinde, e visi-
 tado el rey, p̃seguiu
 sua viagẽ pera a cos-
 ta da India / e a monte Deli topou
 hũa nao de mouros de Abeca q̃ yã
 pera Calicut, e serião trezētos to-
 dos de peleja, a fora molheres e me-
 ninos / e esta foy tomada por força
 pelos capitães da frota em que os
 mouros pelejarão bẽ. E querēdo os
 senhores da nao e outros negar a
 dõ Vasco q̃ não leuauão nhũa fazẽ-
 da na nao, mandou deitar dous no
 mar, e logo os outros confessarão
 q̃ leuauão muyta e boa fazẽda, de q̃
 a melhor foy entregue a Diogo fer-
 nandez correa pera el Rey que a ti-
 rou logo da nao / e a lomenos foy

F iiii

dada a escala frãca aos Portugue-
ses / e os meninos filhos dos mou-
ros mandou dom Vasco goardar e
depois os fez frades em nossa se-
nhora de Belem / e logo foy posto
fogo á nao estando os outros mou-
ros metidos debaixo de cuberta e
fechados: e isto por vingança do q̃
os mouros de Abeca fizeram a Pe-
dralvarez. Os mouros como senti-
rão ho fogo / trabalharão tanto q̃
se soltarão / e ho apagarão cõ muy-
ta agoa que a nao fazia polos bura-
cos das bombardadas, que lhe de-
rão na peleja. E dom Vasco que es-
tava na nao desteuão da gama aco-
diologo e aferrou a nao dos mou-
ros / que como homẽs determina-
dos acodirão logo defendêdofe cõ
muyto efforço / e deles trazião ti-
ções acesos com q̃ tirauã aos Por-
tugueses pera os queymarem e tã-
bem se defendião que ainda q̃ muy-
tos forão mortos nuncalhes pode-
rão entrar a nao / e por anoytecer
cessou a peleja, que mandou dõ Vas-
co que cessasse / e que desaferrassem
a nao: e mandou aos capitães que
a cercassem com as suas. E assi a te-
uerão toda a noyte em que os mou-
ros com grandes clamores se enco-
mendarão a Afamede que os li-
urasse: e como foy de dia dom Vas-
co tornou a mandar dar fogo á nao
por Esteuão da gama / que lho deu
cõ algũs bombardeiros / por mais
que lhe os mouros contrariarão: e
ho fogo pegou de maneyra que ar-
deou a metade da nao / e parte dos
mouros se afogarão nela com se ir
ao fundo / e parte forão mortos no
mar onde se deitarão / e assi forão

todos mortos. E daqui se foy dom
Vasco a Cananoz / assi pera ver ho
feytor q̃ hi deixara João da noua /
como pera se ver com el rey de que
ho feytor lhe disse muyto bem / e q̃
era verdadeiro amigo del Rey de
Portugal. E depois de lhe dom
Vasco mandar ho embaixador que
lhe leuara Pedralvarez cabral se
vio coele / em hũa casa de madeira q̃
el rey mandou fazer junto do mar
pera esta vista, cõ hũcais muyto me-
tido no mar todo toldado de panos
ricos, em que dom Vasco desembar-
cou indo acompanhado de todos
os capitães da frota / e de muyta
gente darmas com muytas trom-
betas / eatabales / e bateis tolda-
dos e embandeirados / e el rey ho
estava esperando á porta da casa q̃
estava rodeada de dez mil Maires
todos com suas armas com q̃ faziã
grande arroido. E el rey em dom
Vasco chegando a ele abraçou ho
e foranle assentar e duas cadeiras
despaldas que dõ Vasco mandou
leuar pera isso / e el rey se assentou
na cadeira por amor de dom Vasco
posto que era contra seu costume:
e dom Vasco lhe apresentou dous
bacios dagoas mãos cheos de ra-
mos de corral grosso / coula fermosa
de ver / e depois assentou coele ami-
zade em nome del Rey dõ Manuel
de Portugal: e depois que assen-
tasse feytoria em Cochim, a assenta-
ria em Cananoz. E isto feyto par-
tiose dõ Vasco e foy surgir no por-
to de Calicut pa ver se podia auer
restituição da fazenda q̃ se hi toma-
ra quando matarão Aires correa:
e em chegãdo tomarão os da arma

da ate cincoenta pescadores que andauão pescando: o q̄ el rey logo soube z ficou espantado de ver tamanha frota / z com medo q̄ lhe faria muyto dâno se quis saluar com m̄dar pedir perdão a dom Vasco cõ disculpa que os mouros de Aeca fizerão aquela treição sem ho ele saber: pedindo a dõ Vasco que assentasse trato z feytozia em Calicut como tinba começado: z mandou este recado por hũ mouro da terra que foy vestido em hũ abito de frade q̄ ficou dos q̄ yão com frey Anriq̄: z em chegando a bordo da capitaina falou per Deo gracias zentão conhecerão que era mouro, que ateli cuy dauão que fosse frade: z ele disse que vinha assi por lhe não tirarem com a artelbaria. E dado ho recado a dom Vasco, respondeo q̄ não auia de falar e cousa damizade / nê detrato ate que el rey não pagasse tudo quanto fora tomado a Aires correa. E sobre como isto auia de ser se gastarão tres dias sem se tomar conculsam / ate que dom Vasco da gastado mandou dizer a el rey / que se dali ao meo dia lhe não mandaua a fazenda que fora tomada a Aires correa que lhe auia de fazer guerra a fogo z a sãgue, z auia de começar em mandar enforcar os seus pescadores: z assi ho fez porque el rey nã comprio / z em sendo meo dia a hũ tiro que desparou hũa bombardas forão enforcados todos os cincoenta pescadores q̄ estauão repartidos pelas naos, q̄ muyto espantou aos de Calicut que ho virão da praya: E despois de mortos os eforçados lhes forã cortados os pés z as mã-

os / z forão leuados a terra em hũ paraõ com hũa carta de dõ Vasco pera el rey em arabigo que dizia q̄ lhe mādaua aq̄le presente por final de quão bẽlhe auia de pagar as mē tiras que lhe tinba dito: z q̄ a fazēda del rey seu senhoz ele a cobraria a cento por hum. do que el rey ficou muyto injuriado z corrido de não se poder vingar / nê ousaua vêdo tamanha frota. E dom Vasco chegadas as naos ho mais perto de terra que pode, mandou varejar a cidade com a artelbaria q̄ fez muyto grande dâno z destruição / z derribou ho çarame del rey contra quem ho pouo fazia muyto grande cramor, pedindo lhe que fizesse paz com os Portugueses. E feyta esta destruição, dom Vasco se partio pera Cochim z deixou hũa armada de seys nauios naquela costa pera que fizesse guerra a Calicut tomãdo as naos que saíssem do seu porto z quisessem entrar nele z ficou por capitão mōr hũ Vicente Sodré seu parente q̄ de Portugal vinha dirigido pera isso / z os outros capitães forão Bras Sodré seu irmão Pero rafael Diogo pirez / Fernão rodriguez ba dascas z Pero dataide.

Capit. xlvj. De como dõ Vasco da gama chegou a Cochim, z do mais que passou.

Chegado dom Vasco ao porto de Cochim Bõca lo gil barbosa / z Lour eço moreno ho forão logo ver / z lhe disserão ho escandalo q̄ el rey teuera de Pedralvarez cabral

se ir sem lhe falar, mas que sempre os tratara muyto bem. E el rey ho mandou visitar, e dâdolhe arrefês desêbarcou e se vio coele, e lhe deu hũa carta del Rey dom Manuel em que lhe agardecia o que fizera a Pedralvarez cabral: e assi lhe deu hum presente / que era hũa coroa douro / hũ colar do mesino, dous gomis de prata sobre dourados / dous tapetes grandes e finos / dous panos dar mar veras de figuras / hũa peça de cetim carmesim e outra de tafeta / e hũa tenda. E que el rey recebeu com muyto prazer: e armada a cenda dentro nela assentou amizade com dom Vasco e lhe deu hũa casa pera feytoria / e assi assêtarão ho preço a que se auia de comprar a pimenta na feytoria / e de tudo se fez hũ contrato assinado por el rey / q̃ lhe deu pera el Rey dom Manuel dous barceletes e pedraria muyto ricos, hũa tocha mourisca de prata de dez palmos de comprido / duas toucas de bengala finissimas / hũa pedra tamanha como hũa auelaã / muyto proueitosa cõtra a peçonha que se acha na cabeça de hũa alimaria a quena India chamão bugoldaf. E logo foy apouentado na feytoria Diogo fernandez correa, que como disse foy de Portugal e forã seus escriuães Lourenço moreno q̃ ja lá estava / e hũ Alvaro vaz q̃ ya de Portugal / e dõ Vasco lhe deu hũ lingoa e certos Portugueses pa seruiço da feytoria, e começou se logo de dar carga á capitaina. Enisto mãdou el rey de Calicut a dom Vasco por hũ bramene q̃ lhe queria pagar o q̃ se tomara a el Rey

de Portugal quando os mouros matarão Aires correa, que ho fosse logo receber. Dom Vasco porq̃ não se fiaua del rey prendeo lhe ho bramene pera lho pagar se mentisse: e porq̃ a sua nao tomava carga foy na Desteuão da gama / em q̃ partio logo pera Calicut e não quis que outro nhũ capitão fosse coele. posto que lhe todos aconselharão q̃ não fosse assi porque ya a muyto perigo e assi foy, porque vendo el rey de Calicut quão desacompanhado ya quisera ho tomar com trinta e tres paraõs dar armada que derão sobrele ao quarto da lua / tão de supito que se não acertara estar sobre hũa ancora no mais fora tomado / e a esta mandou ele logo cortar a amarra e juntamente desferir a vela, e cõ ho terreno que ventaua escapou aos paraõs que ho seguirão tão apertadamente que ainda correo risco de ser tomado selhe não acodirão Vicente sodré e os outros capitães q̃ andauão na costa / que pelejarão cõ os paraõs e os fizerão fugir. E dõ Vasco setornou a Cochim e mandou enforçar ho Bramene del rey de Calicut.

Capit. xlvij. De como el rey de Calicut mandou dizer a el rey de Cochim que não desse carga a dom Vasco.

Grandemête se ouue el rey de Calicut por injuriado de lhe dom Vasco enforçar ho seu Bramene: e vêdo q̃ não se podia vingiar polo medo q̃ tinba da artelharia dos Por-

tuguezes / quis atentar se podia fazer com el rey de Cochim que não consentisse na sua cidade a feytozia del Rey de Portugal, nem desse carrega a dom Gasco, z mādoulhe por hū Bramene esta carta.

CSoube q̄ fauoreces os frāgues / z os agasalbas em tua cidade: z lhas das carrega z mantimētos: z quiza que não ves quāto dāno nos v̄e disso a todos, z quanto me anojas, rogote q̄ te lembre camanhos amigos fomos ategora, z não queyras anojarme por tão leue cousa como he a amizade dos frangues / q̄ sam hūs ladrões que ādāo a roubar as terras albeas: z q̄ por amor de mim os não acolbas, nem lhes des nbūa especiaría, que a fora fazeres nisso a todos boa obra / a fazes a mim: que ta pagarey no que mandares. Não te encareço isto mais porque creio q̄ ho faras tão leuemente como eu farey por ti outras cousas de mōr importancia.

Vista esta carta por el rey d̄ Cochim como ele era muyto bō / verdadeyro z prudente / não ho demouerāo cousa algūa aq̄las palauras: z respondeo a el rey de Calicut por esta maneyra.

CNão sey como possa ser que cousa de tamanho peso como he lāçar os frangues fora de minha cidade, tēdo os tomados sobre mim faça tão leuemente como dizes: tal cousa te não cometi nunca sobre os mouros de Beça / nem sobre outros muytos mercadores que assentarāo em Calicut. E ē agasalhar os frāgues z dar lhas carrega / não cuido que te anojos / nem a ninguem / pois se cof-

tuma antre nos v̄eder nossas mercadorias a quem nolas compra / z fauorecermos os mercadores que vem a nossas terras. Os frangues me vierāo buscar de muy longe / z por isso os recolhi z emparey / z nā sam ladrões como dizes, porq̄ trazem muyta soma de moeda douro z de prata z de mercadorias / z fālāo verdade. Tua amizade eu a conseruarey fazendo o que deuo / z assi ho deues de querer, porque doutra maneyra nā seras meu amigo, z atinẽ a ninguem não deue de pesar q̄ ennobreça minha cidade.

Eficando el rey de Calicut muyto agastado desta reposta, toznoulhe a escreuer esta carta.

Pesame muyto do bordo que le uas comigo, porque vejo q̄ queres deixar minha amizade pola dos frāgues que tenho por inimigos / que sera causa de ho ser teu: outra vez te torno a rogar que os não recolbas nem lhes des carrega, z não ho que rēdo fazer Deos acoime tua culpa: que eu protesto de não ser culpado no dāno que se recrecer.

CLāpit. xlviii. De como indo dō Gasco da gama pera Cananoz foy cometido de vinte noue naos de mouros.



Etodas estas cartas nunca el rey de Cochim quis dar conta a dom Gasco se não quādo se ouue de partir, dizendo q̄ lho não dissiera mais cedo por lhas não dar má vida ē cuidar que faria o quelhe el rey de Ca-

licit cometta / affirmandolhe que era tamanho amigo del Rey de Portugal que perderia Cochim se fosse necessario pera mostrar sua amizade. O que lhe dom Vasco agardeceo muyto, certificandolhe que el Rey dom Manuelho ajudaria e fauoreceria de maneyra q̄ não someteria segura sua cidade, mas poderia conquistar outras / e creffe que tudo aquilo del rey de Calicut erão feros, porque dali por diante auia de ter tanta guerra com os Portugueses que faria muyto em se defender quanto mais fazela a outrem. Então lhe disse a armada que auia de ficar na India pera fazer guerra a el rey de Calicut / e de Cananoz a mandaria pera Cochim / por isso q̄ não receasse os feros del rey de Calicut. E despedido del rey, se partio pera Cananoz com dez naos carregadas, porque lá auia de carregar as tres de treze que leuaua. E sabendo os mouros que leuaua as naos carregadas / cuydarão que não se poderia ajudar da artelharía e que ho tomarão / e por isso sayrão do porto de Mandarane vinte nove naos que ho esperauão coessa determinação, todas bem cheas de mouros apercebidos de suas armas / e forão cometer trez legoas ao mar: sobre que logo mãdou arribar seus capitães: e Vicente sodré que ya diante com Diogo pirez / e Pero rafaél forão os primeyros q̄ começaram de pelejar com os inimigos, aferrando duas naos que tambem yão diante afastadas das outras, e Vicente sodré aferrou com hũa / e Diogo pirez e Pero rafaél cõ ou-

tra. E como os mouros virão juto desi os Portugueses / quis nosso senhor que lhe ouuerão tamanho medo que se deitarão ao mar / e por que ja se chegaua dom Vasco com os outros capitães desparado sua artelharía / de cujo estrondo se os mouros das outras naos espantarão tanto que arribarão fugindo deixando as duas naos em poder dos Portugueses, que nos bateys matarão os mouros q̄ se lançarão ao mar que forão trezentos: e dom Vasco mãdou descarregar as naos em que foy achada muyta riqueza, principalmente hũ idolo d'ouro q̄ pesou trinta arratés de monstruosa figura / e tinha por olhos duas finas esmeraldas com hũa vestidura d'ouro e pedraria com hũ robinoz peytos do tamanho da roda dũ cruzado que daua grande claridade, e muytos guindes / e perfumadores e cospidores de prata e feys talhas grandes de porcelana fina de ter agoa. E queymadas estas duas naos / partio se dom Vasco pera Cananoz, onde se vio com el rey com que acabou de assentar a feytoria que tinha dada: e obrigou se el rey de dar a el Rey dom Manuel toda a especiaria que fosse necessaria pera carregação de suas naos a hũ certo preço logo nomeado / e que seria amigo del rey de Cochim / e não ajudar contra ele el rey de Calicut so pena de os Portugueses lhe fazerem guerra. E dom Vasco se lhe obrigou em nome del Rey de Portugal de ho ajudar contra todos aqueles que por sua causa lhe fizessem guerra: e de tudo isto se fez

bũ contrato assinado por ambos, e em Cananoz ficou por feytoz Bõ-çolo gil barbosa, e por escriuaes bũ Bastião aluarez e bũ Diogo godinho, e por lingoa Duarte barbosa, e ficarão mais na feytoria Francisco correa / João da vila q̃ eu ainda conheci em Cananoz / Gaspar bomem e outros que por todos forão vinte que el rey tomou sobre si com a fazêda da feytoria. E carregadas aqui dom Vasco tres naos mādou a Vicente sodré que se fosse com a armada dos seys nauios que lhe ficaua pola costa do Malabar onde andaria ate Feureyro / e se teuesse certeza que el rey de Calicut auia d̃ fazer guerra a el rey d̃ Cochim que inuernasse em Cochim e ho ajudasse: e não auêdo guerra fosse ao cabo de Boardafum a fazer presas nas naos dos mouros de Abeca que fossem da India. E partido Vicente sodré, ele se partio pera Portugal com treze naos a vintoyto de Dezẽbro de mil e quinhentos e tres, e no cabo das corrétes passado Abocambique lhe sobreuio bũ temporal de vento / com que se apartou de le a nao Desteuão da gama / e sem mais outro contraste chegou a Lisboa ho primeyro de Setembro do mesmo anno / e todos os grandes da corte del Rey dom Manuel ho forão receber ao cays, e ho leuarão ao paço: onde ho el Rey recebeo cõ muyta hõrra, e lhe fez merce do almiratado do mar Indico, e o fez cõde da vila da vila da Vidigueira.

Capit. xlix. De como foy sabido e Cochim q̃ el rey de Calicut lhe auia de fazer guerra.



Vicente sodré q̃ ficou na costa de Calicut / fez lhe a mais guerra que pode por mar: e cõ tudo el rey de Calicut não desistia da determinação que tinha de fazer guerra a el rey d̃ Cochim pera que se foy a Panane por ser perto, e ali ajutar sua gête: o que logo foy sabido em Cochim polas espias que el rey lá trazia / cõ que seus moradores ficarão muyt alombzados de medo por saberem quão poderoso era el rey d̃ Calicut e quão pouco el rey de Cochim: e mais porque crião que não tinha rezão pois queria defender os Portugueses que erão inimigos de sua ley / a q̃ por essa causa querião grande mal e lhes rogauão pragas / e queriãlhe muyto grande mal, e alguns priuados del rey lhe conselhuão que deuia dentregar os Portugueses a el rey de Calicut / e que não quisesse guerra coele pois era mais poderoso: e não quisesse perder ho reyno. O que lhes el rey de Cochim estranhaua muyto, e dizia q̃ esperaua em Deos de vêcer a el rey de Calicut, porq̃ se lhe fizesse guerra auia de ser sem rezão. E por este aluoroço que el rey via nos seus tinba grãde goarda nos Portugueses. Neste tempo veyo ter ao porto de Cochim Vicente sodré com os seys nauios da armada que disse, cujos capitães erão Bras sodre, Pero dataide / Pero rafael / Diogo pirez e Fernão rodriguez badarças que ficou em lugar Dantonio fernandez q̃ se perdeu / e deixaua feyto grande dãno na costa de Calicut /

assino mar como na terra. E cõ sua chegada perderã os Portugueses bo medo que tinbão. E chegando ele ao porto, porq̄ tardaua em desê-barcar, lbe mandou Diogo fernandez correa dizer por Lourenço moreno escruião da feytozia (q̄ mo cõ-tou) a certeza que tinha da guerra q̄ el rey de Calicut queria fazer a Cochim z onde estaua, pedindolhe da sua parte, z req̄rendolhe da del rey de Portugal que lbe desse algũa da sua gente, z com a outra esteuesse no porto z não se fosse dele, porq̄ com sua estada ficarião os Portugueses z el rey de Cochim muyto fauorecidos. Ao q̄ Vicente sodré respondeo, que era capitão do mar z não da terra, z por isso não auia de pelesar se não no mar, q̄ se el rey d Calicut ou uera d fazer a guerra por mar a Cochim, q̄ ele ajudaria el rey, mas que por terra não tinha de ver coisso, q̄ queria ir descobrir ho estreyto do mar roxo pera que ficara na India, o que lbe Diogo fernandez tornou a mandar requerer q̄ não fizesse, nem se fosse de Cochim, z q̄ goardasse a feytozia del rey de Portugal, pera que ficara na India, z não pera descobrir ho estreyto: porq̄ el rey d Calicut não fazia a guerra a Cochim se não pera tomar a feytozia del rey de Portugal, z os Portugueses q̄ estauão nela, z que el rey de Cochim não tinha gente pa se defender, por isso q̄ não se fosse, protestãdo de ser obrigado a pagar a el rey de Portugal todo ho dano q̄ recebesse por sua ida: z com tudo Vicente sodré não quis senão irse, por esperar de fazer muytas presas onde q̄ria ir: z

partiose com os outros capitães, sem lbe lembrar ho perigo em q̄ fica ua a feytozia, z os Portugueses, z el rey de Cochim. E esta he a verdade, ainda q̄ algũs digão que Vicente sodré se mandou offrecer a el rey de Cochim pera ho ajudar na guerra se teuesse necessidade, z se não q̄ iria descobrir ho estreyto. E que el Rey lbe respondeo, que por ser entrada de inuerno lbe nã auia d fazer el rey de Calicut guerra, nê lba poderia ja fazer na entrada do verão seguinte, quando ele auia de vir do estreyto, por isso q̄ bem podia lá ir inuernar, q̄ ho inuerno ho seguraua del Rey de Calicut lbe fazer guerra. E bem parece q̄ quem isto diz não foy á India, nem soube q̄ ho melhor tẽ poq̄ el rey de Calicut tinha pera fazer guerra a Cochim era e Março, Abril, Mayo, ate meado Junho, em q̄ sabia certo que nã auião de chegar á India naos de Portugal, cõ cuso medo sabia que não podia fazer guerra a Cochim se não no tẽpo q̄ digo. E bẽ se mostrou nesta guerra que fez como dírey a diante.

C Capít. I. De como el rey de Calicut declarou aos senhores que ho ajudauão, que queria fazer guerra a Cochim.



Es pois que el rey de Calicut foy em Panang, se ajuntarã cõ ele muytos senhores seus vassallos z amigos, que tinha mandado chamar pera ho ajudarem na guerra: z outros forã sem serẽ cha

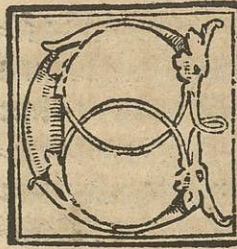
mados/porque sabendo que aque-
la guerra era por amor dos nossos
que estaão em Cochim (que todos
defejanão de ver lançados fora da
Índia)hião de muyto boa vontade
a destruir elrey de Cochim. Em tã-
to q̄ate os seus proprios vassallos
ajudauão elrey d' Calicut/ como fo-
rão ho Caymal d' Chirabipil, e ho
de Cabalão, e ho da ilha grãde q̄es-
tã defrõte de Cochim. Elrey de Cali-
cut tẽdo estes señores jutos / lhes
disse. Se õ boas obras se gera ami-
zade antre as pessoas / eu e vos por
minha causa, e é geral todos os ma-
labares a deuemos de ter muyto
grande com os mouros, porque ha-
bem seys centos annos que entra-
rão no Malabar, e em todo este tẽ-
po ate oje nunca ninguém recebo
deles escandalo, não auendo nenhũs
estrangeiros que os não fação quã-
do nouamente ocupão algũas ter-
ras/antes como que forão nossos
naturais se derão com a gente com
todo amor e amizade q̄ se deue dũs
naturais a outros com que a terra
foy sempre prouida por eles de muy-
tos mantimentos e mercadorias q̄
foy causa de ho pouo enriquecer e
as rendas do reyno irem em grã-
de crescimento, principalmẽte nesta
cidade em que os mouros fizeram a
principal escala de toda a Índia: pe-
lo que eu tenho muyta rezão de os
favorecer, e desfavorecer aos fran-
gues que com tanto seu perjuizo
querem assentar na terra/mais pe-
ra a tomarem e destruyrem, que pe-
ra lhe fazerem proueito: do que de-
rão assaz de sinais nesses poucos d'
dias que aqui estenerão, assy como

foy em meho capitão mór prender
os meus embaixadores, e em fazer
nouas leys em minha cidade que
carregasse primeyro suas naos que
os mouros as suas / e sobriſſo lhe
reteue hũa nao que foy causa de lhe
os mouros fazerem o que fizeram, q̄
eu cuido que foy ordenado de De-
os por sua soberba: e não lhe tendo
eu nisso culpa me queymou dez na-
os em meu porto/ e me destruyo a
cidade com sua artelharía / ate me
fazer fugir de meus paços / e de-
pois aida me queymou duas naos,
o que nã fizera se viera pera tratar,
antes me mandara fazer queixume
dos mouros, e esperara que os cas-
tigara e não fazer o que fez, que ma-
is parece de ladrões como eles sam,
que de mercadores que se querem fa-
zer pera coeſſa cor se poderẽ senho-
rear desta terra: o que elrey de Co-
chim com quanto lho mandey di-
zer nunca quis entender: e sendo
meu vassallo/ e sabendo o q̄ me eles
tem feyto/ os recolheo/ e recolheo/
e lhe deu carregação pa suas naos,
e agora lhe deu feytozia, o que lhe
per muytas vezes mandei rogar q̄
ho não fizesse. Pelo que determino
de ho destruir/ e pera isso vos man-
dei pedir que vos ajuntasseis: e tã-
bẽ vos peço q̄ me digais se tenho re-
zão de ho fazer assy. E q̄ a todos pa-
receo muyto bem/ e louuarão muy-
to sua determinaçã/ principalmẽte
ho señor de Repeli, porq̄ tinha grã-
de odio a elrey d' Cochim por lhe ter
tomada hũa ilha chamada Arrul: e
ho mesmo fizeram tres mouros pri-
cipais. Contra o que foy hũ irmão
delrey chamado Nambeadarim q̄

era príncipe herdeyro por sua morte: e logo ali disse a el rey. **U**o parêtesco q̄ tenho contigo, e outras muytas cousas te podem certificar que sobre todos quâtos aqui estão ey de desejar tua bõrra e proueito, e por isso ha de ser mais verdadeyro meu conselho que ho seu, porque eles como não tem tamanha obrigação pera te aconselhar como eu tenho, mais parece que te cõselhão segundo a vontade que te vem pera a cousa, sobre que te dão conselho, que segundo a rezão que ha pera a fazeres. E se eles sem lijõjaria, e tu sem ira quiserdes julgar a causa dos frangues achareis que ainda ategora não ha nhũa pera não serem muyto bem agasalbados nas tuas terras, e nas outras do Malabar, e nã deitalos delas como a ladrões o que selhe não pode chamar posto que qua viessem, pois de todas as partes do mundo se ajuntão aqui a comprar as mercadorias que não ha nelas, e assi trazem as que não ha nesta terra. E desta maneyra vierão os frangues, e segũdo costume de mercadores te trouuerão da parte do seu rey ho mais rico presente que tenũca foy dado, e a fora suas mercadorias trouuerã muyta moeda d'ouro e de prata, o que não traz quem vem pera fazer guerra: que se eles pera isso vierão não dissimularão a fugida que quiserão fazer os arrefês, a que chamas embaixadores a que prẽderão porque querião fugir estando ho seu capitão mór e terra, e reconciliandose logo contigo como gẽte sem sospeita forão tomar a nao que leuaua ho alifante, q̄

te entregarão com quanto leuaua, o que os ladrões não costumão, nem menos pagar tambem, nem tratar tanta verdade como tratauão. Que nunca no tempo que estauerão em Calicut se ninguem aqueixou deles, se não os mouros que por serẽ seus amigos, e com enueja de os ver remparticipãtes no ganho que ganhãão, lhes assacauão q̄ tomãũo por forza a pimenta a seus donos, sendo eles mesmos aqueles que ho fazião, porque os frangues a não podessem auer pera carregação de suas naos. E por isto ser muyto notorio lhe deslicença que lhe tomãsem: e coesta licença mandou ho seu capitão mór fazer respãria na nao dos mouros que estaua carregada e tẽdo eles toda a culpa se alevantã cõtra os frangues, e fizerrão o que se sabe. E com tudo eles como homens pacíficos esperarão todo hũ dia pera ver se querias dar lhe algũa desculpa: e vêdo que não então se vingãão, e não com treyção como os mouros, que não forão pera defender as naos, ainda que agora falão muyto, e te cõselhão q̄ faças guerra a el rey de Cochim, porq̄ os recolheo em sua cidade: pera o q̄ nã ha nhũa rezão, pois ele os não recolheo por te fazer pesar, se não como a quaes quer mercadores q̄ vão a seu porto porque ho mesmo fez el rey de Cananor, e quiserã fazer el rey de Couilão, o que eles não fizerrão se sentirão q̄ os frangues erão ladrões. E se os tu queres desarreygar da India e por essa causa q̄res fazer guerra a el rey de Cochim, he necessario q̄ a faças tambẽ a el rey

de Cananoz: porque de Cananoz farão o que reças fizerem de Cochim: e se não deixa el rey de Cochim: e não te digão que te atreues coele / porque be menos poderoso que el rey de Cananoz. E já beadarim falou tão isento a el rey, assi por ser muyto hõ homem e caual eyro muy esforçado, como por ter muyto credito coele / e muyta autoridade: e por isso lhe tinha el rey acatamento, e tanto que se os mouros e os Caimais e senbores que ali estauão senão poserão muyto riço contra ho seu. El rey tornara atras da determinação que tinha de fazer guerra a el rey de Cochim: por em todos perfiarão que seria grande abatimento seu ajuntar ali tanta gente como tinha / e tornar atras, sem cometer nhũa cousa / que ao menos deuião de prosseguir auante: porque poderia ser que vendo el rey de Cochim que se chegaua faria com medo o que não quísera fazer rogado. E coeste conselho / preguntou el rey aos seus feyticeiros que dia seria bõ pera a partida, e eles lho assinarão e lhe disserão que auia de ser vencedor naquela guerra: e que ainda se auia de ajuntar coele mais gente. E coesta certeza dos feyticeiros que el rey de Calicut tinha por muy grande se partio pera terra de Repelim quatro legoas de Cochim.



O rey de Cochim sabia tudo isto por espias q̄ trazia com el rey de Calicut: e andaua muy triste não por medo da guerra: mas por não ter gente cõ que se defendesse, porque todos aqueles de que esperaua ajuda por vassalajem e amizade erão da parte del rey de Calicut: que se forão da sua bem certa tinha a vitoria. E assi estaua em duuida porque tinha muyto pouca gente / e a mais dela ho ajudauão contra sua vontade / principalmente os moradores de Cochim q̄ querião grãde mal aos Portugueses / e dijião publicamẽte que el rey os deuia entregar, ou lançalos de Cochim porque se eicuisse a guerra: e a fora isto muytos dos moradores fugião e deixauão suas casas com medo da guerra. E coisto tinhão os nossos grande temor que bem vião ho grande perigo em que estauão, com quanto os el rey seguraua. E ho feytoz pediu embarcação a el rey pera se irem a Cananoz / dizendolhe que hi estarião seguros ate que viesse a armada de Portugal: e que ele ficaria liure da guerra: e os seus desaprelados com que el rey mostrou muyto grande tristeza. E disse ao feytoz que bem sabia que de desconfiado lhe pedia a embarcação / e por isso lho não auia de dar: e q̄ lhe rogaua muyto que não desconfiasse dele / porque ele lhe daua sua fee que lhe ya tanto em os ter viuos que antes perderia ho reyno e a vida que os entregar a el rey de

6

Capitulo. l.ij. Do grande aperto em que estauão os Portugueses cõ medo que el rey de Cochim os entregasse a el rey de Calicut.

Calicut: nem a outrem que lbes fizesse mal. E quando sua desauentura fosse tanta que perdesse Cochim: que lbe não faleceria ô dese acolhessem ate q viesse a armada de Portugal: e posto que el rey de Calicut viessemuyto poderoso / nê por isso tinha logo certa a vitoria / por que ela se alcançaua mais vezes pelos poucos e esforçados, que pelos muytos sem esforço: quâto mais que a justiça que ele tinha da sua partelha aua de dar: por isso que descansassem e rogassem ao seu Deos que lha desse. Coestas palauras e com os Portugueses entederem que el rey as dizia com animo de as cumprir: ficarão descansados, e lbe quizerão beijar a mão / mas ele não quis / nem menos que ho ajudassem na batalha, pera o que se todos offerecerão: e el respondeo que os não auia de poer em parte perigosa / porque os queria ter vivos pera testemunhas de quanto trabalhara por sua vida. E dali por diante encomendou a guarda deles a algũs Maires de que confiava. E porque afflegasse ho aluoroço que auia contra eles / mandou ajuntar esses senhores que estauão coele / e assi algũs Maires principais dos que fazião ho aluoroço, e disselbes. Não posso deixar destar muyto triste por vos ver tão desleais / e não me espanto da gente baixa / pois sua baixeza lbes fazer vilezas: mas de vos outros que soys Maires, e fostes sempre leaes: estou espantado que me quereis fazer quebrar a fé que dei ao capitão moor dos frangues de lbe

goardar os seus como a meus naturais / e por isso os deixou nesta cidade em que me vos outros conselhabdes que os recebesse: e agora por verdes que el rey de Calicut tem algũa mais gente que eu, conselbais me que faça hũa cousa que se eu fora tão mau que a quisesa fazer mo ouueris destranhar: e vos ho julgay / se estando em poder do outro rey com seguro se ho tirieis em boa conta fazendouos o que me cõselbais que faça aos frangues: mõzmente tendo o que vos pedisse tão pouca rezão pera ser nosso immigo / como tem el rey de Calicut, e ho rey que vos teuesse tão pouca causa de vos entregar como eu tenho pera entregar os frangues. Pois se isto he assi / como me conselais que faça aquilo que aueis de reprebender a outrem: não me dâdo pera isso mais rezão que medo del rey de Calicut / sabendo que muyto mais pera estimar he a morte honrrada que a vida com deshonrra: que não podia ser mozpera mim que quebrar minha fé, nê mayor pera vos que ter des rey mêtiroso / contra quem lbe tem dado tanto proueito / como me tem dado os frangues. E porque el rey de Calicut sabe que ho ouuera de ter se eles teuerão feytoria em sua terra, com enueja busca estes achagueus pera me fazer guerra: e porque lbe parece que posso pouco quer vingiar em mim a magoa que tẽ do q perdeu: q se ele quisesse lâçar da India os frangues e pelejar cõ quem os tem em sua terra / primeyro auia de começar em el rey de Ca

nanoz que está primeyro. Mas nã he se não com enueja de meu pro-
 ueito / e com soberba de lhe pare-
 cer que não poderay tanto como
 ele: e porque eu isto sey / e sey que
 faço o que deuo em lhe não entre-
 gar os frangues / espero em Deos
 que me ha de dar vitoria contrelhe /
 e vos assi ho esperay se soys meus
 amigos. E vendo todos sua deter-
 minação / espantados de sua gran-
 de constancia: lhe pedirão perdão
 do medo que teuerão, prometendo
 lhe que ho não terião mais / e que
 morrerião todos por seu seruiço.
 O quelhes ele agradeceo muyto /
 e mandou logo chamar ho feytoz
 e os nossos: e deu-lhe conta do que
 fizera / e perante eles fez seu capi-
 tão moor ao príncipe Maramuhim
 que era seu irmão e seu herdeyro /
 e mandou a todos que lhe obede-
 cessem como a ele mesmo: e mandou
 lhe que com cinco mil e quinhētos
 Maires fosse assentar arrayal jun-
 to de hum passo: que se chama ho
 passo do vao, por onde sabia que el
 rey de Calicut determinaua den-
 trar na ilha de Cochim. E neste pas-
 so com maré vazia da agoa pelo
 giolho.

Capitulo. lii. De como ho prí-
 cipe de Calicut cometeo muy-
 tas vezes dētrar na ilha de Co-
 chim pelo passo do vao.



Sabēdo el rey de Ca-
 licut que Maramu-
 him tinha seu arra-
 yal no passo do vao
 per onde determina

ua de entrar sua gente em Cochim
 receoubo, porque sabia que era
 hum dos mais esforçados caua-
 leyros que auia em todo Mala-
 bar, e muyto ditoso na guerra: e
 coeste receyo mais que com von-
 tade de fazer comprimentos cō el
 rey d Cochim / he mādou esta carta.

Cbuyto trabalhei por escusar es-
 ta guerra contigo / se quizeras tem-
 perar tua soberba com fazer o que
 te pedi / pois era tão justo e pro-
 ueitoso pera todos: e porque esta
 nossa rotura senão acrecente mais,
 te faço saber que sou vindo a Re-
 pelim com grande exercito pera
 entrar em tua terra a tomar os frã-
 gues cō todas suas mercadorias.

Porém querote primeyro auisar,
 pera q̄ mos mandes: e se ho fizeres
 perderay ho odio que te tenho pe-
 lo passado: e se não prometote de
 te tomar a terra / e meter a espa-
 da todos os seus moradores.

Elrey de Cochim posto que esta-
 ua tão míngoadado de gente / e via
 que poderia ser o que el rey de Ca-
 licut dizia não se mudou de sua de-
 terminação / e respondeo-lhe esta
 carta.

Seo que me pedes com tanta so-
 berba / me reqreras por mais brã-
 das palauras não te teuera por me-
 nos esforçado do que cuydas que
 te poderay ter, porque onde ha sa-
 ber ou efforço não ha descortesia-
 nem mao insino: estas sam as cou-
 sas que Deos não sofre / nem eu ho
 tenho tão agruado q̄ cōsinta tãto
 ē meu dāno / q̄ a vitoria deste feyto
 nã seja minha / e destes esforçados
 homēs que estão comigo, tu sejas

muy bem vindo com todas tuas soberbas, que eu creio que elas com a justa causa que tenho abastarão pera me defender de ti / e doutros meus inimigos : que não acharas nunca tão fraco que faça cousa tão vergonhosa como me pedes : e se tu costumares tais entregas / eu as não costumey nunca / nem as ey de acostumar, dos frangues / nem de cousa sua não faças conta, por que os bey de defender : por isso não me mandes mais recado.

Coesta reposta jurou el rey de Calicut que auia de destruyr el rey de Cochim, e partio se logo de Repelim, que foy ho derradeyro dia de Março, e entrou em terra del rey de Cochim / em que não fez nhũ dãno por os senhores da quelas comarcas ho ajudarem. E aos dous Sabril estando ja muyto perto do vao onde estava Maramuhim algũs capitães esforçados na muyta gente que tinhão quizerão entrar ho passo, e elhes defendeo a entrada / matãdo lhe muyta gente. E que el rey de Calicut teue a mao final : e com tudo despois d'assentar seu arrayal / mandou ao outro dia ho senhor de Repelim com dobrada gente da que fora ho dia passado / e muyta outra por mar em paraõs / parecendo lhe que tomaria ho passo, mas não foy assi / porque Maramuhim ho defêdeo cõ muyto esforço / e ajudouho Lourenço mozeno com algũs dos Portugueses / que tambem ho fez como muy valente cavaleyro : e assi em outras muytas pelepas que despois ouue Mara-

muhim com os inimigos, em que sempre foy vencedor / fazendolhes muyto grande danno de mortos e de feridos. E que vendo el rey de Calicut, como era incostante arrependia se de ter começada a guerra que cuydava de logo em chegando ao passo ho entrar. E por isto mandou algũs recados a el rey de Cochim sobre lhe entregar os nosos. Ao q̃ lhe elerespõdeo, que pois fora constante em lhos não dar quando tinha rezão de recear seu poder / que faria então que estava muyto dauantajem, que oulhasse por si : porque se não auia de contentar com defender sua terra / se não com ho desbaratar de todo, o que ouuera de ter effeyto / se os desleais de seus vassallos ho não deixarão : coesta reposta ficou el rey de Calicut assombrado / e quasi que perdeu a esperança da victoria, e se não fora por amor dos seus deixara a guerra / e conselharãlhe que mandasse saltar algũs lugares de Cochim que estauão ao derredor, porque Maramuhim lhe mandasse acodir / e ficasse com menos gente / e que assi ho poderião desbaratar. E com todos estes ardis não pode ser / porque Maramuhim era de maravilhosa diligência nestas cousas, e assi acodia a tudo que parecia que nunca faltava onde era necessario / e de todas estas vezes el rey de Calicut perdeu muyta gente.

Capitolo. liij. De como foy morto Maramuhim príncipe de Co-

chím por treyção del rey de Calicut.



Quando el rey de Calicut q̄ não podião os seus capitães êtrar ho passo a Maramuhim, ordenou õ ho fazer entrar por treyção: pera o que se concertou secretamente com hũ Mairre pagador do soldo dos Maires de Maramuhim a que deu muyto dinheiro / porque não mandasse ao arrayal a paga do soldo que mãdaua cada certo dia, porque os Maires a fossem buscar, e ficando Maramuhim com menos gente ele comettesse ho passo e ho êtrasse. E assi ho fez ho Mairre / mandando dizer aos do arrayal de Cochim que fossem receber ho soldo porquelho nã podia mandar / e eles forão hũa noyte com licença de Maramuhim / encomendãdolhe muyto que tornassem ante manbaã, o que eles não poderão fazer por lhe não pagarẽ se não bem de dia. E entretanto que esta uão em Cochim cometeo elrey de Calicut ho passo com toda sua gente por mar e por terra, e com muyta artelbaria que trazia: e como Maramuhim estava com menos ameta de da gente que tinha e ho poder del rey de Calicut era mór do q̄ nunca fora / êtrou por força ho passo. E deste impeto leuou Maramuhim ate os palmares: onde ele fez todos os seus em hũ campo e rompeo muytas vezes os inimigos matando muytos, mas como tinha poucos cercarãno. E despois de fazer muytas brauezas, foy morto de frechadas cõ dous seus sobrinhos

tambem especiais caualeyros / e os seus se desbaratarão logo, e ficarão no campo muytos mortos. E el rey de Calicut nã quis seguir os viuos por ser quasi noyte que ate então durou a batalha, e tambẽ dos seus forão mortos boa parte. E sabida esta noua por el rey de Cochim / esteue hũ pedaço fora de si, e quasi q̄ ho teuerão por morto: principalmente os Portugueses que estauão coele / e os Maires não entenderão neles por acudirẽ a elrey, que doutra maneyra segundo todos ficarão com aquelas nouas / e com ho mal quelhes querião nã fora elrey poderoso de os liuar da morte. E nisto tornou elrey a si arrebrandõ em choro / e dizendo palauras que os nossos não entenderão. E tão desacordado estava que os não via / e preguntou por eles: e eles se levantarão então chorãdo com dõ dele: que vendoos / lhes disse que não ouuessem medo, porque nem aquela desauentura auia de ter poder pera ho fazer mudar do que lhes tinha dito, polo que lhe eles quiserão beijar a mão, e ele nã quis e sentindo ho aluoroço que tinhão os seus contra os nossos / pera os assessegar lhes disse. Agora que a fortuna se mostra tanto cõtra mim, cuydaua eu q̄ como verdadeyros amigos e leays vassallos auieys de trabalhar por me desagastar: e vos como que seguís a parte delrey de Calicut acrecentais me a paixão que tenho / assi pela morte de meu irmão, e de meus sobrinhos como por serdes contra os franceses / que vos tantas vezes en-

comendey, e que sabeis que muyto mais sê tirey receberê q̄lquer offensa de vos outros / de q̄ senti a morte d̄ meus sobrinhos, porq̄ eles morrerão defendome, e vos com me offederdes perseguis aos q̄ eu tenbo debaixo de meu emparo / e q̄ me ficarão pera minha consolação / por que assaz be grande pera mim em tamanha desauêtura cuydar que me vem este mal por fazer coeles o que deuo / e não creais que eles sam a causa / nê que polos emparar fauorece Deos contra mí a el rey de Calicut / porque ho não faz se não por offensas q̄ lhe tenbo feytas / e quer que aja esta causa pera as pagar / e que seja el rey de Calicut ho executor de sua justiça, pera q̄ també por outros peccados que fez os pague, por amor q̄ me destruye por goardar a fé aos estrâeiros e hospedes (cousa a q̄ todos temos tanta obrigação) por isso não vos pareça que por emparar os frangues recebo estes castigos / nê cuydeis que el rey de Calicut me pode destruir de todo / q̄ ainda que me agora lançasse fora de Cochim / nã tardara muyto a armada dos frâgues / e ho seu capitão mór me tornara a restituir: e être tãto recolhermos a ilha de Uaipí: e por sua fortaleza, e por ho inuerno que temos á porta espero em Deos que escapemos del rey de Calicut. E pois eu que perco mais que vos me consolo coisto, consolaiuos vos, e não acrecêteys minha tristeza com ho aluoroço que fazey. Vendo os seus sua grande constancia muyto espantados della assessegaranse do aluoroço que ti

nhão contra os nossos / prometendolhe de compzir seu mandado / e assi ho fizeram. E foy tamanha a constancia del rey que mandandolhe ainda el rey de Calicut cometer q̄ lhe desse os nossos, e que desistiria da guerra, não quis: respondendo q̄ eletinha a vitoria mais por treyção que por valêtia: que se fora por ela seu ir mão / nem seus sobrinhos não morrerão, mas matarão a quem os quísera matar: e pois eles erão mortos não sentia perder Cochim, porque os frangues que esperana muy cedo ho restituirão e vingarião dele. E que sabido por el rey de Calicut / mandou logo destruir a terra a fogo e a sangue / de que foy homedo tamanbo nos moradores de Cochim / que os mais fugirão da cidade: e de volta coeles fugio ho terceyro príncipe d̄ Cochim, parecendolhe que el rey de Calicut ho fizesse rey / e assi fugirão dous milaneses lapidairos que estauão com ho feytoz / que sabiã fundir artebãria / hum chamado João Maria e outro Pedro Antonio: estes disserão a el rey de Calicut ho medo que ya em Cochim, e quão poua gente el rey tinha pera se defender / pelo que determinou de ir sobrele, e partio se logo: e el rey de Cochim lhe sayo ao encontro com a gente que tinha e com os Portugueses que aquele dia fizeram cousas maravilhosas e hũa batalha que os reys se derão / em q̄ el rey d̄ Cochim foy ferido e desbaratado. E por ficar ferido e ter pdida a maior parte d̄ sua gêtenã quis dar outra, e passouse a hũa ilha chamada Uaipim q̄ está

defronte de Cochim que os Malabares tem em grãde veneração por ser antreles cousa santa: e era seu costume que quem se ali acolbia nã podia receber nhũ mal/ e levou consigo os Portugueses e a feytozia. E vendo el rey de Calicut que era ali acolhido/ nã curou mais dele, mas mandou queymar Cochim/ e por êtrar ho inuerno se recolheo a Crãganoz, deixando em Cochim gente de goarnição em tranqueyras que mandou fazer. E ficãdo os Maires de Cochim muyto tristes pela morte dos príncipes, e por seu rey ser vécido. Quatorze deles q̄ ho mais sentirão determinarão de vingár esta injuria/ e morrer sobriſso/ e assi ho jurarão/ e deixarã crescer os cabelos das barbas e das cabeças. E a estes taes chamão na lingoa Malabar Chauer que na nossa quer dizer morto, e assi se tem eles por mortos quando assentão em tais determinações, e geralmente lhes chamão na India Almoucos/ e estse sã muyto temidos dos outros homẽs por que sabem que vão a morrer/ e por medo da morte nã hão de deixar de matar quem quizer. Estes quatorze Almoucos partirã de Maipim cõ determinação de fazerẽ a el rey de Calicut todo ho mal q̄ podessem: e dando no seu arrayal que tinha em Cranganoz lhe matarão muyta gente/ e vendo que se punhão em ordẽ de lhes resistir passarão a Calicut: e entrãdo de supito matarão muytos dos seus moradores e queimãrão parte da cidade, e a gẽte matou onze deles/ e os outros se recolherão a hũa serra, õde andarão cinco

annos/ de que os de Calicut auião medo grandíssimo, polos supitos rebates que lhes dauão. E despois de receberem deles muyto dãno acabarão as vidas.

Cap. liiiij. De como se perdeu Vicente Sodré e outros em Curia muria.



Artido Vicente Sodré cõ sua armada do porto de Cochim sem querer dar ajuda a el rey, nẽ aos nolos que estauão na feytozia/ foyse na volta do reyno de Cambaya em busca das naos de mouros q̄ viesse do mar roxo a Calicut que vinhão muyto ricas. E na costa de Cambaya tomou por força darmas cõ ajuda dos outros capitães cico naos destas que digo, em q̄ em dinheiro se tomarão passante de duzẽtos mil pardaõs / e a moor parte dos mouros forão mortos / e as naos queimadas. E dali se foy a hũas ilhas chamadas Curia muria que estã ao mar do cabo de Boardafũpera cõsertar seus nauios por fazerẽ muyta agoa e chegou a vite Dabril de mil e quinhentos e tres. E cõ quanto as ilhas erão pouoadas de mouros sayo em terra, porq̄ os moradores nã erão homẽs de guerra/ ates cõ medo fizeram muyto bõ recebimẽto aos Portugueses vẽdẽdolhes mãtimẽtos e cõuersãdo coeles. E tẽdo Vicẽte Sodré hũa cauelã tirada a mõte/ disserãlhe q̄ no mes d' mayo sobreuinha ali tamanha tormẽta d' vẽto norte q̄ nã auia naõ q̄steuesse no porto q̄ nã desse a costa e por isso nã paraua ali nhũa

B liiiij

naquele tempo: e que assi ho deusa ele de fazer / e mudar se pera a outra banda da ilha abrigada de norte: e passada a tormenta tornaria a surgir onde estava. E cuidando ele que lhe q̄riaõ fazer algũa treyção por serẽ mouros, nõca se quis mudar, dizẽdo q̄ as naos que dauãõ á costa erãõ as q̄ tinhãõ âcoras õ pao e as suas erãõ de ferro, e por mais que os mouros ho tornorãõ a persuadir nunca quis mudar se: o que nõ fizeram. Pero rafael, nem Fernãõ rodriguez badarças, nem Diogo pirez que logo se mudarãõ ho derradeyro Dabril: e Vicente Sodre e seu irmão ficarãõ, e quando a tormenta veo as suas naos derãõ á costa / por mais ancoras que tinhãõ e forãõ espadaçadas: e foy morta muyta gẽte: antre ella morrerãõ os dous irmãos e perdeose tudo quanto estava nas naos. E os nauios de Pero rafael e de Fernãõ rodriguez e de Diogo pirez escaparãõ õde se acolherãõ e assi a carauela de Pero dataide que estava a monte. E bem lhes pareceo q̄ a perdiçãõ dos dous irmãos, foy pelo peccado que fizeram e nõã acodir a el rey de Cochim, e deixarẽ os Portugueses em tamanho perigo como ficãõ: e por isso determinarãõ de se tornar a Cochim pera os ajudar em se disso teuessem necessidade. E fizeram capitãõ mór a Pero dataide / e partirãõ na entrada de Mayo, e por ho inuerno da India lhe fazer ja rosto passarãõ na viagem muyto grãdes tormentas com que se virãõ quasi perdidos: e nõã podendo arribar a Cochim tomarãõ Anjadia: onde

lhes foy forçado inuernarem por a mozo do tempo. E passados tres ou quatro dias que ali chegarãõ, chegou tambem bũa nao de que era capitãõ Antonio do campo, que indo com dom Vasco da gama lhe mozeo logo ho piloto: e por isso foy sempre ao longo da costa pelo que se deteue tanto / e com muyto trabalho chegou a Anjadia / onde inuernarãõ todos, com assaz de fadiga, por nõã terem que comer.

Capít. lvi. De como partirãõ pera a India por capitães mózes de tres armadas Francisco dalbuquerque, e Alfonso dalbuquerque, e Antonio de saldanha.



Este anno de mil e quinhentos e tres / pareceo a el rey de Portugal / que ho Almirante do Vasco da gama deixaria assentadas pacificamente as feitorias de Cochim, e de Cananor / e que nõã aueria necessidade de mandar grande armadada / nõã quis mandar mais de seys naos repartidas em duas capitãias. Das primeiras tres foy capitãõ mór hũ fidalgo chamado Alfonso dalbuquerque, que depois governou a India, como direy no terceyro liuro. E forãõ seus capitães Duarte pacheco pereyra de que faley atras / e Fernãõ martiz Dalmada que dizẽ que mozeo na viagem de gordo: e este partio logo. Das outras tres naos foy por capitãõ mór Francisco dalbuquerque que foy seu primo

Dafonso dalbuqrã. forão seus capitães Niculao coelho / que foy no descobrimento da India / e Pero vaz da veiga. Outra armada de tres naos partio tambem pera descobrir o estreito do mar roxo, e esperar na boca dele as naos dos mouros de Meca: e desta foy capitão mór bñ fidalgo Castelhana chamado Antonio de saldamba / e forão seus capitães Ruy Lourêço rodriguez ravalco / e Diogo fernandez peteyra. E esta armada partio despois das duas, de qua Dafonso daibuqrã partio a seys Babil, e a de Francisco dalbuquerque a quatorze. E assi hũs como os outros passarão no caminho muytas tormentas, cõ que se perdeu Pero vaz da veiga. E Francisco dalbuquerque q partio derradeyro chegou primeyro q Afonso dalbuquerque cõ Niculao coelho a Anadina em Agosto: onde de ainda achou Pero dataide, e os outros capitães q hi inuernerão / de que sabendo a guerra que era declarada del rey de Calicut / e del rey de Cochim sobre os nossos, foy logo com toda a frota que era de seys velas / pera Cananoz, pera hi saber o que passava em Cochim. E em Cananoz fizeram os nossos grande festa com sua vinda. E el rey foy falar ao mar a Frãisco dalbuquerque, e cõtoulheo que sucedera em Cochim / e onde el rey estava. E sabido isto partio se logo pera Cochim / e chegou quasi noyte / a bñ sabado dous de Setembro do mesmo anno. E logo foy visto por el rey ter vigias / qta sabia sua vida. E foy a festa muyto grande em Calipim por sua che-

gada / não somente em el rey, e nos Portugueses / mas em todos os moradores de Cochim: e fazião grandes tangidas, e folias: em quelogoo de Calicut que estauão nas tranqueyras atentarão. E sabendo a causa disso, como foy noyte fugirão pera Cranganor / e assi ho tinha mandado el rey de Calicut, que tambem sabia a vinda do capitão mór pela via de Cananoz, dõde foy auisado. E ao domingo como foy manhaã Frãisco dalbuquerque foy surgir na boca do rio de Cochim: e el rey ho mãdou visitar polo nosso feitor. E a segunda feyza pela manhaã desparando Francisco dalbuquerque as naos a recado se foy nos bateis armados a Calipim: e assi leuou consigo as duas carauelas pera lhe ajudarẽ, se viessem para os de Calicut. E indo bñ pedaço das naos chegou Duarte pacheco: que sabendo ao que ya Francisco dalbuquerque se lançou logo no seu batel com algũa gente / e partio apos ele com tanta pressa dos remeyros / que ho alcançou antes de chegar a Calipim, onde ho el rey de Cochim estava esperando a borda dagoa cõ os Portugueses / e com quanta gente estava recolhida na ilha. E era ho prazer tamanho em todos / que vendo el rey de Cochim os nossos bateis começou de bradar alto. Portugal Portugal: e ajudou toda a outra gente. E os Portugueses dos bateys respõderão pelo mesmo modo, Cochim Cochim a pesar de Calicut. E quando Francisco dalbuquerque saltou em terra, el rey hõle uou nos braços com as lagrimas

nos olhos de prazer, dizendo que nã queria mais vida que ate ser restituydo em Cochim, pera que soubessem os seus quanta rezão teuera de passar tanta fadiga por emparar os nossos / e servir a el rey de Portugal: em cujo nome lhe ho capitão mór deu muytos agradecimentos / e lhe prometeo vingança de seus inimigos: e d' sua parte lhe deu dez mil cruzados pera gastar entretanto q̃ não recolhesse suas rêdas: e isto do cofre que leuaua. O que el rey d' Cochim teue em muyto, porque estava muy pobre. E os seus teuerão aqui lo por grandeza: e foy muyto salado antre eles e ja lhes parecia bẽ fazer el rey o que fizera polos Portugueses. E logo el rey foy leuado a Cochim / e entrou com grande alegria que fazião os seus: e os nossos que dali por diante forão muyto bẽ quistos dos de Cochim. E não tardou nada que as nouas del rey estar dêtro forão a el rey de Calicut / e dos cruzados que lhe dera ho capitão mór. E vendo que a guerra se aparelhaua mādou algũs Caimais pera suas terras por confinarem cõ as del rey de Cochim.

Capit. lvi. De como Francisco dalbuquerque começou de fazer guerra aos inimigos del rey de Cochim.



Etido el rey d' polse de Cochim, Francisco dalbuquerque se despedio dele / pera aida dali ate noyte lhe dar algũa vingança de

seus inimigos, e foyse á ilha que está defrente de Cochim. E como os moradores dela estauão bẽ fora de serem cometidos a quele dia, tomarãnos os nossos de sobre salto, e fizerão neles grãde matança / e quei marão algũas pouoações, e depois se embarcarão sem nhũa afrõta. E indose Francisco dalbuquerque pera a frota / disse a el rey o que fizera. E ao outro dia tornou á mesma ilha pera a destruir de todo. E leuaua seyscentos homens / que tantos tinba com os dos nauios q̃ achou: e yão coele todos os capitães. E ho Caymal da ilha o estaua esperãdo á borda dagoa cõ obra de dous mil Maires, os mais deles frecheiros / e os outros de lanças, despadas, e escudos: que trabalhou quanto pode por tolher a desembarcação aos Portugueses / q̃ sem receberẽ nhũ dãno fizerão muyto nos inimigos com as setas: e os fizerão fugir / indo apos eles ate a outra bãda da ilha: e forão tão apertados q̃ não teuerão outro remedio se não lançar se ao mar. E ficando muytos mortos / e feridos: e não tendo os nossos com quẽ pelejar, poserão fogo ás pouoações da ilha / e destruí rãna toda. E ao outro dia foy Francisco dalbuquerque a outra chamada Charanaipim / que era dũ Caimal vassallo del rey de Cochim, que fora e ajuda del rey d' Calicut: por que por espías del rey de Cochim sabia que estaua ho Caimal bẽ apercebido pera se defêder: e tinba tres mil Maires / setecentos frecheiros, e corenta espingardeyros: e suas casas fortalecidas cõ tranqueyras.

Essi tinha por mar algũs paraõs artilhados/ que lhe dera el rey de Calicut. Estes estauão no porto/ onde os Portugueses auião de desembarcar/ pera lhe tolher que não êtрасsem nele. E sobre isso ouue grã de peleja õ bombardadas: e os inimigos por derradeyro fugirão/ e os Portugueses ficarã no porto, onde estauão metidos nagoa ate a cinta grande numero dos inimigos/ defendendolhes que não possassem em terra, tirãdolhe muyta soma de frechas, e de lanças, e infindas pedradas. Mas como a nossa artilharia começou de jugar/ se afastarão pera ho sertão: e feytos ali em corpos, derão assaz q̄ fazer aos Portugueses no desembarcar: porque se defendião muy rijo. E por mais q̄ apertauão coeles/ nunca deixarã ho câpo de golpe, se não pouco a pouco se forão recolhendo aos palmares. E ali com ho embaraço que as palmeiras fazião se defenderã hũ pedaço, e despois fugirão sem nhũa ordẽ: e os nossos ho seguirã. E indo no encalço ho condestabre de Francisco dalbuquerque/ que se chamaua Pero de lares se achou só cõ tres Maires que virarão a ele, e hũ deles lhe deu hũa frechada nos peitos: e por amor dhũ peito q̄ leuaua lhe nã fez nojo: e ê ho Maire deifechando, defechou ele hũa espingarda que leuaua de tres tiros/ e todos ceuados: e deu ao Maire pelos peytos/ e vazouho da outra parte: e logo dessechou outra vez em hũ dos dous q̄ ficauão e matouho: e nisto ho ferio ho terceyro cõ á agumia ê hũa perna, e quísera fugir / e Pero dela-

res ho matou cõ a espada. E desbaratados os inimigos/ posse Francisco dalbuquerque em caminho pera as casas do Caimal/ que tinha recolhida nela sua gente/ e estaua forte cõ tranqueiras. E leuaua os capitães repartidos por âbas as bandas da ilha/ cada hũ cõ sua gente: e polo meyo da ilha a gente õ Cochẽ. E nesta ordem yão todos queimando/ sem auer quem lhes resistisse. E indo nesta ordenança sobriuierã algũs paraõs de Calicut da bãda da ilha, por onde ya Duarte pacheco: e por serem muytos saltarã em terra/ e pelejarão coele/ de maneyra q̄ foy necessario acodir Francisco dalbuquerque cõ a gente de sua capitania/ e por achar muyto mais dura resistencia nos inimigos do que cuydou: e se temeo que acodisse ho Caimal cõ toda a gente q̄ tinha: que ho poeria em muyto grãde trabalho. E mandou a Niculao coelho/ q̄ cõ Antonio do câpo, e Pero dataide, fosse dar nas casas do Caimal/ ho que logo foy feyto. E Niculao coelho foy ho primeyro q̄ chegou às tranqueiras q̄ ho Caimal tinha feytas diãtedas suas casas pera as ter mais fortes. E foy aqui a peleja muyto grande/ que antre os inimigos auia muytos frecheiros/ e cõ tudo os Portugueses pelejarã cõ tamanho esforço/ que entrarão as tranqueiras. E ho primeyro q̄ sobio foy hũ Garcia mendez morador na vila de Santarẽ/ escriuã da nao de Antonio do câpo. E entradas as tranqueiras / os nossos forão apos os inimigos ate as casas do Caimal, que hi foy morto defende-

dose muy bem. E assi forão mortos
 z feridos muytos dos seus, z as ca
 las roubadas. E dos nossos forão
 feridos dezoyto, z hũ morto. E no
 espaço ê q̃ isto passou Francisco dal
 buquerq̃, z Duarte pacheco desba
 ratarão os da armada de Calicut/
 ficando na praya muytos mortos,
 z feridos: z os outros se recolherã
 aos paraõs z fugirão. E per memo
 ria d̃ tamanho feyto como este foy,
 armou Francisco dalbuquerque ali
 algũs caualeyros, que certo ho fey
 to foy pera isso: por que de tres mil
 Maires q̃ ho Caimal tinha/ os me
 nos escaparão: z a ilha foy toda des
 truida a ferro z a fogo. E assi ficou
 el rey de Cochim bem vingado do
 Caimal.

Capít. lviij. De como Francisco
 dalbuquerque começou de edifi
 car ho castelo Manuel.



Depois disto, determi
 nãdo Francisco dalbuq̃r
 que, de fazer guerra ao se
 nhor de Repelim, partio
 se hũa noyte cõ os outros capitães
 pera hũ lugar sen, que esta quatro
 legoas de Cochim, onde chegou ao
 outro dia as oyto horas. E estauã
 no esperando á borda dagoa bem
 dous mil Maires: de que os quinhẽ
 tos erã frechiros. E chegando a
 tiro d̃ berço de terra despararã sua
 artelharã/ cõ que fizeram despejar
 a praya aos inimigos/ z recolherse
 aos palmares: z ali esperarão Fran
 cisco dalbuquerq̃: que desẽbarcado
 cõ os nossos, os foy cometer, indo
 Riculao coelho na dianteyra/ q̃ lo
 gõ cõ os seus deunos inimigos/ z a

pos ele outros capitães. E neste pri
 meyro encontro forão feridos al
 gũs dos nossos/ de frechadas q̃ os
 inimigos tirauão detras das palmei
 ras, cõ que se emparauão: pelo que
 vendo os Portugueses q̃ lhe nã po
 dião por diante fazer nhũ nojo/ co
 meterãnos de traues, tirãdolhe cõ
 as bêstas/ z espingardas, z derri
 bando algũs os fizeram fugir pera
 ho lugar/ ate onde os forão seguin
 do: z no lugar fizeram neles muyto
 mór destroço que no câpo/ onde an
 dauão espanhados: por q̃ ali toma
 uãonos juntos nas ruas, z podiã
 nos melhor ferir: z matarão muy
 tos, z outros fugirão. E ficãdo ho
 lugar despejado foy q̃imado/ rou
 bãdo ho primeyro os Maires d̃ Co
 chim/ a que Francisco dalbuquerq̃
 daua a saca todos estes lugares,
 por q̃ vissem os inimigos, que não fa
 zia a guerra por via d̃ roubar, senã
 pera vingar el rey d̃ Cochim. Que
 quando ele tornou coesta vitoria/
 lhe fez muy alegre recebimento: z
 rogoulhe que se não posesse em ma
 is trabalho, que se daua por vinga
 do. E ele lhe disse, q̃ posto que se des
 se por vingedo/ ele não estaua satis
 feyto, que ho deixasse pelejar/ q̃ nã
 auia por trabalho seruillo. E vendo
 quão contente el rey estaua/ pediu
 lhe licença pera fazer hũa fortaleza
 de madeyra: por q̃ despois q̃ se par
 tisse pera Portugal ficasse a feyto
 ria del rey seu senhor segura/ z assi
 os nossos: z q̃ este seria ho mór ser
 uico que poderia fazer a el rey seu se
 nhor. Ao que ele respõdeo, q̃ a el rey
 de Portugal desejava ele de fazer
 outros mōres seruiços q̃ aquele.

Porque de sua mão fazia conta q̄ tinha Cochim, pois ele q̄ era vassallo lhe restituira / que podia fazer fortaleza / e quãto quisesse: e que logo a mandaria fazer á sua custa. Ainda esta licença, acordou cõ os outros capitães / q̄ se fizesse a fortaleza a borda do rio de Cochim, acima da cidade pera bo sertão, porq̄ hí estava mais segura: e defenderia que nã entrassem as armadas de Calicut. E por nã terem pedra / nẽ cal, nẽ officiais que a fizessem / nẽ outros materiays necessarios / fizeram a de madeira, que el rey mandou cortar em abastança / assi de palmeiras, como doutras arvozes. E deu muyta gente pera fazer a obra, dizendo que nã queria q̄ os nossos trabalhassem: porq̄ bẽ lhes abastaua ho trabalho da guerra: e cõ tudo eles nã deixaram de trabalhar. E os capitães se repartirão cõ sua gente: e começaram a fortaleza a vinte seys d' Setembro do mesmo año, de mil e quinhẽtos e tres. El rey ya muytas vezes ver como trabalhauão / e folgana muyto de ver a diligẽcia dos nossos no trabalho / e dizia que nã auia tays homẽs no mundo / porq̄ erãõ pera tudo.

Cap. lviii. De como Alfonso dalbuquerque chegou a Cochim.



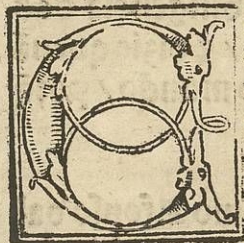
Vendo quatro dias q̄ a fortaleza era começada / chegou Alfonso dalbuquerque, q̄ com tromentas e tẽpos contrarios nã pode chegar mais cedo: porẽ trazia

a sua gente saã / de que frãcisco dalbuquerque ficou muyto ledo: e logo lhe deu parte da fortaleza pera a fazer cõ os da sua nao. E com sua vinda se acabou em breue tempo: e por ser d' madeira era tão forte e fermosa, como podia ser outra de pedra e cal. Era feyta em quadra / e tinha o vão de noue braças de largo, e de cõprido as paredes erã de duas andainas de palmeiras, e outras arvozes fortes metidas no chãõ percintadas / com percintas de ferro muyto fortes, pregadas cõ pregos muyto grandes: e ho vão dantreas andainas era entulhado de terra e area. E destas andainas, tinha douus baluartes em cada canto / e todos bem artilhados / e era cercada de caua q̄ se enchia d' agoa. E ao outro dia despois que foy acabada fizeram frãcisco dalbuquerque, e Alfonso dalbuquerque hũa procissão / em q̄ ho vigairo da fortaleza leuaua hũ Crucifixo debaixo dũ palyo / indo diante os trombetas tangendo cõ grande festa. E coesta solẽnidade entrarão na fortaleza, que ho vigairo benzeo: e lhe foy posto nome **Anuel**, por honrra de nosso Señor / e por memoria del rey dom **Anuel**, de quẽ erãõ vassallos aqueles que a edificarã. Bẽta a fortaleza foy dita hũa missa cantada, e pregou hũ frade de sam Francisco chamado frey **Bastão**: e disse quantas graças deuiação de dar a nosso Senhor, por permitir que dũ rey no tão pequeno como ho d' Portugal / e da fim do occidente fossem Portugueses a terra tão longe / como era a **India**, fazer fortaleza antre tanta multidão

de inimigos de santa fé catholica, q̄ prazeria a nosso Senhor q̄ aquella seria começo doutras muytas. E assi disse a muyta obrigaçã q̄ os nossos tinhão a el rey de Cochim, pelo que fizera por servir a el rey de Portugal. Ho q̄ el rey de Cochim estimou muyto quãdo ho soube. E acabada a fortaleza tornarão Francisco dalbuquerque q̄, e Alfonso dalbuquerque a proseguir a guerra / contra os inimigos del rey de Cochim: e forã dar em hũas pouoações que estauã na borda da goa cinco legoas d' Cochim, por q̄ sabião por suas espias / q̄ auia ali poucos Maires. E partirã pera lá cõ setecẽtos dos nossos duas horas ante manhaã / às noue do dia chegarão às pouoações / em q̄ ueria passante de seys mil almas / afora os meninos, e os Maires de goarnição / que serião trezẽtos / e todos frecheiros. Alfonso dalbuquerque del embarcou na primeyra pouoaçã cõ algũs capitães, e Francisco dalbuquerque cõ os outros em outras, hũ tiro d' falcão desta. E como tomarã os inimigos de sobre salto, fizerãnos logo fugir: e mais por q̄ em desembarcando foy posto fogo a tudo. E vendo os nossos fugir os inimigos / seguirão apos eles e matarão muytos, e cansando de os seguir destruirão a terra, q̄ neste tẽpo foy toda apelidada pelos inimigos. E como he muyto pouoadas a sũtarãose bẽ seys mil Maires, e derão sobre os nossos ao embarcar / e apertarãnos muyto: principalmente a Duarte pacheco, que não achou ho seu batel onde ho deixou. E carregarã tão riço sobre ele e sobre os seus, q̄ lhe ferirã oy

to cõ frechas ainda q̄ se defendiã valentemente: e fazião grande matança nos inimigos. Mas como eles erã muytos e demasia tratauãnos desta maneyra: e tratarãnos peor, senã socorrerão os outros capitães mōres, q̄ estando embarcados se tornarão a desembarcar. Ho q̄ vendo os inimigos fugirão, deixando ho chão cuberto de mortos e d' feridos, que cairão cõ as espingardadas, e seteadas. E fugidos queimarão os Portugueses quinze paraõs que estauã varados, e tomarão sete q̄ estauão no mar / e forã le, dando grandes apupadas como q̄ zombauão deles. Que ho senhor de Repelim cuja a terra era sentio muyto / e mais por quão mal prouido ho acharã. E temẽdo q̄ os Portugueses fossem sobre outra pouoação q̄ estaua hũa legoa daquelas pelo rio acima, a proueo de gente de guerra.

C Capit. lix. Do q̄ Duarte pacheco fez em Repelim, e em Cambalão.



Sabẽdo Francisco dalbuquerque q̄, e Alfonso dalbuquerque q̄ deste lugar, de terminarã de ho destruir: e aq̄ la mesma noyte partirão / e forão repousar diãte da nossa fortaleza ate a mea noyte / por q̄ chegassem em a manhãendo ao lugar aque yãõ. E cõ quanto fazia escuro partirã a estas horas: e como se não vião hũs aos outros: receando Alfonso dalbuquerque de ficar a tras / mandou apertar ho remo / e coisto se adiantou tanto de todos q̄

chegou ao lugar hũ grãde pedaço ante mebaã: e enfadãdose desperar disse aos seus q̄ dessem no lugar / e ho queimassem / porq̄ por os inimigos estarẽ descuydados de sua vida ho farião leuemente, e assi ho fizeram. E sentindo os inimigos ho fogo levantarãse logo e acodirãlhe: e indolhe acodir, derã os nossos neles e matará algũs, e os outros fugirã, porq̄ erã gente mezquinha e não tinhamã armas. Porẽ os Aiares q̄ estauão em goarda do lugar q̄ erã de uos mil acodirão logo, e começarão de pelejar muy brazuamente / e tãto q̄ conueo a Alfonso dalbuquerque q̄ mandar recolher os seus, porq̄ não seriã mais que quarẽta, de q̄ lbe matará hũ, e os outros estauão muyto feridos d̄ frechas: e ouuerãlhos de matar todos se se não recolbera / o que fez cõ muyto grande trabalho / nẽ ho podera fazer se os grometes que ficarão no seu batel p̄sserão fogo a hũ falcão / de cujo medo em desparãdo se afastarã os inimigos, e nisto amanbeceo, e chegou Frãcisco dalbuquerque: e quando soube o q̄ passaua / mãdou desparar toda a artelharria dos bateis / pera fazer afastar os inimigos que estauã na praya. E estãdo assi quisera Duarte pacheco desembarcar hũ pouco afastado dõde os outros estauão, e indo pera desembarcar achou muytos Aiares de peleja, q̄ passauão per hũ passo muyto estreito pera irẽ ajudar. E como aquilo vio / mandou poer ho batel perto daquelle passo / e cõ a artelharria lbe tolheo q̄ não passassem / ao q̄ logo acodirão os nossos, e posarão todos em terra / e dando nos imi-

gos os fizeram fugir: e por não saberem a terra os não seguirã, e queimarã ho lugar. E Duarte pacheco e Pero dataide / se apartarã com sua gente, pera irem queimar outro q̄ estaua mais acima, e de caminbo desbaratarã dezoyto paraõs darã mada de Calicut / e queimado o lugar aqueyão tornarãse pera os capitães moõres. Que por ser ainda cedo se forão a ilha de Cãbalão pera a destruir: por ho seu Caimal ser inimigo del rey de Cochĩ, e queimarã hũã grãde pouoaçã. E Duarte pacheco cõ seys paraõs de Cochĩ foy queimar outra / pelejando primeyro hũ pedaço cõ muytos dos inimigos, d̄ q̄ matou algũs: e queimado ho lugar se recolheo cõ os seus, de q̄ lbe ferirão sete: e recolhido pelejou com treze paraõs de Calicut / q̄ desbaratou. cõ ajuda de Pero dataide e Dãtonio do cãpo que sobrenierã. E a colbendose os inimigos em hũ esteyro entrou coeles Duarte pacheco, e fez varar hũ paraõ, e tomouo: e entre tãto se acolherã os outros. E por os nossos terẽ os remeyros muyto cansados os não seguirã / e tornarãse pa os capitães moõres: com q̄ se forão pera Cochim. E dando conta a el rey do q̄ fizeram / ele se deu por vingado de seus inimigos / e lhes rogou q̄ nã fizessẽ mais guerra.

Cap. lx. De como Duarte pacheco desbatou trinta e quatro paraõs.



Esta guerra q̄ digo não auia quem ousasse de trazer grão de pimenta a vẽder a feytoria, nẽ os mer-

cadores se atreuião a buscala / e cõ
 quanto nisso trabalharão / não po-
 derão auer mais que trezêtos baba-
 res dela, e mandarão dizer aos ca-
 pitães môres q̃ fossem por ela a no-
 uelegoas de Cochi: bo q̃ eles logo
 fizerão / acõpanhados dos outros
 capitães / e por não serem sentidos
 partirã de noyte, e no caminbo des-
 truyo Duarte pacheco hũa ilha, pe-
 lejando com seys mil Maiores, acom-
 panhado sómente da gête da sua ca-
 pitania. E os capitães môres dei-
 baratarão trinta e quatro paraõs
 dos inimigos. E acabado isto, forão
 Duarte pacheco, e Antonio do câ-
 po destruir hũa grãde pouoaçã na
 terra firme, desbaratando primey-
 ro dous mil Maiores / de q̃ forã muy-
 tos mortos e feridos, e dos nossos
 nhũ: e coesta vitória se tornarão pe-
 ra os capitães môres, q̃ mandarão
 logo pela pimenta q̃ estaua dali per-
 to: e ja noyte se partirão pa Cochi,
 donde auião de mãdar bo tone que
 leuaua a pimeta, carregado de mer-
 cadoria atroco dela / e para ir segu-
 ro mãdarã em goarda deleã Duar-
 te pacheco cõ tres capitães: e leua-
 ua cada hũ cincoenta dos nossos, e
 dos de Cochi quinhêtos. E parti-
 do Duarte pacheco passou ante ma-
 nhaã pelo passo estreyto q̃ ja disse: e
 por isso não foy visto, e sendo o dia
 bem claro / passou pela boca dũa en-
 seada, onde estauão frecheiros sem
 conto / q̃ lhe tirarão com suas fre-
 chas / e se os bateis não fõzão apa-
 deffados receberão os nossos muy-
 to dano / por q̃ bo rio he estreyto, e
 chegauãlbe as frechas. E vendo os
 Duarte pacheco estar apinboados

parecendo-lhe q̃ lhes poderia fazer
 mal, deixou hũ dos capitães em go-
 arda do tone / e ele cõ os outros do-
 us, seguindohos de Cochi, poserão
 às proas dos bateis em terra / em
 q̃ auia melhozia d̃ dous mil homẽs,
 e mandando jugar os falcões q̃ le-
 uauã, por proa derã pelos inimigos /
 de q̃ espedaçarão muytos / e os fize-
 rão retirar tanto da borda dagoa /
 que aos nossos lhes ficou lugar pe-
 ra pojarẽ em terra sã perigo: e assi
 bo fizerão todos. E como os maies
 leuauão espingardas e bestas / fe-
 rão dar santiago neles / q̃ ja fazião
 rosto, tirãdolhe tantas frechadas,
 q̃ parecia toparẽ no ar hũas cõ as
 outras / e pelejarão valentemente
 hũs e outros, e durou ãtreles qua-
 si hũ quarto de hora. E cõ tudo fu-
 girão os inimigos ficando muytos
 mortos por q̃ não trazião armas d̃
 fenhuas: e os nossos os forão se-
 guindo ate hũ lugar que estaua per-
 to: de que sairão tantos Maiores, q̃
 ajuntados cõ os que fugião / volte-
 rão sobre os nossos e poserãnos em
 muy grande aperto por serem bem
 seys mil homẽs / e muytos deles
 trabalhauão por se meter antre bo
 rio e os nossos para lhe tolher que
 se nã acolhessem a ele / bo que os nos-
 sos não consentirão cõ assaz de tra-
 balho. E assi como defedião bo rio
 se chegauão parele: no que fizerão
 todos muy grãdes façanhas / e co-
 mo forão perto dele os que estauão
 nos bateis se apartarão e duas par-
 tes ficando hũa rua lar ga por onde
 os nossos se embarcassẽ sem lhes
 tocar a artelharã: com cujo medo
 os inimigos deixarão embarcar sem

nhũ ser morto nẽ ferido, q̃ pareceo
 milagre, sendo os inimigos tantos
 e eles tão poucos. E dali por diãte
 ateho tone ser em saluo não achou
 Duarte pacheco mais perigo, e tor-
 nandose pera Cochim quasi as dez
 horas do dia chegou ao passo, por
 õde passou de madrugada e achou
 hõ todo çarrado de trinta e quatro
 paraõs que estauão encadeados/
 bem fornidos de gente darimas: pri-
 cipalmẽte de frecheiros: e cada hũ
 tinha seu tiro por proa: e em ambas
 as pontas do passo em terra estaua
 muyta gente que crêdo q̃ os nossos
 auã de ser ali mortos: ou tomados
 acodiã a vela. E em os nossos apa-
 recendo derã os inimigos hũa gran-
 de grita. Duarte pacheco q̃ os vio
 mãdou ter os bateis: e juntos disse
 a todos. Se não foubera senhores q̃
 ha dous meses que pelejais coestes
 perros, e q̃ sabeis suas rebolarias:
 e q̃ os conbecceis, aida q̃ vos tenho
 por muyto esforçados, parecerame
 q̃ vos posera eã frõta estarẽ como es-
 tão, porẽ nã digo eu ha dous meses
 mas esta manhaã õs seja louuado te-
 uestes vos a barba a pto de sete mil
 de q̃ deixastes o chãõ bẽ cuberto de
 mortos: e assi fareis aestes cõ ajuda
 õ nosso seõor, por q̃ posto q̃ estẽ em-
 barçados a nossa artelharã lhe ar-
 rõbara os seus paraõs: e como eles
 sã mais alterosos q̃ os nossos bateis
 nã nos podera fazer a sua outro tã-
 to: por isso cõ a cõfiãça e nosso deos
 demos neles leuãdo nossos bateis e
 cadeados. Ao q̃ todos respõderã
 q̃ assi seria bẽ: e q̃ nã ya ali nhũ q̃ ou-
 nesse medo a tais perros. E eã dea-
 dos os quatro bateis e os paraõs

de Cochim detras desparãdo logo
 sua artelharã a tiro despingarda
 forão cometer os paraõs / bradãdo
 todos por Sãtiago, e os inimigos de-
 rão tambẽ grande grita / e poserão
 fogo a seus tiros q̃ passarã por alto
 o q̃ os nossos não fizerã antes ar-
 rõbarão algũs paraos ao lume da-
 goa e os desencadearão. E acabã-
 do esta çurriada estauão os nossos
 a tiro de lãça dos inimigos / q̃ parece
 q̃ cõ medo dos nossos os abalrroa-
 rẽ lhes derão lugar pera q̃ passãẽ:
 o q̃ eles fizerão de boa võtade, por q̃
 não cuydauão q̃ lhes auã de ser tã
 facil. E toda via tirãdo a artelharã
 e arremessos: e como passarão por
 eles virarã lhe logo as proas por q̃
 se os seguissem lhes tirassẽ cõ a arte-
 lharã / q̃ despois de deos ela era
 sua saluação / e segundo os inimigos
 erão muytos ainda ela não abasta-
 ua pera os defender: principalmẽte
 de dez paraos q̃ os seguiã muy bra-
 uamẽte, e os outros trabalhauão
 por se ajũtar coestes, mas não erão
 remeyros: e isto valia aos nossos, q̃
 de quãdo em quãdo fazião arreme-
 tidas os inimigos / por q̃ não cuyda-
 sem q̃ lhe fugião. E q̃ lhe ouuera de
 custar a vida, por q̃ nestas arremeti-
 das os outros paraos os alcãçarã,
 e cercarão e redõdo e apertauãnos
 cõ frechadas e arremessos / e ferirã
 lhe algũs: o q̃ vêdo os de Cochim fu-
 girão palã q̃ era perto: e disserã co-
 mo ficauã os nossos: ao q̃ os capitã
 es mozes acodirão logo: mas ia seu
 socorro foi escusado: por q̃ os nossos
 meterão dous paraos no fundo em
 q̃ morrerão quantos estauão neles:
 e como nos outros auã muytos

feridos e mortos fugirão / e os nos-
 los ficarão quasi todos muyto feri-
 dos: e por isso Duarte pacheco os
 não quis seguir, e foyle pa Cochi.
 E no caminho achou os capitães
 mores q̄ os yão socorrer / e cō muy-
 to grande prazer chegarã a Cochi
 onde lhes el Rey fez grande festa /
 muyto espãtado do que fez Duarte
 pacheco / e a ele mesmo rogou q̄ lho
 cõtasse. E dali por diante o teue em
 muyta cõta.

Capit. lxxj. De como Afonso dal-
 buquerque foy carregar a Cou-
 lão e assentou feytoria.



Desbarato destes pa-
 raos foy logo auisado
 el rey de Calicut / assi
 como ho era de todas
 as cousas q̄ passauão

nesta guerra: de que tinba muy grã
 de cuydado por desejar muyto d' lã-
 çar os nossos da India: a que natu-
 ralmente queria mal cõ medo que ti-
 nha d' lhe tomarem a terra. E por is-
 so desejava de os lançar dela: e ho
 procurana com tanta diligencia / e
 assi em lhes tolher q̄ não ouessem
 pimenta. Porque fazia conta / que
 não a leuãdo pera Portugal / seria
 causa de não tornarẽ a India: pois
 essa era a cor que dauão a sua vinda.
 E dali por diante proueo as arma-
 das q̄ trazia nos rios cõ tamanba
 força de gente, e tantas munições,
 que nunca os nossos poderã auer
 mais de mil e duzẽtos quintais de
 pimenta dos quatro mil bahares q̄
 os mercadores tinhão prometido.
 Esta foy auida cõ assaz bõbarda-
 das e lançadas, e cõ infindo derra-
 mamẽto de sangue dos imigos. E

por derradeyro el rey de Calicut te-
 ue maneira cõ os mercadores d' Co-
 chim, que não dessem mais pimẽta
 ao capitão mór / escusandose com a
 guerra. E de tal maneyra estauão so-
 bornados, que nem rogos del rey d'
 Cochi, nem peitas de Francisco dal-
 buquerque os poderã mudar, pe-
 ra que dessem pimenta. E desepe-
 rando de a auer em Cochi, foy Afõ-
 so dalbuquerque / cõ Pero dataide, e
 Antonio do câpo, a buscar carrega
 a cidade de Coulão: porque sabia q̄
 seus regedores desejavão lá nossa
 feytoria, pelo offerecimento q̄ man-
 darão fazer a Pedralvarez cabral,
 e ao Conde almirante. E leuaua de
 terminado que quando lhe não qui-
 sessem dar carrega, q̄ lhe fizesse guer-
 ra. Partido Afonso dalbuquerque
 de Cochim com os capitães que di-
 go / chegou ao porto da cidade de
 Coulão, que esta doze legoas d' Co-
 chi. Esta cidade como ja disse / ates
 da edificação de Calicut / era a prin-
 cipal do Malabar / e ho mais gros-
 so e rico porto de toda aquela costa.
 E cõ tudo ainda he grãde e fermo-
 sa / suas casas, pagodes / e mesqui-
 tas / sam como as de Calicut / e tẽ
 muyto bõ porto he muyto abasta-
 da de mantimentos / e são como os
 d' Calicut. Seus moradores sã Ma-
 labares gẽtios e mouros: Os mou-
 ros são muyto ricos / e grandes
 mercadores: principalmẽte depois
 q̄ ouue guerra atre el rey d' Calicut,
 e os nossos, q̄ muytos mercadores
 d' Calicut se forã lá morar. Tratã pa
 Choramãdel / Ceilã / ilhas d' Mal-
 diua / Bengala / Pegu / çamatra /
 e Malaca. Ho Rey desta cidade /

hemuy grande senhor de terra: em q̄ ha grande scidades, z muyto ricos portos de mar / em que tē grãdes derytos: z por isso he muyto rico de telouros / z muyto poderoso de gēte dar mas: de que a mōz parte sam frecheiros. Traz sempre ē sua goarda trezentas molheres, que tã bem sam frecheiras / z muyto destras em tirar. E trazē todas nas mammas bũas fũdas de panos de seda: com que as trazem tã apertadas q̄ não lhe fazem nhũ nojo ao tirar. Tēho mais do tempo guerra com el rey de Marsinga: z dalbe affaz q̄ fazer. Ho mais do tempo estã em hũa cidade chamada Cale: z tem regedores em Coulão: em q̄ esta hũa igreja que milagrosamēte fez ho apostolo sam Thome, vindo ali pregar a santa fē catholica. E segũdo a gēte da terra tē, foy desta maneyra: ama nbeceo hũ dia no mar hum muyto grande tronco dar uoz q̄ encalhou na praya. E por que fazia nojo mandou el rey tiralo: mas nem gēte / nē alifantes ho poderão tirar tamanho era, quenē somēte ho mouião. E vendo ho apostolo que de desespera uão de ho tirar, perguntou a el rey / se tirãdo ho lhe daria hũ pedaço de chão em que fizesse hũa igreja ē louuoz de nosso senhor Jesu Christo, q̄ ho ali mandara. El rey serio dele vẽ dobo tão fraco como ele andaua da muyta austinencia que fazia: z ele lhe respondeo que ho poder de Deos com q̄ ele esperaua de tirar aq̄le tronco era muyto mōz que ho seu. El rey lhe prometeo que pedia, se ho tirasse. Então atou ho apostolo hũ cordão / q̄ trazia cingido em hũ

esgalho do tronco: z tirãdo por ele leuouho ate ho lugar onde queria. Do que todos se spantarão: z muytos se tornarão Chrištãos: z el rey lhe deu lugar pera a igreja / que ele logo começou de edificar. E por ser costumena terra, que quando se começa algũa obra / antes que os officiaes lhe ponhão mão lhe dão certo arroz: z despois q̄ começão lhe dã cada dia a noyte hũa moeda chamada fanão q̄ val dezaseys reays. Quãdo ho apostolo ouue de começar a obra chamou os officiaes / z deu a cada hũ tanta quantidade da rea quanta lhe auia de dar darroz / que por virtude de nosso senhor se tornou nele. E despois q̄ começarã de trabalhar daua a noyte hũa cauaça a cada official / z tornauase fanão: de que todos se spãtaũo muyto: z dizão que aquele homem era santo / z chamauãlhe Martama: z cada dia se conuertião muytos. E ainda agora antre os gentios deste reyno auera bem doze mil casas de Chrištãos, que de geração em geração procederão destes. E tē antre si algũas igrejas: z isto no sertão. Assim acabou ho apostolo a sua igreja, que mandou enmadeirar daq̄le tronco. E vendo el rey de Coulão quantos se conuertião por seus milagres, mãdoubolancar fora de sua terra. Ele se foy a hũa cidade chamada Malaiपुर, na mesma costa, z do senhorio del rey de Marsinga. E ainda aqui por ser perseguido dos gentios / segũdo dizẽos Chrištãos de Coulão / se apartaua soo pelos matos. E andando assi dizem que hũ gentio que andaua ca-

quando vio estar muytos pauões jutos no chão: e antreles hũ muyto mór: que todos / q̄ estava sobre hũa lagia / a q̄ ho caçador fez hũ tiro cõ hũa frecha / e atraueſſoubo: e leuãtandose cõ os outros tornouse no ar corpo domê. Do q̄ ho caçador: es pantado se foy contalo á cidade: de que veo ho governador dela velo: e vio q̄ aq̄le corpo era ho desam Tho me: e na lagia estauã figuradas duas pegadas domê. E ho governador ho mandou entrar em hũa igreja que ali fabricara. E enterrarãno seus discipulos: e eles leuarão a lagia que tinha as pegadas, e poserãna junto da coua. E quando ho meterão nela nunca lhe poderão meter debaixo da terra o braço dereyto. E assi esteue por muytos annos ate que ali forão Chis em romaria por ho terem por santo. E quisera lhe cortar ho braço pera ho leuarẽ em reliquias pera sua terra: e è ho que rêdo fazer êcolheose ho braço pera dêro e nunca mais foy visto. Esta igreja onde foy sepultado he feyta como as nossas cõ cruzes no altar: e hũa grande no meyo da abobada com pauões por diuisa: e está muyto dãnificada e cercada de mato, porq̄ a cidade he despouada / e hũ mouro pobre tẽ cuydado dela por não auer na terra derredor Chistãos: e pede esmola aos q̄ ali vão è romaria assi Chistãos como gêtios: e os mouros lha dão tâbẽ por estar na sua terra. Chegado Afonso dalbuquerque ao porto desta cidade, e sabêdo ho os regedores forão assẽtar coele paza sua nao, q̄ se fez cõ cõdição q̄ os nossos teuessẽ feytoria

na cidade: e q̄ pera aq̄las naos lbedessem carrega: no q̄ se logo êtêdeo. E no tempo q̄ aqui esteue em quãto hũa nao carregaua andauão duas, duas legoas ao mar: vigiando as q̄ passauão doutras partes e a todas fazião por bê: ou por mal q̄ fossem seus donos falar a Afonso dalbuquerque q̄, e dar lhe obediencia como a capitão mór del rey de Portugal: e não lhe fazia nhũ dãnõ somete às dos mouros do mar roxo, e a estas queimaua despois de saq̄adas por vingança do que fizeraõ a Pedraluar e cabral: do que os de Coulaõ auião grãde medo. E acabada a casa da feytoria / e carregadas as naos deixou Afonso dalbuquerque q̄ nela por feytor a hũ Antonio de sa com dous escriuaes. s. Ruy daraujo / e Ropo rabelo, e ho Madeyra por li goa, e frey Rodrigo por capelão, e Ruy dabreu, Pero lourêço / e Bõçalo gil: e outros que per todos forão vinte / e deixãdoos em paz partio se pera Cochim.

Capi. lxiij. De como se assentou paz antre Francisco dalbuquerque e el rey de Calicut, e como foy quebrada.



Muyto pesou aos mercadores mouros de Coulaõ do assento da nossa feytoria porq̄ a fora ho odio q̄ tinhão aos nossos parecia lhes que os auião de fazer ir dali e trabalharão quanto poderão com el rey de Coulaõ: q̄ não consentisse a feytoria, e não ho podendo acabar meterão por terceyro a el rey de Calicut a quem escreuerão o que

passava. Mas tão pouco acabou como eles do que ficou muyto triste: e mais conheceo que pera lâçar os nossos fora da India lhe aproueita ua pouco não os acolher ê seu porto, pois os reys d Cananoz, de Cochí / e de Couião os acolbião nos seus e lhes dauã carrega. E vio claramente que não tendopaz com os nossos perderia suas rendas, porq̃ os mouros quelhas dauão nã tratauão como dâtes cõ medo dos nossos. E tendo paz coeles tornarião a seus tratos: e ele cobraria seus de reytos, de que tinha perdido muyta parte. Pelo qual ê todo caso lhe conuinhaber paz com os nossos. E deitada esta cõta / não quis dar parte dela senão a seu irmão, q̃ lhe aconselhou q̃ assi ho fizesse / dãdolhe pera isso muytas rezões. E secretamente mandarão recado a Frãcisco dalbuquerque sobre as pazes, com cõdição q̃ pagaria em pimenta a fazêda q̃ fora tomada a Pedraluarez cabral. E cõ o parecer dos outros capitães / e del rey de Cochim foy assentada a paz cõ cõdição q̃ el rey de Calicut mandasse despejar suas armadas q̃ trazia pelos rios: e pela fazenda q̃ fora tomada a Pedraluarez desse quatro mil e quinbentos quintais de pimêta pera os levarê naquelas naos. E que auia de mandar entregar presos em ferros os Itilianos arrenegados: e q̃ nhũnao de mouros de Calicut podesse nauegar pera ho mar roxo: e q̃ auia deser amigo del rey de Cochim. E coestas condições foy feyto hũ contrato de pazes antre el rey de Calicut / e Francisco dalbuquerque: só

mente setiron a entrega dos dous arrenegados / em que el rey de Calicut não quis consentir. E tirãdo esta cõdição assinou el rey ho cõtrato. E isto foy feyto tão secretamente nunca ho senhor de Repelim / nem nhũ dos mouros ho souberão senã despois de feyto: do q̃ eles ficarão muyto escandalizados, e tão sospetosos del rey q̃ algũs se forão d Calicut. Este segredo tene Nambeadarim, porq̃ a paz ouuesse effeyto: porq̃ nunca ho ouuera se ho souberão os mouros. Assentada a paz / logo Nambeadarim se partio pera Cranganor: porq̃ hi se auia de dar a pimenta que não quis q̃ se desse em Calicut / por se escusarê brigas, ou outras deferêças q̃ poderiã recrecer antre os nossos / e os mouros: e tambẽ pera dali poder logo recolher as armadas q̃ andauão pelos rios. E a Cranganor mandou Frãcisco dalbuquerque Duarte pacheco pa leuar a pimêta q̃ podesse na sua nao: e q̃ leuasse a hũ caualeyro chamado Rodrigo reynel pera feytoz daquela pimêta, e coele dous escriuães. Os quaes Duarte pacheco mandou a terra dandolhe primeyro Nambeadarim arrefens. E como ele desejava muyto que esta paz fosse por diãte fez aos nossos todo ho bõ gasalhado q̃ pode. E deu na carregação da pimêta todo ho auimento q̃ foy possiuel: e deu lhe oyto cêtos quĩtais de pimêta. E sabêdo Frãcisco dalbuquerque a cousa como ya / porq̃ se desse mór pressa, ê quãto Duarte pacheco descarregaua mãdou a Niculao coelho q̃ fosse por mais pimêta, e ê q̃nto hũ dscarregaua

ya outro carregar. E andando nisto/leuãdo hũ dia hũs Malabares hũ tone de pimenta por dentro dos rios pera Cranganor/ho feytor de Cochim sem ho saber Frãcisco dalbuquerque ho mandou tomar por homẽs da feytozia/ dizendo que el rey de Calicut cõ dissimulaçãõ de dar pimẽta aos nossos mãdaua ao mar roxo contra ho contrato das pazes. E a pimenta foy tomada/ e morto hũ dos Malabares: do que Mabeadarim se aqueixou muyto a Duarte pacheco/ porq̃ conbecia a el rey seu irmão por tal que se auia õ querer vingar, se Francisco dalbuquerque não desse disso algũa emẽda: mas ele a não deu. O que sabẽdo el rey de Calicut mãdou a Mabeadarim que soltasse pelos rios as armadas que tinha recolhidas. ate cobrar o que valia a pimenta que lhe tomarão. E reuolueose a cousa de modo que os mercadores que leuauão pimenta á nossa feytozia de Cochim a não querião leuar. E Francisco dalbuquerque que via que tinha culpa naquilo / não ousaua de se queixar a Mabeadarim das armadas que soltara pelos rios/ e dissimulaua. E mandou dizer aos mercadores que leuassem a pimẽta a hũ certo passo: e que ele a iria hi receber. E mandou lá Pero rafael na sua carauela, e hũ batel armado em sua cõpanhia. E como forão no passo forão logo sobreles corenta paraõs/ e pelejarão coeles, e ferirão lbemuytos. E tão mal tratada foy a carauela/ que foy necessario ao batel ir pedir socorro a Francisco dalbuquerque, q̃ lhe foy logo acodir: e

com sua ida fugirão os paraõs, e a carauela ficou tão furada das bombardadas que a levarão ao porto da nossa fortaleza: e tirarãna a morte pera a concertarem/ e daqui ficarão as pazes quasi quebradas: e não se deu em Cranganor mais nhũa pimenta/ nem Mabeadarim não quis dar licença a Rodrigo reynel: nem aos outros com quanto lba ele pediu pera se ir pera Cochim / e disse lhe que se não fosse porque as pazes não erão quebradas de todo q̃ ele esperaua de as tornar a assentar: e fazialhe ho mesmo fauor q̃ dantes/ cõ todo ho gasalhado que podia ser/ e ainda que Rodrigo reynel escreueo a Francisco dalbuquerque que ho mandasse pedir e não quis/ dizendo que se deixasse estar, porque se ho mandasse pedir quebrar-se-ão as pazes de todo: o que ele nã queria por q̃ esperaua de as tornar a assentar quando passasse por Calicut pera onde estaua de caminho.

Capit. lxxij. De como Francisco dalbuquerque e Afonso dalbuquerque se partirão pera Portugal/ e deixarão por capitão mór a Duarte pacheco em Cochim.

Stando as cousas nestes termos foy dado hũ recado a Francisco dalbuquerque de Cojebequim / mouro de Calicut q̃ era grande amigo dos nossos como ja disse/ q̃ el rey de Calicut estaua determinado de tornar sobre Cochim despois de sua partida pa portugal: e tomalo e fortificalo de maneyra q̃ defedesse o porto a armada q̃ viesse. E pa isso tinha aqui

rido todos os senhores do Malabar: e que se affirmava que ho auião ajudar el rey de Cananoz e el rey de Coulaõ, e os mercadores mouros lhes dauão grandes ajudas. E ho mesmo escreveu Rodrigo reynel dahi a poucos dias / e que el rey de Calicut ajutava gente e mandava fazer muyta artelbaria: e que os mouros de Cochim erã em sua ajuda, por isso que se não fiasse deles. E dali a dous dias foy el rey de Cochim ver Francisco dalbuquerque e contoulhe ho mesmo que ho sabia de bũs brazenes q̄ vinbão de Calicut, dizêdolhe que oulhassem em que perigo ficava de perder Cochim se não ficasse armada que ho defendesse, pondolhe diante quantos dãnos tinha recebidos por foster nosa amizade: e como por essa causa se levantarão os seus cõtrele e ainda lhe querião tornar a fazer a mesma guerra: e pozem que ele confiana tanto na ajuda dos nossos, q̄ não queria outra pera se defender de seus inimigos: por isso que lha não negassem. Ao q̄ Francisco dalbuquerque respondeo, q̄ se ele soubesse quanto tinha ganhado nos dãnos q̄ recebera por foster os nossos, q̄ receberia outros muyto mōzes: se mayores podem ser. Porque deixãdo a fama que ganhara de verdadeyro e magnanimo: tinha cobrado por amigo a el Rey de Portugal que era senhor de tacs vassallos como vira / que tambẽ serião seus pera ho servir quando cõpusses: e q̄ com pouco trabalho ho farião seõor doutras cidades mayores q̄ as de Cochim: e cresce q̄ assi como ho eles restituirã

em seu estado / q̄ assi ho cõservarião nele: e que ele cria tão pouco eei rey de Calicut / q̄ posto que as pazes estenerão mais firmes do q̄ estauão não se fora da India sem deixar nella hũa armada / porq̄ bẽ sabia quã pouco se el rey de Calicut parecia coele e ser verdadeyro: e se dissimulava isto / era pera ver se podia acabar de carregar em paz: porque por guerra não acabaria nunca: e acabava se lhe a moução de sua viagem. Coesta reposta ficou el rey satisfeito, e não podendo Francisco dalbuquerque auer mais pimenta que a q̄ tinha que era bem pouca / determinou de se partir pera Portugal / e primeyro declarar quem auia de ficar por capitão mōz na India pera que ho soubesse el rey de Cochim. E como ele sabia q̄ a ficada era muyto perigosa por a muyto pouca gente que podia deixar não ousava de cometer a nbũ dos capitães que ficasse: e por derradeyro de a offerrecer a todos / e eles a não quererẽ a deu a Duarte pacheco que a aceitou de boa vontade mais pera servir a Deos e a el Rey: que por lhe ser prouetosa: que bem sabia quã pouca fazenda auia de ganhar em ficar na India da maneyra que sabia q̄ auia de ficar: e sabẽdo el rey de Cochim como ficava, ouuelle por contente disso polo que dele sabia. E despois disto se partio Francisco dalbuquerque levando toda a armada com dizer a el rey de Cochim que a levava ate Cãpanoz por amor da armada de Calicut q̄ ho não salteasse: e por lhe nã fazer algũa roidaõ no seu porto õde se auia de deter: como deteu

pera pedir Rodrigo reynel / e os outros q̄ hi estauão. E sabido por el rey sua determinação / lhe mandou dizer que ho não leuasse: porq̄ ele não auia as pazes por quebradas. E se quisesse esperar, lhe acabaria de dar a pimenta que auia de dar. E vendo ele isto pareceolhe q̄ não era verdade o que dizião do abalo del rey de Calicut: ou deu a entender quelho parecia assi / porque ficassem de melhor vontade os que auião de ficar na India. E nã quis levar Rodrigo reynel / nem os outros: nem quis esperar pera tomar toda a pimenta / porque era ja tarde. E vindo ali ter coele Afonso dalbuquerque de Coulaõ se partirão pera Cananoz, onde lhes Rodrigo reynel escreueo que a noua da ida del rey de Calicut sobre Cochim era muyto certa / e que todos os cõprimentos que fizera forão por medo delhe não queimar as naos que estauão no porto. E q̄ os capitães mōres encobrirão, porque ho não soubesse Duarte pacheco / a quem deixarão na sua nao / e mais duas carauelas / de q̄ erãõ capitães Pero rafael, e Diogo pirez: e hũ batel de hũa nao, e deixarãlhe nouenta homens: porque tirando os de que tinha necessidade pera marearem as naos. os mais estauão muyto doentes. E assi lhe deixarão a mais arte lharia / e municiões que poderão. E sabendo todos ho grande poder del rey de Calicut, espantauãse de querer Duarte pacheco ficar com armada tão pequena: e dauãõ ja por morto / dizêdo. Perdoe Deos a Duarte pacheco / e aos que ficão

coele. E ainda que ho ele ouuia não deixou de ficar / mostrando que ficaua muyto contente / nem nunca pediu mais gente que a que lhe deixauão. E despachado partirãse os capitães mōres pera Portugal ho derradeyro de Janeyro d̄ mil e quinhentos e quatro, partindo primeyro Afonso dalbuquerque / e Francisco dalbuquerque, e Niculao coelho se perderão no caminho, porque nunca mais ouue noua deles. E Pero dataide foy ter a Quiloa: e na barra se lhe perdeu a nao: e ele se saluou com algũa gente com que se foy a Moçambique em hum zambuco: e hi morreo de doêça. E primeyro q̄ morresse escreueo bũa carta pera q̄lquer capitão de Portugal que hi aportasse / em que contaua sua perdição, e como ficaua a India. E Afonso dalbuquerque, e Antonio do campo chegarão a Lisboa a vinte tres de agosto do anno que digo. E Afonso dalbuquerque contou a el rey como ficaua a India e deulhe quatroçêtos arratês daljofar e corenta de perolas e oyto com conchas onde ho aljofar nasce / a que chamamos madre perola / e hũ diamão tauoleta tamanbo como hũa grande faha, e muytas joyas de pedraria / e dous caualos hũ arabio e outro persiano.

C Capit. lxiij. Do que aconteceu a Antonio de saldanha e aos seus capitães ate chegarem á India.



Tras fica dito como Antonio de saldanha partio de Lisboa por capitão mōr de Ruy Lourenço

raualco / e de Diogo fernandez pe-
teira pera andar armada no cabo
de Boarda sum e descobrir despois
ho estreito do mar roxo. Pois par-
tido ele de Lisboa por culpa do seu
piloto foy ter á ilha de sam Thome
e daqui aquem do cabo de boa Es-
perança, affirmandose ho piloto q̃
ho tinha dobrado / e achouse atras
dele onde agora se chama a agoada
de saldanha / que por Antonio de
saldanha ir ali ter primeyro e fazer
agoada em hũ rio que se ali meteno
mar lhe ficou este nome : e daqui se
partio Antonio de saldanha só por
q̃ os outros dous capitães ja átes
de chegar aqui se apartarão dele cõ
tempo, e no caminbo passado Mo-
çambiç tomou tres naos de mou-
ros que se lhe renderão sem peleja,
e coelas chegou a Melinde onde a-
chou Ruy Lourenço rauasco / que
apartado dele cõ ho temporal que
lhe deu foy ter a Moçambique, dõ
de não achando Antonio de salda-
nha se foy a Quilloa, e despois de
ho esperar algũs dias e não vindo
se partio / e saindo do porto tomou
dous zãbucos de mouros de Mo-
baça que mandou dar a el rey de
Quilloa por lhe fazer honrra / e por
andar por ali esperando Antonio
de saldanha se foy a hũa ilha que se
chama Zanzibar vinte legoas a ré
de Mombaça, que tem rey e he po-
uoadade mouros, e antrela e a ter-
ra firme se faz hũ canal / õde se Ruy
Lourenço deixou estar bem dous
meses em que tomou muytos zam-
bucos carregados de mantimẽtos
da terra / e despois se foy ao porto
dacidade de Zanzibar õde chegou

ao sol posto, e por isso não pode fa-
zer mal a algũas naos e muytos zã-
bucos q̃ hi estauão : e ao outro dia
lhe mandou el rey hũ recado / que
se ele era o que tomara os mantimẽ-
tos que leuauão pera sua cidade q̃
lhe perdoava com tanto que lhe des-
se a artelharia q̃ leuana e restituísse
o que tinha tomado. Ao que Ruy
Lourenço respondeo / que se toma-
ra os mantimentos fora por lhos
não quererem vender : e que não co-
stumaua de dar a sua artelharia nẽ
lha auia de dar : e que se quisesse ser
amigo del Rey de Portugal q̃ ho
seria seu. Ouuida esta repostapoz el
rey, mandou embarcar muyta gẽte
em paraõs que tinha pera tomarẽ
a nao : o que vendo Ruy Lourenço
antes que os mouros acabassem dẽ
barcar mandou lá hũ Gomez car-
rasco por capitão do batel com trin-
ta e cinco homẽs que com hũ tiro q̃
leuaua começou de facodir os para-
õs antes que saíssem do porto, com
cujo medo os mouros os começa-
rão de despejar. Enisto chegou Go-
mez carrasco a quatro que ainda es-
tauão peçados / e aferrando coeles
matou com os seus muytos mou-
ros e os outros fez saltar ao mar, e
tomado os paraõs se tornou á nao
e em se tornãdo chegou á praya hũ
filho del rey com quatro mil mou-
ros os mais frecheiros que ya aco-
dir aos paraõs, e deixarãse estar co-
mo q̃ goardauão ho porto. E Ruy
Lourenço que os vio daquela ma-
neyra, mandou depressa passar da
nao algũs tiros a dous zambucos
que tinha em que mandou por capi-
tães Gomez carrasco e Lourenço

feio que leuando tambẽ ho batel se chegarão a terra ho mais que pode rão. E ho filho delrey vendo os ir, cuydãdo que querião desembarcar ajuntou sua gente onde leuauão as proas e eles fizerão desparar sua artelbaria e da primeyra curriada derribarão trinta e cinco mouros segũdo se deipois soube, e antreles foy ho filho delrey e ouue muytos feridos, e os outros fugirão e forão dar as nouas a elrey / que por não ser destruido mãdou pedir paz a Ruy Lourenço que lha deu com cõdição que ficasse vassalo del Rey de Portugal com pagar cem milticaes de tributo cadãno e trinta carneyros. E ele foy contente, e pagou logo ho tributo daquele anno. Isto feyto foyle a Belinde e busca Antonio de saldanha que não era ainda vindo: e achou q̃ elrey de Bombaça fazia guerra a elrey de Belinde por ser amigo del Rey de Portugal / e que estava pera vir sobreleco muyta gente / do que elrey de Belinde estava agastado: e Ruy Lourenço ho esforçou / dizendo que ele faria tanta guerra a elrey de Bombaça q̃ ho deixasse: e partiose logo pera Bombaça e de caminho tomou duas naos e tres zambucos em q̃ tomou doze mouros que erão os principais regedores dũa cidade daquela costa chamada braua q̃ alem de se resgatarẽ por muyto preço por saluarem hũa nao que vinha atras em que trazião muyta riqueza se fizerão vassalos del Rey de Portugal com quinhentos milticaes de tributo cadãno que logo pagarão. E chegado Ruy Lourenço á bar-

ra de Bombaça pos se ali pera to- lher ás naos que fossem de fora que não entrassem / e soube logo que elrey de Bombaça era partido pera Belinde, e assiera. E sabẽdo elrey de Belinde como yaho sayo a receber e ouuerão batalha. E não ficãdo a vitoria com nhũ elrey de Bombaça se tornou logo, porque soube como Ruy Lourenço estava na sua barra e temose de desembarcar / e fazerlhe muyto dãno na cidade por a pouca gẽte que lhe ficaua: e andãdo muyto depressa chegou a Bombaça onde achou que tinha recibida muyto grande perda de seus de- reytos por as naos que Ruy Lourenço estoroua que nã fossem a seu porto, e vio que lhe não podia fazer outra mayor guerra que aquela. E neste tempo chegou Antonio de saldanha a Belinde. E q̃ sabido por elrey de Bombaça temose que cõ seu fauor lhe fizesse elrey de Belinde guerra / e por isso fez paz coele. E vendo Antonio de saldanha que elrey estava em paz / partiose com Ruy Lourenço / e dobrado ho cabo de Boarda fum forão ter a hũ lugar grande chamado Bete senbo- reado por hũ Xequẽ, com cujo consentimento Antonio de saldanha mandou fazer agoada / e fazẽdo ba leuantarãse os mouros contra os Portugueses, que saindo bem da peleja com deixarem tres mouros mortos se recolherão: e esbombar- deado ho lugar, nã se quis Antonio de saldanha ali deter mais / e atra- nessou á costa Darabia acima da dem pera ir inuernar a hũas ilhas que se chamão de Lanacani, e átes

de chegar a elas tomou duas naos de mouros: e querendo fazer agoada na costa não pode por lo côtra rriarem os mouros per duas vezes, e tendo muyta necessidade da goa por as ilhas a não terem, se partio pera outras que não pode tomar/ pelo que lhe foy necessario ir se caminho da India/ e por ser ja lá invernô foy com muyto perigo tomar a ilha Danjadia/ onde ho achou o po soarez como direy adiate, e Diogo fernandez peteira tambem passou muyta fadiga e foy ter a Cochim no cabo da guerra que Duarte pacheco teue com el rey de Calicut como agora direy.

Capit. lxxv. Do que ho capitão môr Duarte pacheco fez em Cananoz indo pera Cochim: e do q lá passou com el rey.



Artido Frâncisco dal buquerq pera Portugal, Duarte pacheco que ficaua por capitão môr na India, em quanto se auia de deter em Cananoz pera tomar mantimentos, foy surgir fora da ponta de Cananoz: e dali mãdaua a Pero rafaél andar de largo/ e que lhe fizesse arribar quantas naos podesse: e ele ficaua só: porque Diogo pirez ficara em Cochim com sua caravela a monte. E Pero rafaél fazia arribar as mais das naos hûas por medo de as meter no fûdo com artelharía/ outras por sua vontade. Duarte pacheco sabia muy miudamente dôde erão/ e pera onde yão/

e o que leuauão/ e se achaua pimêta tomauãlha. E que fez a algûas naos que yão de Calicut. E tão rígorosamente ho fazia que era muy temido. E fazendo isto hûa noyte derão sobrele obra de vinte cinco velas tão de supito, q lhe fizerão crer que era armada de Calicut por as atoadas q disso trazia. E pola pressa em que se vio mandou alargar a ancora pelo escouem que a não pode leuar pelo cabra stante. E dando ás velas se fez na volta do mar pera se poer abalrauêto daquelas velas, em que mandou desparar sua artelharía. E como erão zambucos carregados darroz, acolherão se quanto poderão, e algûs vararão e terra se não hûa grãde nao de mouros que vinha em sua conserua/ em que irião bem quatrocentos que erão do reyno de Cananoz. E parecêdo-lhe que se podessem ajudar dos nosos andarão coeles ás frechadas/ e bombardadas ate ho quarto dalua que disserão que erão tendolhe mortos noue homens, e feridos muytos. E porque ja neste tempo não oulana de passar por ali nhûa nao com medo de ser tomada / partio se Duarte pacheco pera Cochim/ e no caminho pelejou com algûas naos de mouros/ e delas tomou e quetmou, e outras meteo no fûdo: e com muyto grãde vitoria chegou a Cochim á nossa fortaleza ôde soubedo feytoz que a noua da guerra del rey d Calicut era verdadeyza, e que el de Cochim estaua com grãde medo/ e que os mouros de Cochim erão muyto contrarios a sofrer a guerra contra el rey de Cali-

cut. E ao outro dia foy ver el rey de Cochim leuando seus bateys apardessados/embãdeirados e artilhadados: e fezse muyto de festa pera que alegrasse el rey de Cochim, que sabendo quão pequena armada lhe ficara não se pode alegrar: e muyto triste lhe disse q̃ os mouros de Cochim lhe tinhão dito q̃ ele não ficaua na India se não pera recolher a fazêda da feytozia de Cochim com ho feytor, e os mais que estauão nela/ e leuar tudo a Cananor/ ou a Couilão: quel herogaua muyto que lhe dissesse era verdade/ porque a elle ho parecia segundo a pequena frota que lhe ficaua/ nem ele não queria ficar pera pelear com tamanho poder como era ho del rey de Calicut, senão pera fazer o que lhe os mouros dizião: por isso q̃ lhe disse se a verdade/ porque se era assi buscaria seu remedio em quanto teuesse tempo: posto q̃ ele ho tinha bem maõ se ho ele desemparaua, pois nã tinha outrem que ho ajudasse: e conhecendo Duarte pacheco a desconfiança del rey agastou se muyto, e respondeolhe, dizendo. Muyto me espanto de ti tendo tanta experiêcia da lealdade dos Portugueses perguntarme se fiquey pera fazer tamanha treyção como seria se fizesse em tal tempo o que te disserão os mouros: e crelos sabendo que sam tamanhos nossos inimigos como está notorio: e sabendo tudo isto não deneras de poer ê pratica hũa cousa tão fora de rezão. Porque se a Frãçisco dalbuquerque que quiseria fazer muyto melhor: fora fazelo ele cõ todos os capitães, porque deixandome só pe-

ra ho fazer corro risco de me sair nel se mar hũa grossa armada del rey de Calicut e tomarme. E querêdo todauia que ficara pera ho fazer/ ele to dissera e que ho fazia por setemer del rey de Calicut: porque te tinha por tão arreoado que tenão parecera mal fazelo por essa causa: pois dela te resultaua proueito que ficaua sture da amizade del rey de Calicut, o que se os mouros bem a tentarão não disserão tamanha falsidade, e cre q̃ se nos podessem empecer em mais que ho farião, e atepelo amor que nos tês/ e eu ho sey muyto bem: mas não te de disso/ que posto q̃ percas a eles e aos outros de teu seruiço, cobras a mi e a quantos Portugueses qua ficão q̃ morreremos todos por te servir se for necessario: e pa isso ficamos na India/ e eu principalmente: q̃ ninguẽ me obrigana a isso, se eu nã quiseria. Mas obrigou me ho desejo que tenho de te servir pola fé que goardaste aos nossos ate perder Cochim, e ho ver queymado. Do que te deues de prezar muyto: pois por isso se estendera tua grande fama per toda a terra: e ficara teu louuor pera sempre, que he ho melhor tesouro q̃ os reys podem deixar: e porque mais trabalhão os bõs. E cre que el rey de Calicut ficou vencido em te quemar Cochim. E assi como foste depois bem vingado de teus inimigos pelos Portugueses/ assi seras agora ajudado, e emparado por eles: q̃ ainda que pareçã poucos, e a frota muyto pequena/ eu te prometo q̃ muyto cedo parecamos muytos nas obras/ que espero em nosso se-

nhor que auemos de fazer em defen-
der qualquer passo / por onde el rey
de Calicut quiser entrar : e q̄ hi ho
suemos desperar : e nos nã auemos
de mudar de noyte nem de dia. E pe-
ra os passos q̄ sã estreitos sobeja
a nossa armada. E por isso me nã fi-
cou mayor, q̄ pera os rios abasta es-
ta. E pois me amim escolberão pe-
ra ficar / cre que sabião q̄ deixauão
quem te escusará de trabalho / e os
teus de fadiga. E eu, e os que comi-
go ficão, auemos de ter sobrenos to-
do ho peso da guerra. Tu folga / e
descansa, q̄ prazendo a nosso senhor
nã ha de ser como da outra vez, q̄
perdeste Cochim.

C Capit. lxxv. De como ho capitão
mór Duarte pacheco fez que não
despouassem a cidade, os mou-
ros de Cochim.



Esselegado coísto el-
rey, do aluoroço em q̄
os mouros ho tinhã
posto: foy ver Duarte
pacheco os passos de
Cochi / pera fortale-

cer os que teuessen disso necessida-
de / e achou que nhũ a nã tinha se
nã ho do vao / em q̄ mandou fazer
hũa estacada pera ho çarrar, q̄ nã
podesse entrar nhũ nauio dos imi-
gos. E neste tempo foy auisado por
carta de Rodrigo reynel, que çama-
lamacar hũ mouro principal de Co-
chim / e assi os outros trabalhauã
quanto podião por se despouar a
cidade. porque el rey ficasse só / e so-
briſto fora çamalamacar falar ou-
as vezes cõ el rey de Calicut, e lhe

escreuia cartas: do que Duarte pa-
checo ficou muyto agastado: e por
atalhar que não ouuesse efeyto aq̄le
ardil / pareceolhe q̄ seria bõ enfor-
car çamalamacar, pera q̄ os outros
ouuessem medo. E sabẽdoho el rey
de Cochim nã quis, dizendo que
se enforcassem aquele / os outros se
amotinarião logo, e nã aueria mã
timentos na cidade. porque eles os
mandauão trazer por mercadoria /
por isso q̄ seria melhor dissimular.
E vendo Duarte pacheco q̄ el Rey
nã queria / disselhe que queria fa-
zer hũa pratica aos mouros: e q̄ ti-
nha cuydado hũ ardil pera q̄ se nã
fosseninguẽ da cidade / q̄ mandasse
aos seus que lhe obedecessem no q̄
lhes mandasse. Ho q̄ el rey mãdou
perante ele mesmo: e isto mandado,
ele se foy com obra de corenta dos
nossos a Cochim a casa de Belina-
macar, hũ mouro mercador hõrra-
do q̄ moraua perto do rio: e rogou-
lhe q̄ mãdasse chamar certos mou-
ros que lhe nomeou: por q̄ lhes que-
ria dar conta de hũa cousa que rele-
uaua a todos / a que os mouros fo-
rão logo, por q̄ lhe auião grãde me-
do, e vindo eles lhes disse.

Mandeyuos chamar hõrrados
mercadores / pera vos dizer o por q̄
fiquey na Índia, por q̄ quiça ho nã
sabeis todos / e por isso dizẽ algũs
que fiquei pera recolher a feytozia,
e leuala a Coulão: ou a Cananor: e
porque saybais que nã he assi vos
quero dizer a verdade. E não fiq̄
pera outra cousa se não pera goar-
dar Cochim: e se for necessario mor-
rer com quantos ficarão comigo so-
bre vos defeder del rey de Calicut:

z isto vereis claramente se ele vier /
 q̄ vos prometo que ho hey de espe-
 rar no passo de Cābalão / per onde
 me dizem q̄ quer entrar: z ali se ou-
 sar de pelejar comigo p̄dêlo pera
 holer a Portugal. E ate que nã
 veja is ho cōtraio disto, vos rogo
 muyto q̄ nã vos vades d̄ Cochim
 donde sey que estais abalados pera
 vos ir / z aluoroçais ho pouo pera
 isso: z como soys os principais, to-
 mão os outros de vos exemplo pe-
 ra ho fazer: z eu me espanto muyto
 d̄ homẽs tã seludos como vos, q̄rer
 des deixar as casas em q̄ nascestes, z
 a terra em q̄ morais ha tanto tẽpo,
 nã cõ medo do que vistes / mas do
 que s̄mẽte ouvis / q̄ ainda pera mo-
 lheres he cousa fea / quato mais pe-
 ra vos / que se vos quisereis ir com
 me verdes desbaratado / nã vos po-
 sera culpa / mas fazer delo s̄ẽ me ver-
 des dar batalha / ou he por couar-
 dia / ou por malicia: pois sabeis que
 ainda ontẽ tã poucos Portugue-
 ses v̄cemos a esses milbares d̄ imi-
 gos / q̄ agora nos hãõ d̄ vir bulcar,
 z se medizeis q̄ eramos mais do q̄
 agora somos, assientão auiamos d̄
 pelejar em cãpo largo / onde era ne-
 cessario sermos muytos: z agora ẽ
 passo estreyto tanto auemos de fa-
 zer poucos como muytos / pois se
 eu sey pelejar, bem ho oueries di-
 zer: porq̄ eu fuy ho que fiz mais dã-
 no aos imigos / z bẽ ho sabe el Rey
 de Cochim, q̄ mais perderã q̄ vos
 se eu fosse vencido. E confiado ẽ mi
 z nos q̄ ficarão comigo / espera ate
 verem q̄ para este feyto que espera-
 mos, z pois ele espera, vos porque
 vos ireis. Lẽbreuos q̄ eu z os que

ficarã comigo, ficamos na Índia tã
 lonje de nossa terra pera de fẽder el
 rey de Cochim. E vos seus vassallos,
 z naturais da terra quereis de fẽpa-
 rar a ele z a ela: cousa muy vergo-
 nhosa he esta pera poleas: quanto
 mais pera homẽs tãõ hãrrados co-
 mo vos: peçouos muyto q̄ nã faça-
 is tamanha de honrra a vos mes-
 mos, nem a mim tamanha injuria /
 em de scõfiar q̄ vos defenderey / por
 que vos dou minha fé, q̄ vos poso
 defender doutro poder mayor q̄ ho
 del rey de Calicut, z por isto me es-
 colherã pera este feyto: q̄ bem sabiã
 os q̄ me deixarã na Índia a guerra
 que el rey de Calicut auia de fazer /
 z ho poder q̄ tinha / por isso vos tor-
 no a rogar que creais q̄ sendo eu vi-
 uo que nunca el rey de Calicut mẽ-
 tera pé em Cochim. E rogoos q̄ nin-
 guẽ bula consigo / porq̄ quem fizer
 outra cousa saiba certo q̄ se ho to-
 mo que ho ey denforçar, z assi ho ju-
 ro por minha ley, z sabe que ningũẽ
 me pode escapar: porq̄ aqui ey des-
 tar neste porto vigiando de dia z d̄
 noyte / z agora veja cada hũ o que
 lhe cõpre: z se fizer o q̄ lhe rogo ter-
 meha por amigo / z se nãõ por imi-
 go / z mais cruel do que espera q̄ ha-
 de ser el rey d̄ Calicut: z cada hũ di-
 ga logo o que quer fazer. E dizẽdo
 isto acendeoce tanto ẽ ira, que sem a
 tentar por isso falava tã alto como
 q̄ pelejava cõ alguẽ: z tinha o rosto
 tãõ vermelho que parecia verter sã-
 gue, com que aos mouros se lhe do-
 brou tanto ho medo q̄ tinhãõ dele /
 que cuy dauãõ q̄ os queria logo en-
 forçar / z comẽçarão de se lhe discul-
 par do que lhes dizia. E ele os nãõ

quis acabar douuir / pera lhes fazer mór medo. E mandou logo surgir a nao de frõte de Cochim. e hũa das carauelas / e os dous bateis / postos e tal compasso, que ninguẽ podesse sayr de Cochim per mar, que não fosse visto: e tinha tãbem muytos paraõs esquipados / com q̃ de noyte vigiaua os rios q̃ cercauão a cidade. E como era sol posto, tomava todos os barcos q̃ podião levar gente e feto / e mãdauaos amarrar aos seus nauios / e faziaos vigiar: e pola manhaõs tornaua a seus donos. E continuamente corria estes rios, amanhecendo e anoytecendo em diuersas partes: porq̃ não teuel sem delenhũa certeza: e pera q̃ lhe ouessem medo / mandaua prender algũs dissimuladamẽte, e mandauaos acusar pelos nossos q̃ se q̃rião ir: e tinhaos presos, cõ dizer q̃ os auia de mandar enforçar. E andando vigiando hũa noyte, topou q̃tro macuas, que são pescadores / pelcãdo sem sua licença: e fez q̃ sospeitaua que se quirião ir / e prendeos em ferros, dizẽdo q̃ os auia de mandar enforçar. E sabendo ho el rey, e creõdo que os auia denforçar mãdoulhos pedir: do que se ele mostrou muyto menencorio / dizẽdo q̃ não auia de fazer ley pera a nã goardar / por isso que lhos não auia de mandar: e que os auia denforçar. E logo os mandou levar pelo seu meiryngo a hũa ilha pera q̃ os enforcasse: e secretamente lhe disse que lhos tornasse a trazer, e maudouos meter debaixo da cuberta da sua nao: õde despois de os ter escõddidos algũs dias, os mãdoua el rey muyto secretamẽte,

porq̃ se não soubesse que os nã enforcarã. E coisto lhe ouerã tamanho medo / que ninguẽ ousaua de sayr d Cochim sem sua licença: e com isto se asselegarã os mouros e gẽtios. E com todos estes trabalhos q̃ Duarte pacheco tinha / as mais das noytes saya em terra de Repeli, em que queimaua lugares, mataua gente / tomava vacas, e barcos, e lhe fazia muytos outros dãnos: de q̃ os mouros de Cochim se spantauã muyto, como podia soffrer tanto trabalho / e dizião que era diabo.

C Capit. lxxvj. De como o capitão mór Duarte pacheco fez hũ salto em terra de Repelim, e de como se partio pera ho passo de Cãbalão a esperar el rey d Calicut.



Este tempo foy certificado el rey d Cochim, q̃ el rey d Calicut era chegado a Repelim, pera hí ajuntar sua gente, e irie a Cochim pelo passo de Cãbalão. E o mesmo recado escreueo Rodrigo reynel / que a este tempo ficaua muyto doẽte, e morreo despois. E el rey de Calicut mãdou tomar quanto lhe acharão. E sabendo os mouros de Cochim q̃ el rey de Calicut estaua em Repelim / quiserã aluoroçar ho pouo pera q̃ fugissem: mas ninguem ousou de ho fazer, cõ medo de Duarte pacheco. E ele que isto sabia / por mostrar a todos quã pouco temia el rey de Calicut / nem a seu exercito e armada / deu hũa noyte em hũa pouoação de terra d

Repelir a boras q̄ todos dormião
 z possibe bo fogo. E ele bem ateado
 forão os nossos sentidos / z acodio
 logo grande multidão de Naires/
 assi do lugar como dos derredor. E
 Duarte pacheco se recolheo aos ba
 teis cõ muyto perigo / z ferirãolhe
 cinco homẽs: z dos inimigos ficarão
 muytos mortos z feridos: z cõ tu
 do os viuos seguirão os nossos hũ
 bõ pedaço em se tornando pera Co
 chí. E tãtas forão as frechadas so
 bre os bateis que as padessadas yã
 todas cubertas de frechas. E sabẽ
 do el rey de Cochim como era che
 gado á fortaleza foy bo ver, porque
 ouue por muyto grãde cousa oular
 ele de saltar a terra, em q̄ estaua el
 rey de Calicut tão poderoso / z assi
 lho disse. Do q̄ Duarte pacheco se
 rio / z disse que não queria se não q̄
 acabasse el rey d̄ Calicut d̄ chegar,
 z querõpesse coele batalha / z ali ve
 ria pera quanto erão os nossos. E
 deixãdo coisto affessegada a gẽte de
 Cochim, z tãbem com fazer hũa fa
 la aos principais, ordenou sua gẽte,
 que se queria partir pera bo passo d̄
 Cãbalão. E na sua nao deixou vite
 cinco homẽs com bo mestre dela / q̄
 se chamaua Diogo pereyra / q̄ dei
 xou por capitão em sua ausencia:
 z deixoulhe bem darte lharã z mu
 nições pera se defêder. E os nomes
 dos que ficauão coeleerão, Christo
 não pirez escriuã da mesma nao, Al
 uaro vaz / Afonso aluarez, Joã do
 porto / Joã pirez / Joã girarte /
 Rodrigo afonso / Simão aluarez /
 Bertolameu / Antonio vaz / Alua
 ro dobidos / Diogo d̄ curuche, Frã
 cisco ramos / Afõso do porto, Pau

lo gennes: aos outros nã soube os
 nomes. Na fortaleza ficauão trinta
 z noue homẽs, cujos nomes erão:
 Diogo ferandez correa feytoz, z al
 calde mór / Lourenço moreno, Al
 uaro vaz, escriuães da feytozia / Al
 res lopez alcaide pequeno, bo vigai
 ro Joã de santiago, Gonçalo fer
 nandez / Simão mazcarenbas, frey
 Bastão / Diogo fernãdez / Ruy Go
 mez, Joã fernandez / Joã pirez /
 Aluaro cotano barbeiro, Andre di
 az, Boterre, Joã pirez / Aluaro da
 breu, Coronel, Pero fernãdez, Fer
 nãso soarez / Joã de sogouia merca
 dor Castelbano, ho Leiteira, Lopo
 d̄ carualhais / Joã fernãdez / Luis
 tão de repeda citreiro, Bastião dal
 meida, Barti bõbardeiro, Chri
 touão iuarte / Joã caramenbo /
 Manuel martiz criado da fiantes /
 Diogo fernandez criado do bispo
 da Soarda / Joã Luys / Pero ri
 beiro, Joã do basto / Rodrigo cor
 rea / Diogo rodriguez / Joã mar
 quez, Lião rodriguez. E os que le
 uou forão estes, Pero rafael / q̄ era
 capitão da carauela santa Elena / le
 uaua vintequatro homẽs coele: que
 forã Duarte fernãdez escriuã: Este
 ueanes mestre / Francisco fernãdez,
 Pedreanes / Joã diaz / Lourenço,
 Darmada, Pero vaz, Jorge do por
 to / Gonçalo fernandez / Joã fer
 nandez / Francisqueanes / Miculao
 bires, Pero coelho, Pero bras /
 Maçarelos / Joã de leça, Joã de
 santarem, Bautista gennes, Isbrão
 dolanda, Pero alemão, bõbardei
 ros / z des outros não soube os no
 mes. Em hũ dos bateis / em q̄ mã
 dou que andasse Diogo pirez capi

tão da carauela santa Maria / em quanto se lhe concertaua, forão Rodrigo esteuez, Manuel gonçaluez mestre da carauela, Braz fernâdez, João de caminha / Pero mendez, Diogo de Bragãça / Saluador gonçaluez / Antonio delgado / Luys de maçãs / João gonçaluez / Fernão do desam Pedro / ho Cardoso / ho Leytão / Domingueanes / Diogo de sam Pedro, Francisco Castelbano / Afonseanes, Adão gonçaluez / Fernando desmeralda, Fernão do mestre, Diogo rodriguez peqno / Ausbrote / Miguel afonso bõbardeyros. Ho capitão mór foy em outro batel, em q̄ leuaua estes homẽs que erão coele vinte e hũ. Simão dandrade / que era ainda moço, Afonso anibal / João fernâdez / João do vale meirinho da carauela santa Martha / Antonio gomez / Lopo de çãcal, Matheus bõbardeiros / Pero vaz / Tristão fernâdez, Garcia afonso, Inhigo d' Portugalete / Marcos luys, Pedreanes carpinteiro / Jorge grego / João gomez ho jardo / Diogo fernandez, Diogo canario, João de vila de conde / Feronimo pirez, Fernão luis: e por todos erão setenta e tres os da carauela, e dos bateis. E todos confessados e comungados, se partio Duarte pacheco pera ho passo de Cambalão em festa feyza de ramos dezaseys Dabril de mil e quinhentos e quatro. E desamarrouse do porto com muyto prazer e festa de tiros e folias. E chegando defrõte de Cochim foy falar a el rey que ho esperaua á borda dagoa tão triste q̄ ho nã podia ecobrir. E Duarte pa-

checo fazêdo q̄ ho não entêdia / lhe disse / q̄ ali yão todos cõ muyto grã devõtade pera ho defender del rey de Calicut: a que yão buscar / porq̄ não cuydasse q̄ lhe auião medo. El rey se sorrio como por força: e deu-lhe quinhêtos Maires de cinco mil que tinba / de q̄ fez capitães Canda gorá, e Frangorá seus védores da fazenda, e ao Caimal de Palurte, e ao Panical darraul / a q̄ mandou q̄ obedecessem a Duarte pacheco como a sua propria pessoa. E acabado isto oulhou el rey pa a nossa armada / e pera os seus Maires e entristeceose muyto / como quẽ via quão pouca cousa aquilo era em comparação do poder del rey de Calicut: e disse a Duarte pacheco. Lembra me ho perigo em que te veio: e o q̄ me acõteceo ho anno passado: rogo te q̄ queiras o q̄ poderes: e nã te engane o coração. E lèbrete q̄nto pde el Rey de Portugal se te perdes. E coesta derradeira palaura se lhe arrasarão os olhos dagoa: do que se Duarte pacheco agastou muyto, e diselbe q̄ mais podiã pouco: e efforçados q̄ muytos e couardos. E se os nossos erão efforçados bem ho tinba visto: e quão couardos erão os inimigos. E q̄ no lugar onde os auia desperar poucos abastauão pa ho defêder: por isso q̄ se não agastasse. E coisto se partio / e chegou ao passo de Cambalão duas horas ante manhaã. E não achãdo nhũ sinal da vinda del rey d' Calicut / foy dar êhũa pouoação do Caimal da mesma ilha, õde chegou e amanhecêdo. E no porto estauão e terra bê oyro cêtos frecheiros cõ algũs espingar

deiros. E posto q̄ sobre os nossos chouião muytas frechadas / e espi guardadas / as padessadas os defendião, q̄erão de tauoas de grossura de dous dedos. E chegando a terra despararão sua artelbaria / com q̄ fizerão alargar ho campo: e eles desembarcarão. Poem logo os inimigos tornarão sobre eles / e teuerã lhe rosto bẽ meabozas: e despois fugirão ficando muytos mortos. E como ja os nossos tinhão posto fogo ao lugar, e andaua bem ateado / recolheose Duarte pacheco: e tornãdose ao passo matarão os nossos em terra muytas vacas q̄ leuarão, posto que bem contrariados pela gente da terra. E sendo ja no passo, mandoulhe ho Caimal de Cambalão pedir pazes com hũ presenee q̄ lhe ele não quis tomar, nẽ fazer paz coel por ser inimigo del rey de Cochim: donde lhe chegou recado per hum Bramene / q̄ ao outro dia lhe auia el rey de Calicut de dar batalha: e q̄ estaua injuriado de se lhe ele poer na q̄le passo por õde queria entrar. E disselhe que se affirmauão todos que el rey de Calicut ho auia de prẽder: ou matar na batalha. Ao que ele respondeo que aquilo esperaua ele de fazer a el rey por amo: do dia que era de grande solẽnidade pera os Chriistãos: q̄ mal acertarão os seus feiticeryos de lhe prometerem a victoria em tal dia. Hũ Maire que vinha cõ ho Bramene ouuindo dizer isto / disselherindo como por escarnio: q̄ lhe via muy pouca gẽte pera fazer o que dizia, e que a del rey de Calicut cobria a terra e ho mar: q̄ como auia de ser vẽcido. Do q̄ ele

ouue muyto grande menẽcoria, cuy dando que fosse del rey de Calicut / e deulhe muytas bofetadas, dizẽdo que lhe fosse dizer que ho vingasse: do que os outros ficarão com tamanho medo que nunca mais oufarão d abonar a el rey de Calicut. E aquela tarde lhe mandou el rey de Cochim quinhẽtos Maires de que ele não fez nãua conta / nem dos outros: porque sabia q̄ auia de fugir: e nos nossos despois õ nosso seõor tinha confiança. E todos a q̄la noite fizerão grandes alegrias / por q̄ foubesse el rey de Calicut q̄ ho não temião, e mostrauã muyto efforço pera lhe dar batalha. Do q̄ estaua muyto ledo e antes que amanhecesse lhes disse a todos.

¶ Senhores e amigos meus o prazer e contentamento q̄ vejo em vos tenho por muyto certo pronostico da grandissima merce que nosso seõor auera por seu seruiço de nos fazer oje / e creio verdadeyramente q̄ assi como nos dá oufadia / pera q̄ sendo tão poucos oulemos desparar a tantos milhares de gente como sam nossos inimigos: que assi nos haõ dar efforço pa lhe resistirmos: e que quer oje fazer tamanho milagre como este sera / pa q̄ seja conhecido seu poder: e sua santa fé exalçada, e da sua parte vos peço eu q̄ assi ho creais / porque sem isso ainda q̄ nos fossemos tantos como os inimigos / e eles tãtos como nos: todas nossas forças não serião nada pera os vencer / e sendo como digo toda a multidão dos inimigos vos parecerã muyto pouca pera os vẽcerdes / e eles vos julgarão pelo dobro do

queles sam pera vos temer: e crede q̄ se vindo oje cō tamanha presunção por serẽ muytos: e terẽ por tão certo de vos tomar vos ouuerẽ medo, daquí por diante lhes ficarão os sp̄ritos tão quebrados pera vos cometer / que se ho fizerẽ mais ho farão por medo del rey de Calicut, que por vōtade q̄ tenhão pera isso. Por tanto lembreus q̄ coesta confiança auéis de pelejar pera vos nōso senhor fazer tamanha merce como sera daruos vitória cō honrra sobre todos os Portugues: e fama antre os estrangeiros / e merecimẽto diãte del rey nōso senhor pera vos fazer merces cō que sustenteis vossas vidas. Ao q̄ todos responderão que no combate veria quam bẽ lhe lembrãõ suas palauras: e logo egiolhos disserão a Salue regina etoada: e despois hũa Ave Maria cō voz baixa. Enisto cbegou Lourenço moreno da nossa fortaleza: e trazia quatro dos nōsos espingar deyzos pera se achar no combate: e Duarte pacheco folgou muyto cō sua vindapor ser muyto esforçado.

Capit. lxxviii. De como el rey de Calicut combateo os nōsos no passo de Cābalão: e de como foy desbaratado.

Esta noyte por conselho dos dous Itilianos arrenegados mãdou el rey de Calicut fazer hũa estancia de cinco bombardas defronte donde estaua Duarte pacheco pera dali lhe darẽ combate quãdo ho dessem por mar / por q̄ pola estreiteza do passo lhe podião fazer muyto

dãno. E como amanheceo que foy domingo de ramos / abalou el rey por terra com corenta e sete mil homens de peleja antre Maires e mouros / e a acompanhãõ a q̄les reys e Calmais q̄ ho ajudãõ cō suas pessoas e gente. I. Betacozol rey de Lanor com quatro mil Maires / Cacatãbari rey de Sipur, e de Lucurrão junto da serra de Marsinga cō doze mil Maires / Cocagatocol rey de Lotogão antre Cananoz / e Calicut junto da serra cō dezoyto mil Maires / Curiuacuil rey de Curiuua / antre Panane, e Cranganor cō tres mil Maires, e assi Nambeadarim príncipe de Calicut, Mãbea seu irmão, e del rey de Calicut, Paranhira eracocol senhor de Cranganor / Elancel nambeadarim senhor de Repelim, Papucol senhor de Chalião antre Calicut, e Lanor / Parinhara mutacoil senhor da terra que está antre Cranganor / e Repelim, Senara nambeadarim acima de Panane pera a serra, Nambari senhor de Banalacheri / Papapucol senhor de Sepur antre Chani e Calicut / Papucol senhor de Papuranguri: ho Calimal de Abãgate / Māra / e outros muytos calmais: q̄ por serem muytos os não escreueo. Os instrumentos de guerra erãõ tantos, q̄ quando tocãõ parecia q̄ furãõ ho ceo: e a gente cobria a terra: e os que yãõ na dianteira, cbegando á estancia derãõ fogo a artelharia, que segundo estaua pto da carauela / parece q̄ foy mila grenãõ lhe acertar nhũ tiro. E dos nōsos acertãõ todos nos imigos e mataõõ muytos: e ate ho sol say

do tirou a carauela trinta tiros: e então começou de sayr do rio de Repelim a armada dos inimigos, que era de cento e sessenta navios de remo. s. setenta e seys paraos com arrombadas de sacas dalgodão/ que este ardil derão os Italianos, porque lbe a nossa artelharía não fizesse nojo: e leuaua cada hũ duas bombardas/ e vinte cinco homens, cinco espingardeiros/ e os outros frecheiros. E vinte destes paraos yão encadeados/ e çarrados pera aferrarẽ logo a carauela: yão mais cincoenta e quatro catures/ e trinta tones de coria com cada hũ sua bombardas / e dezaseys homens de peleja de diuersas armas. E a fora estes navios armados yão muytos outros com gẽte q̃ cobrião ho rio: e yão em todos dez mil homens / de que era capitão mór Nambeadarí, e soto capitão ho senhor de Repeli. E certo q̃ era cousa de grande espãto ver tamanha multidã de inimigos por agoa, e por terra, q̃ tudo cobriã e todos meynos nũs/ e hũs baços, e outros negros. E o sol daua nas lâças e agomias q̃ trazião muyto luzentes: e resprandecião muyto mais com ho sol reuerberar nelas/ e assi os escudos q̃ erã de muytas cores, e tã finas q̃ parecião espadas açacaladas. E pera mais espantar os nossos aleuantauão grãdes gritas, e apos eles tocauão seus instrumentos de guerra: e isto tã ameu-de que nunca cessauão cõ hũa cousa ou com outra. E os nossos estauão no meyo de tamanha multidão, q̃ quasi se não õpergauão metidos na carauela/ e nos bateis/ com q̃ toma

não quasi todo ho passo/ cõ cabos dados a hũs aos outros: e as amarras ferradas de cadeas por lbas nã coztarẽ, e todos muyto esforçados dãdo fogo aos tiros, com q̃ recebem aos inimigos. E neste tempo os del rey de Cochĩ fugirão todos, e ficarão somente Candagorã e Frãgorã por estarem na carauela e não os deixarem fugir/ pera q̃ vissem o q̃ fazião os nossos no combate/ que andaua ja muyto trauado. E erã tantas as bõbardas e espingardas q̃ nem auia quẽ ouuisse, nẽ visse cõ ho fumo da artelharía/ e a carauela/ e os bateis ardião em fogo. E na primeyra çurriada arrombarã algũs paraos dos inimigos, e lbe matarão e ferirão muyta gẽte, sem os nossos receberẽ nhũ dãno, estando dos inimigos a tiro de lança: e como erã muytos e sem ordẽ / hũs toruauão os outros q̃ não pelejasse. E com tudo a çarraçada dos vinte paraos q̃ estaua diante, apertaui muyto os nossos com a espingardaria q̃ trazião. E os nossos sofrirão muyto grãde trabalho mais de cansados, que de feridos. E auẽde hũ pedaço q̃ duraua esta afrõta, mandoulhe Duarte pacheco tirar cõ hũ camelo q̃ ate etão não tiraua pera outras partes: e de duas vezes q̃ tirou desmãchou a çarraçada e arromboulhe quatro paraos/ q̃ logo ficarão alagados: e coisto foy desbaratado e fugio. E logo outros paraos cõtinarão ho cõbate: de q̃ os nossos meterão oyto no fundo/ e arrõbarão treze/ e os outros se afastarão cõ muytos mais mortos e feridos q̃ os primeyros. E apos

estes entrou bo senhor de Repellim
cõ outro escoadrão, z apertou muy
torijo os nossos: z assi el rey de Ca-
licut de terra. E este combate foy
muyto mais riço q̃ nbũ dos outros
em q̃ forão mortos z feridos muy-
tos mais imigos q̃ dantes: q̃ era ja
a agoa de cor de sangue. E por mais
q̃ bo senhor de Repellim bradava q̃
aferrassem a caravela nõca oufaraõ
antes fugirão, z assi fugirão os da
terra. E seria ja despois d̃ vespera/
q̃ ate então durou ho combate, em
q̃ dos imigos assi na terra como no
mar forão mortos trezẽtos z cincoẽ
ta homẽs conbecidos a fora os ou-
tros q̃ passauão d̃ mil: z dos nossos
não morreo nbũ somẽte algũs feri-
dos de frechadas, z algũs escala-
urados dos pelouros dos imigos:
q̃ com quanto lhe acertauão z yã
muyto furiosos, z erã de ferro coa-
do não fazião mais q̃ escalauros
como qualquer pedra darremisso,
porem as suas arrõbadas forão to-
das passadas z q̃bradas: z hũ dos
batais foy arrõbado: mas não de
maneyra que não fosse concertado
antes da noyte.

Capit. lxxix. Do q̃ fez ho capitão
mor Duarte pacheco despois des-
te combate.

DAndagorã z Frangorã q̃
estauã cõ Duarte pache-
co quando virão os imi-
gos desbaratados sem
nbũa perda dos nossos ficarã muy-
to espantados: z pedirãlhe perdão
da desconfiãça q̃ tenerão de poder
resistir aos imigos / z cõfessarãlhe
q̃ ouerão tamanho medo q̃ cuyda

rãode morrer / z q̃ ja estauão bẽ se-
guros de el rey de Calicut não po-
der êtrar por aq̃le passo: ele lhes ro-
gou q̃ assi ho dissessem a el rey d̃ Co-
chĩ z a sua gẽte: z q̃ lhes fizessẽ per-
der ho medo q̃ tinbão / z despedios
logo pera Cochĩ, õde eles acbarão
noua q̃ Duarte pacheco fora desba-
ratado, q̃ assi ho forão lá dizer os
Maires q̃ fugirão em se começando
ho combate. E sabẽdo el rey como
passara os castigou d̃ palaura muy-
rijamente: z mandou visitar Duar-
te pacheco pelo príncipe de Cochĩ,
z por não deixar acidade em tal tẽ-
po ho não fez por sua pessoa: z assi
lho mãdon dizer com outras muy-
tas palauras da mor. E coesta vito-
ria q̃ nosso senhor deu aos nossos
crerão el de Cochĩ z seus vassalos
tanto neles q̃ perderão ho medo del
rey de Calicut, z não ouue quem fa-
lasse em se ir de Cochim. Duarte pa-
checo naquela noyte seguinte man-
dou aos seus q̃ erão da vigia que a
cada quarto fizessẽ folias z muy-
tas festas de tangeres: porq̃ os imi-
gos soubessẽm q̃ ficarão muyto des-
cansados: z q̃ os não tinbão em cõ-
ta: z sabendo ele que no dia seguinte
lhe não auião de dar combate / des-
pois de comer foy cõ corenta Por-
tugueses sobre hum lugar do Cal-
mal de Cãbalão em q̃ matou muy-
ta gente / z ho queymou sem lhe ma-
tarẽ nem ferirem nbũ dos seus. E
ao outro dia foy pola outra carave-
la que estaua concertada / z êtregue
a capitania dela a Diogo pirezaca-
bou de çarrar ho passo / z deu a ca-
pitania do batel em q̃ andava Dio-
go pirez a Christouã jusarte. Este

lbe el rey de Calicut dar outro combate fez sempre muyto dâno em Cãbalão, e a vespera do cõbate correo horio dambas as bandas e fez grã de destruyção.

Capit. lxx. Do segũdo combate que el rey de Calicut deu ao capitão moor Duarte pacheco.

El rey de Calicut ficou muyto magoado de nã poder desbaratar os Portugueses daquele primeyro combate/ cujo efforço deu em rosto aos seus capitães e lacarins deshonrrandoos grandemente. E auido perdão dos seus pagodes que os Bramenes lbe fizerão crer que estauão menencoritos dele/ lbe differão ho dia em q̃ auia de desbaratar os Portugueses que acertou de ser em dia de Pascoa/ pera o q̃ fez hũa armada mayor q̃ a passada de cem paraos e outros tantos captures e oytenta tones/ em que se embarcarão quinze mil homẽs: de que os cinco mil erã frecheiros, e duzentos espingardeyros/ e trezẽtos e oytẽta tiros d'artelbaria/ os mais deles de metal q̃ lbe fazião os dous milaneses q̃ por isso os tinha em grande estima, e lbe fazia muytas merces. E vido ho dia de Pascoa cuydou el rey de Calicut de tomar por manha Duarte pacheco, e mãdou sessẽta paraos sobre a sua nao pera que indo lbe acodir deixasse ho passo deseparado/ e ele podesse entrar em Cochim. E estes paraos forão sem os ver Duarte pacheco por hũ esteiro de maré que

se metia no rio de Cochim/ por õde tambe el rey de Calicut podera ir sem passar pelo passo de Cambalã: e deixaua ho de fazer porque auia por injuria deixar de ir por aquele passo por amor de Duarte pacheco que lho defendia. E estãdo ele esperando polo cõbate espantado de como tardaua tãto/ sãdo noue horas do dia lbe foy dito da parte del rey de Cochim q̃ acodisse a sua nao por q̃ lha tomauão os paraos que estauã sobrela. E entendẽdo ele logo ho ardil del rey de Calicut teue cõselho, e que foy acordado que fosse socorrer a nao com a carauela de Diogo pirez e ho batel de Christouão Iusarte/ por que tinha terreno e vazãte de maré q̃ ho auião dajudar a ir mais asinha: e que se ho cõbate da nao fosse ardil pera os inimigos entrarẽ ho passo que nã podia a sua armada ser tamanha pois estaua repartida/ que lbe nã defendessem a entrada a carauela e ho batel que ficauã no passo ate que ele tornasse: que seria muy cedo com a maré e viração que comẽçariã a esse tempo. E coeste cõselho se partio: e indo a vista da nao deu a carauela em hũ baixo com que Duarte pacheco fez algũa detenção em a tirar dele: e como os inimigos a virão fugirão logo cõ medo. E nisto vêtou a viração cõ que se Duarte pacheco tornou ao passo õde ja a frota del rey de Calicut estaua as bõbardadas cõ a carauela e cõ ho batel por mar e por terra e tãbãnos e grande apto. E cõ a vinda de Duarte pacheco que lbe deu nas costas e os outros por diante forãõ tãto maltratados que fugirã,

hūs pelo rio acima z outros varã-
do é rerra. E nesta peleja perderão
os inimigos dezanou e paraós quei-
mados z alagados z forão mortos
perto de duzētos deles z dos Por-
tugueses nhūs: o que parecia mila-
gre/ porq̃ a hū calafate Bizcainho
q̃ auia nome Inbigo de Portugale
te deu em hū ombro hū pelouro de
pedra do tamanho de hūa grandela
ranja/ z derribãdo ho passou ainda
lonje sem lhe fazer mais que hūa pi-
fadura no bontro z no rosto z este-
ue hū pouco atordoado: z a outro
deu outropelouro sē lhe fazer mal,
z despois foy dar na padessada da
carauela q̃ era d̃ boa grossura z pas-
souha. E outro despois de dar em
dous bomēs/ a que nã fez nada pas-
sou a amurada da carauela z assi ou-
tros. O q̃ os Portugueses tinhão
por milagre z louuauão nosso seño-
r quelhes daua efforço pera resistirē
aos inimigos de q̃ nã fazião conta: z
por isso logo ao outro dia foy Quar-
te pacheco q̃imar hū lugar do Cai-
mal de Cābalão, z no caminho des-
baratou quatorze paraós carrega-
dos de gēte. E tornado ao passo foy
certificado por dous Bramenes q̃
no dia seguitelhe auia el rey de Ca-
licut de dar outro combate/ polo q̃
lhe deu hū fardo darroz, que pera
ho tempo era grande dadiuapor a
grande valia que tinba.

O Capit. lxxi. De como el rey d̃ Ca-
licut foy desbaratado no tercey-
ro combate.



Como quer que el rey d̃
Calicut tinba por muy-
erto levar nas mãos
os Portugueses no pri-

meyro combate: z vio q̃ nã pode no
primeyro nē no segundo arrepēdo
selogo de fazer esta guerra z quise-
ra deixala se podera/ mas os mou-
ros ho estoruarão: z també seus vas-
salos se ēfadauão coela cō ho medo
q̃ auião aos Portugueses/ em tãto
que nã se querião embarcar pera
este terceyro cōbate, z embarcarãe
cō pregações dos Bramenes q̃ el
rey mandou que lhes pregassem. E
a armada cō q̃ deu este terceyro com-
bate foy mayor q̃a do segūdo, z de
mais artelbaria, z auia corenta mil
homēs por mar z por terra/ z ē ter-
ra hūa estancia dōze tiros d'artelba-
ria: z por conselho dos dous mila-
neles forão os nauios da armada
repartidos por escoadrões pera q̃
em cansando hūs entrassē outros.
E em amanhecendo começarão os
de terra de dar ho combate estando
coeles el rey de Calicut que ho ati-
çaua cō muyta pressa. Quarte pa-
checo porque os do mar se chegassē
bēas carauelas/ z lhes fizesse ma-
yor dāno mandou a todos q̃ nã se
mostrassem ate os inimigos nã serē
bē chegados. E eles cuydādo q̃ era
cō medo derão hūa grāde grita dā-
doos por tomados porq̃ assi ho dis-
serão os Bramenes da parte dos
pagodes, z os inimigos ho tinhão
por tãto certo q̃ indo em boa ordem
se desordenarão cō enueja de quem
chegaria primeyro pera aferrar. E
chegando a tiro de lança despararão
os Portugueses toda sua artelba-
ria dādo pelos da terra z pelos do
mar/ matando muytos inimigos, z
metendolhe oyto paraós no fundo,
de que ficarão tãto saltados que se

teuerão sem passar auãte. E como por comprirẽ com elrey de Calicut que os via jugauão cõ sua artelbaria. E vendo el rey quão pouco fazião / mandou afastar ho senhor de Repelim que estava na dianteira e meter Nambeadarim com lhe mãdar que aferrasse logo as carauelas mas tão pouco fez hũ como ho outro, posto que os de sua capitania trabalbarão bẽ por aferrarẽ: porẽ os Portugueses faziã maravilhas em se defender. Era a peleja muy aspera dambas as partes / assi darremessos, frechadas e espingardadas que cobrião ho ceo / e muytas frechas cairã nas carauelas trancadas hũas nas outras: por onde se pode ver quantas erã que se encõtrauão no ar: e coïsto e cõ ho fumo da artelbaria não auia quem se visse nem ouuisse, e ver antre toda esta matizada e multidão dos inimigos quatro cousinhas tão pequenas como as carauelas e os bateis de que os Portugueses se defendião tambem que os não podião os inimigos aferrar era pera louvar a nosso senhor por tão milagrosamente mostrar seu poder / de ho dar aos Portugueses pera alẽ de se defenderem offenderẽ aos inimigos com tãtas mortes / feridas / aleiões e destruição de nauios / que de ho não podem soffrer se afastarã do combate sem darẽ polos brados de Nambeadarim nẽ por seus ameaços: e brasfemauão dos Bramenes que lhes mentião. Sem começãdo de se afastar acendeose fogo no batel de Chistouão Jusarte, pelo que tornarão

ao combate cõ grandes gritas cny dando de tomar ho batel / que não tomarão por lheser defendido muy rijamente / pelo que se afastarã de todo e fugirã / e ho mesmo fez elrey de Calicut com quãtos estavam coe leuando a artelbaria da estancia. Isto seria hũa hora depois do meo dia, e ho cõbate foy muyto mayor q̃nhũ dos passados: e depois soube Duarte pacheco que forão dos inimigos mortos seys centos / e q̃ lhes meterão no fundo vinte dous paraõs. E vẽdo ele que fugião foy apos eles nos bateis tirandolhes muytas bombardadas, e depois saltou em terra e queimou dous lugares / e coïsto estavam os inimigos muyto espantados, e dizião que ho Deos dos Portugueses peleia ua por eles. E logo na noyte seguinte rendido ho quarto da prima foy Duarte pacheco com corêta e cinco Portugueses nos bateis queimar hũa grande pouoação por as espias lhe darẽ auãto que ho podia fazer o que fez ate ho quarto da lua. E tornado ao passo / mandou dizer a elrey de Cochim o q̃ fizera aq̃la noyte / por onde podia julgar quão cansado ficaua com os seus do cõbate: por isso que descansasse e não lhelêbrasse a guerra, e por isso mandou elrey fazer grandes festas. E os mouros de Calicut q̃ ho sabião tinhão por isso grande magoa / e vendo que nã se podião vingarse dos Portugueses que estavam com Duarte pacheco / quizerão vingar se dos q̃ estavam nas sey torias de Coulaõ e de Cananoz escreuẽdo a estes do-

us reys que tal dia tomara el rey de Calicut as carauelas e matara os Portugueles, e estava pera entrar em Cochim que matassem os que estauão nas suas cidades como ho tinbão prometido a el rey de Calicut, o que eles quiserão fazer se os não tornarão os Bramenes / dizem do que não matassem tão leuemente homens que tomarão em sua goarda ate que el rey de Calicut lhes não escreuesse / e assi ho fizeram: e logo se soube a verdade, pelo que tambem cessarão de fazer o que os mouros querião.

Capit. lxxii. De como el rey de Calicut quisera deixar a guerra.

Algũs daquelles senhores que ajudauão el rey de Calicut vendo quão mal lhe soce dia a guerra, e quão bem a Duarte pacheco temerão q̃ ho desbaratasse de todo / e porque se assi fosse ficauão perdidos por terem suas terras ao longo dos rios que lhas tomaria: e por isso determinarão dese ir do arrayal e poerse em parte que se a el rey de Calicut lhes não fosse melhor reconciliarão cõ el rey de Cochim pera q̃ Duarte pacheco esteuesse bem coeles / e se não tornar seião pera el rey de Calicut. Estes forão ho Abangate munta Calimal vassalo del rey de Cochim / e hum seu irmão, e hum primo, que logo ao outro dia despois desse derradeyro combate se parti-

rão secretamete e forã se pera a ilha de Calicut. E quando el rey de Calicut ho soube sintioho muyto / e renououelhe a magoa de se ver desbaratado tantas vezes / e lembrandohe quanto dãno tinha recebido despois de ter começada a q̃la guerra não tinha nbũa paciencia. E querendo ho algũs daqueles reys e senhores cõselhar, lhes dizião que não se agastasse por logo não vècer / por que os Portugueles não se defendião se não como desesperados / e por em como erão poucos não lhes auia daproueitar / e que os auião de tomar por derradeyro, e q̃ lhes parecia que se não erão ja tomados que era por a sua gẽte os não ter em conta. E ficando el rey muyto agastado destas palauras / lhes respondeo. Ainda que cada hum de vos seja tão esforçado que vos pareça pouco serem os frangues vècidos, não sou tão fraco que mo não pareça nem me parece que vedes em mi temor pera me esforçardes coeestas palauras / porque me podeis dizer que eu mais não sinta: pelo que neste caso me não podeis dizer cousa que me satisfaca / e se sintisseys o que eu sinto conbecerieis camanho feyto sera vencer os frangues que vos fazeis tão pequeno / e não ho hey por grande em serem vencidos se não em se defenderem como se defendem / que parece que ho seu Deos peleja por eles / e que os faz inuenciueis: e quereis ver que he assi / a nossa gente he muyta, e se he esforçada e sabe pelejar viose em muytas batalhas que venceo

delbaratado grandes exercitos como sabeis / e depois que peleja com os frangues parece que perdeu o esforço, e do saber pelejar: e he o seu medo tamanho que sendo sem coto a respeito dos frangues / não ousam da ferrar coeles: no que vejo o que todo homem de bom suizo deve de ver que esta obra mais he de Deos que dos homens, pois que ha de pelejar coele e que he não ha dauer medo, e mais vendo que lho haõ algũs dos que nos ajudauão, que nos deixarão e se forão. E tambem chegasse o inuerno em que sera forçado recolherme, e na entrada do verão chegara a armada de Portugal e fara a que fez a do anno passado / e nunca sayrey de desaventuras com que me acabe de perder de todo: pelo que me parece que deuo de deixar a guerra / vede vos se vos parece assi. E logo o príncipe Ambedarim oulhando pera todos disse. Pois elrey nos pede conselho que deve de fazer no que lhe vay tanto, eu como quem mais sinto sua perda direy meu parecer: que he de fazermos paz com os frangues e sermos seus amigos, porque como diz elrey / ho seu Deos peleja por eles / e eu assi ho creio: por que doutra maneyra ja forão tomados. E tambem me ajuda a crer isto a sem rezão que fazemos em fazer guerra aos frangues pera destrouirmos elrey de Cochim / a que sem nenhuma causa temos feyto tanto dano, matandolhe ho anno passado os seus príncipes, e quasi toda sua gente: e queimandolhe Cochim sem nenhuma causa como digo pois não foy por mais que por recolher em sua terra os frangues, que

ẽgeitados delrey de Calicut ho forão buscar / não somente ẽgeitados mas mortos / e roubados, e lançados fora de Calicut tendo seguro delrey / e recebidos em sua goarda / sem terẽ feyto porque recebessem tanto mal: porque se foy por deterẽ a nao de Coçeca meçadim não tinhão culpa / porque elrey lhe mandou que a deteuessen. E se ẽtão fora de todos conselhado tão verdadeiramente como ho foy de mim, os mouros ouuerão de pagar o que fizerão: e se ho pagarão mostrarase não ter elrey culpa no que eles fizerão pois a não tinha, e isto abastara pera conservar a amizade dos frangues / e não se forão de Calicut a Cochim, onde elrey por maos conselhos trabalhou tanto polos auer como que lhe teuerão feyto grandes males, sendo eles tão bons / tão verdadeyros, tão mansos e tão esforçados e agardcidos do bem que lhe fazem / que por amor delrey de Melinde que os agasalhou alargarão duas naos carregadas de ouro: bẽ vistes quão rico presente trouuerão a elrey / que mercadorias tinhão e quanto dinheiro pera a carga: bẽ vistes como darão a naos dos alifantes a elrey, não fazẽ isto. ladrões que lhe os mouros chamão / não no sam se não homens pera folgarẽ de os ter por amigos: e mais pois elrey perde tanto em suas rendas não tendo coeles amizade e selhe a crecentão muyto tendo a, porque não a tendo como sam muyto poderosos no mar defederã que não venhã nenhuma naos a Calicut / e elrey ficara sem nenhuma rãda: pelo que se deve de fazer a paz. E como quantos ali estauã erã pei

tados pelos mouros q̄ cōselhassẽ a el rey q̄ nã desistisse da guerra, assi o fizerã estranhãdolhe muito dizer q̄ queria desistir dela, abonãdoos de poderoso/ louuãdoos de muy ciuel, poẽdolhe temor de infame se desistisse da guerra. E os mouros lhe offercerão logo suas pessoas e fazẽdas pera a guerra: e tãto fizerão hũs e outros q̄ el rey escolheo a guerra: e logo ali se assentou/ q̄ pois el rey nã podia passar polo passo de Cãbalã, q̄ passasse por outro q̄ auia nome palinbar lonje daq̄le, q̄ por ser muyto forte e q̄si impossiuvel a passagẽ por ele nã se goardaua: e despois d̄l rey passar por ele passaria a Cochĩ polo passo do vao como fizera ho ãno passado. E isto assentado, logo ao outro dia foy leuãtado ho arrayal, e el rey passou pelo passo q̄ digo/ e assentou seu arrayal e terra de Repeli e de Porquã sã ho saber Duarte pacheco/ q̄ nã tenerã suas espias tẽpo pera lho dizerẽ se nã q̄ndo el rey d̄ Calicut começaua de passar.

Capit. lxxiij. De como el rey de Calicut deu ho quarto cõbate a Duarte pacheco.



Como Duarte pacheco sabia q̄ nã podia resistuar a el rey a passagem por Palinbar por nã poder leuar las carauelas nem os bateis por amor dos baixos q̄ auia: porẽ sospeitãdo q̄ a passajẽ del rey por ali era pera eẽtrar pelo passo do vao: determinou de lho defender, e por q̄ nã podia leuar lã as carauelas tambẽ por amor d̄ baixos leuou

as a outro chamado Palurte que esta dous terços de legoa do passo do vao, q̄ he de largo hũ tiro de bẽta e d̄ cõprido hũ pouco mais / e cõ baixamar dá a mayor altura da goa pela cinta/ e ho outro he quasi descuberto e cõ preamar nã se pode passar por ser a agoa muy alta: e por este passo do vao ier tãto perto do de Palurte fazia Duarte pacheco cõta que ho goardaria na vazante da marẽ cõ os bateis, e ho de Palurte ficaria goardado cõ as carauelas. E chegado a este passo, saltou na ilha Darraulẽ q̄ soube que andauão quinhẽtos Naires de Calicut e cõ sua gente matou muytos e captinou cincoẽta q̄ deixou denforçar por lhos el rey de Cochĩ mandar pedir. E sabẽdo q̄ ao outro dia que era ho primeyro de Mayo auia el rey de Calicut de cometer de entrar polo vao/ deixou Pero rafael nas carauelas cõ hũ sinal q̄ lhe faria se se visse em afrõta: e ele foy se antemãbaã cõ os bateis ao vao: e em chegado mandou dar aos seus grãdes gritas pera q̄ os imigos soubessem q̄ era chegado e q̄ os nã temia. E vẽdo q̄ ho nã cometião/ tornou se a Palurte cõ a enchẽte da goa e cõ a vazante se tornou ao vao/ e assi se reuezaua de dia e de noyte nas vazãtes e eẽchẽtes cõ muytas calmas e chuvas e cõ outros muytos trabalhos q̄ passou cõ os seus em hũ mes e vinte tres dias despois q̄ se mudou do passo de Cãbalã. E em quanto lhe el rey de Calicut nã deu combate fez grande destruyçãõ na terra: e nisto foy auisado que el rey de Calicut ho auia de cõ-

bater no passo de Palurte e q̄ ho senhor de Repeli tinha a dianteira cō quinze mil homens. E assi fez ele mostra da armada hũa tarde vespera do dia em que se auia de dar ho cōbate / e tirou toda a artelharía / e dauão os inimigos suas coquiadas / e Duarte pacheco mādou fazer ho mesmo aos Portugueses : e mandou arrafar a pōta da ilha Darraul porq̄ os inimigos não assentassem entre ho aruozedo algũ tiro secreto com q̄ lhe fizessem dāno, e mandou dar cabos dũa carauela a outra pera fazer dous bordos se lhe comprisse: e toda a noyte fez cō os seus grandes alegrias. E antemã chegarão do vao Simão dandrade e Christouão iusarte, porq̄ ficaua seguro cō a maré que enchia. E depois de todos comerem, lhes disse. Bem sabeis companheiros q̄ el rey de Calicut vem oje sobre nos determinado de nos entrar, ou por este passo / ou polo do vao: eu pela experiência que de vos tenho não lhe hey medo. E sobre tudo com a confiãça na misericórdia de nosso senhor que por sua piedade nos não ha de negar sua ajuda / onde importa tanto pera sua gloria, por cuja honrra pelejamos principalmente: e depois pola del Rey nosso seño. E deueis d̄ crer q̄ assi como nos ajudou semp nos ajudará agora e tēde por final disso ser oje baixa mar ao meo dia atecujo termo não podē os inimigos cometer ho vao, e por a força d̄ sua peleja ser ate estas horas se ate elas lhe defendemos este passo como espero: eu vos dou por seguro o vao. E pera nos defendermos não vos

ponhão temor seus feros / pois sabeis bē onde chegão: e lembreus q̄ o que ategora tendes feyto pola misericórdia d̄ nosso senhor (ele seja louuado) he hũa cousa tamanha / q̄ pa muyto mais: e muyto mais gente do q̄ somos se pode cōtar por milagroza. E pois ho nosso bō Deos todo poderoso, vos quis cō sua ajuda deixar fazer cousas tão milagrozas: encomendouos muyto como a verdadeyros Chriſtãos q̄ não querais perder esta gloria por algũa pouca da frota q̄ podereis oje mais receber q̄ os outros dias: porq̄ sera pera acrescentamento da honrra e fama q̄ ganhastes ategora. Ao que todos respōderão, q̄ assi ho farião: e que todos estauão pera ho ajudar ate morte. E sendo ho dia claro appareceo a pōta da ilha cuberta de inimigos, pera darẽ dali combate com algũas bombardas q̄ tinbão assentadas em estancias de terra, q̄ os emparasse da nossa artelharía. E dali começarão logo de cōbater muyto riço: e nisto appareceo a frota, q̄ era de. ccl. nanios. E por vir ainda lōje e os inimigos aptarẽ de terra / se meteo Duarte pacheco nos bateis / e a força de remo remeteo a ela: e sem temer os muytos tiros q̄ lhe tirauão saltou nela cō os nossos: de que os inimigos pola misericórdia de nosso seño ouuerão tamanho medo q̄ se recolherão detras das suas estancias / o de os nossos esteuerão pelejando coeles, ate q̄ a frota chegou perto q̄ se tornarão a recolher. E vëdo Duarte pacheco doze paraos q̄ vinbão delmādados diãte, foy pa os cometer: e por se eles d̄terẽ / e não ou

farê de passar auãte, os não pode aferrar: e por ja chegar toda a frota recolheose ás carauelas: deixãdo arrombados dous paraos. E recolhi dos mãdou abaixar todos os seus, porque os não matassem os tiros dos inimigos q̄ erã muyto bastos: e chegarão se logo cozena paraos encadeados muyto perto das carauelas que as querião aferrar. E nisto mandou Duarte pacheco dar ás trôbetas, e os nossos se levantarão cõ hũa grande grita desparando toda sua artelharía q̄ desencadeou logo algũs dos paraos. E por isso ho senhor de Repelim mandou ajutar coeles outros: e os tiros erã tantos dambas as partes q̄ nbũa das frotas se enxergaua cõ fumo ainda q̄ dos inimigos morrião boa soma como erã muytos: ho senhor de Repelim os fez passar auante / que q̄si chegauão as carauelas. E dãdo as por aferradas, cessarão de tirar cõ a artelharía / e então se acêdeo a pejeia mais braua q̄ dãtes: e as frechas / e setas / e lanças / e paos tostados erã em tanta auondança / q̄ faziã sombra nos nauios: e erã os gritos e brados tantos, q̄ parecia fundirse ho mundo. E durou a pejeia hũbõ pedaço sem se inclinar a victoria a nbũa parte: em q̄ os nossos soffrerão trabalho immenso. Porq̄ como os inimigos erã sem cõto / como hũs cansauão entrãuão outros de refresco. E q̄ os nossos nã podiã fazer, e de cada vez lhes era necessario terem nouas forças: no q̄ se pode crer sem duuida / q̄ nosso senhor supria ali com sua misericordia: e assim hodizia Duarte pacheco aos seus

trazendo lhe a memoria o q̄ tnhão feyto, e o que lhe prometerão de fazer naq̄la batalha. E assi ho fazião eles: e arrombarão / e meterão no fundo tantos paraos, e matarão tantos dos inimigos, que ja cõ medo nã querião pelejar, nem por mais promessas q̄ lhe ho senhor de Repelim fazia: a quẽ el rey de Calicut, que estaua de terra combatendo os nossos, mãdaua dizer muyto a miude que apertasse com as carauelas / e as aferrasse. Mas nem por isso a gente ho queria fazer / tamanbo era ho medo que auia dos nossos. E q̄ vendo ho senhor de Repelim quis entrar ho passo pera cõtetar el rey: ao que eles resistirão muyto riço / posto que com afrõta grandissima: porque os inimigos apertãuão muyto por entrar: e como os paraos yã muyto fechados, fez a nossa artelharía muyto grande destroço neles / e nos inimigos. E as carauelas tambem receberão muyto dãno, que todas foirão passadas / e as arrombadas espedaçadas, e feridos muytos dos nossos. Mas quis nosso senhor, que ho fizerão tão esforçadamente / q̄ estes do mar se afastarão / e os que estãuão em terra deixarão logo a ponta com muyto dãno que receberão. E vendo el rey de Calicut que ho combate dos paraos cessaua / mandou dizer ao senhor de Repelim que mal compria coeleo q̄ lhe prometera de aferrar as carauelas / ou entrar ho passo: e que ho via muyto afastado delas / e que seu irmão seria ja perto do vao: e ele estaua lonje de ir laa. E coesterecãdo tornou ho senhor de Repelim

tim a apertar com as carauelas:
 e começou de chamar os seus:
 de que ho seguirão algũs que os ou-
 tros auião medo: e com aqueles fez
 tanto como dantes. Estando Du-
 arte pacheco nesta fadiga, chegou
 Candagozá, e disselhe da parte del
 rey de Cochim, que Nambeadarim
 y a ao vao com grossa gente: e que
 não tardasse: porque el rey de Cali-
 cut lhe auia dir nas costas. E vêdo
 do ele q̄ ainda era muyta agoa por
 vazar, mandoulhe dizer / que se nã
 agastasse: que bem sabia ho tempo
 a que auia dacodir. Partido este
 messegeiro chegou logo outro com
 ho mesmo recado a Duarte pache-
 co que respondeo que os deixasse:
 porque nã era aquele ho dia del rey
 de Calicut, nem era tempo de per-
 der ponto, que se a venturaria nisso
 muyto: e que não era ainda desem-
 barçado dos paraõs. E posto que
 Nambeadarim chegasse ao vao, nã
 ho auia de poder passar / por auer
 muyta agoa por vazar: que elesabia
 quando auia dir. E como ja se che-
 gava a vazãte da maré, foyse el rey
 de Calicut com a gẽte q̄ tinha pera
 ajudar a seu irmão a entrar ho vao:
 e com sua ida os inimigos se afasta-
 rão de todo, e seforão. E deixando
 Duarte pacheco este passo seguro,
 partio se pera ho vao: onde auia de
 fazer pouca detença, por all durar
 pouco a vazante da maré. E chegã-
 do lá foy baixa mar de todo, e a gẽ-
 te de Nambeadarim começaua de
 chegar e leuaua algũs berços e car-
 retados: Duarte pacheco pos a
 proa neles / e entrou pelo vao ate
 dar em seco tirando cõ a artelharía

e espingardaria, e almazẽ de setas,
 e arremessos com que fez neles tan-
 to dãno, q̄ se detenerão sem passar
 mais auãte. E como eles erã muy-
 tos, os nossos não podião errar ti-
 ro: e os inimigos não acertauão nhũ:
 porq̄ todos dauão nas padessadas
 dos bateis. E nisso chegou a força
 da gente de Nambeadarim, q̄ erã do-
 ze mil homens, e hũs cometerão de
 trar ho vao, outros carregauão so-
 bre os bateis que não nadauão. E
 foy hũa braua peleja sobre chegarẽ
 a eles: e os tiros e arremessos erã
 muytos dambas as partes: q̄ certo
 não se pode contar quãto medonha
 cousa era ver os bateis q̄ se não po-
 dião bolir, e os nossos dentro cer-
 cados de tantos inimigos, q̄ não tra-
 balhauão por outra cousa se nã por
 chegar a eles. E como Deos mila-
 grosamente os tinha, q̄ ho não po-
 dião fazer, antes muytos se retira-
 uão, e outros se tinhão quedos,
 caindo muytos mortos, e feridos,
 que era a agoa de cor de sangue. E
 isto duraria hũa grande hora: e no
 cabo dela começarão os bateis de
 nadar. Os nossos que ho entende-
 rão apertarã tão riço cõ os inimigos
 q̄ lhes fizerão deixar ho vao, e aco-
 lherã se a terra muyto cõtra võtade
 de Nambeadarim, a q̄ nestetẽpo che-
 gou gẽte de refresco, q̄ lhe el rey ma-
 daua. E coela tornou a entrar no
 vao, e tão aluorçado que não atẽ-
 tou pola maré que crecia. E Duarte
 pacheco polo e ganar mostrãdo q̄
 lhe auia medo se retirou bêpera de-
 tro do vao, se tirar sua artelharía: e
 cõ a gẽte abaxada. Os inimigos dã-
 do grãdes grãtas entrarã apos ele

com a goa pela cinta: e vendo os ele-
bem metidos virou sobre eles as bõ-
bardadas, e ferindo e matando al-
gũs os fez fugir. E mór dâno lhes
fizera, se os deixara entrar mais de-
tro. E não os deixou porq̃a gête de
Cochi começaua ja de sayr ao vao.
E não quis q̃ cuydassem que ho aju-
dauão/nem menos quis que ho aju-
dassem no começo: porq̃ trabalhaua
ua por lhes mostrar que os seus
abastauão pera desbaratar os iní-
gos se sua ajuda. E recolhidos os
inimigos a terra, que seria a horas
de vespera / fez lhe tanto dâno que
se meterão bê pelo sertão: e assi nes-
ta peleja como na de Balurte lhe
não matarão nhũ dos seus: e dos
inimigos não se pode saber ho nume-
ro dos mortos, se não q̃ forão muy-
tos e perderão muytos paraõs. E
el rey de Calicut ficou tão agastado,
e triste por ho senhor de Repeli não
aferrar as carauelas, nê seu irmão
entrar ho vao, que lhes disse a am-
bos palauras muyto injuriosas.

Capit. lxxiiiij. De como algũs q̃
erão da parte del rey de Calicut
se passarão pera el rey de Cochi.



Esbaratados os iní-
gos / e chea a maré
no vao tornou-se Du-
arte pacheco aas ca-
rauelas / que achou
em paz. E el rey de

Cochim lhe mandou preguntar
como lhe ya / e aos seus: e ele lhe
respondeo que bem, e que assi lhe
iria sempre / se soubesse que se auia
por seruido do que tinha feyto. E

cida esta batalha, ho Abagate, e seu
irmão que estauão na ilha de Gaipi
perderão de todo a esperãça que el
rey de Calicut ouuesse victoria. E tẽ-
do mandado parte de sua gente a el
rey de Cochim se forão parele com
a outra / com que Duarte pacheco
não folgou nada / porque se não fia-
ua deles pola deslealdade q̃ tinhão
cometida a el rey de Cochim ho an-
no passado: e por lhe não quererem
acudir com sua gente no começo da
quela guerra sendo seus vassallos:
porẽ dissimulou isto. Ao outro dia
que el rey ho foy ver leuando os cõ-
sigo e todos ho abraçarão despois,
e oulhauão como espantados do
que tinha feyto contra el rey de Ca-
licut. Entendendoos ele dissilhes
que se não espantassem / porque ain-
da tornaria a fazer o que tinha fey-
to / e que não ouuessem por muyto
desbaratar a el rey de Calicut / por
que a outros mōres reys desbara-
taria com aquela gente. E os senho-
res responderão que senão espanta-
uão de desbaratar a el rey de Cali-
cut / se não de como ousara de ho co-
meter: ao q̃ ele disse que assi fizera el
rey grande doudice nisso. E passa-
das antreles outras muytas pala-
uras de muyta honrra de Duarte
pacheco / offrecerãselhe ho Abaga-
te e outros senhores por seruidores
del Rey de Portugal: e despois se
tornarão pera Cochi / a q̃ logo foy
noua q̃ no arrayal del rey de Cali-
cut sobreuera hũa supita doẽça:
que como hum homem adoecia
morria logo, e aquele que mais
duraua não passaua de dous ou
tres dias, e erão muyto poucos

os q̄ durauão tanto, z a doença era como peste: se não quenã nacião leuações: z morrião cada dia duzentos homens: z por isso se foy a mór parte da gēte do arrayal, porque a doença durou muytos dias/ z foy coufa de milagre que não morrião se não no arrayal del rey de Calicut q̄ com esses reys z senhores que ho ajudauão se afastou hū pouco do corpo da gente por q̄ se lhe nã pegal se este mal. E assi esteue ê quãto durou, que sem duuida parece que foy praga mādada por uosso senhor pera que os nossos teuessem tregoa: z descançassem/ porque cessarão os inimigos da guerra em quãto durou esta doença: z os de Cochim estauão coela muyto ledos. E neste tēpo forão ter a Cochim muytas naos dos mouros que hí morauão: que por seu mandado yão de Charamadé inuernar a outras partes: porque não ouuesse em Cochim mātimentos: z se desponoasse. E parece que nosso senhor não quis que isto ouuesse effeyto z deu tempo nas naos com quelhes foy forçado arribar a Cochim, z ali inuernarão ê quelhes pesou/ z venderão os mātimentos que trazião com que a terra foy muyto abastada.

Capit. lxxv. Como el rey de Calicut em pessoa combateo ho passo do vao.



Das estas prosperidades del rey de Cochim forão logo sabidas por el rey de Calicut q̄ lhe a crecētārão mais a magoa q̄ tinha d̄ ver quãto mofo era.

E desconfiando de seus capitães fazerem coufa boa, quis meter coelesua pessoa pa êtrar ho vao: z esquecido de q̄ntas injurias disserra aos Biamenes/ preguntoulhes q̄l seria bõ dia pera este cometimēto. E eles lhe disserão q̄ os pagodes estauão muyto menencorios dele por as injurias q̄ lhes disserra: z q̄ em pēdēça lhe mādauão q̄ fizesse hū turcol no lugar da peleja: z q̄ aueria vitoria, z q̄ desse a batalha a hūa quita feyza seys ou sete de Mayo. Do q̄ logo Duarte pacheco foy auisado por suas espias/ z mandou fazer padestadas nouas: z arrombadas, z muyta soma de dados de ferro pera meter ê rocas de fogo com q̄ tirassem aos inimigos z assi muytos paos toitados agudos pera arremessos/ z muytas estacas dareca de pontas agudas z sotis, pera meter no vao pera os inimigos se estrepārē nelas: por q̄ todos yão descalços/ z ja tinha metidos abrolhos de ferro: z por serē curtos acrauaualē na area. E feyto isto tornouse pa as caranelas, õde deixou repouzar sua gēte ate a mea noyte. E despois de comerē deitando em seu lugar a Pero Rafael, partiose pa ho vao nos bateis: z chegou la hūa quinta feira sete de Mayo hūa hora ante manbaã dando suas gritas, z fazēdo suas festas costumadas por efforçar os de Cochim: z por q̄ soubessem os de Calicut q̄ era chegado, z acabou trezentos faires na estacada, q̄ lhe disserão, q̄ ao dia dantes despois de ele ido: se forã dali muytos faires do Mangate: o q̄ lhe pareceo treyção z mandou ho dizer por hū faires ao

principe de Cochí, e q̄ se viesse logo pa a estacada, porq̄ ele estava ja no vao esperádo por el rey de Calicut q̄ seria coele em amanhecêdo. Mas este Naire não deu ho recado ao príncipe, se não a tēpo q̄ nã aproueitou. E em amanhecendo começou da somar ho exercito dos inimigos q̄ vinha repartido por esta maneyra: yã diante trinta tiros d'artelharía / e logo ho príncipe Mambeadarim cõ hũ escadrão de dez mil homens / os dous mil frecheiros, e trinta espingardeiros: detras dele ho senhor de Repeli cõ outra tanta gēte: e nas costas el rey de Calicut com quinze mil homens, e obra de q̄trocētos cõ machados pera cortar e a estacada. E Duarte pacheco nã tinha mais q̄ corēta homens em ābos os bateis: e cada hũ q̄tro berços / por em bẽ prouidos d' munições. Os inimigos q̄ acõpanhauão a artelharía, q̄ era hũ bõ corpo de gēte: em chegando começarã logo d' tirar aos nossos. E q̄ vêdo Duarte pacheco foysse a eles tirãdo sua artelharía com que lhes fez deixar a praya e recolherse ao palmar ficando algũs mortos. E dali estiverão hũ pedaço jugãdo as bõbardadas ate q̄ chegou todo ho corpo dos inimigos / q̄ cobrião toda a terra. Mambeadarim q̄ tinha a dianteira mandou logo cometer os nossos cõ grande furia / e eles ho fizeram ter: assí cõ a artelharía, como cõ as rocas de fogo q̄ lhe lançauão, e os dados matarão muytos: e vêdo os inimigos saltar ficauã muy espãtados, e cuydauão q̄ erã feyticos, e porq̄ a agoa vazaua muyto rijo recolheose Duarte pacheco pe-

ra ho alto por não ficar e seco / e mãdou a Christouão jurarte q̄ tomasse a boca do vao e a defendesse, porq̄ a não tomassem os inimigos / que cada vez apertauão mais pera entrar: e entrarão muytos / e sobre isto foy hũa muyto crua e espantosa peleja / e forão tantos mortos e feridos dos inimigos / q̄ se tenerão por mais que Mambeadarim lhes bradaua q̄ passassem auãte / e era a pressa tamanha dos nossos em se defender pelo grande aperto em q̄ estiverão que não ouuio: q̄ lhe differão algũs que os Naires de Cochí erã fugidos da estacada / e a deixarão só. E nisto se auuou mais a peleja, porq̄ chegou el rey de Calicut, q̄ Duarte pacheco conheceo por a bandeira / e ombreiro q̄ leuaua / e mandou tirar cõ hũ berço ao lugar õde parecia com tenção de ho matar, e não foy morto por se ele baquear do andor em q̄ ho leuauão / e ho pelouro matou dous homens jũto dele, e como ele isto vio afastou se logo dali / com que os seus se aluorçarão tanto que se meterão deroldão ao vao, e com a furia que leuauão se encravarão muytos nas estacas sem atetar por isso: e cayão hũs por cima dos outros / e embaraçaran se de maneyra que estiverão quedos / e tenerão os nossos tempo de os matar com setadas e espingardadas / mas nem por isso deixauão de cobrir a agoa e a terra tantos erã. E nisto os dos machados derão na estacada (sem os nossos atentarem com acupação que tinbão) e como a acabarã sem goarda por serẽ fugidos os de Cochim começarão

de a cortar: e entrarão logo algũs frecheiros dando grandes gritas, e tirarão aos nossos que ficarão cercados de todas as partes: de q̄ os combatião fortemente. Duarte pacheco q̄ vio a estacada entrada esteue em grãdes duuidas/ porq̄ se lhe acodisse e trauião os inimigos bo vao e dãdolhe nas costas bo tomarião as mãos/ e selhenão acodia entrarião por ela todos e iriã destruyr Cochĩ sem lho poder defender. E por derradeyro determinou daco- dir á estacada, por que nela se poderia melhor emparar dos inimigos e offendelos/ que do batel. E dizẽdo isto aos seus, remeteo a ela desparando sua artilharia em rodauia/ e tirando cõ as rocas de fogo/ e com outros arteficios, e arremessos, e entra polos inimigos que yãõ pera a estacada/ e tolheolhes q̄ não passassem auante matando algũs. E andãdo nisto quasi que ficou em seco por ser muyta agoa vazia. E logo Mãbeadarim carregou sobrele com dezaseys mil homẽs/ e dando grandes gritas chegarão tanto ao batel que lhe lançauão mão dos remos/ e a barafunda era tamanha q̄ parecia que se fundia bo mundo/ e as frechadas dos inimigos e arremessos erã tão bastos q̄ matauão a eles mesmos/ e os nossos se defendiã com grande esforço de detras de suas arrombadas/ e por isso os não podiã entrar/ por em afogauã nos por serem tantos. E desta vez esteuerão quasi perdidos selhe nosso senhor não acodira cõ sua misericordia, porq̄ tinãõ rachado hũ traueffam: e desseytas q̄si todas a ar-

rõbadas/ e gastadas as munições q̄ durou a peleja mais tempo do q̄ Duarte pacheco cuydou. E estãdo nesta afronta chega a maré q̄ se não via cõ a grãde reuolta: e pola falta q̄ tinha de munições, e se reformar da gente por ter ferida muyta lhe foy forçado chegar á boca do vao onde esperaua dachar tudo por deixar dito a Pero rafael quelho mãdasse/ e leuou trabalho grãdissimo em sayr donde estaua/ que nũca bo batel pode virar cõ os inimigos que bo tinãõ cercado/ e cercado deles sayo com a popa por diante/ e assi foy ate chegar a Christouão iusarte, q̄ tambẽ teue assaz de fadiga em defẽder a boca do vao/ e matou cõ os seus muyto grãde soma dos inimigos. E achando aqui o que ya buscar, refezse de tudo cõ Christouão iusarte: e leuoubo consigo por não ser necessario defender mais a boca do vao por amor da enchẽte dagoa q̄ ho fazia despejar dos inimigos, e bo mesmo fizerão outros q̄ estauão na estacada polos apertarem muyto cõ a artilharia, e muytos forão mortos, hũs de feridas/ outros da fogados: e os nossos os seguirão ate a banda de Porquã onde estaua el rey de Calicut muyto enuegonhado pelo que dissera a seu irmão e ao senhor de Repelim e não fazia mais q̄ eles: e apertados os inimigos dos nossos fugirão todos. E indo el rey fugindo pela borda dũ palmar defrõte das carauelas: mãdoulhe Pero rafael tirar com hũa bombardã grossã, q̄ lhe matou dũ tiro treze homẽs e hũ deles daua bo betele a el rey, e matoubo tão

perto dele q̄ ho encheo de sangue: z el rey se baqueou do ādor: cō medo/ ficando lhe na peleja morta gēte sem conto, sem dos nossos morrer nhū, durando ela de pola manhaã ate ho meo dia. E quando el Rey dō Manuel de Portugal soube despois esta victoria por amor da lealdade q̄ el rey de Cochi vsou cō os nossos na guerra passada z nesta, z do seruiço que lhe fez lhe deu seys centos cruzados de tença de juro/ q̄ se lhe pagão cō grande solēnidade: z ho padrão desta tença lhe leuou despois dom Francisco dalmeida primeyro visorey da India como direy no segundo liuro.

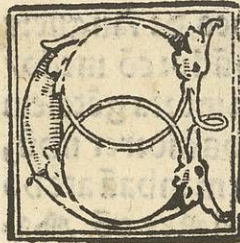
Capit. lxxvi. Do que Duarte pacheco disse ao príncipe de Cochi sobre a treyção q̄ lhe foy feyta.

Despois que el rey de Calicut fugio/ partiose Duarte pacheco pera as carauelas sem querer falar ao príncipe d' Cochim por amor da treyção q̄ lhe fizera os seus Maires em deixarê a estacada: z pareceo lhe que ele fora em consentimento disso pois não viera a tēpo: z mandando lhe ele pedir q̄ lhe falasse a borda da goa/ lhe mandou dizer q̄ não podia por leuar sua gēte cansada, z q̄ pola manhaã lhe ouuera de falar quando lhe mādou dizer q̄ el rey de Calicut ya pelejar coele no vao: z pois não fora nã tinha mais q̄ falar q̄ deixar. Lhe Cochi seguro del rey d' Calicut z coisto mandou remar riço: z tirar bōbardadas, z dar gritas. E parecēdo ao príncipe aq̄la reposta aspera:

z de quē estaua agrauado dele/ tornou lhe a mādar pedir q̄ lhe falasse/ z ele de importunado lhe foy falar: queixandose ho príncipe de sua resposta/ lhe pregūtou q̄ culpa lhe daua. E ele lho disse, z que lhe parecia q̄ aquilo fora treyção do Mangate z de seus parêtes: z por em que não creffe que lhe podia empecer: por q̄ a descōfiança q̄ tinha dele z dos seus lhe faria fazer suas cousas com mehor recado, z quē tão mal goardaua sua terra q̄ leuemēte a perderia/ z se aquilo fora trato que pouco ganhara em se ele perder / z se ho não era que nã podia disculpar os seus de fracos/ ainda q̄ ser a gente fraca, ou esforçada lhe vinha do capitão. Ao príncipe vierão as lagrimas aos olhos cō aspereza destas palavras: z disse q̄ lhe não desse culpa no q̄ dizia/ por q̄ a não tinha/ nē creffe dele o que dizia, por q̄ seu recado lhe não fora dado mais cedo/ nem soubera q̄ el rey de Calicut auia dir ao vao, z q̄ ho não julgasse por homem de tratos/ z mais pera quē tantas vezes se auenturaua a morte por amor del rey de Cochim / que se lhe mais cedo fora dado seu recado, mais cedo fora: z coisto disse outras cousas com q̄ Duarte pacheco perdeu a sospeita q̄ tinha z ficarão amigos. E Duarte pacheco se foy pera as carauelas onde el rey de Cochim ho foy ver saindo ele em terra a rebelo: z el rey ho abraçou cō muyto amor, z a todos os nossos: z assi mādou q̄ o fizessē os señores q̄ yão coele. E q̄ rêdo el rey desculpar ho príncipe da culpa que lhe deu / disse lhe q̄ não soubera que el rey de Calicut a

ula de ir ao vao se nã quando ele mã
 dara chamar bo príncipe que fora
 ja tarde: e que não vira os Brame-
 nes: por quem lhe mãdara dizer da
 vinda del rey de Calicut. Duarte
 pacheco lhe disse, que ele quísera es-
 cusar de falar naquilo, mas q̄ pois
 vinha a proposito que lhe diria o q̄
 entendia: que era não lhe serem bo
 Mangate / nem seus parentes tão
 leays como ele cuy daua, e que se ho
 eles nã forão dãtes / como ho anião
 de ser querendo sua amizade mais
 por confragimento de temor q̄ por
 amor: e que era certo q̄ eles fizerão
 que os Bramenes lhe dessem seu re-
 cadopois mandarão ir a tal tempo
 a sua gente da estacada: e por a cul-
 pa que sabião que tinhão ho não fo-
 rão ver / e pois não tinha necessida-
 de deles pera que os queria em Co-
 chím, que os deixasse ir pera el rey
 de Calicut: porque lá setemeria de-
 les menos que em Cochím. E que
 tambem os seus Naires ho deixarã
 ja duas vezes que não sabia q̄ aqui-
 lo era, que selhes mãdava bũa cou-
 sa perante ele: e outra em secreto q̄
 ho desenganasse, e que isto lhe não
 dizia por necessidade q̄ teuesse dos
 seus: mas porque não conhecessem
 os inimigos quão fracos erão. El
 rey de Cochím ficou muyto triste
 do que lhe Duarte pacheco disse: e
 disculpou selhe tanto que ele ficou
 satisfeyto: e outra vez tornou el rey
 a mandar aos seus que lhe obede-
 cessem como a ele mesmo.

Capit. lxxvii. De como el rey de
 Calicut mãdou deitar peçonha
 nos mantímêtos que os nossos
 anião de comprar.



Rey de Calicut fi-
 cou muyto espan-
 tado de ver tantos
 mortos dũ só tiro:
 e teue por grande
 maravilha escapar
 dali viuo: e por em ficou muyto cor-
 rido de não fazer mais que os ou-
 tros indo ele em pessoa, e polo enco-
 brir tornaua a culpa aos bramenes
 e feiticeyros que lhe conselharão q̄
 desse a batalha: e disselhes que erã
 muyto grandes mintirosos, que ca-
 da dia ho enganauão, e que os não
 auia mais de crer, que se ho assifize-
 ra da primeyza vez q̄ ho enganarão,
 que não recebera tanta perda como
 recebeo. E assi disse muytas inju-
 rias aos Naires: e estava tão men-
 corio que parecia doudo. Os reys
 que ali estauão lhe disserão que não
 tinha rezão de os culpar de fracos:
 porque não ouuera outros homẽs
 que lhe resistirão se não os frangues
 que erã feyticeiros e com feyticos
 podião tanto. Ao que ho senhor de
 Repelim tambem quis ajudar. E el
 rey lhe disse q̄ se eles erão pera tão
 pouco como lhe nã aferrara as ca-
 ravelas cõ tão grossa armada como
 leuaua: e que lhe matara tãta gẽte /
 e por q̄ lhes não entrara ho vao: di-
 zêdo lhe muytas vezes q̄ se calasse q̄
 não fizesse tão pouco do q̄ era tãto,
 q̄ se não podia vencer cõ tantos mi-
 lhares de homẽs / q̄ nã posesse a cul-
 pa de serẽ os seus vécidos aos fey-
 ticos se não a seu pouco esforço: do
 q̄ ele ficou grandemẽte euer gonha-
 do e dissimulou, e cõselhou lhe que
 mãdasse deitar peçonha na agoa d̄
 q̄ se presumisse q̄ os nossos podião
 beber: e assi os mantímêtos q̄ lhe v̄

deffêz q̄ mãdasse Maires a Cochim, q̄ mataffê secretamête dos nossos os mais q̄ podessem, z por esta maneyra os apouquentaria pois não podia por outra. Este conselho mandou logo el rey q̄ se posesse em obra: z ouuera dauer efeyto se não fora por Charcanda hũ Mairre que fora criado do príncipe Maramuhim q̄ ho descobrio a Duarte pacheco, q̄ mãdou logo q̄ sopena de morte se nã tomasse nbũa agoa pa os nossos se nã ê fôte q̄ cada vez se abrisse de nouo, porq̄ na terra auia tanta agoa q̄ abastaua pera isso. E pera os mâtimentos ordenou dous homês q̄ os não comprassem sem primeyro tomar a salua quem lhos vendesse. E pera os Maires que auião de matar os nossos proueo el rey de Cochim como era necessario / assi ficarão os ardis del rey de Calicut todos atalados, a que despois que ho soube foy conselho pelos mouros que mãdasse queimar Cochim secretamente / z que mandasse combater jũtamente a nao z as carauelas, z que mãdasse leuar cobras de capelo em panelas pera que as deitassem nas carauelas z mordessem aos nossos, z quando pelessem mandasse deitar pelo ar pós peçonhêtos que os cegassem: z que tornasse a combater ho passo do vao, z leuasse alifantes armados pera trastornarê os barteis / z que não podia ser que coïsto nã desbaratasse os nossos: o que ele creio que seria assi. E começando de se perceber pa isso, foy dito a el rey de Cochim, onde se leuantou grande rumor com ho medo que a gente ouue coestas nouas: z el rey foy ver

Duarte pacheco z lho disse: do que se el rey dizendo q̄ tudo aquilo erão feros del rey de Calicut que fazia sempre pera ver se lhe auião medo / z em fim auia de fazer tão pouco como ateli. Porque ele tinha ordenada hũa cousa que se el rey viesse ho auia de prender, z tomar lhe os alifantes / z matar lhe quanta gente trouesse. E que ja ho fizera / selhe lembrara mais cedo: por isso que se não agastasse / z que se tornasse a Cochim, z que lhe mandasse quantas cadeas / z amarras de naos lá ouuesse / porque lhe erão necessarias pera o que auia de fazer. Do que el rey foy muyto ledo: z logo lhas mãdou. E Duarte pacheco fingio que queria fazer hũ grande edificio / z dous dias não consentio que nbũ de Cochim fosse ao vao. E neste tẽpo mandou abrir a borda da goa grandes couas z altaz: z traueffar nelas grandes vigas. O que vendo os de Cochim / crerão o q̄ lhes dizia: z perderão ho medo que tinhão / z desejaũão que viesse el rey de Calicut: a que forão as nouas de todas estas cousas, z do que Duarte pacheco dizia. O que os seus crerão / z ouerão tamanho medo que por nbũa maneyra quiserão ir coele ao vao nem menos peiejar com as carauelas. E nã fez tão pouco quãdo os pode persuadir que fossem peiejar com a nao de Duarte pacheco: o que ele sabendo mandou recado a Diogo pereira: z que fizesse como homem, que lhenão auia dacodir: porque se temia, que mandar el rey de Calicut sobre a nao / era tratado. E Diogo pereira lherespõdeo /

que perdesse o cuydado, q̄ ele lhe da
ria boa cõta dela, e assi ho fez: posto
q̄ pelejarão coele oytêta paraõs: de
q̄ alagou dous / e arrombou tres: e
matãdolhe muyta gête os fez fugir.
E estes se forão a hũa ilha q̄ está hi
perto, q̄ se chama a terra dos cico cai
mais: e refazendose de gête forãse a
outra ilha del rey de Cochĩ / q̄ está
q̄si defronte da nossa fortaleza / e sal
tarã nela muytos dos inimigos, e po
serãlhe fogo. E os moradores q̄ erã
gente baixa e não pelejarão fugirã
logo / lançãdose ao mar pela outra
bãda da ilha: e forãse a nado pera a
nossa fortaleza. E Lourenço more
no quisera ir sobre os inimigos / mas
ho fey toz não quis / dizendo q̄ erã
muytos / e q̄ ele ao mais q̄ podia le
uar dos nossos seriã quinze: e q̄ yã
ẽ grãderisco, q̄ melhor acodiria Du
arte pacheco. E mandoulho dizer:
e q̄rêdo ele lá ir / soube q̄ os inimigos
erã oidos: e por isso não foy.

Cap. lxxviii. De como ho capitã
mõ: Duarte pacheco pelejou cõ
cincoenta e dous paraõs dos im
migos.



Es pois disto estado Du
arte pacheco hũ domigo
sentando na sua carauela
q̄ viera de vigiar aquela
noyte, como fazia as outras, disse
lhe hũ homẽ que estaua no topo do
masto, q̄ pola bãda d̄ Repeli vinhã
dezoito paraõs de Calicut. E sa
bendo que não erã mais disse aos
seus: Ea filhos / vos outros estais
pera dar nestes paraõs. Bem sey q̄
estais cansados do trabalho desta
noyte e doje: porẽ estes sam os para
õs q̄ queimarã a ilha de Cochĩ, eles

lã poucos e recolhẽse, e agora pas
sa de meo dia: se dermos neles, espe
ro q̄ nosso senhor nos ajude / e q̄ os
leuemos na mão. Todos disserão q̄
estauão prestes. E deixando recado
a Pero rafaël que lhe socorresse na
sua carauela se fosse necessãrio, e bar
couse nos bateis / e mandou a dous
paraõs d̄ Cochĩ q̄ bi estauão que se
adiantassẽ, por q̄ erã mais remeiros
pera q̄ lhe fizessẽ deter os inimigos: q̄
vendo ir os nossos contrelles ama
narão / e tomarão os remos / e del
xarãse ir pareles. E chegado aos
nossos a meo rio, sairão supitamẽte
de tras de hũa ponta de zaley s pa
raõs, e apõse eles dezoito: e fey toz
cõ os primeyros em tres esq̄drões,
poserãse a tiro d̄ bõbarda hũs dos
outros. Duarte pacheco q̄ vio tan
tos pesoulhe d̄ os ter cometido por
quã singelo ya, q̄ não leuaua mais q̄
cozenta e quatro dos nossos: e co
mo já nã auia outro remedio deter
minou de os aferrar: e esforçãdo os
seus pos a proa e os primeyros / e
tirãdolhe as bõbardadas arrõbou
dous. Ho q̄ vendo os inimigos tene
ranse / e os nossos lhe derã hũa grã
de grita: e remetendo a dous q̄ yã
diante pera os aferrar, sentirã nas
costas hũ dos outros esq̄drões / q̄
apertauão coele as bõbardadas. E
por isso Duarte pacheco virou a es
tes cõ ho seu batel: e poẽdo a popa
na do outro deixouho / pera q̄ pele
jasse com os dous q̄ ya aferrar. De
que ho estrouarão os inimigos que
sobreuerão: e poserãse hũs com
os outros as bombardadas / e os
nossos ficarão cercados deles: po
rem estauão mais seguros dos ti

ros que os inimigos / por amor das
 padessadas que tinhã : e meterãibe
 quatro paraos no fundo / e em ou-
 tro arrebêtou hũ tiro , e matoulbe
 ho bõbardeiro / e outros dous ho-
 mões , e os outros se lançará logo ao
 mar e fugirão pera terra a nado. E
 os nossos tomarão ho paraó , e ou-
 tros fugirão , indo os nossos apos
 eles as bõbardadas : e alcançandoos
 jũto cõ terra chegarãse tão perto , q̃
 jugauão as lançadas , tẽdo os imi-
 gos as popas dos paraós e terra.
 E os nossos os deubaratarã logo ,
 senã sobreuierão por terra muytos
 e sua ajuda : e cõ tudo aferrarãnos.
 E os primeyros q̃ saltarã e hũ pa-
 raó dos inimigos forã / João gomez
 boiardo , e Aiculaõ bires / e cõ ou-
 tros q̃ saltarã logo fizerã recolher
 os inimigos a popa do paraó / onde
 se defenderão hũ pouco : e assi neste
 paraó como em outros foy a peleja
 muy grande. E dos inimigos hũs pe-
 lejaũão , outros se lançauão ao mar
 e fugião pera terra : e por deradey-
 ro assi ho fizerã todos cõ medo dos
 nossos / que fizerão este dia cousas
 marauilhosas. E segũdo se depois
 soube / nunca os inimigos teuerã por
 tamanho feyto nhũ de quantos os
 nossos fizerã nesta guerra como este :
 nem ouue ate este tẽpo outro q̃ lbe
 tanto quebrasse os corações , porq̃
 afoza serem vencidos mozerã muy-
 tos : e dos nossos ficarã algũs fe-
 ridos. Deubaratados os inimigos /
 os nossos tomarã quatro paraós
 que nã poderão levar mais / e acha-
 rão neles muytas armas / e treze
 bombardas , as quatro delas eram
 muyto boas , e hũã era de metal , q̃

tiraua ferro coado , e mais furioso
 q̃ hũ falcão. E partido Duarte pa-
 checo tornarão os inimigos a meterse
 nos paraós , e seguirãno as bõbar-
 dadas , mas nã q̃ lbe chegassẽ. E ele
 os leuou assi ate as carauelas. E õi-
 rãdoos hi , tornou sobre os inimigos
 as bõbardadas / e arrõbou algũs
 deles , e os outros fugirão se os po-
 der alcançar. E tornãdose vio da bã-
 da d' Repeli grãde multidã dos imi-
 gos q̃ acodiã aos paraós. E da bã-
 da de Cochĩ estava el rey coesses se-
 nhores q̃ ho ajudauão : q̃ indo visi-
 tar Duarte pacheco chegou defron-
 te das carauelas a tẽpo q̃ ya de lar-
 go pelejar cõ os paraós / e por isso
 vio a peleja / e fez grãde festa cõ a vi-
 toria dos nossos. E conhecẽdo Du-
 arte pacheco q̃ el rey de Cochĩ esta-
 ua e terra / mãdou logo q̃ fizessẽ as
 carauelas prestes / pera ho festejarẽ
 cõ a artelbaria. E foyse logo parele
 que ho recebeo bradando cõ todos
 os seus / Portugal / Portugal. E
 Duarte pacheco cõ os nossos / Co-
 chim / Cochĩ. E apos isto saluã as
 carauelas cõ a artelbaria : e Duar-
 te pacheco saltou e terra , e el rey ho
 leuou nos braços cõ grãde alegria :
 e os outros senhores ho abraçarã
 despois : e estueirão falando no que
 lbe acontecera cõ os inimigos. E crẽ-
 do el rey q̃ fora pelejar cõ os paraós
 cõ os ter visto todos disselbe / q̃ se
 posera e grãde risco : e ele nã lbe q̃rẽ
 do dizer como fora / lbe disse q̃ cada
 vez q̃ se achasse cõ outros tãto , pele-
 jaria cõ eles : e q̃ cometeria por seu
 seruiço outros mōzes feytos que a
 quele : e offreceolhe a presa dos pa-
 raós que tomara , q̃ el rey nã quis :

saluo quatro bombardas, e outras muytas armas: e fez Duarte pacheco perantele noue caualleyros: e dizêdolhe el rey, como cada dia se yã parele muytos daqueles que lbe forão reueis, que ajudauão a el rey de Calicut: ele ho auisou que se não fiasse deles.

Cap. lxxix. De como os inimigos êtrarã na ilha de Cochim, e forã desbaratados per certos poleãs.



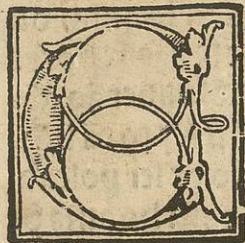
Muyto triste ficou el rey de Calicut pelo desbarato do seus paraós, e por as bôbardas q̄ perdeu: e disse sobre isso muytas palauras magoadas. E por não anojar os mouros não disistio da guerra, q̄ temia irêse de Calicut / e perder toda sua renda. E os mouros lbe conselharã q̄ mandasse meter naos grandes pelo rio de Cranganor: que ya ter ao de Repeli / por onde yã ao passo de Palurte: e como as naos erã muyto mais altas que as carauelas podelas yã aferrar. E el rey ho quísera fazer, mas não poder ser / por nã poderem as naos chegar ao passo por hús bayos que estauã no caminho e tornar anse. E vendo os mouros isto conselharão a el rey, q̄ mandasse cõbater ho vao pelo príncipe, e pelo senhor de Repelim tantas vezes que cansassem os nossos / e os tomassê: e isto se determinou. **D**e que sendo Duarte pacheco auisado, foy amanhecer ao vao / leuando com os bateis os quatro paraós que tomara, e posse da bãda da terra de Porquã / onde saio a espe-

rar os inimigos como costumaua / por em eles não vierão: porque sabendo ho príncipe, e ho senhor de Repelim como a nossa armada estava acrecentada, ouuerão medo de serê desbaratados, e não quíserão ir. E por que não andassem em delongas de pelejas, determinarão de entrar na ilha de Cochim por outro passo que se chamaua o d̄ Malinbar hũa legoa a baixo do vao que era muyto estreyto: e era tão forte com vasa muyto alta / e espinheyros muyto grosos e bastos, que parecia q̄ era impossíuel poder entrar gente por ele. E por isso ho mais do tempo estava sem goarda: e tambem porque nunca os inimigos fizeram inclinaçã de entrar por ele: e como ho príncipe e ho senhor de Repelim sabião q̄ estava mal goardado, quíserão prouar de entrar por ele: e mandaram ir diante muyta gente baixa / cõ machados / enxadadas / e cestos, pera fazerem caminho aos Maires: e como o passo estava sem goarda logo foy feyto, e os Maires começaram de entrar / e forão dar com muytos poleãs, que são trabalhadores / gente muyto ciuil antre os Malabares. E como virão entrar os inimigos, e não virão quem lho defendesse: de fenderãho eles: e apilidarão logo a terra dando suas coquiadas / aque acodirão hús com êxadas / outros com paos feytiços e pedras, porq̄ não podê ter outras armas: e hús de ca / outros dela fizeram hũ bom corpo de gente / e derão nos inimigos / ainda que erã Maires / que lbe defendia a sua ley so pena d̄ morte, que se nã tocassem coeles. **P**orq̄

erem os Maires que ficão çujos: e tanto crem isto, que ainda aqui com medo de se çujarê, vêdo remeter os poleas a eles fugirão. E como os dianteiros derão nos traseiros desbaratarãse, e fugirão tão desatinados que cayão hũs por cima dos outros, e os poleas tomando as armas a muytos que matarão/as pãcadas matauã coelas outros: e assi os desbaratarão e lançará fora da ilha: e os outros que estauã por entrar nela não ousarão de passar auãte/credo que andaua ali Duarte pacheco. E assi se forão desbaratados ho príncipe/ e ho senhor de Repelã, com muyta gente morta/ por se os seus Maires não quererê tocar com os poleas de Cochim. E sabêdo na fortaleza dsta peleja a codiolhe Lourenço moreno cõ algũs dos nossos, e ja nã acbou que fazer, que era ho feyto acabado, que se fez tão prestes quenem a gente que mandou el rey de Cochim em socorro não achou q̄ fazer: mas posse em goarda daquele passo. Os poleas despois que desbaratarão os inimigos atauiarãse per mandado de Lourenço moreno, dos paos e armas dos mortos: e forão dar conta a Duarte pacheco do que tinhão feyto, que nunca soube da ida dos inimigos a Palinbar/ se não a tempo q̄ nã podia socorrer. Porque pera ir por agoa auia baixos por onde os seus bateis não podião nadar. E quando vio os poleas que chegauão a ele, levantouse a recebelos / crendo que fossem Maires. Candagoza que estaua com elle disse, que se não aleuantasse por que erão os poleas que desbarata-

rão os inimigos. E ele folgou muyto cõ sua vinda, e fez lhe muyto galalhado/ e mādouos assentar/ ainda que Candagoza nã quísera/ e mandauaos levantar, e ele não quis/ dizendo q̄ rezã era que se fizesse hõrra a homẽs que a tambẽ souberão ganhar: e pois fizerã hũ feyto tã hõrrado que ja não auião de ser poleas, senão Maires/ e que assi ho auia de pedir a el rey. Elago Candagoza lhe disse que el rey ho não auia d̄ fazer/ porq̄ não podia: porem Duarte pacheco os mandou todos assentar e rol/ pera pedir a el rey de Cochim que os fizesse Maires/ e assi lho pediu. Do que se el rey escusou, dizêdo que era seu costume não poderẽ ser Maires, senã os que nacião Maires: que se ho podera fazer ho fizera de muyto boa vontade/ que bem via q̄ ho merecião: mas que os Maires se leuantarião contrelle/ porq̄ tinham por preuilegio antigo, que não podesse ser Maire quẽ ho nã era de seu nacimiento: E insistiõ tanto Duarte pacheco com el rey que lhe fizesse Maires os poleas/ que lhe disse que pois lhos não queria fazer, que buscaria quẽ lhos fizesse. E el rey disse q̄ se ouesserey na India que o quísesse fazer, q̄ ele o faria. E vêdo Duarte pacheco q̄ não podia ser / contentouse que el rey desse preuilegio a estes poleas, e aos seus descẽdentes, q̄ podessem passar pelos caminhos, posto q̄ passassem os Maires/ sem terẽ por isso pena/ e q̄ podessem trazer armas/ e que fossem liures de todo tributo. E coisto que oue se acresentou ho amor que lhe tinhã os de Cochim.

Capit. lxxx. De hũa treyção que hũ mouro de Cochim quísera fazer ao capitão moz Duarte pacheco.



Reuy de Calicut q̄ desejava muyto da uer as treze bõbardas que lhe os nossos tomarão, cõcerrouse cõ hũ mouro d' Cochim chamado çamalamacar mercador rico e honrrado q̄ l. as ouuesse. Ele se offreceo a isso, por querer grande mala Duarte pacheco / como todos os outros de Cochim ho querião posto que dissimulauão. E pera auer as bombardas ordenou hũa treyção / q̄ ou as auia daner, ou se auia Duarte pacheco d' perder: e começou de a ordir, cõ lhe fazer saber por el rey de Cochim que tinha cem babares de pimenta pera vender na nossa feytozia: e por se temer dos nossos que estauão nos passos do vao e Malurte, lhe era necessaria hũa badeyza que leuasse aruozada em hũ tone, onde tinha ebarcada a pimẽta, pera que vẽdoha os nossos ho nã salteassem. Duarte pacheco deu a badeyza, e disse q̄ se fosse necessario que ele iria pelo tone: o mouro disse que abastaua a bandeyra / porq̄ ele nã se temia tanto dos inimigos, como dos nossos sem seu sinal. E esta palaura pareceo mal a Duarte pacheco, porq̄ conbecia ho mouro por roim: e porq̄ el rey era o correto: e nã especulou bem. E como ho mouro teue a bandeyza mandou dizer a el rey d' Calicut que este uesse toda sua frota detras da põta de Repelim, e que vendo ir pelo rio

abatxo hũ tone com hũa bandeyza branca que tinha hũa cruz vermelha / saissẽ a ele dez ou doze paraos e q̄ ho tomassẽ, pa q̄ Duarte pacheco lhe fosse acodir cõ os bateis, a q̄ logo sair ia toda a armada / e q̄ ho tomariã: e quãdo nã, que pelo tone q̄ tinha feyto crer que ya carregado de pimenta aueria as treze bombardas. E estado el rey d' Calicut muyto ledo cõ este ardil, hũ dia pela manhaã passou ho tone: e por amor da bandeyza que leuaua deitouo Duarte pacheco passar / se nã quando indo hũ pedaço das carauelas vio sair a ele dez ou doze paraos. E vendo isto acodiolhe com os bateis / e paraos / e hũ caturem que ya Pero rafael. E indo ao longo da terra vio vir contrelhe hũ homẽ correndo, e acenandolhe que esperasse: ho que ele fez / posto q̄ neste instante os inimigos tomarão ho tone. E chegando ho homẽ que era hũ Panical a borda da dagoa / disse a Duarte pacheco, que nã passasse auante: porque detras da ponta de Repelim estauão cento e oytenta paraos d' Calicut: e porque ho Panical e outros Maiores que hi estauão nã cuydassem q̄ ele auia medo aos inimigos, disse que bem sabia que estauão ali / mas que nã auia de sofrer tomarẽ assy ho tone. E dizendo isto pos a proa nos q̄ ho tomarão, e fez que os ya demãdar. E mandou a Pero rafael que fosse descobrir a ponta, e se visse os inimigos que tirasse hũ tiro, e virasse logo: e se nã que aruozasse hũa badeyza. E ele virou logo, tirando hũ tiro porque vio os inimigos: e eles sairão apos ele, vendo que erão descu

bertos: e tirauanlhe muytas bombardadas. E Duarte pacheco lhe acodio logo / tirando do seu batel e dos outros. E sobre recolher Pero rafael foy hũ aspero jogo de bombardadas: e os inimigos apertauão os nossos muyto riço, e cõ muyto trabalho se ajutou Pero rafael cõ eles: e logo Duarte pacheco se reco-lheo pera as carauelas com as popas por diante, e as proas nos inimigos por lhes poder tirar cõ a artelharía. Eles trabalhauão quanto podião por lhe chegar sem temor da nossa artelharía: e as vezes cheganã a bote d' lãça, e assi foy cõ muyta afrõta ate chegar as carauelas, õde se recolheo cõ outra muyto mayor, e todos os seus: porq̃ como os inimigos yãõ tã pegados coeles, passarã os nossos muy grãde perigo: e os inimigos ficarã tão perto das carauelas como nõca esteuerã / e tudo foy pera nõr seu mal, q̃ como elas começarã de jugar cõ a artelharía fizeramos afastar com algũs paraõs arrobados, em q̃ lhe matarã algũã gẽte: e os nossos lhe dauã grandes apupadas, fazendo escarnio de quã pouco fizerã. E indose ja os inimigos, Duarte pacheco foy apos eles nos bateis / tirandolhe bõbardas cõ magoado tone que vira tomar / que cuydaua que ya carregado de pimenta / como lhe dissera çamalamacar. Do que aquele dia atarde õdesenganou ho mesmo Panical q̃ lhe dera ho auiso da armada del rey de Calicut: e disselhe a verdade do trato de çamalamacar / e a cilada q̃ lhe tinha armada cõ ho tone / e disselhe mais que se nõo fiasse de nhũ

mouro de Cochim, porque todos erãõ seus inimigos. E por estes auisos lhe fez Duarte pacheco merce: e ao outro dia estando ele em terra, foy çamalamacar ao passo com outros mouros / e mostrouse muyto triste pela perda do seu tone. Dizendo q̃ ya carregado de pimenta Duarte pacheco lhe disse q̃ nõ se agasta se, porque tudo faria por ele nõ perder sua pimenta. Ele responde q̃ se cometessẽ el rey de Calicut cõ os paraõs e bõbardas q̃ lhe tomarãõ q̃ poderia ser que daria a pimenta a troco. Ao q̃ Duarte pacheco disse / que pera tão pouca pimenta lhe parecia muyto grãde preço ho das bõbardas e paraõs / e porẽ que tudo faria por ele ser satisfeyto, e q̃ fossẽ ver as bõbardas: e isto dizia indose coeles pera os bateis, e chegando a eles disselhe que etrassẽ no seu pera ir ver as bõbardas que estauão nas carauelas. Ele cõ medo sem saber de quenãõ quísera entrar: mas Duarte pacheco ho fez entrar por força: ao que os outros fugirão pera Cochim. E chegado Duarte pacheco a sua carauela cõ çamalamacar, mandouho açoutar / e despois pintar com hũ caniuete / dizendolhe q̃ como lhe teuesse dado muytos tormentos ho auia logo de mandar enforçar, pola treyçãõ que lhe quísera fazer, e contoulhe como a soubera, picãdoho sempre cõ ho caniuete: cõ ho que ho mouro pagou bem ho q̃ tinha feyto. E estando pera ho enforçar foy dito a Duarte pacheco da parte del rey de Cochim que lhe pedia quenãõ fizesse nada ate ele ir, que ja ya d' caminho: porque lhe ya

muyto em se fazer assi. E a causa delte recado lhe chegar tão cedo, foy acharêno no caminbo os mouros que fugirão/que ya visitar Duarte pacheco: de quẽ se lhe queixarão/ dizêdo que leu ana çamalamacar às carauelas pera ho matar / prometê dolhe se tal fosse de se irem todos õ Cochim. E como este era hum dos grandes medos que el rey tinha na quela guerra pola falta de mâtimentos que auer ia mandou este recado tão depressa, e Duarte pacheco por amor dele não mandou enforçar çamalamacar / posto q̃ lhe pesou muyto de ho não ter feyto: e ate q̃ el rey veo ho atormentou fortemente que nhũ cabelo lhe deixou na barba. E chegado el rey cõtoulhe toda a treyção que ordenara. pedindolhe muyto que lho deixasse enforçar: o q̃ ele não quis conceder pela rezão que disse / pedindolhe por isso muytos perdões / e certificandolhe que leuara tanto gosto como ele em ser enforcado, porque ho merecia: e vendo Duarte pacheco isto lho deu. E el rey ho leuou consigo a Cochim reprendendobo muyto do q̃ fizera.

Capit. lxxxj. De como hũ mouro inuentou a el rey de Calicut hũs castelos de madeira / com que podessem aferrar as nossas carauelas.



Endo el rey de Calicut quão pouco lhe a proueitauão seus ardis: e que cõ quanto poder tinha não podia fazer que tendo os nossos tão

pouco deixassem ho passo / quisera levantar ho arrayal / e ir se se não fora pelos mouros que ho reprenderão disso, e assi esses reys e senhores que estauão coele: e quasi q̃ ho detenerão por força / com lhe affirmarẽ que Duarte pacheco não podia estar ali muyto: e q̃ como se fosse entraria ho passo / e tomaria Cochim. E el rey estaua ja tão quebrado dos espiritos, que posto que via que aquilo não auia de ser / deixaua se ir com o que lhe diziaõ. E sabêdo Duarte pacheco o que disserão a el rey de sua partida, pera que seoubesse quão de vagar estaua / mandou fazer hũas calas em hũa ponta que entrava muyto no rio: e mandou abrir hũa caua pera que ficasse em ilha / por q̃ ho não podessem entrar pola banda da terra firme. E na põtinha da ponta mandou fazer hum bastião muyto forte de terra / e de madeira cercado õ caua, em que mãdou poer dous falcões com que varejava ho rio: e ali junto tinha sua armada, em q̃ say a muytas vezes aos paraós dos inimigos / que por lhe fazerem sobrançaria se lhe mostrauão: e quando lhe fugião os ya buscar por esses rios / e esteiros: e fazialhes tanto dano que os inimigos não ousauão daparecer se não muytos: e por em poucas vezes por estarem ja muytos cansados e quebrados de verẽ tãtas vitórias aos nossos, e eles não poderẽ alcançar nhũa. E por isso lhe não sayão se nã quando lho el rey mãdaua: o que nã esperauão da primeyra. E costa fraqueza dos inimigos tinhão os nossos tẽpo de fazer e sua terras muy-

to grande destruyção cõ ferro z fogo. Com que andauão os moradores tão espantados que nã ousauão de dormir nos lugares, porque os nossos os salteauão de noyte: z yão se dormir ao campo / por estarẽ mais seguros: z tinhã tamanbo medo que yão clamar a el rey de Calicut que lbes valesse / z que acabasse de destruyr os nossos, ou fizesse paz co eles: porque ja não podião soffrer as fadigas daquela guerra: z se não q̃ lbes seria forçado irẽ buscar outra terra em que morassem. E coisto estava muyto triste, z nã se sabia dar a cõselho porque se queria falar na paz, ameaçauão os mouros / que se irião de Calicut: o que ele temia muyto pola rãda que nisso perdia: z doutra parte via perder sua terra com que perdia seu estado. E sem se poder determinar estava em grande agonia, z ela bo pos em talestremo que determinou de querer paz com Duarte pacheco, z tão secretamente que se não soubesse se não despois de feyta. E a ninguem deu entã conta de seu pensamento se não a dous mouros mercatores de Cochim, de que hũ auia nome Ebirina marear / z bo outro Amalle marear. E estes instruidos por ele dissimuladamente disserão a Duarte pacheco antre outras cousas que se ele quisesse paz com el rey de Calicut, q̃ nã faria mais guerra a Cochim, z que logo se iria cõ toda sua gente. E isto dizião, dando a entender que el rey de Calicut não sabia nada disso / se não que se ele quisesse negociarião aquilo com el rey polo servir. E ele que bem entendia sua

roindade, lbes respondeo muy secamente: que não podia crer que hum rey tão poderoso z tão rico como se cuydaua no Malabar q̃ era el rey de Calicut, estando tão acõpanhado de reys z grandes senhores, z d tanta gẽte de guerra, quisesse fazer paz cõ quẽ não tinha mais q̃ setẽta z quatro companheiros, nẽ quisesse deixar por seu medo o que tinha começado: z pois eles erão tamanhos sens seruidores como sabia q̃ não dissessem cousa de que ele receberia tamanba vergonha, nem lhe deuão dacõselhar que desistisse da guerra como sabia que lba cõselbauão que não desistisse: por q̃ a ele não lhe daua nada dela, nem queria paz ainda que el rey quisesse, se nã seguiu ate entrar em Calicut: o que soubessem certo que auia de fazer ainda que se el rey fosse, z que eles assilho fossem dizer: porque lhe promettia que se não fora por el rey de Cochim q̃ lhe dera a paga dos tratos em que andauão / z que se fossem logo / porque lhe não daua nada de serem quão roins erão. O que eles fizeramão mais riço que de vagar / z teuerão em muyto irense sem outra pena: z não ousando de ir a Calicut mandarão dizer isto a el rey: q̃ coesta reposta desesperou d poder fazer paz, z não quis falar nela. E nestes dias tornou ao arrayal a doença q̃ se aleuãtara os dias passados, z tornou a matar muyta gente, z cõ medo dela fugia tambem muyta: z este ueho arrayal em risco de se leuãtar de todo. Porẽm os mouros mandarão trazer de Canano: z de Termapatão seys mil z quatrocentos

homêos mais deles frecheiros /
 e algũs espingardeiros: e assi refize
 rão a frota com coarenta paraõs / q̃
 trazia cada hũ duas bombardas, e
 ainda despois veio muyta gente. E
 porque com tudo isto entendião os
 mouros que el rey tinba vontade
 de desistir da guerra por quão mal
 lhe ya nela / acharão hũa enuenção
 pera q̃ podessem aferrar as nossas
 carauelas. Esta deu hũ mouro de
 Repelim chamado Loge alle / que
 andara por muytas partes do mũ-
 do / õde vira muytas cousas: e por
 isso, e por ter bõ natural era d̃ muy
 sotil engenbo. Este fez hũ castelo d̃
 madeira sobre dous paraõs / lança-
 do duas vigas da proa e popa dũ,
 a proa e popa do outro, e de tama-
 nho comprimẽto camanha auia de
 ser a largura do castelo que foy fey-
 to em quadra. E antre estas duas
 vigas yão outras tão jũtas que fa-
 zião hũ sobrado: e de cada quadra
 auia hũa andaina de vigas da altura
 dũa lança ou pouco menos / encai-
 xadas as cabeças e conchas de ma-
 deira / e pregadas com grãdes per-
 nos de ferro: e nos corpos das vi-
 gas auia tres ordẽs de furõs fecha-
 dos com barões de ferro / q̃ ao pa-
 recer era couza muy forte. E neste
 castelo podião ir ate coarenta homêos
 com algũs tiros d'artelharía / e por
 amor dos paraõs sobre que era fun-
 dado podia ir polo rio e aferrar as
 carauelas por sua altura: de que el
 rey ficou muyto ledo q̃ndo ho vio /
 e fez muyto grande merce a Loge
 alle. E por a vitola daquele castelo
 mandou fazer ainda sete pera q̃ coe-
 les aferrassem os seus as nossas ca-

raueltas: o que tinba por muyto cer-
 to que auia de ser assi.

Capit. lxxii. Do ardil que Inuẽ-
 tou Duarte pacheco pera q̃ lhe
 não abalroassem as carauelas
 cõos Castelos.



Estes castelos foy
 logo Duarte pacheco
 auisado per suas
 espías: e mais q̃ auia
 os inimigos de fazer
 ballas de fogo pera queimarem as
 carauelas: e quando as não podessẽ
 queimar as aferrarião com os cas-
 telos. D̃ q̃ ouuindo a gente de Co-
 chim ho creio logo, e foy toda muy
 toruada de medo: e cõo que lhe os
 mouros fazião, dãdolhe por certo
 ho desbarato dos nossos, e q̃ auião
 os inimigos de tomar Cochim al-
 uorçando se pera se irem. Do que el
 rey de Cochim foy assaz triste / e
 mais tão desconfiado que lhe pare-
 cia que com aqueles castelos auião
 os nossos de ser desbaratados. E
 dissimulando isto por amor dos se-
 us / mandaualhes polos esforçar /
 que fossem preguntar a Duarte pa-
 checo se esperaua poder resistir a el
 rey d̃ Calicut: o que eles fazião assi
 pera verem o que ele dizia / como pe-
 ra saberem de que maneyra estava.
 E ele lhes dizia / que por q̃ lhe pre-
 guntauão aquilo: pois el rey de Ca-
 licut ia fora com outros medos ta-
 manhos como aqueles e leuara a ca-
 beça quebrada / que assi seria então,
 e que se spãtara muyto domês que
 sabião també quão couardos erão
 os de Calicut crerẽ logo qualquer

medo que lhes fazião: z que esperaf sem ho fim daquele combate porq auia deser como ho dos outros. E que quando não, que ainda terião tempo pera se salvar: z com quanto eles vião que ele dizia bẽ era ho seu medo tamanho/ que senã atreuião a esperar: z como que nã tinhão ouuido lhe preguntauão de nouo, se auia desperar el rey d Calicut. E im portunarãono d maneyra cõ estas pregũtas, que dagastado espancou tres deles, dizẽdo que se lhes dizia hũa cousa, z sabião por experiencia do passado q̃ lhes falaua verdade/ porque ho nã crião. E pera os mais espantar, mãdou perante todos meter no chão hũ pao muyto alto, z agudo/ que antre os Malabares se chamaua caluete/ e que matã por justiça a mais ciuel gente da terra: z espetãnos nele. E porque matão assi nele a gente ciuel, se dizem a hũ Mair. Mair caluete tẽno pola maior injuria que se lhe pode fazer. E posto assi a quele caluete, jurou de espetar nele el rey de Calicut se lhe desse combate: porque dizia que ja tinha achado hũ ardil pera ho prender logo: z mandou a todos os seus que por desprezo del rey de Calicut dissessem com grande grita çamori caluete: z eles começaram a dizer assi muytas vezes. O que a gente de Cochim teue por tamanha oufadia como tinbão, que era esperar em os nossos ho combate: z forão perdendo parte do medo q̃ dantes tinhão: z dizião que auião desperar ho dia em que se desse ho cõbate. E como foy aruorado ho caluete/ yã a velo todos os de Cochim: z antreles

forão ho Mangate, z outros muytos senhores q̃ erão vindos nouamente em fauor del rey de Cochim, crendo q̃ os nossos auião deser desbaratados: z arrependiãose de terẽ deixado el rey de Calicut: z nhũ deles não podia crer q̃ Duarte pacheco mandasse meter a quele caluete por desprezo del rey de Calicut. E pera saberẽ aquilo certo ho forão ver/ z disserãlhe o que se dizia em Cochim que daquela vez auião as caruelas de ser aferradas: por isso que visse bem o que lhe compria. E ele q̃ entẽdia a tenção com que lhe aquilo dizia/ respõdeolhes/ que ho q̃ lhe cõpria pera segurança de Cochim era não deixar a quele passo/ z se isso nã fora que no passo de Cambalão agardara ele ho seu rey d Calicut pera ho não deixar passar. E se cuydauão que auia com os seus tamanho medo del rey de Calicut como eles auião/ que estauão nisso muyto e ganados: porque não auia cousa em toda a India que lho fizesse: por isso não temia ho lião del rey de Calicut, nem fazia estima dele nẽ de seus feros: z se eles oufassem desperar sua vinda ali ho virião desbaratar com toda sua armada. E cressem que se ele ho fosse aferrar em pessoa/ ou se posesse em parte onde lhe ele podesse chegar/ que ho auia de prender/ z despois metelo na quele caluete que vião: porq̃ pera isso ho mandara levantar. E isto dizia cõ hũ aspeito tão menẽcozio/ que eles ouuerão medo que lhes fizesse algũ mal/ z por isso quiserão dissimular coele/ dizẽdo q̃ não crião eles que el rey de Calicut ho podesse desbara-

tar: mas que bo auissauão como seruidores del rey de Portugal. E ele lhes disse q se forão seruidores del Rey de Portugal / como dizião q não ouerão de mandar a su a gente que se fosse da estacada / auendolhe el rey de Calicut de dar batalha: e que auião dassellegar a gente de Cochim do aluoroço em que andaua / e mostrar selbe muyto efforçados: e não trem com biocos a ele e aos seus / que não erão fracos de coraçãõ, que por medo fizessem o q eles fizerão ho anno passado: e que se bo não entendião que tornassem depois do combate, e lho declararia: e que bo deixassem entender no que lhe releuaua mais. E eles se forão sem responder palaura / de medo q auião dele. E com quanto ele dissimulaua que não tinha em conta os castelos del rey de Calicut / eles lhe dauão assaz de trabalho no spirito que receaua muyto de ho aferrarê / por amor da muyto pouca gente q tinha. E pera que lhe não podessem aferrar suas carauelas, mandou fazer bum canço de mastos de naos chapados com muytas chapas de ferro: e era de largura do comprimento dos mastos, e de oyto braças de comprido: e estava por proa das carauelas afastado obra dũ tiro de pedra, amarrado com seys ancoras, tres a montante e tres a jusante pera que esteuesse mais firme, e porque ficassem as carauelas tão altas como erão os castelos, inuentou Pero rafael hũs chapiteos feitos de meos mastos, q estauão impinados e pregados nas amuradas das carauelas / em cujos mas-

tos çarrauão os sobrados dos chapiteos / que erão tamanhos que podião bem espaçofamete pelejar seys ou sete homẽs em cada hũ. E tendo isto feyto a vespera do dia que auia de ser ho combate / ho foy el rey de Cochim visitar. E ele ho recebeu com os seus foliando e cantando pera que se alegrasse / que bem entẽ dia pelo que conbecia dele quã triste andaua, e quão cheo de medo. E com todas estas festas não se pode alegrar / antes lhe vierão as lagrimas aos othos com piedade dos nossos q daua todos por mortos: e abraçando com muyto galbado a Duarte pacheco / ho fez tambem abraçar a esses senbores q yão coele. E isto com hũ geito de ser aquela a derradeyza vez q se auião de ver. E depois se apartou coele / e com algũs dos nossos: e como homem fora desi lhe disse. El rey de Calicut tem muyto grãde poder, e nos muyto pouco: e eu não tenho nhũa esperança de defender Cochim, nẽ menos os mens: e coisto estãõ pera fugir como fores desbaratado. E pois eu estou perdido, rogote que te salues em quanto tẽs tempo, por que depois não sey se ho auera. E como que selbe dera hũ nõ na garganta não pode mais falar. Do que semostrando Duarte pacheco muyto agastado / lhe respondeo quasi cõ ira, dizendo. Que fraqueza he a q conbeces em mim pera me dizeres que me ponha em saluo? Que aqui e em qualquer parte que estẽ / estou muyto seguro, não samente de me defender del rey de Calicut mas de ho desbaratar por mais poderoso

q̄ venha. Não me dizias tu todos estes dias, q̄ os pelejaua polos Portugueses? Pois como duuidas q̄ ho não faça agoza? Eu espero nele q̄ a menhaã me vejas poer naq̄le caluete el rey de Calicut. E nisto não tenbo eu duuida, se me ele esperar/nê tu a deues de ter se quiseres cuidar nas vitorias que nos nosso senhor tem dadas tantas vezes/ tendo me el rey de Calicut a mesma auãtajem que me agora tem. E isto deues de crer/ e não o que te dizem os mouros de Cochim, q̄ todos nos querem mal: nem os aluoroços que fazem os Maires que hão medo de qualquer cousa: pelete muyto do q̄ me tês dito, e tornate pera Cochim, e tem a gente que se não va, e deixa-me coeste passo/ que eu te darey boa conta dele. El rey por não lhe dar paizão se mostrou muyto efforçado com aquelas palauras q̄ lhe respõdeo: e tornouse pera Cochim/ onde tambem por efforçar sua gente se mostrou muyto efforçado/ e confiado em os nossos defenderem ho passo segundo ho efforço q̄ achara em Duarte pacheco: e affirmou lhe por sem duuida/ que ho desfederião e coisto assessegou os Maires e toda a gente de Cochim do aluoroço que trazião pera fugir, crendo que auião os nossos de ser desbaratados. E ainda sobzisto atentarão os mouros de os fazer fugir, poendo lhe grandes medos, mas nunca poderão.

Capít. lxxxiiij. De como el rey de Calicut deu combate aos nossos com os castelos, e de como foy desbaratado.

Partido el rey d Cochim/ Duarte pacheco se foy pera a sua cara uela dissimulãdo o discõtêtamêto q̄ lhe ficou d ver el rey tã fraco de coraçãõ: o q̄ podia ser causa de despouoar Cochim, de q̄ ele tinba grãde receo. E querendo cear cõ os seus chegou Lourenço moreno cõ esses da feytozia, com q̄ costumaua de ir: porq̄ como disse nunca errou nhũa batalha das q̄ os imigos derã aos aos nossos. Acabada a cea repousarão todos ate a mea noyte/ e cõfessados e ausolutos pelo vigairo/ Duarte pacheco lhes disse. Senhores e amigos meus/ muyto alegre estou de ver q̄ vos lembra ho principal, q̄ he a alma: porq̄ sou certo q̄ co esta lèbrança tera nosso senhor cuydado de vos dar vitoria de vossos imigos, não somete por satisfacão de vosso trabalho/ como por exalçã mêtõ de sua fé catholica. E pera q̄ saiba el rey de Cochim/ e os seus que nosso señoz he Deos verdadeyro/ e poderoso sobre os poderosos: e nã desconfiẽ do q̄ lhes eu prometo em seu nome/ assi como ontẽ desconfiãua da vitoria q̄ lhe prometia: q̄ bẽ vistes quã triste e descõfiado partio/ q̄ de nos ter por perdidos me dizia q̄ me possesse e saluo. E nunca enxerguey nele tamanho medo/ nê nos seus tã grãde desmayo. E isto lhes fazerẽ ho poder del rey d Calicut por mayor do q̄ he q̄ posto q̄ fosse tamanho como eles cuidã muyto mayor sem cõparaçãõ he ho d nosso senhor: e vos bem ho vistes nos socorros passados que nos mandou. E assi espero que seja agora: e coesta confiança venceremos a nossos

2

inimigos: sustentaremos a honrra q̄
 temos ganhada/ que daqui por dia
 te crecera tanto que ficaremos no
 mundo por espelho de valentia. E
 coisto tão temidos na India/ que
 nem el rey de Calicut, nẽ outro nhũ
 nos oufara de cometer/ assi que ga-
 nhando hõrra seguraremos repou-
 so pera os trabalhos que temos. E
 acabando responderão todos que
 sem a vitoria nã querião vida. E es-
 tando nisto que seria duas horas
 despois d̄ mea noyte começarão de
 ouuir algũas bõbardadas que tira-
 ua a frota de Calicut: começãdo da
 balar: e el rey ya por terra acompa-
 nhado de passante de trinta mil ho-
 mões com seus tiros de câpo como
 costumaua: e muyto confiado/ que
 auia de desbaratar os nossos/ e cois-
 to dobrada soberba da que tinha.
 E ya diante ho senhor de Repelin
 com algũa gente que auia de fazer
 algũs valos na ponta Barraul pe-
 ra emparados inimigos no combate
 e trazia grande vozaria de gritas/
 e tangeres. Duarte pacheco se foy
 logo a terra muy caladamẽte e pos-
 se na ponta pera onde os inimigos
 yão: a que defendeo que não fizessẽ
 os valos: e sobristo matará os nos-
 sos algũs. E sabendo el rey de Cali-
 cut que Duarte pacheco ho fora es-
 perar mandou aos seus cõ grande
 menẽcoria que lho tomassem viuo
 pera se vingiar dele á sua võtade. E
 sobristo ouue grande peleja e mor-
 rerão muytos dos inimigos: que
 nem ho prenderão nem poderão fa-
 zer os valos. E começando dama-
 nhecer que era dia Dacensam apa-
 receo a outra frota q̄ vinha perto,

e nisto recolbeose Duarte pacheco
 aos bateis, e porẽ com muyta fadi-
 gapor a grãde multidão de inimigos
 que carregou sobre os nossos q̄ to-
 dos se embarcarão sem falecer nhũ
 ficando dos inimigos muytos mor-
 tos e feridos. E despejada a ponta
 poseranse os inimigos nela e come-
 çarão de combater os nossos com a
 artilharia/ a que eles tambem aco-
 dirão com a sua fazendolhe muyto
 grande dãno/ porque todos os ti-
 ros empregauão nos inimigos que
 estauão descubertos: e eles empara-
 dos, e por isso lhe não fazia a arte-
 lharía nhũ mal. E que vendo el rey
 de Calicut, mandou recado aos da
 frota que fizessem remar rijo/ e aco-
 dissem a desapressalados nossos. E
 chegãdo a a frota vinha cousa muy-
 to medonha/ porque diante yão as
 balsas de fogo ardẽdo: e apos elas
 cento e dez paraõs cheos de gente/
 e d'artilharia/ e muytos deles enca-
 deados, e detras cẽ captures da mes-
 ma maneyra/ e oytenta tones de co-
 xialarga, cada hũ cõ trinta homões
 de peleja: e sem os tiros/ e por goar-
 da de tudo os oyto castelos que fi-
 carão pegados com a põta por não
 ser ainda de todo a decente da marẽ.
 Os inimigos yão fazendo grãdes
 alaridos de gritas/ e tangeres dã-
 do os nossos por tomados/ e cois-
 to tirauão tantas bombardadas q̄
 era cousa despãto. As balsas q̄ yão
 diante chegarão aos canços q̄ esta-
 uão por proa das carauelas: e por
 isso lhe não poderão chegar pera
 as que y marẽ, e nã somẽte elas mas
 nhũs dos nauios da frota/ de q̄ to-
 dos os q̄ poderã caber na diãteira se

pegarão com ho caniço: z dali combatião os nossos / que sem duvida forão daquela vez aferrados se ho caniço não fora. Com este impeto q̄ foy muyto grãde durou a peleja hũ pedaço ate que a maré começou de decer: z neste tẽpo receberão os inimigos muyto dãno: assi de paraos arrombados z metidos no fundo, como de muyta gente morta z ferida / z decendo a maré alargarãse os castelos da ponta / z ajudando os cõcabos / porque os alauão forãse de reytos pera as carauelas no mayor yão corenta homens de peleja / z em dous meãos trinta z cinco em cada hũ: z nos outros trinta todos frecheiros z espingardeiros / z a fora isso leuauão bombardas: z yão postos em ala, z tão medonhos que erã pera lbe auer medo hũa grossa armada quãto mais duas carauelas z dous bateis. E este foy hũ dia em que nosso senhor mostrou bem que tinha de goardar os nossos: porque nã a vista de tantos z tão soberbos artificios pera os combateaem / nã hũa tamanha frota z tã poderosa / nem a medonha grita dos inimigos / nã ho brauo estrondo da artelbaria os fizerão espantar. E chegãdo ho mayor dos castelos junto com ho caniço disparou sua artelbaria nas carauelas. Duarte pacheco lbe mãdou tirar com ho seu camelo q̄ lbe deu em cheyo mas não lhes fez nhũ dãno / nem menos com outro tiro com quelhe logo tirarão: de que ficou tão triste / q̄ leuãtou os olhos pera ho ceo dizẽdo. Senhor não me acoimes meus peccados ê tal tẽpo. E isto tão alto q̄ algũs lho ouuirã.

Neste tẽpo chegarão os outros castelos / z poseranse a par deste: z cõ sua chegada se auiuou ho combate muyto rijo de todas as partes, z forão as frechas tão bastas q̄ fazião sombra: z algũas vezes nã parecia ceo nem terra / com a fumaça da artelbaria. Duarte pacheco tornou a mandar eirar ao castelo mayor com ho camelo: z como dos tiros passados lbe tinhão abalados os fechos que erão delgados acabarão d̄ quebrar, z leuou hũ lanço de vigas cõ algũs homens mortos: ao q̄ os nossos derão grande grita. E Duarte pacheco posto em giolhos deu graças a nosso senhor: z tornãdo ho camelo a tirar outro tiro, leuou lbe outro lanço de vigas cõ muytos mortos z feridos. E carregãdo mais a artelbaria foy todo desfeyto ê pouco espaço / z os inimigos se afastarãdo ceo: porẽ os outros se deixarãdo estar pelejando muyto forte: z assi eles como os nossos leuarã este dia mōz trabalho q̄ em todas as pelejas passadas. E por derradeyro os nossos fizerão tanto dãno nos castelos / z meterão no fundo, z arrõbarão tantos parrõs que não ho podẽdo os inimigos sofrer se afastarãdo do cõbate z forãse: z seria hora de vespera q̄ tanto durou começãdo pola manbaã. E dos inimigos morrerão muytos segundo se viu nos corpos q̄ ficarão sobre a agoa: z dos nossos não morrerão nhũs / nã forã feridos mais q̄ algũs q̄ ficarão escaurados dũ tiro grosso que deu na proa da capitaina, z passouba z ho pelouro deu per ãtre muytos q̄ ali estauão z nã lbe fez nhũ mal. E vẽdo

Duarte pacheco q̄os inimigos se yã foy apos eles nos bateis, z para os esbombar deandoos: z deu nos que estauão na ponta Darraul cõ el rey z por força das bõbardas os fez fugir, ficando mortos trezêtos z vinte homẽs. E feyto isto se tornou pera as carauelas, õde aq̄la tarde ho foy ver ho príncipe de Cochim da parte del rey q̄selhe mandou disculpar de ho não poder ir ver por sua pessoa. E ele lhe mandou dizer que lhe não auia de receber nhũa disculpa/ ate não saber q̄ nã estaua triste: z q̄ lhe pedia q̄ dali por diante cresse melhor ã Deos: porq̄ ja ho dia dos castelos era passado/ z ele estaua no passo como dantes cõ sua gẽte muyto prestes pera o seruir. E neste mesmo dia ho forãõ tãbẽ visitar algũs senhores dos q̄ ajudauão el rey de Cochim onde auia muyto grande alegria por esta victoria. E assi ho forãõ ver muytos mouros mercadores q̄ lhe leuarão grãdes presentes cuidãdo q̄ ganhauão sua amizade, z fazia a todos muyto gasalhado rogãdo, lhes q̄ fossem leais a el rey d Cochim porq̄ coisso seria seu amigo. E ao outro dia pola manhaã ho foy ver el rey de Cochim z fizeram ãbos grãde festa: z despois desta victoria perderãõ os de Cochim ho medo del rey d Calicut z ho não tinhãõ em cõta.

Cap. lxxxiiij. De como el rey de Calicut quisera desbaratar com hũ ardil ho capitãõ mór Duarte pacheco.



Muyto espantado ficou el rey de Calicut de nã poderẽ os seus castelos aferrar as carauelas. E auẽ-

do por impossivel poderẽse aferrar nẽ desbaratar Duarte pacheco, qui sera desistir da guerra z irse pa Calicut se os mouros não forãõ/ z assi os dous Italianos milaneses que lhes derã hũ ardil pera desbaratar Duarte pacheco: z este foy q̄ ho cõbate se de noyte, z como era de noyte ãtrariãõ os seus ho passo sem os Portugueses os verẽ/ q̄ tãbẽ por ser de noyte não se auiaõ de desfeder tãbẽ como d dia. E parecẽdo isto bẽ a el rey z a todos os do cõselho/ foy acordado q̄ se desse de noyte ho cõbate por terra somẽte: z q̄ ho príncipe Mãbeadarim, z ho senhor de Repelim cõ cozena mil homẽs começariãõ ho cõbate, z em começãdo certos mãires que teriãõ sobre palmeiras acenderiãõ fogo / a cujo sinal acodiria el rey de Calicut com ho resto de sua gente com cincoenta mil homẽs z cometeria dentrar polo passo acima dondestaua Duarte pacheco/ q̄ ocupado cõ a peleja do príncipe ho nã veria, z assi entraria na ilha de Cochim/ z a tomaria o q̄ ouuera deser/ se nosso senhor nã atalharã q̄ ordenou q̄ foubessem isto as espias del rey de Cochim que andauã no arrayal del rey de Calicut/ z delas ho soube el rey de Cochim que ho mãdou dizer secretamẽte a Duarte pacheco por Lourenço moreno / q̄ ficou coele pera ser na peleja q̄ auia deser na noyte seguinte/ pera o que logo Duarte pacheco se percebeo, ãcomẽdãdo se muyto amẽte a nosso seõor cõ todos os outros porq̄ se lhes aparelhãõ grãde pigo nẽ Duarte pacheco teue por tamanho ho cõbate dos castelos como aq̄le por ser de noyte em q̄ não podia ver tã-

vê como de dia / e via se grande a-
frôta. E cõ tudo como confiaua e
nosso senhor achou cõ sua ajuda hũ
ardil pera desfazer ho del rey de Ca-
licut: e foy cõtraminarlhe ho sinal
do fogo q̄ lhe auião de fazer / e mã-
darlhe fazer outro mais cedo pera q̄
a sua gête sembaraçasse cõ a do prin-
cipe / e q̄reria Deos q̄ coeste e bara-
çonã faria nada: pera o q̄ em anoy-
tecêdo mãdou poer hũs maires em
hũas palmeiras a q̄ deu auiso do q̄
auião de fazer / e mãdou espías pa
q̄ lhe desse recado de quãdo ho prin-
cipe d̄ Calicut abalasse pa ho vao /
q̄ ho fizeraõ assi. E e ho prícipe e ho
senhor de Repelim q̄rendo chegar
ao vao mãdou ele fazer ho sinal do
fogo. E os q̄ estauão cõ el rey d̄ Ca-
licut como tinhão ho tẽto no fogo
q̄ auia deser sobre as palmeiras em
ho vêdo disserãno a el rey, q̄ muyto
apressado cuydãdo q̄ tardaua aba-
lou logo: e como ainda a gente do
príncipe não era chegada ao vao e
não esperaua a del rey se nã despois
de comecarẽ a peleja no vao / e a sin-
tindo cuydon q̄ era gête del rey de
Cochim q̄ lhe saya dalgũa cilada e
q̄ estaua, e ajudou os a e ganar / nã
auer nhũa deferença antre hũs e os
outros / nẽna cor / nẽ nas armas /
nẽ nos trajos. E cuydãdo q̄ fossem
inimigos virão a eles offendendoos
muy r̄sio cõ suas armas: o q̄ visto pe-
los del rey cuydarão tambẽ que os
do prícipe eẽrão inimigos q̄ lhe sayão
de cilada, poense e defensam sobre q̄
trauarão hũa brazaua peleja q̄ durou
ate pola manhaã em que morrerão
muytos d̄ãbas as partes. E Duarte
pacheco q̄ ouuia ho arroido q̄ fa-

zião e não os via cometer ho vao es-
taua muyto espantado do q̄ aquilo
seria, e per dous homẽs q̄ mandou
a isso soubeo q̄ erapelo q̄ com todos
deu muytos lououres a nosso seõor
e vio claramẽte a merce grãdissima
q̄ lhe fizera em os liurar de perderẽ
Cochim q̄ perderão sem duuida se
ouuera effeyto a determinação del
rey. E rompẽdo a alua foy se a terra
nos bateis e paraõs, e desparando
primeyro sua artelbaria nos inimi-
gos / desembarcou e deu neles q̄ ja
fugião cõ medo dele e do desastre q̄
lhes acõtecera / q̄ em amanhecẽdo
conheceraõ ho engano q̄ teuerão e
fugirão muy espãtados. E Duarte
pacheco achou muytos mortos no
cãpo e cõ grande prazer se recolheo
às carauelas e coele recebeu a el rey
de Cochim q̄ logo ho foy ver / q̄ ficou
pasmado do q̄ acõtecera a el rey de
Calicut: e disse q̄ nunca conbecera
claramẽte q̄ deos peleja polos Por-
tugueses se não eẽtão, nẽ tenera por
certo q̄ ho auia de liurar del rey de
Calicut se não eẽtão: e mandou fa-
zer grande festa e Cochim.

Cap. lxxxv. Dũ ardil com q̄ el rey
de Calicut quisera matar ho ca-
pitão mór Duarte pacheco.



Uyto espãtado ficou el
rey de Calicut de x̄ quã
milagroso desuio deu
nosso senhor pera os nos-
sos nã serẽ desbarados como ele cui-
daua, q̄ nũca teue por tão certo de
ho serẽ como daquela vez: e eẽtão
desesperou de todo de ho serẽ: e por
isso assentou consigo de disistir da
guerra se os mouros fossem disso
contentes, e tambem os reys e se-

nhores que ho ajudauão: e juntos hũs e outros lhes disse. Bẽ vedes quão pouco nos aproueta nosso poder cõtra os frangues / e quão pouco nos fundem quantos ardis inuẽtamos pera os desbaratar: e bem vistes quão desuiado sayo este deradeyro do que cuydauamos: que parece q̃ Deos ho ordenou assi pera que escapassem de nossa furia / no que he de crer q̃ os fauorece pola pouca justiça q̃ temos nesta guerra o que nos mostrou no começo: e se eu fora bẽ conselhado não a proseguira mais como os não desbaratamos no primeyro combate. E q̃reys ver como deos os fauorece e pelesja por eles a fora as muyto grãdes vitorias que tem alcançado de nos / e os muytos dãnos q̃ nos tem feyto / q̃ não ha poder na India que se nos podera tanto defender segũdo estamos poderosos: e estes q̃ não tẽ poder nem sam nada em nossa cõparação / defendense e offendẽnos como q̃ forão mais q̃ nos: e recẽnos cõ festas nas pelesjas como q̃ fossemos os poucos e eles os muytos, e a terra fosse sua e nos os estrãjeiros: pois q̃ he isto se não q̃ Deos os fauorece, e pelesja por eles, e segũdo estão vitoriosos e ho credito q̃ tem alcançado no Malabar hey medo q̃ nos fação daqui aleuantar e nos destruão de todo, e não sera muyto porque ho inuerno vense e os rios crecẽ, e eles corrẽnos todos. E esta certo q̃ se proseguimos a guerra q̃ hão aqui de chegar / e q̃ nos hão de fazer recolher cõ muyto dãno e deshonrra: e pois não somos poderosos pera os desbaratarmos por guerra parece q̃ deuemos q̃rer paz

coeles e fazer deles amigos. E ho primeyro a q̃ pregũtou seu parecer foy a seu irmão q̃ agastado del rey não tomar seu conselbo no começo daquella guerra lho nã quisesa dar, e importunado dele lhe deu seu parecer / dizendo q̃ receaua q̃ Duarte pacheco não quisesse sua amizade, e pera lha offercer / e ele engeitar lha seria tamanha deshonrra como ser tantas vezes desbaratado como fora: e pois com a amizade não podia ganhar tanto como perderia engeitandose lhe que lha não deuia de pedir se não deixarse pera ho capitão mór que fosse de Portugal no anno seguinte: q̃ vendo quão pouco lhe a proueitaua a guerra e como não sabia como lhe iria nela folgaria cõ a paz. E sobristo por q̃ não pareceisse q̃ fugia cõ medo q̃ se deixasse estar e não se fosse se não quando pareceisse q̃ se ya por amor do inuerno. E depois de ido, e que pareceisse q̃ pola necessidade do tempo se fora, bẽ poderia falar na paz, e poderia ser que Duarte pacheco a quisesse temeroso de se mudar sua boa vêtura: e pera ho prouocar a querer amizade q̃ lhe nã desse mais cõbate: e pois lhe não seruião de mais q̃ de perder sua gente. Este conselbo de Mambearim foy reprobado pelos reys e senhores / e polos mouros principalmete q̃ disserão q̃ el rey não se deuia de ir / nẽ por mór inuerno q̃ fizesse / nẽ por mais gẽte q̃ perdesse: e q̃ auia de dar tãtos cõbates aos nossos ate q̃ os tomasse, e não somete auião de procurar a destruyção daqueles: mas tambem a dos que estauão em Cananoz e em Coulaõ / a cujos reys deuia logo de mãdar homens de cre

dito com cartas em que affirmasse que aferrara os nossos com os castelos / e os matara a todos e tomara as carauelas / por isso que matasem todos os nossos que lá estauão como lhe tinhão prometido. E posto que a elrey pareceo melhor bo conselho de seu irmão que este / tomou bo por amor dos mouros que receua na trena de Calicut: e logo ele e os mouros escreverã aos reys de Couilão e de Cananoz: o que se assentou no conselho, mas não selhe deu fé por outra noua como esta que lá fora ser falsa: e com tudo por induzimento dos mouros que morauão nestes dous lugares forão os nossos postos em afronta / e não ouzauão de sair das feytozias. E é Couilão foy morto hũ ás cutiladas e os outros não / porque foy recado certo de Calicut que mandarão os gẽtios que os nossos erã viuos e bo que fizerão. Pelo que foy respondido a elrey de Calicut que nã auião de matar os nossos em quanto os do passo não fossem desbaratados que os desbaratassem e então comprirão coeles. O que sabido pelo senhor de Repelin e pelos mouros a pertarão logo cõ elrey de Calicut que os combatesse. O que ele quise-ra escusar por estar muyto quebrado dos spiritos / mas não pode: e mandãdo dar bo combate per mar e por terra succedeolhe como dâtes, e por isso mais por importunação dos mouros q̃ por sua vôtade deu ê pessa a outro cõbate cõ os castelos e cõ muyto mais gẽte e mais nauos q̃ da outra vez: e durou bo combate mais espaço / e tambẽ foy des-

baratado e recebeo mór perda que dâtes. E coesta vitoria dos nossos ficarão os de Cochim seguros de todo dos inimigos, e assi elrey que foy visitar Duarte pacheco em bũ andor / e com mais estado do que tinha despois que começou a guerra o q̃ logo foy sabido no arrayal dos inimigos / e esses reys e senhores q̃ estauão cõ elrey de Calicut he disserão que se não auia de sofrer / que estando eletão poderoso de gente, elrey de Cochim bo teuesse em tão pouca cõta que se desse por liure dele. Ao que elrey de Calicut respondeu que elrey de Cochim tinha razão de fazer o que fazia pois ele estãdo tão poderoso podia tão pouco q̃ bo não desbaratava, que se eles sentião o que dizião que pelessem cõ os nossos porque ele se lançava de mais entender na guerra / porque tinha por sem duuida q̃ de cada vez auia de receber mór dãno, e parece que de muyto agastado mandou a todos que bo deixassem só, e assi esteue hũ grande pedaço muyto cuydoso: e despois disso mandou a algũs Maires em que tinha cõfiança que se fossem dissimuladamente a Cochim / e trabalhassem por matar Duarte pacheco / e quaisquer outros dos nossos: e como os Maires sam homens que não tem mais segredo na cousa que em quãto a cuydão logo se isto rompeo / de maneyra q̃ ho soube Duarte pacheco / que logo teue mais recado ê si: e nos nossos do que dantes tinha, e pera auer os Maires que bo vinhão matar fez duas quadrilhas de Maires d' Cochim de q̃ se muito saua hũa

¶ liij

que andasse ao longo do vao e outra aolôgo do rio que per quartos vigiauaõ de noyte, e de dia os que yão e vinbão. E durando, assi esta goarda soube que era sua eipia hum Naire de Cochim da casta dos leros, e trazia consigo algũs Naires não conhecidos q̃ parecião de Calicut o que sabido por ele fez de maneyra que logo lhos prenderão a todos: e trazendolhos mandou os açoutar muy brauamente perante os outros Naires de Cochim / e despois mandou que os enforcassem. O que vendo os de Cochim lhe pedirão q̃ lhe desse outra pena pois erão Naires: e quelhe não fizesse tamanha injuria. E não querendo ele se não q̃ os êforcassem / lhe disserão os seus capitães que ho não deuia de mandar, e quelhe lembrasse quanta perda e trabalho passara el rey de Cochim por defender os nossos: e que sinteria muyto enforcarem aqueles Naires pois os prendera em sua terra / porque era tomar lhe a justiça: e mostraua aos senhores de fora que estauão com ele que era rey emprestado: e pois lhe tiuera sempre grãde acatamento que ho nã deuia desacatar no cabo. O que pareceo bẽ a Duarte pacheco, e agardeceolhes muyto este conselho: e logo mãdou polos Naires que mandara enforçar, de que dous estauão ja meos mortos, e com os outros os mandou a el rey de Cochim: e lhe mandou dizer como lhe merecião a morte / e a causa porque os não mandara enforçar. O que el rey estimou, porque lhos derão perãte muytos senhores de fora / e algũs mouros

de Cochim / que por vituperarem el rey dizião que os nossos erão os que mãdauão: e não ele. E dali por diante teue Duarte Pacheco tal auiso: que ho ardil del rey de Calicut não ouue effeyto.

Capit. lxxxvj. De como el rey de Calicut se meteo em hũ pagode: e despois se tornou a sayr.



Endo ja na fim de Junho, que ho inuerno ya em crecimẽto pareceo a Duarte pacheco que por essa causa nã podia el rey

de Calicut estar ali muyto, e por isso determinou de dar nele ao leuãtar do arrayal, porque a experiẽcia que tinha dos inimigos das vitorias passadas / lhe fazia crer q̃ lhe faria muyto dãno. E estando pera desencadear os mastos e poerse a pique, foy auisado que el rey de Calicut mãdaua reformar os castelos e fazer mayor armada pera ho combater. Esta fama lâçou el rey, por que bem lhe parecia pelo que tinha visto Duarte pacheco que auia de dar nele ao levantar do arrayal que determinaua de levantar e irse: e isto tão secretamente que ninguẽ ho sabia senão Hambeadarim: e pola rezão que digo fazia mostra de querer combater ho passo de Palurte: e ho do vao tudo juntamente / por que occupado Duarte pacheco e os defeder ambos se podesse ele ir a seu saluo. E hũ sabado a tarde vespera de sam João em q̃ dizião que auia deser ho combate / mostrou se a ar-

mada dos inimigos como costuma
ua. Duarte pacheco esteue esperan-
do toda a noyte que ho auião de cõ-
bater, e em amanhecêdo não ouuiu
nãũ final de combate. E estando sus-
penso no que seria, soube pelos Bra-
menes que el rey de Calicut leuan-
tara ho arrayal e se fora a Repeli, e
que ja lá seria: do que ele ficou muy-
to magoado / e no mesmo dia sayo
em Repelim e pelejou com muyta
gente dos inimigos, em q̄ fez muy-
ta destruyção: e tornandose ao pas-
so ficou ainda nele algũs dias pera
mais segurança de Cochim, q̄ auia
medo que el rey de Calicut tornas-
se se fosse logo. Do que el rey esta-
ua bem fora / antes ya tão corrido
do pouco que fizera, e tão triste e
descontente do mundo, que como
passou ho rio de Repelim, apartou
se com os reys e senhores que ho a-
cõpanhauão, e disselhes chorando.
A tão enuergonhado homẽ co-
mo eu estou / pequena vergonha se-
ra deitar estas lagrimas, que a ma-
goa de minha desauentura me arrã-
ca do coração que de muyto afadi-
gado (porque ho não podera fazer e
pubrico) q̄r ir de sabafar onde ho ni-
guẽ veja. Outra dor tenho també
a fora a de minha desbõrra, que he
não vds poder pagar a obrigação
em que vos sou / que hey por tama-
nha que se me visselture dela ficaria
mais contente que de tornar a to-
mar Cochim. E pois Deos não quis
que ho tornasse a ganhar e me pos-
em tamanha desbõrra / não q̄re-
ra ele que eu mais viua em abito
de rey, antes por emenda de meus
peccados quero acabar meus dias

em hũ turcol: ou viuer assi ate deos
tirar ho odio q̄ mostrara nesta guer-
ra q̄ me tinba. Dize por diante po-
deis fazer o que quiserdes: e de mi-
nha terra e gente o q̄ vos compzir.
Nãõ vos offreço minha pessoa, por
que homẽ tão defauêturado como
eu nãõ ho deueis de querer em vossa
cõpanhia. E coisto acabou, e eles
ho quiserão consolar / mas não po-
derão / nem tiralo daquela determi-
nação, e foyle meter em hũ turcol
com algũs Bramenes que leuou cõ
sigo. E sabendo sua mãy como ali
estaua, lhe mandou dizer que ela nã
estaua menos triste que ela / e q̄ por
seu ençarramento auia grande re-
uolta em Calicut / e erão idos muy-
tos mercadores / e outros estauão
pera se ir, nem auia nãũs mantimẽ-
tos, porque os não trazião com me-
do dos nossos: e pois acertara tão
mal em tomar guerra coeles (do q̄
lhe a ela pesara muyto) que não de-
uia de tornar a Calicut ate não co-
brar ho credito que tinba perdido:
e prosseguisse a guerra com os nos-
sos / e se perdesse nela de todo: ou vẽ-
cesse. Coeste recado ficou el rey mu-
to mais agastado: e mandou logo
chamar seu irmão, e encomendou-
lhe ho regimento do reyno / mas
despois sayo do turcol e tornou a
ser rey.

Cap. lxxxvij. De como muytos
daq̄les reys e senhores queaju-
dauão a el rey de Calicut pedirã
paza Duarte pacheco.

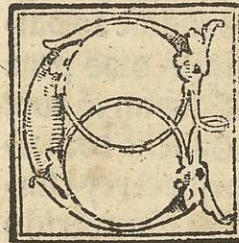


Queles reys e senhores
que ajudauão a el rey de
Calicut, despois que se
ele meteo no turcol se de

teuerão algũs dias em Repelim/esperando se se arrependeria do que tinha feyto: e vendo que não cada hũ se foy pera suas terras: porque como os mais as tĩbão ao longo da goa/ e ela começaua de crescer cõ bo inuerno/ ouuerão medo q̃ Duarte pacheco êtrasse pelos rios e lhas destruisse: e perdêdo a esperança de lhas poderẽ defender quiserão procurar dauer sua amizade. E tomãdo por intercessor a el rey de Cochĩ q̃ por sua boa condiçãõ ho quis ser, sem lhe lembrar ho mal que lhe fizeraõ/ e mãdoulhes seguro pera que podessem ir a Cochĩ/ donde ya coelles a Duarte pacheco e lhe rogaua que os recebesse em sua amizade: o que ele fez por amor dele. E outros reys e senhores quenão poderãõ ir mandarãõ seus embaixadores a fazer estas pazes, assi tambẽ muytos mercadores mouros moradores e Calicut pera poderem tratar se forãõ pera Cochim de morada com licença: e outros se forãõ pera Cananor, e outros pera Coulão: de modo q̃ Calicut se despejaua cada dia. E por a passagem dos mouros pera Cochim se deixaua Duarte pacheco estar no passo, e porque andauãõ muytos paraõs de Calicut pelos rios pera os goardar com que pelejou algũas vezes: e lhe fez muyto dãno/ e assi em terra de Repelim e q̃ sayo a tomar vacas/ e nestas saydas pelejou com muytos inimigos em q̃ fez grande destruyçãõ. E hũ dia toparãõ certos dos nossos com algũs tones dos inimigos que estauãõ em hũa alagoa, e tirandoos de la e leuãdoos pera ho rio ouuerãõ

com os inimigos hũa braua peleja, em q̃ forãõ mortos muytos e dos nossos nhũs. E despois disto logo ho senhor de Repelim fez amizade com Duarte pacheco, e se vio coele e acodio com muyta pimenta que auia em sua terra.

Capit. lxxxviii. Das armas q̃ el rey de Cochim deu ao capitãõ mór Duarte pacheco.



Stando assi Duarte pacheco no passo foy ter coele hũa noyte por dentro dos rios Ruy daraujo escriuãõ da feytoria de Coulão que lhe disse da parte do feytoz como ele e os outros nossos que estãõ na feytoria ficauãõ cercados de muyta gente per mãdado dos regedores de Coulão/ que primeyro que os mandassem cercar lhe tomarãõ por força toda a pimenta que tĩbãõ em Coulão/ e em Caycoulão/ e matarãõ sobriõ hũ dos nossos. E tudo isto por induzimento dos mouros da terra/ per amor do recado que lhe fora de Calicut que os nossos erãõ desbaratados. E porque ainda era necessario estar ali Duarte pacheco oyto dias se não partio logo e mãdou a Ruy daraujo que esperasse. E nesta detençãõ lhe leuarãõ hũ dia algũs dos nossos tres Maires de Calicut que ho espiauãõ pera ho matar. Do que el rey de Cochĩ foy auisado: e porque lhe pareceo que Duarte pacheco leuaria gosto em os mandar enforçar por ho caso ser

pera isso / e por amor dele ho deixaria de fazer e lhos mandaria: em sabendo que lhos leuauão lhe mādou dizer, que lhe pedia muyto que fizel se deles o que lhe bem parecesse por que leuaria nisso muyto gosto, que nã queria outro se não ho seu. E conhecendo Duarte pacheco que el rey de Cochim fazia aquilo por lhe dar contentamento / por em q̃ não goardaua seus costumes / mādou lhe os Haires / dizendo que nunca Deos quisesse que ele por sua causa deixasse de goardar seus costumes / que não dizia ele mandar lhe aq̃les tres Haires / mas que se quisesse lhe iria por outros a Calicut: porque tudo merecia ho seruiço que tinha feyto a el rey d' Portugal. E isto estimou el rey tanto como defender lhe Cochim: e por estas cortesias e outras de que Duarte pacheco vsou sempre com el rey / e ho muyto acatamento que lhe sempre tene como q̃ esteyera em sua liberdade lhe tinha ele grande amor. E auendose de todo por seguro se foy hũ dia ao vao a rogar a Duarte pacheco que não leuasse mais má vida / e que se fosse pera Cochim que ja estava seguro del rey de Calicut, e por isso se foy Duarte pacheco aos tres dias de Julho / auendo tres mezes e meio q̃ ali estava sofrẽdo com os q̃ estauão coele tanto trabalho como nũca soffreo em nhũ cerco dos mais apertados que forão no mundo, e fazẽdo tãtas façanhas como nũca outros nhũs fizerão, assi gregos como latinos né barbaros. E dando muytos lououres a nosso senhor pola muytissima merce que lhe fez em

lhe dar tantas e tãto sobre naturais victorias se foy a Cochim, onde lhe el rey com todos os moradores lhe fez ho mais festejado recebimẽto q̃ pode e dahi ho acompanhou ate a nossa fortaleza. E vido el rey quanto Duarte pacheco fizera em sua defençam lhe pediu muyto perdão de lho não poder satisfazer como desejaua por causa de sua pobreza / e dahi lhe grãde soma despetiaria / que ele não quis tomar por saber quanta necessidade el rey tinha / e disse lhe que ho trabalho que leuara por defender sua terra não fora por outro interesse mais que por desejar de ho servir / porque conhecia sua bondade e tamanho amigo era del Rey de Portugal seu senhor e de seus vassallos. E vendo el rey q̃ lhe não queria tomar nada, acrecentou lhe sua honrra com lhe dar dom e armas como rey que era / pera testemunho de suas façanhas: porque soube quanto se estas duas cousas estimauão antre os Portugueses, e a carta das armas vi eu em publica forma com ho blasam delas q̃ foy tirada da lingua Malabar em que a fez Chericãda hũ escriuão da fazenda del rey de Cochim, e tirou ha em lingua em Portugues Aluaro vaz escriuão que era naquele tempo da feytozia de Cochim sendo lingua hũ Teixeira lingua da feytozia e ho mesmo Chericãda escriuão da fazenda. E eu vi esta carta assinada por el rey de Cochim e dizia.

¶ Fyterama maratiquel vnirramacoul trimum parti rey de Cochim senhor de Uaipim, e Barraul / e Charauaipil, e Marengate. Brame

ne mór/mediante os deoses tiuerê pagode. Dos que esta minha carta virem faço saber que no año de mil e quinientos e quatro, pela conta dos Christãos nomes de Barço/ elrey de Calicut veo sobre minha terra com toda a força e poder do Malabar com soberba indiuída cõtra vontade dos deoses pera me destruir minha terra e gente / por eu acolher e fauorecer os Portugueses que a meu porto arribarão, e lhe dar carga pera suas naos/ polo qual respeito os mais dos reys e senhores do Malabar me forão cõtrairos, e veo acompanhado de cinco reys de sua valia que erão/ elrey de Tanor / elrey de Curlor, elrey de Lotogão, elrey de Depur, e ele camozim rey de Calicut cõ muytos Ambeadaris / e Caimais, e senhores de terras com muy grossa gente, no qual tempo eu não tinha nhũ socorro somête ho dos deoses, por cuja graça e vontade me ficou hũa pequena armada dos Portugueses: da qual era capitão Duarte pacheco pereyra fidalgo da casa del Rey de Portugal meu senhor e irmão/ e com sua armada e gente soffreo ho dito Duarte pacheco muy grandes afrontas e perigos em muytos combates e pelejas que ouue com elrey de Calicut em passos e vaos de Cochim que lhe ele defendeo porque não entrasse em minha terra: e sete vezes foy cercado e cõbatido por elrey de Calicut e pessoa e por esses reys e senhores que coele erão/ por terra e por os rios cõ grãdes frotas de nauios de remo: em os quaes combates e pelejas du

as vezes ho vierão combater com oyto castelos de madeira armados nagoa sobre dous nauios rasos: cada castelo cõ bombardas grossas e muytos archeiros e espingardeyros/ cõ toda outra frota de nauios deremo com muyta gête e artelbaria em hūs passos que ele por minha tinha no rio de Cochim: e ho dito Duarte pacheco cõ os seus ho desbaratou, e lhe ferio e matou muyta gente: e ouue dele a vitoria em todos os combates e pelejas que coele ouue, e cõ seus capitães e gente/ e tres meses e meo esteu em guerra com elrey de Calicut nos passos de Cambalão/ e Darraul / e Durlurte soffrendo muy grandes afrontas fauorecendo meu partido: ajudando me a soffrer minha terra com mais risco de se perder a iuzo de todos/ que de me poder socorrer nem saluar se assi mesmo / e por vontade e ajuda dos deoses fez ho dito Duarte pacheco tanto dãno a elrey de Calicut nesta guerra que ho não pode soffrer e lhe conueo alenantar se com seu arrayal e ir se cõ esses reys e senhores que ho ajudauão que estauão ja muy desbaratados e mingoados de credito, e tinhão perdidã muyta gente assi morta como ferida/ em a qual guerra me ho dito Duarte pacheco tem feytos muy grandes e assinados seruiços: e no começo dela ele me prometeo de ir receber elrey de Calicut ao caminho no passo de Cambalão: e assi ho fez poendose em risco de se perder. E coisso e com as cousas que fez me segurou minha terra, as quaes cousas Duarte pacheco fez cõ sua gête

e alguma pouca minha de que lhe ti-
 nha dado carregos / e muytas delas
 fez em minha presença, que eu man-
 dey todas escrever por pessoas au-
 tenticas / porque forão muy gran-
 des segundo sua pouca força e ho
 grande poder del rey de Calicut: e
 a juyzo d todos os Malabares ma-
 is parecião suas cousas serẽ feytas
 por mão e favor dos deoses / q por
 rezão nem força humano: e porq̃ eu
 fuy muy bem socorrido e ajudado
 por ho dito Duarte pacheco e sua
 gente / e me tem feytos muy gran-
 des e affinados seruiços nesta guer-
 ra / e defêdeo a el rey de Calicut os
 passos / e vaos e entradas de Co-
 chim / e me ajudou a defender mi-
 nha terra que estava em condição de
 a perder se ele não fora / o q̃ lhe não
 posso negar que forão seus feytos
 muy notorios e gerais em toda a
 India, uẽ lhe posso pagar seus grã-
 des seruiços como eles merecẽ não
 querendo ele de mim tomar nada.
 Eu Yterama maratinquel vnirra-
 macoul trimumpati rey de Cochi
 de meu proprio moto e liure vonta-
 de, e poder absoluto: por memoria e
 sinal de seus feytos, e das afrotas
 que por mim passou nesta guerra /
 e por honrra de sua pessoa, e dos q̃
 dele decenderem lhe dou ho dom q̃
 soube que os Portugueses tem por
 honrra / que ele se possa chamar dõ
 Duarte pacheco, e todas os q̃ dele
 decenderem: e assi lhe dou por insi-
 gnias e sinais de seus feytos e hõrra
 que nisso ganhou hũ escudo verme-
 lho por sinal do muyto sangue que
 derramou dos de Calicut nesta
 guerra / e dentro nele lhe dou cinco

coroas douro em quina por cinco
 reys que nela desbaratou. E a bor-
 dadura deste escudo lhe dou branca
 com ondas azueis / e nela oytos cas-
 telos verdes de madeyra armados
 nagoa sobre dous nauios rasos ca-
 da castelo / por duas vezes que ho
 combaterão cõ estes oytos castelos
 e dambas os desbaratou: e dou lhe
 sete bandeiras de põta ao derredor
 deste escudo / tres vermelhas e du-
 as brancas / e duas azueis por sete
 combates que lhe el rey de Calicut
 deu por sua pessoa, e em todos sete
 ho desbaratou / e por sete bãdeiras
 que lhe tomou / das mesmas cores
 e feyção que abaixo irão: e dou lhe
 hũ elmo de prata aberto goarneci-
 do douro e ho paquife douro e ver-
 melho / e por timbre hũ castelo do
 mesmo teor com hũa bandeira ver-
 melha de ponta nele: as quais insi-
 gnias e armas ele podera trazer mes-
 turadas com as armas d sua linha-
 gem, ou sem elas / ou como ele qui-
 ser cõ a dita bordadura ou sem ella,
 como lhe melhor parecer que eu de
 meu proprio moto e liure vontade,
 e poder absoluto lhe dou como di-
 to tenho cõ ho dom a ele e a todos
 os q̃ dele decenderem por muy grã-
 des e affinados seruiços que me tẽ
 feytos como acima he declarado: e
 pera sua goarda e minha lembrança
 lhe mandey ser feyta esta carta
 por mi assinada. E hericanda escri-
 uão de sua fazêda a fez em Cochim,
 e foy terladada por mi Alvaro vaz
 escriuão da dita feytozia de Cochi
 e assinada por el rey de Cochi. Fey-
 ta e Cochi aos dous dias do mes
 Agosto de mil e cccciiij. años.

Capít. lxxix. De como ho capitão mór Duarte Pacheco foy socorrer ao feytoz de Loulão.



Sabêdo Duarte pacheco a necessidade que auia dir socorrer ao feytoz de Loulão esperou ate q ho tẽpo não fossẽtão ver-de como era: e pera ir mais seguro foy na sua nao e deixou as carauelas em Cochim pera q goardassem ho porto de Cochim, e deixou por capitão mór Pero rafael, e quis nosso senhor que afastado de terra achou ho mar brãdo e chegou sem perigo a Loulão: e com sua chegada ficarã os mouros muyto tristes por terem algũs lançadas ao mar cinco naos que carregauão cõ grande pressa porque se partissem antes que ho capitão mór chegasse, q bem lhes parecia que auia de ir na entrada do verão, mas não tão cedo porq repoufaria da guerra passada: e muitos se forão logo com medo. Os da cidade decercarã logo os nossos, e todos amigos forã receber ho capitão mór ao mar, e leuarãlhe muyto reŕeico, assi os da cidade como os mouros: que ele recebeo muyto bẽ dissimulando o que tinhão feyto por não aluzoçar a terra. E disse-lhes que era ali vindo pera fazer tudo o que lhe comprisse e goardar a amizade e paz que estaua assentada antreles, e el Rey de Portugal seu senhor. E porque bũa das condições do cõtrato da amizade fora que se não leuasse pera fora nũa especiaria ate q ho nosso feytoz não

comprasse a de que teuesse necessidade de pa carregação das nossas naos, que ele não auia de consentir que esta cõdição se quebrasse por ser muyto principal ãtre todas as ontras: e por isto nã auia nũa nao de sayz do porto sem as mandar buscar pel meyo se leuauão especiaria. E que os mouros sofrerão muyto contra sua vótad, porẽm consentirão polo medo que lhe auião, e por ele mostrar aos mouros que tinha cõprimẽto coeles mandou rogar aos senhores das naos que estauã no porto que não comprassem nũa especiaria se nã pera comer: e lhe dessem a que tinhão carregada: porque de toda tinha necessidade pera as nossas naos que esperaua q erão muytas. E isto das naos serem muytas lhes dizia pera lhes quebrar os espiritos, e mandou-lhes q logo descarregassem a especiaria e a etregassem ao nosso feytoz. E que os mouros ouuerão por muyto graue culpa e não ho querião fazer e por isso se detinhão: o que ele vendo, e temẽdo que a tardança era pera se fazerẽ fortes, mandou logo atrauessar a sua nao diante das proas das cinco q estauão começadas de carregar e mandou fazer prestes os seus pera pelesarem: mãdando aos senhores das naos que logo descarregassem a especiaria. E porq na praya andaua muyta gente e setemeo que fosse socorrer as naos, mandou lá ho seu batel bem artilhado que ho defendesse e nele y a Ruy darauio, assi pera isso, como pera etrar nas naos e as fazer descarregar: porq ja os senhores delas cõ medo ho consen-

tião. E descarregadas as naos / mã dou dizer aos regedores da cidade, porque parecesse que tinha coeles comprimento que não ounessem por malo que fizera aos mouros / porq̃ mais lhe merecião pola afronta em que poserão os nossos que estauão na feytozia: z que se auisassem que não deixassem sayr do porto nhũa nao sem lho primeyro fazerẽ saber pera as mandar buscar / se não que soubessem certo que as mãdaria to mar pera el rey seu senhor, o que lhe eles prometerão. E com tudo ele esteue aquella noyte em vigia sobre as naos / z com ho seu batel ao longo da praya, pera que nhũa gente da terra fosse às naos: z assi esteue alguns dias que ho tempo não deu lugar pera sair ao mar, z com sua licença sayrão do porto tres naos dos mouros hũa, z hũa, z coesta diligẽcia ouue muyta especiaria: z tambẽ porque os mouros de Calicut como ho virão no porto fugirão com medo. E sendo ho tempo brando ja na entrada de Setembro / sayose pera fora da barra a vigiar q̃ não passasse nhũa nao com especiaria / z tomou algũas que mandou descarregar: o que os mouros, z assi os da cidade auião por muyto grãde sugeição. E entendendo ele isto / porque não se posessem coele em algũ estremo com que faria pouco proueito na fazenda del rey seu senhor: deu licença aos mouros z aos regedores da cidade que pera Chozamandel le uasse cada nao certos fardos de pimenta z mais não. Do que eles foram muy contentes, z lho agardecerão muyto. E auẽdo ainda os mou

ros isto por opressam, quizerão por manha deitalo dali / deitando fama que estauão em Coulão homes de hũa nao de Calicut muyto rica que ficaua em hũa pequena ilha ao mar de Coulão porque indo em sua busca carregassem z se fossem. E querẽdo ele ir buscala foy auisado do ardil dos mouros / z por os acolher na empresa mostrando que ya buscar a nao / foyse a Caicoulão que he perto: z tornãdo achou na costa dũ as naos de mouros que se partião carregadas z tomouas. E vẽdo os mouros que lhe não aproueitara a quele ardil buscarão outro, que fizeram hũ patamar dissimulado q̃ ya de Calicut: z dizia ãtre outras coufas que se armanão em Calicut vinte naos pera irem sobrele: z isto se teue por tão certo que crendoho ho feyto: lhe mandou recado, z tambẽ algũs mouros seus amigos que ho forão ver lho affirmarão por muyto certo. E ele lhes respondeo que viessem com suas naos quando quisessem que ali ho auião dachar onde esperaua õ as desbaratar. E dali por diante ho mais do tempo andaua de largo z de dia surgia, z de noyte andaua á vela, hũa volta ao mar outra a terra por lhe não escapar ne nhũa nao como não escapaua. E andando assi hũa madrugada tomou hũ barco que saya de Coulão pera ir a hũa nao que ele deixara ir z no barco tomou algũs mouros de Calicut, z conbecendo que erão de lá: porque lhe pareceo que poderiã ser culpados na morte daquele home nosso da feytozia que fora morto às cutiladas mandaua que os enfor-

cassem: o q̄ se ouuera de fazer se lhe os regedores da cidade não mandarão pedir que sobrestenesse ate lhe fazerem certo como os mouros nã erão de Calicut se não naturais de Coulaõ: e assi ho prouarão, e por isto escapará. E despois disto tomou duas naos e roubou as, e assi como vigiaua e Coulaõ assi ho fazia Pero rafael em Cochim, e por isso ouue aquele anno a mais ferinosa carga pera as nossas naos, que nũca despois ouue: o que se fez cõ muyto trabalho e perigo/ assi do capitão mór como dos seus.

Capit. xc. De como Lopo soarez partio pera a India por capitão mór da armada que foy no anno de mil e quinhẽtos e q̄tro.



Este anno de mil e quinhẽtos e quatro sabẽdo elrey d̄ Portugal como elrey de Calicut ficaua de guerra com os nossos, mãdou em seu fauor hũa armada de doze naos grossas/ e deu a capitania mór delas a hũ fidalgo chamado Lopo soarez, que em tempo delrey dom João ho segundo fora capitão na China. E os capitães desta armada forão Pero d̄ mēdoça, Lionel courinho/ Tristão da silua/ Lopo mendez de vasconcelos/ Lopo d'abreu/ Felipe de crasto, Afonso lopez da costa, Pedro afonso d'agniar/ Vasco da silueira, Vasco carnalho, Pero d'inis d̄ Setunel todos fidalgos e caualeyros/ e que forão por capitães naquela viagẽ da India: e

todos leuanão consigo boa gẽte de peles e bẽ armada. E despachado se partio de Lisboa a vinte dous dias as Brazil do mesmo anno: e continuando sua viagem aos dous dias de Mayo foy na paragem do cabo verde: e fazendo aqui ajuntar os capitães, mestres e pilotos da armada lhes fez hũa fala, trazẽdo lhes a memoria quão tarde partirão de Portugal: e por isso tinhão necessidade de terem grande diligẽcia e não fazerem os desmanchos que se ateli fizerão/ e todos por mau recado/ assi como foy dar hũa nao pola capitania/ e outras duas por outras: no que se correra grãde perigo e assi não seguirẽ em algũs de noyte ho seu forol/ e hũs yão diante outros ficauão atras: e algũs a balrauento por onde se poderião perder hũs dos outros: e por atalhar a isso, e pera bõ regimento da armada fez hũa postura escrita pelo seu escriuão, e assinada por ele e por os outros capitães q̄ todas as naos se guissem de noyte seu forol/ ficando detras da suanao: e q̄ em nãua nao ouuelle de noyte outro fogo se não a candeia da bitacora/ e dẽtro na camara do capitão, e q̄ vigiassem os mestres e os pilotos, e teuessẽ grãde tento que hũa nao não desse por outra, e que lhe respondessem quando fizesse sinal, e que ho saluassem de dia/ e não passassem diante dele de noyte, e quem fizesse ho contrariopagasse dez cruzados e fosse preso ate a India sem vencer soldo. E porq̄ algũs mestres e pilotos erã negrigẽtes e por sua culpa dauã hũas naos pelas outras mandou os mu

dar das em que yão pera outras. E coesta diligência que fez foy dali por diante a armada em boa ordem e não se fez nã ma o recado. E indo assi no mes de Junho que se fazião na volta do cabo de boa Esperança sobreueolhe hum dia hum muy forte temporal de vento com que toda a frota correo dous dias e hũa noyte aruozefeca com muyto grãde perigo de se perderẽ: e era a çarração tamanha que mais parecia noyte que dia. E passados estes dous dias virão sinais de terra que pareceo a todos que serião perto dela: e por essa causa era a çarração tamanha / q̃ despois de verẽ estes sinais foy muyto mayor. E por isso mandou Lopo soarez q̃ a cada relogio tirasse na sua nao duas hõbardadas a que as outras respondessem: por que se não perdessem hũas das outras. E acabada esta tormenta / achouie menos a nao de Lopo mendez / que vendo Lopo soarez que não parecia seguiu seu caminho. E logo a poucos dias deu hũa nao tamanha pancada em outra que abriu tanto pela roda que se via deãtro muyto bem, e entroulhe tanta agoa de roldão que se ya ao fundo. Lopo soarez arribou logo sobrela e chegou tão perto que podião ouvir ho efforço que dava aa gente dizen-do que trabalhassem por tomar a agoa sem medo de se perderem: por que ele lhes acodiria como acodio com gente que mandou no seu batel, posto que ho mar andava grosso e corria ho batel risco de se perder. E coisto trabalhou tanto a gente da nao / que quando

anoyteceo acabou de tomar a medade da agoa: e pera se tomar a outra que ficava / mandou Lopo soarez que naquela nao se fizesse ho forol, e os capitães a seguissem para lhe acodirem se teuesse necessidade. E abonaçando ho tempo ao outro dia a agoa foy tomada de todo com hũs couros que pregarão e bzearão. Passado este perigo sem mais lhe acontecer cousa que de contar seja, chegou a Abocambique e dia de Santiago, onde ho reque lhe fez grande recebimento / e lhe mandou muytos mantimentos / e lhe deu a carta de Pero dataide que lhe detrou antes q̃ morresse, como ja disse. E sabendo per ela a guerra delrey de Calicut com os nossos / concertada a nao que tirou a monte se partio pera Belinde ho primeyro de Agosto. E chegando ao seu porto el rey ho mandou visitar por Adebucar hũ mouro muyto honrrado / porquẽ lhe mandou os dezaseys nossos que el caparão da nao de Pero dataide. E passados dous dias partio se caminho da India e chegou a Anjadiva, onde achou Antonio de Saldanha e Ruy Lourenço que hi inuernarão como disse atras / q̃ quando virão tamanha frota cuydarão que era de rumes.

Capitulo. xcj. Como ho capitão mór Lopo soarez chegou a Cananor e le vio com el rey.

Stando aqui Lopo soarez veo hí ter Lopo mendez de vasconcelos que se perdiera de sua conserua

AD

cô tpo, e depois de vindo se partio
 pera Cananoz, ôde chegou ho pri-
 meyro deserêbro: e ali soube do fey-
 to a guerra del rey d Calicut: e co-
 mo ele cõ os outros nossos q̄ estauã
 em Cananoz, se virão p̄ muytas ve-
 zes e perigo de morte. E ao outro
 dia depois q̄ chegou foy a terra pa-
 se ver cõ el rey de Cananoz: e forão
 coele todos os capitães da frota e
 seus bateis vestidos d festa cõ os q̄
 os acompanhauão / e os bateis em
 bandeirados e artilhados. Ho de
 Lopo soarez ya toldado e alcatifa-
 do / e ele assentado em hũa cadeira
 despaldas de veludo carmesim com
 almofadas do mesmo aos pés: leua
 ua hũ gibão de cetim de cores feyto
 em enradrez / e hũas calças desta
 maneyra, hũs çapatos d veludo ne-
 gro com muytas p̄tas douro miu-
 das / e hum barrete cõ outras gros-
 sas: hũa roupa francesa de veludo
 negro apertada com hũ cinto de fio
 douro / com hũ punhal e bracamar-
 te douro / e hũ colar de tres voltas
 feyto d alcatruzes esmaltados, e ne-
 le hũ apito douro esmaltado. Le-
 uaua dous pajes vestidos como
 ele / e seys trombetas com ban-
 deiras de seda / leuaua hũs orgãos
 que lhe yão tangendo em hum es-
 quife junto do seu batel / e nele
 hum presente pera el rey de Ca-
 nanoz q̄ lhe mandaua el rey de Por-
 tugal. s. seys colchões d olanda / do-
 us trauesteiros enfrontados com
 suas almofadas, tudo laurado dou-
 ro: dous cubertores de veludo car-
 mesim / e ho decima quartapizado
 de tres tiras de bordado: a do meo
 de largura dũ palmo / e as outras

d tres dedos: hũ leyto dourado cõ
 cortinas de cetim carmesim com a
 forcadura de fio douro. E quando
 Lopo soarez se desamarrou das na-
 os desparou toda a artilharia e des-
 pois tocarão as trombetas e ata-
 bales, e em acabãdo começarão os
 orgãos que forão tangendo ate che-
 garem a terra ôde auia grande mul-
 tidão de mouros e de gentios que
 sayão a ver Lopo soarez, que desem-
 barcado se meteo em hũ çarame q̄
 pera isso estava feyto junto do mar:
 e nel: foy armado holeyto e feyta a
 cama, e junto coele hũ estrado em q̄
 se ho capitão môz assentou. El rey
 de Canoz quando veo leuaua dian-
 te tres alifantes armados como pe-
 ra pelearem, e detras hũ esquadrã
 de tres mil Naïres despadas / e escu-
 dos, e lanças: e outro de dous mil
 frecheiros. E detras destes ya el
 rey em hũ andoz muyto rico. E che-
 gando ao çarame desparou toda a
 nossa artilharia. Lopo soarez rece-
 beo el rey aa porta do çarame: e des-
 pois de se abraçarem / lhe apresen-
 tou a cama: em que se el rey logo lan-
 çou / e ele se assentou no estrado, e
 ali estiverão falando por espaço de
 duas horas. E neste tempo hũ seu
 lebrê quisera filhar hũ dos alifâtes:
 e por q̄ ho tinhão preso daua saltos
 e huyuos q̄ não auia quẽ se ouuisse,
 nẽ quẽ ho teuesse: o q̄ foy causa de se
 el rey e Lopo soarez deterẽ menos
 do q̄ se ouerão de deter. Depois
 desta vista cõ el rey chegou hũ mou-
 ro de Calicut cõ quẽ vinha hũ mo-
 ço Portugues que leuaua a Lopo
 soarez hũa carta dos nossos q̄ fica-
 rão catiuos do tẽpo de Pedralua:

rez/ em que dição que el rey de Calicut ficara tão quebrado da guerra que teuera com Duarte pacheco q̄ se metera no turcol dauozrecido do mundo: z que muytos mouros desesperados de terem trato em Calicut se forã mozar a outras partes: z por isso auia em Calicut grande fome. Pelo que el rey de Calicut z ho príncipe z seus regedores/ z assi todos os moradores d Calicut desejauão de ter paz cõ os nossos. E determinando ja de a mãdar pedir, derão licença aos nossos q̄ estauão catiuos que lhe escreuessem aquela carta que lhe escriuião: assi peralbardarẽ, como peralhe pedir que os tirasse de catiueiro. E ele vista esta carta/ quisera responder a ela pelo mouro z que ficara ho moço: mas ele não quis/ dizêdo que de necessidade auia de tornar cõ ho mouro: por que lhe derão licença peraleuar a carta com condição q̄ nã tornãdo que cortassem as cabeças aos nossos que ficauão em Calicut / a que Lopo soarez mandou dizer de palavra/ que quando fosse pera Cochisurgiria ho mais perto que podesse de Calicut / z que fugissem eles de noyte pera a frota, ou a nado / ou em almadias: z isto porq̄ soube do mesmo moço que os catiuos andauão sem ferros pela cidade cõ dous naires q̄ os goardauão / z de noyte dormião em hũ çarame. E despois disto partio se pera Calicut / onde chegou hũ sabado sete de Setembro. E como surgio foy a ele ho moço que lhe leuara a carta a Cananoz z foy coele hũ mouro criado de Cojebequim que lhe leuou hum presen-

te dos regedores de Calicut. De cuja partelhe disse / que se quisesse dar seguro a Cojebequim que iria falar coele sobre ho concerto de paz. A que ele respõdeo que não auia de tomar ho presente, nẽ outra coisa algũa ate a paz não ser feyta / z quanto a Cojebequim que lhe poderia ir falar seguramente como seruidor del Rey de Portugal. E mandou dizer aos nossos que trabalhasssem por fugir. Sabida esta reposta pelos regedores, mandarão logo Cojebequim q̄ leuasse a Lopo soarez dous dos nossos que estauão catiuos crendo que coisso ho prouocarião a fazer paz / pedindolhe que esperasse quatro dias que el rey poderia tardar / porque ja erão a chamalo / z que sabião que faria quanto ele quisesse. E ele respondeo / que não auia d fazer coisa algũa ate lhe primeyro não entregarem os dous Italianos que se lançarão em Calicut: z que tendo lhe entregues faria o que fosse bem. E não lhe mandou nhũ recado sobre os catiuos / porque tinha pera si que poderião fugir: mas não poderão, porque sabendo os Italianos como Lopo soarez os pedia / conselbarão aos regedores q̄ teuessem grande guarda sobre os catiuos: por que polos auer faria ele a paz com as condições que el rey quisesse, porque erão muyto estimados antre os nossos: z que os não auia de deixar por nhũ preço. E crendo os regedores isto / esfriarão de falar mais na paz, z serão os catiuos em tal recado que não poderão fugir. E ficarão assi ate ho tẽpo do visorrey dõ Frãçisco

dalmeida que fugirão algũs: e os outros morrerão de doença.

Capit. xcij. Da destruição que ho capitão mór Lopo soarez fez em Calicut: e de como chegou a Cochim.



Vendo Lopo soarez q̃ os regedores não tomamão nhũa concussam coele: e desesperado de auer os catiuos / quis se vingar em esbombardear a cidade hũ dia e meo / em que fez nela muyto grande destruição, que derribou ho çarame del rey, e parte dũa mezquita, e outras muytas casas, e matou muyta gẽte q̃ acodio á praya: de q̃ ele estava perto com sete naos das mais pequenas da frota / e pegados com terra todos os bateis artilhados. Feyto isto partio se pera Cochim, õde chegou hũ sabado quatorze de Setembro: e este dia esteve no mar / e foy visitado dos nosos. E ao outro dia desembarcou na nossa fortaleza da mesma maneyra que desembarcou em Cananoz. El rey de Cochim ho estava esperãdo á porta da fortaleza: e dali ho recebeu com grande festa. E depois de se abraçarem se tomarão pelas mãos / e se forão a hũa sala: em que estava feyto hũ estrado real cõ hũa cadeira despaldas. E porque el rey se assentou no estrado segundo seu costume / q̃ he assentarse no chão: mãdou Lopo soarez afastar a cadeira pera fora do estrado / e assentou se nela: o que lhe foy tachado per to

dos, e disserão que se ouuera dassen tar no estrado com el rey: a quem ele deu hũa carta del rey de Portugal de muytos agardecimẽtos do que fizera por amor de seus vassallos: ofrecendose lhe muyto por essa causa: e el rey disse que de tudo era pago / no que Duarte pacheco fizera por ele. E ao outro dia lhe mandou Lopo soarez hũa boa soma de dinheiro que lhe el rey de Portugal mandaua / porque sabia que estava pobre. E õ depois disto mãdou a Pero de mendoça, e a Vasco carualho q̃ fossem dar armada e suas naos a goardar aquela costa ate a de Calicut pera que tomassem as naos dos mouros que saysem com a especiaria. E assi mandou Alfonso lopez da costa, Pedro alonso daguiar, Lionel continho / e Ruy dabeu q̃ fossem carregar a Coulão por saber que ania la especiaria em auondança. E mãdou a Tristão da silua q̃ fosse a Cranganor por dentro dos rios cõ quatro bateis armados pera pelejar cõ algũs paraõs de Calicut que andauão dar armada: e Tristão da silua esbõbardeou algũs: e assi algũs naues que lhe sayzão em algũas pontas: e sem chegar a Cranganor tomou hũ zambuco de Calicut carregado de pimenta com que se tornou a Cochim, onde carregou com os outros capitães que carregarão muy pacificamente: e foy a especiaria tanta que sobejou muyta.

Capit. xciii. De como Duarte pacheco se partio de Coulão pera Cochim.

Duarte pacheco queãda-
 uana costa de Coulaõ co-
 mo la vio os capitães / z
 q̃ era chegado capitão
 môz: porq̃ não tinha mais q̃ fazer /
 partio se pera Cochim a vite dous
 Doutubro: z indo por seu caminho
 ouue vista de hũa nao muyto ala-
 mar, a que deu caça todo aquele dia
 z parte da noyte, que selhe acolheo
 a Coulaõ, onde auêdo fala dela sou-
 be que era de nossos amigos / z que
 vinha de Choramandel / z q̃ detras
 vinhão tres naos de Calicut: pelo
 que foy logo em sua busca / z perlõ-
 gou aquela noyte a costa cõ ho ter-
 renho. E em amanhecendo que ya
 na volta do mar ouue vista de hũa
 vela quelhe fugio tanto q̃ a não po-
 de alcançar se não tarde perto da co-
 sta, onde pelesou coela hũ pedaço /
 porque trazia muyta gête z defen-
 diase: z por derradeyro amainou /
 não se atreuendo a defender. Rendi-
 da a nao, que os nossos a entrarão.
 mandou Duarte pacheco alisar de-
 la algũa da gente em terra: z a ou-
 tra mandou meter na sua nao presa
 em ferros. E sabendo que esta nao
 era hũa das tres de Calicut que ele
 ya buscar / metêdo nela dos nossos
 que a goardassem a leuou consigo, z
 as outras duas. E sendo tanto auã-
 te como Comozim, deu lhe hũa tor-
 uoada com que se ouuera de perder:
 z passada dela surgio na costa hũa
 legoa de terra z ali esteue aq̃la noyte
 em quelhe fugirão anado trinta
 mouros / de que tomarão doze com
 ho batel: z despois disso andou do-
 ze dias as voltas esperando pelas
 naos. E vendo que não vinhão, nẽ

achãdo nouas delas, leuou a nao q̃
 trazia a Coulaõ. E despois de a en-
 tregar ao feytoz com toda a fazêda
 que era muyta / se foy pera Cochi.

Capit. xciiij. De como ho capi-
 tão môz Lopo soarez pelesou em
 Cranganor com hũa armada de
 Calicut.

Acabadas de carregar
 as naos que carregauã
 em Cochim: z chegadas
 as que carregarão fora,
 pos Lopo soarez em conselho se da-
 ria em Cranganor por quanto era
 da parte del rey de Calicut, que sa-
 estaua em Calicut fora do turcol: z
 estaua ho seu capitão môz do mar
 com oytêta paraõs / z cinco naos:
 z em terra Nambeadarim com boa
 soma de gente. E auia noua q̃ como
 se Lopo soarez partisse pera Por-
 tugal que auia el rey de Calicut de
 tornar a prosseguir a guerra. E acor-
 dado per todos os capitães q̃ des-
 sem em Cranganor, partio de Co-
 chim hũa noyte com quinze bateis
 z vinte cinco paraõs de Cochim to-
 dos artilhados / z apadessados: z
 hũa carauela em que irião passante
 de mil dos nossos, z mil Maires: z
 antemanhaã chegou a Maliporro
 q̃ não pode mais andar por os bai-
 ros do rio: z os bateis erã pesados
 por amor das padessadas z artelha-
 ria. E ali foy ter coele ho príncipe
 com oytocentos Maires, z hũs per
 terra, z outros p mar partirão pa-
 Cranganor. Odestaua ho capitã môz
 do mar d Calicut e duas naos no-
 uas: z tinha as êcadeadas z artilha

das e bastecidas de muyta gente de guerra/os mais deles frecheiros: e detras destas naos, e das ilhargas estauão os paraõs tambem cõ muyta gente: e tinha consigo dous filhos valentes homẽs. Chegada a nossa frota começou o jugar a artelharía d'ũa parte e doutra: e Tristão da silua/Alfonso da costa, Vasco carualho/ Pedrafõio daguiar, e Antonio de saldanha que yão na diãteira abalrroarão com as duas naos sobre o que pelejarão hũ pouco. Entradas as naos forão despejadas/ morrendo primeyro ho seu capitão mór / e seus dous filhos q̃ pelejarão muyto valentemete/ e outros muytos: porque aqui foy toda a força da peleja/ q̃ nos paraõs a quem os outros capitães comete terãõ ouue pouco que fazer. que logo que virãõ as naos entradas se desbaratarão. Desbaratados os inimigos do mar / mandou Lopo soarez que desembarcassem os nossos: e desembarcarão primeyro os cinco capitães que digo q̃ leuauão a dianteira / a que Mambeadarim quis resistir com algũs Maires que tinha com quẽ os nossos pelejarão com tanto efforço que os fizerão fugir indo a pos eles / e poserão fogo a algũas casas / que todo ho lugar estaua despejado dos mouros / e dos gentios / que bem souberão como yão sobre eles / E tambem Mambeadarim e sua gente assi como fugirão da praya vazarão logo fora. Duarte pacheco / e o feytor Diogo fernãdez correa desembarcarão por outro cabo cõ os outros capitães / e começarão de queimar. E Lopo

soarez ficaua na praya tendo a gente que se não desmandasse. Os Christãos da cidade que estauão escondidos pelas casas como virã que lhe punhão ho fogo sayzão donde estauão bradando aos nossos q̃ os não matassem / que erãõ Christãos. E algũs se forão logo a Lopo soarez a pedir lhe por amor de nosso senhor que mandasse cessar ho fogo por se não queimarem algũas igrejas de nossa senhora, e dos apóstolos que auia na cidade: e as casas tambem que estauão de mestura com as dos gêtios / e dos mouros. E por seu rogo mādou ele que fizessem cessar ho fogo. E assi se fez / mas com tudo erã ja queimadas muytas casas / que por serem feytas de madeira arderão logo. E apagado ho fogo forão roubadas as casas dos mouros que forão muytas e depois queimadas, e assi cinco naos e os paraõs. E Lopo soarez quiserá ir pelejar com Mambeadarim que estaua hi perto / e indo ele lhe fugio e por isso se tornou: e feytos algũs caualyros se foy pera a nossa fortaleza / onde el rey de Cochim ho foy visitar.

95.

Capit. xciii. De como el rey de Lanor pedio paz ao capitão mór Lopo soarez.



Dahi a dous ou tres dias chegou hũ embaixador del rey de Lanor rey do Malabar e vezinho del rey de Calicut / que lhe disse da sua parte que seria vassallo

Del Rey de Portugal se lhe desse ajuda contra el rey de Calicut q̄ lhe fazia guerra: z que lha deuia de dar por que sabendo ele que el rey de Calicut ya em socorro de Cranganor se posera em cilada com quatro mil haïres, z lhe matara dons mil, z ho desbaratará: pelo que el rey de Calicut não podera socorrer a Cranganor. E logo Lopo soarez o recebeu por vassallo del rey de Portugal / z mandou Pero rafaël em sua ajuda que foy na sua carauela cõ cẽ Portugueses / que pelejarão tambem q̄ desbaratarão el rey de Calicut / z lhe matarão muyta gente: do que ficou mais abatido que com as victorias de Duarte pacheco por ser cõ seu vezinho / q̄ foy causa de lhe os outros perderem ho medo / z se levantarem contra ele / z por isso os mouros de Calicut z de Cranganor desconfiarão de poderem tratar pera Beça q̄ muytos determinarão de se tornar pera suas terras / pera o q̄ carregarão dezasete naos grossas em Pandarane.

Capi. xvij De como ho capitão mór Lopo soarez pelejou com os mouros em Pandarane.



Chegado ho tẽpo de Lopo soarez se partiu pa Portugal deixou pera segurança de Cochĩ hũa armada de duas carauelas z hũa nao, de que ficou por capitão mór hũ fidalgo que auia nome Manuel telez de vascõcelos, z por seus capitães Pero rafaël / z Diogo pi-

rez. E deficar este Manuel telez z não Duarte pacheco pereyra, pe sou muyto a el rey de Cochim / z se não conhecera Lopo soarez por tão seco de condição sempre lhe pedira que ficara Duarte pacheco por capitão mór / z rogo ulhe a ele quelho rogasse: do que Duarte pacheco se escusou. E conbendo el rey a causa por que ho fazia, não quis apertar coele que ho fizesse: z não tẽdo nada que lhe dar offreceolhe grande somma de pimenta, que lhe ele não quis tomar por que sabia a necessidade q̄ tinha dela: z deixando grãde soida de em el rey de Cochim z em todos os seus se foy embarcar, z partio se com Lopo soarez que por roim pilotagem escorreo ho porto de Pandarane que quísera tomar pera se ver com el rey de Lanor. E dali por dia te mãdou a Pero rafaël z a Diogo pirez que fossem diante da frota vigiando ho mar: z sendo eles tanto auante como Pandarane ao longo de terra / sayzã lhe do porto dez paraos de mouros da cõpanhia das dezasete naos que disse: z de cuydarem que Lopo soarez nã ousaria de pelejar coeles por irẽ as suas naos carregadas, lhe começarã de tirar com a artelbaria dãdo grandes gritas. Lopo soarez z os outros capitães q̄ yão alamar ouuindo as bõbardadas arribarão a terra / z chegarão tão perto que virão as dezasete naos que carregauão. E sabẽdo Lopo soarez que erão de mouros, assentou em conselho de pelejar coelas nas carauelas z nos bateis da armada que erão quĩze: por que as naos por irem carregadas não po-

poderião chegar a terra onde as outras estauão: e mais q̄ em chegãdo a elas as aferrassem: e porq̄ os mouros erã muytos e os poderião tratar mal em os aferrãdo possessem logo fogo. E embarcados todos forão contra as naos que estauão de dentro dũ arrecife pegadas hũas com as outras e as popas ê terra, e os lemes atrauessados nas proas e tinbão boa soma d'artelharã / e muyta gente a mais dela branca / e estes frecheiros: e na boca do arrecife estaua hũa estancia com dous tiros pera defender a entrada. E querendo Lopo soarez entrar no arrecife, viu que ãdauão as carauelas largas de terra por não auer vêtto e os bateis yão a remos, pelo q̄ tornou pera as rebocar com ho batel em q̄ ya. E os outros capitães posto que ho virão não quiserão tornar e passarão auante fazendo apertar ho remo: porq̄ os pelouros chouião da parte dos mouros e as frechas erã sem conto. E como os bateis erã rasos, e as naos altas ficauão os Portugueses em descuberto e recebião muyto dãno. E com tudo rãperão per antre toda aquela multidão de tiros: e entrando no arrecife bradando por Santiago forão aferrar as naos: e ho primeyro capitão que aferrou foy Tristão da silua. E como a gente da nao era muyta derãlbe tantas frechadas / pedradas e zagunchadas que ho fizerão desferrar, e foy aferrar com outra em que por não auer tanta gête entrou logo cõ os seus a pesar dos mouros que lho quiserão defender, de q̄ forão mortos algũs e os outros lan-

çarãse ao mar. E Tristão da silua aferrando coesta aferrou Alfonso lopez da costa com outra que parecia a capitaina / de que era capitão hũ turco / e assi os que estauão coele q̄ erão muytos. E ao aferrar foy a pedrada / e lançada tanta que era coufa despanto: e foy acerto que antes dos nossos chegarẽ a ela tirarãlbe os inimigos com hũ tiro do cõues, e com a força do couce que deu defez hũ pedaço da amurada da nao: e abriose hũ grande portal, em que os inimigos não atentarão por aco-direm á proa da nao. E ficando ho nosso batel ao longo dela daquela parte donde estaua ho portal, entrarão os nossos por ele. E os primeyros que entrarão forão ho mestre D'alfonso lopez / e hũ Aluaro lopez criado del Rey, que agora he escruuão da camara de Santarem / e assi outros de que não pude saber os nomes: que todos juntos com outros que despois entrarão pelejarão cõ os inimigos: e matando muytos fizeram meter hũs debaixo de cuberta / e outros saltar na agoa: de que se afogarão a mór parte / porque leuauão sayas de malba. Juntamête com estes capitães aferrou Pedrafonso daguiar cõ outra nao de hũa bãda, e Lionel coutinho da outra: e assi Duarte pacheco / Vasco carualho, Antonio de saldanha, e Ruy lourenço, e todos ho fizerão muy efforçadamente. E assi como tomão a nao / assi lhe punhão logo ho fogo que se ateou nelas com muyta furia. E que fez grande espãto nos inimigos / e desmayarão de maneyra que os mais se lançarão ao mar.

E andando nisto chegou Lopo soarez com as carauelas: e entrado no arrecife, q̄ as deixou da toa hũ dos tiros de terra deu logo com hũ pelouro pola carauela de Pero rafaell e matou lhe tres homens, e ferio lhe dez. E por falta do vento a leuou a agoa que enchia / e deu coela na gorja de hũa nao das que estauão por aferrar / que tinha muyta gente. E como a nao era mais alta que ela, e a tinha debaixo da proa, em que os inimigos carregarão / tratauão muyto malos nossos. E outra bombar dada matou ho mestre a Diogo pirez que ya governando a carauela: e deixando de governar antes que lhe acodissem ao leme foy dar sobre hũs penedos, em q̄ souue ate a batalha ser acabada. E vêdo Lopo vaz ho perigo em q̄ Pero rafaell estava, mādou q̄ lhe acodissem: e assi ho fizeram entrado na carauela que estava cheia de mouros: e os nossos ho fizeram tambem que os fizeram despejar: por em os da carauela ficarão todos feridos. E entre tãto todas as naos dos inimigos forão queimadas, e aquela por derradeyro e que ardeo muyta fazêda que estava carregada. E porque em terra auia muyta gente q̄ se ajuntava quãto podia e dos nossos estauão muytos feridos / sayose Lopo soarez cõ os seus capitães e foyle ás naos: onde achou que forão dos nossos mortos vinte cinco / e feridos ceto e vinte sete: por e a victoria foy muyto grande, porque a fora arderẽ as naos com muyta riqueza q̄ tĩbão, soubese por mouros de Cananoz q̄ forão mortos naquela peleja duas

mil almas. E coeste destroço ficou el rey de Calicut tãto destrocado / q̄ dahi a bõs dias se não pode restaurar / porque perdeu ali muyto, e os mouros se forão todos de Calicut: pelo que auia tamanha fome que se despouoaua a cidade.

Cap. xcviij. De como ho capitão mō: Lopo soarez chegou a Lisboa / e da muyto grande honrra que el rey dom Manuel fez a Duarte pacheco.



O outro dia que foy o primeyro de Janeyro se partio Lopo soarez pera Cananoz pera se abarrotarem as naos: e chegado soube do feytoz q̄ sua victoria fora muyto sentida dos mouros, e ficarão coela tãto quebrados que auia por seguros os nossos que ficauão na India: porque segũdo a soberba que ate que fora a victoria vira nos mouros de Cananoz sempre lhe parecera q̄ auião de ho matar, e aos que estauão em sua companhia: e ho mesmo lhe disse el rey de Cananoz. E auêdose Lopo soarez de partir, antes de sua partida fez hũa fala a Manuel telez e aos q̄ ficauão coele sobre o q̄ auião de fazer: trazendolhes á memoria a Duarte pacheco: e não lhe quis deixar mais armada do que deixou Francisco dalbuquerque e cẽ homens de peleja. Por em não ouue na India guerra despois de sua partida / por el rey de Calicut ficar como disse. E partido de Cananoz pera Portugal / chegou a Belinde ho primey-

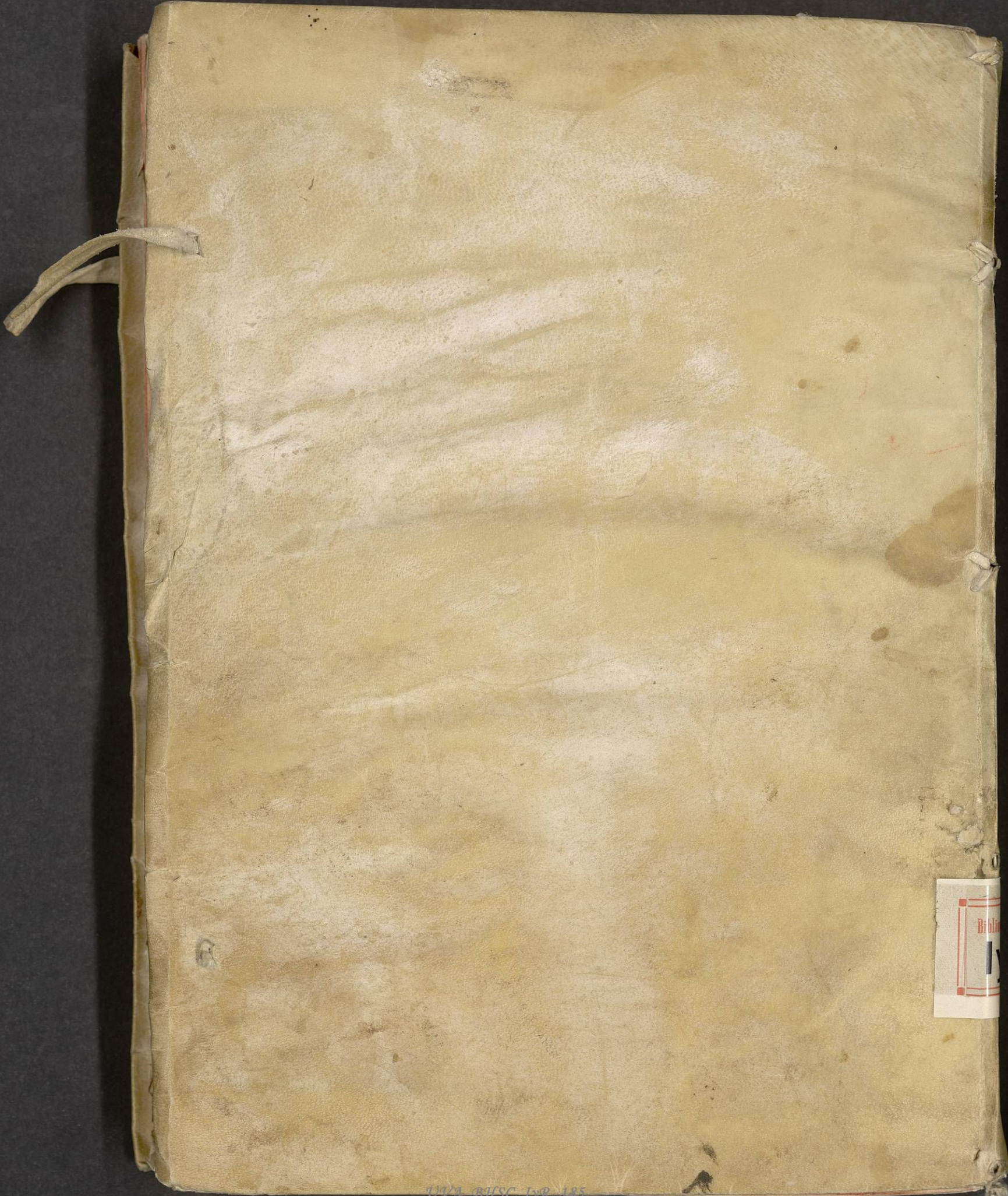
sope su
atez

186
 ro de feuerreyro, onde sem ele sayz em terra Antonio desaldanha foy aa cidade por muytas z muy ricas presas que hi deixara/ que fez no cabo de Boardafum quando passou pera a India, z daqui foy ter Lopo soarez a Quiloa pera arrecadar as parias do rey dela/ que elenã quis dar. E dali partio a dez de feuerreyro, z sem lbe acontecer cousa que de contar seja chegou a Lisboa a vinte dous de Junho de mil z quinhentos z ~~cinco~~ cinco annos, com mais duas naos das que leuara quando partio pera a India z todas carregadas de muytas z muy grossas riquezas/ pelo que lbe el rey dõ Manuel fez muyta hõrra, z assi a Duarte pacheco sabendo o que fizera na India/ com que lbe sosteue as feytorias que la tinha/ z ho credito de seu poder. E porque todos soubes sem seruiços tão assinados/ logo a

hũa quinta feyza despois da chegada do capitão mór mandou fazer hũa solene procissão como em dia de corpo de Deos: em q foy da See ate ho mosteiro desam Domingos, leuando cõsigo a Duarte pacheco. E pregou dom Diogo ortiz bispo de Uisen z disse por ordem todas as cousas que Duarte pacheco fez na guerra contra el rey de Calicut. E não somente se fez isto em Lisboa, mas no Algarue/ z em todas as cidades z vilas notauels de Portugal: z isto por mãdado del Rey z ele escreueo todo ao Papay dõ João sutil bispo que então era de casim q leuou as cartas, z assi ho escreueo a muytos reys da Christãdade pera q fossem la sabidas façanhas tão notauels. O que senão acha q nhũ rey nestes reynos fizesse por vassallo.

LAUS DEO.

Foy impresso este primeiro LIVRO DA HISTORIA DA India em a muyto nõbre & leal cidade de Coimbra, por Ioão da Barreyra impressor del rey na mesma vniuersidade. Acabouse aos vinte dias do mes de Iulho. De M. D. LIIII,



UVA. B3ASC. 15R_185



Biblioteca de Santa Cruz
YR 18

UNA BHS
YR 18